



MVSIS DICA TVM

HO SEX- to Liuro da

historia do descobri-
mento & conqui-
sta da India.

polos
Portugueses. Feyto por
Fernão Lopez de
Castanheda.

Impresso em Coymbra.

Com privilegio Real.

M. D. LIIII.





HO SEX-
to Livro da

Historia do descobri-
mento & conquista
da India
pelo
Portuguez, feito por
Bernão Lopez de
Castanheda.

23
Impresso em Coimbra.

Compreheza a
M. D. LIII.

Ho liuro sexto da historia do des

cobrimto e conquista da Índia pelos Portugueses: em que se contê
o que eles fizeram no tempo que a governarão dō Duarte de meneses/
Dom Vasco da gama conde da Vidigueira e almirante do
mar Indico. E dom Anrique de meneses per mandado
do inuictissimo Rey dom Amanuel de gloriosa me-
moriz: e do muyto alto e muyto poderoso rey
dom João seu filho ho terceyro deste nome
nossosenhor.

Feyto por Fernão Lopez de castanheda.

Capitulo. i. De como dom Luys de meneses capitão mór do mar
da Índia foy socorrer a fortaleza Dormuz, e de como partio pera
Malaca Artim Afonso de melo continho.



Dartido Diogo lo-
pez de siqueyra pe-
ra Portugal, par-
tiose o governador
paa cidade de Goa
pera da hi mandar
em socorro da fortaleza Dormuz a
dom Luys de meneses seu irmão q
estava fazendo a fortaleza de Chaul.
E chegado a Goa mādoulhe ho ga-
leão sam Dinis em q auia dir a Or-
muz, e mandoulhe ho regimêto do
que auia de fazer. E porque a capi-
tania deste galeão era de Francisco
de Sousa tauares / de que atras fiz
menção: deulhe ho governador em
satisfação a capitania de hũa galé
real em que ho mandou a Chaul pe-
ra a dar dar armada ate Dabul por ca-
pitão mór de dez ou doze fustas: e
indo de caminho queimou norio de
Zinguzara e no do Setele algũas
naos e cotias / hũas varadas e ou-
tras carregadas de mantimentos.
E chegado Francisco de Sousa a Cha-
ul, partiose dō Luys pera Dormuz /

e forão coele Rui vaz pereyra / Amanuel de macedo, Anrique de mace-
do / capitães de galeões e Duarte
dataide, Lopo dazeuado e Pero
vaz trauaços capitães das naos.
E ele partido, partiose pera Goa
Artim Afonso de melo continho
que ajudaua a fazer a fortaleza / e
partiose por ter a viagê da China
pa onde auia dir. E chegado a Goa
despachou ho governador e partio-
se pera Cochim leuado debaixo de
sua capitania Vasco fernâdez conti-
nho e Diogo de melo seus irmãos,
e Pedro mē irmão de Francisco ho
mē estribeiro mór / e coestes se auia
da jutar em Cochim Ambrosio do
rego que auia dir em hũ jungo: e de
Cochim se partio Artim Afonso
pera Malaca em Abril de mil e qui-
nhentos e vinte dous.

Capit. ij. De como ho governa-
dor deu a capitania de Chaul a
Simão dandrade, e mādou goar-
dar a costa de Cambaya.

De governador q̄ estaua em Goa onde auia dinuerner despois que mādou bo galeão sam Dinis a leu irmão dom Luys pera ir nele a Ormuz como disse/ deu a capitania de Chaul a Simão dandra de que era vindo da China/ e casara per palauras de futuro com hũa sua filha bastarda, e deu-lhe aquela capitania em casamento: o que não podia fazer pola ter Anrique de meneses hũ bõ fidalgo que lha dera Diogo lopez de sequeira sendo governador/ e polo regimento lha podia dar os primeyros tres annos por ele ser o que a fizera e não se lhe podia tirar se não por erros. E dada a capitania a Simão dandra de partio-se pera Chaul cõ hũa armada de obra de doze fustas que auia de goardar aquela costa das fustas de Diu, e auia dandar repartida e capitancias, de hũa auia de ser capitão mór frãçisco de souza tauares/ doutra dom Alasco de lima de Santarem, e doutra Martim correa do Algarue: e ate Chaul auia dir Simão dandra de por capitão mór/ e hião nesta frota duzêtos homens. E de caminbo quisera Simão dandra de desembarcar em Babul e pelear com sete mil homens q̄ estauão nelapoz lhe bo tanadar não querer dar onas galés que hi fizerão turcos: e estando ia nos bateys cõ sua gente pera saltar em terra ouue bo tanadar tamanho medo que lhe mādou dar as galés com q̄ seguiu seu caminbo pa Chaul. E chegado lá Anrique de meneses lhe entregou a capitania da fortaleza pola prouí

sam do governador/ porque vio q̄ nã auia de poder fazer outra coisa, e deuia a este tẽpo tres mil pardaos que gastara na fortaleza com dar de comer e outras cousas de seruiço del rey de Portugal. E metido Simão dandra na capitania da fortaleza/ repartio as capitancias das fustas como trazia por regimento: e os capitães mōres se forão a goardar a costa/ em que fizerão muyto dãnopoz todos aqueles rios. E acertando Martim correa de entrar norio do Betele que he muyto fresco sayo em terra com obra de vinte cinco dos nossos: e metêdo-se por hũ espesso palmar foy assi ate chegar diante de hũs grandes paços de muytos patios, jardis e varãdas: e diante da porta do primeyro patio estauão assẽtados no chão muytos homens e molheres pobres. E saindo de dentro hũ homẽ leuaua-ran-se todos muyto de pressa, a que primeyro chegaria a ele: mas ele deu pou todos e foy-se a Martim correa, e fazendolhe sua cortesia como mouro q̄ era assentou-se coele e hũ poyal: e ali em praticando lhe deu conta como aq̄les paços erã de hũ grãde senhor mouro/ que auorrecido das couas do mũdo viuia ali apartado e gastaua bo seu com aqueles pobres que auia e com outros/ a q̄ continuamente daua esmola de dinheiro/ trigo e arroz: de que ele era o esmoler. E nisto sayo bo proprio senhor mouro, e mostrou folgar muyto de ver os nossos/ e fazêdo-lhes muyto galalhado: se assentou cõ Martim correa/ com quẽ esteve praticando ate que foy bozas de se

tornar á sua fusta/onde lhe mādou duas vacas/galinhas 7 fruyta. E nesta pratica perguntando Martim correa ao mouro a causa porque fazia aquelas esmolos/ou que satiffaçaõ esperaua delas. Respõdeo que era tanto de sua condiçaõ fazer bẽ que ho fazia polo gosto que nisso leuaua.

Capit. iij. Do que aconteceu a Martim correa andando dar mada.



Doutra vez lhe aconteceu q̃ foy ter a hũa fortaleza desponhada onde achou hum Bramene velho que os nossos catuarão / 7 polo não quererem soltar despois que foy nas fustas rogou a Martim correa que ho resgatasse por dez pardaos / 7 quelhe desse licença pera ir por elles. E ele lha deu jurado lhe ho Bramene pelas linhas que trazia ao peçoço que tornaria, 7 a ele não lhe daria de não tornar por ser velho 7 não lhe pedio ho resgate se não zombando: mas ele que jurara de verdade não ho teue assi. E auendo hũ pedaço que era partido tornou cõ oytogalinhas ás costas: 7 quando os nossos ho virão ficarão espãtados de ho ver tornar, 7 ele pedio a Martim correa muyto perdão de não poder tornar mais cedo: 7 tambem que lhe perdoasse de lhe não poder dar todos os dez pardaos que lhe prometera, porque por sua pobreza não podia dar mais que seys que logo tirou / 7 polo resto trazia aquellas oytogalinhas. E espantado Martim correa da grande verda-

de do Bramene, 7 de hoardar tambem seu juramento: lhe não quis tomar ho dinheiro, 7 pelas galinhas lhe deu dous panos pera se vestir / 7 mais hũ seguro assinado por ele pera que nenbũ Portugues q̃ ho tomasse lhe fizesse mal. E coisto se foy ho Bramene muyto contente / 7 ele se foy recolhendo pera Chaul / 7 na enseada dos Bramenes sobre hũas vacas que os nossos quizerão matar por não leuarem carne ouue hũa peleja com bem oytocentos mouros, de que os nossos ouuerão a vitoria 7 os fizerão fugir: 7 despois foy sobre hũ lugar que se despesou com medo dos nossos, 7 assi se recolheo a Chaul a inuernar, onde tambem se os outros capitães recolherão.

Capit. iiij. Decomo dom Luys de menezes q̃ hia em socorro Dormuz chegou lá / 7 do que fez.



Dom Luys de menezes que hia caminho Dormuz chegou lá na êtrada de Mayo: 7 porque dom Garcia coutinho que estaua por capitão da fortaleza Dormuz ter acabado ho tempo de sua capitania ho tirou dom Luys dela, 7 a entregou a hũ fidalgo chamado João rodriguez de noronha que a tinha por el rey de Portugal, 7 despois entendeo em fazer que se tornasse a pouoar Dormuz, porque sem isso não se podia foster a fortaleza por lhe faltare os mantimentos que não vinhão por não auer mouros na cidade. E

sabendo ele que não se podia isto fazer sem vôtade de Raix xarafo, trabalhou pola aquirir offrecendolhe perdão de tudo o q̃ tinha feyto no levantamento do rey Turuxá e em sua morte: e assi todos aqueles que nisso fossem culpados: e que se tornasse a pouoar a cidade Dormuz. Mas como Raix xarafo tinha determinado de não tornar a poder dos Portugueses/ posto que nisso se perdesse a metade da renda do rey no nũca quis: não respondendo por rem claramente a dom Luys q̃ não queria se não desapegadamente, e mais porque lhe parecia que dom Luys não trazia tanta gente que oulhasse de pelejar em terra. E sabendo os capitães da frota e outros fidalgos como Raix xarafo temporizava com dom Luys/ conselhauã-lhe que não curasse de mais dilacões, e que pelejasse com Raix xarafo: porque certo estaua que pois tinha em seu poder el rey Dormuz/ e gouernaua ho reyno que não auia de querer tornar a poder dos Portugueses que lhe auião de tirar todo ho mando que tinha. O que dom Luys não quis fazer/ nem menos poer isto em cõselho pera se determinar o que parecesse melhor. E vêdo que era escusado perfiar mais com Raix xarafo que fizesse o que lhe requeria, determinou de lhe procurar a morte: por q̃ ele morto el rey Dormuz pouoaria a cidade, e muyto secretamente mandou cometer q̃ ho mataste a Raix xamixir o que matare el rey Turuxá: mandãdolhe offerrecer ho goazilado Dormuz se ho fizesse/ porque sabia que posto que

Xamixir era parente e capitão de Raix xarafo/ que era a sua lealdade tão quebradiça que por qualquer peita a quebraria quanto mais por tamanha como era ho goazilado Dormuz. E assi foy que Raix xamixir aceitou de boa vontade a empresa, mas q̃ não poderia matar logo a Raix xarafo por andar muyto arredado que se temia de dom Luys. E despois de ele ido se obrigou a fazelo per hũ assinado que lhe disse maldou: e ficando dom Luys descansado coele mandou dizer a Raix xarafo/ que pois queria mudar a cidade Dormuz aa ilha de Queixome q̃ lhe não daua disso porque tambem delá auia el rey Dormuz de pagar as pareas que era obrigado a pagar a el rey de Portugal como se esteuessse na ilha Dormuz: por isso q̃ as pagasse e a vali da fazenda que fora tomada a el rey de Portugal e a seus vassallos. Do que ele foy contente/ e assi ho fez. E com quãto Raix xarafo não queria tornar pera Dormuz não deixaua dauar paz antre os Portugueses e os mouros/ e tinhão trato hũs com os outros.

Capit. v. De como do Garcia anriquez e Jorge dalbuquerque chegarão as ilhas de Banda/ e da descrição destas ilhas.



Jorge dalbuquerque capitão de Malaca vindo q̃ el rey de Bintão a froxaua da guerra que lhe começou de fazer, e q̃ podia escusar algũa gente da que tinha: determinou de mandar por capitão a

ilha de Banda a dom Garcia anrí-
quez seu cunhado por ser aquella ca-
pitania couza de muyto proueito, e
deulhe hū nauio redondo em q̃ fos-
se com a gente que podia escusar. E
despachado dom Garcia / partio se
pera Banda na êtrada de Janeyro
de mil e quinhentos e vinte dous:
e ido o caminho pola ilha Dajaoa
achou ainda Antonio de brito no
porto Dagacim, e como hia de via-
gem seguiu sua rota e Antonio de
brito partio apos ele pera as ilhas
de Banda, q̃ estão em quatro graos
e hū terço da banda do sul / e sam
tres que fazem todas antre si hua
muyto bõ porto e redondo como a
lagoa: a mayor delas se chama Bã-
da / a meã Dira / e a mais pequena
Sunuape: que na lingoa da terra
quer dizer ferra de fogo: e assi ho be
ela que arde continuamente, e por is-
so he desabitada. E Banda como
digo he a principal / e ha nela muy-
tas arvozes que dão a noz e a maça
e nace polos matos como outras
arvozes: sam do tamanho de gran-
des pereyras / e assi tem as folhas
ralas e os esgalhos / e os pés sam
lisos como os das larageiras e nas
folhas se parecê com pesssegueiros /
e assi dão a frol como a sua. Ho frui-
to que dão estas arvozes he a noz q̃
chamamos noz cada que nace como
hū pessego / e no tamanho e na cor
se parece coele: e despois de ser de
veza colhê e a deitão a secar ao sol /
e assi como vay secado se vay abrin-
do e lança hūas folhinhas que sam
a maça. E tiradas todas estas fo-
lhinhas fica ho carouço deste po-
mo que he a noz, que despois de lhe

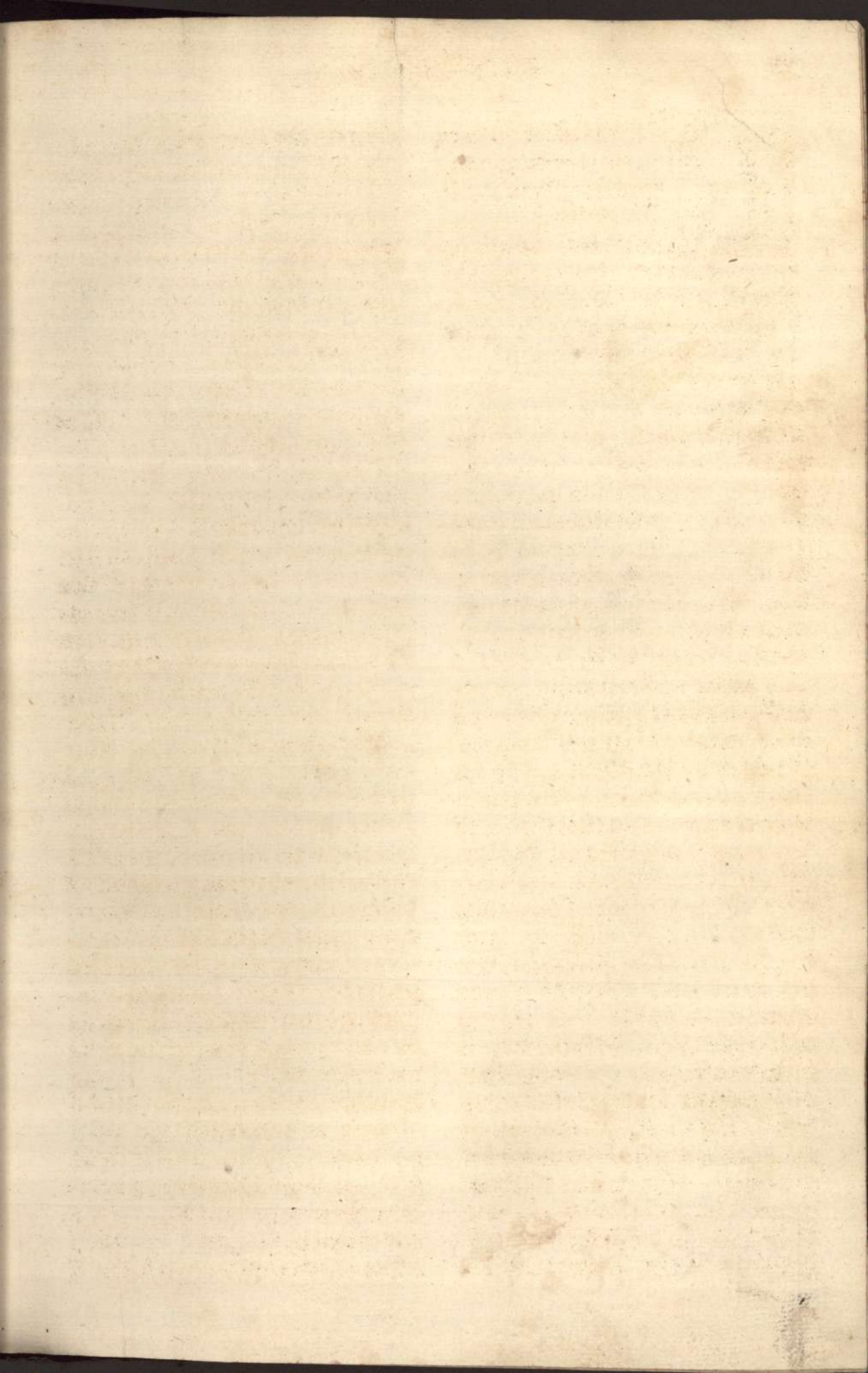
ser tirada a maça fica ainda cuber-
to de hūa caspa preta de cor de casta-
nha / que despois de ser muyto seca
se espede por si da noz. Este pomo
ho fazem em verde em conserua da
çucar: e he muyto estimado em to-
da parte por ser muyto medicinal e
saber muyto bem, e tambem fazem
dele olio que aproueita muyto pera
frialdade. E panhada esta noz e ma-
ça a dão os da terra aos mercado-
res estrangeiros a troco de panos
baitos: e por hūa corja deles q̃ na
ilha valera a dinheiro tres cruza-
dos lhe dão hū bahar de maça q̃ sã
quatro qnintaes / e da noz lhe dão
lete bahares. Esta ilha he pouoada
de gentios homes pobres e pouco
polidos, e de presença desprizuel,
nã tem rey a que obdeção, tem ca-
da pouoação hū regedor a que cha-
mão xabandar, e nã lhes obdecê
se nã por amizade. As pouoações
sam o casas terreas cubertas dola:
a principal se chama lutatão. Ao
porto desta ilha chegou Antonio
de brito em feureyro e hi achou
ja dom Garcia anríquez, que lhe
disse como hi soubera de certa certe-
za que forão ter às ilhas de Balu-
co duas naos de Castelhanos que
carregarão de cravo e se tornarão,
deixado dez ou doze homes na ilha
de Tidoze a modo de feytoria: e ho
como estas naos lá forã ter foy assi.

Capit. vi. De como Fernão de
magalhães fez crer ao Empera-
dor Carlos rey de Castela que
as ilhas de Baluco erã de sua
conquista e de como as foy desco-
brir.



Reynando elrey dom Manuel de Portugal se foy pera Castella hũ Fernão de magalhães, de que fiz menção no liuro terceyro quando Francisco de Sá e Bastião desousa se perderão nos baixos de Padua que ficou no ilheo. Este por se vingar delrey dom Manuel, mostrãdose agrauado dele lhe fez hũa grã de treycão: que foy dizer ao Emperador Carlos quinto deste nome que era rey de Castella, que pola repartição da conquista que se começou de fazer antre elrey dõ João ho segundo de Portugal, e elrey dom Fernando de Castella quenão ouue effeyto: erão de seu descobrimento e conquista as ilhas de Sã da e as de Maluco, dandolhe pera isso algũas rezões: que como nã ouue quem as contrariasse por parte delrey de Portugal, e erão em fauor do emperador, e pera seu proueito lhe parecerão bem e ho creio sem mais examinar a verdade do que lhe dizia Fernão de magalhães, e assi a hum Ruy faleyro que tambem hia coele mais por fazer treycão a elrey de Portugal que por outra causa e faziasse grande astrologo / mas não sabia nada: e tudo o que fingia que sabia era por hũ spirito familiar que tinha segundose despois soube. Estes dous fizeram crer ao Emperador que estas ilhas que digo erão do seu descobrimento e conquista / e selhe offrecerão a lhas descobrir por fora da nauegação da India: e pera este descobrimento se concertou ho

Emperador com certos mercatores que lhe armassem cinco naos em Seuilha / de que deu a capitania mōza Fernão de magalhães, e mādou coele a hũ astrologo chamado Andres de sam Martim, pera que por astrologia visse se podia alcançar a saber a altura de leste a oeste de que se esperaua muyto dajudar pa bo derecho deste descobrimento. E foy este astrologo com Fernão de magalhães / porque ao tẽpo de sua partida se escusou Ruy faleyro dircoele: porque parece que soube poloseu familiar quã mal auia de succeder aquela viagem aos que a fizessem, e deu a Fernão de magalhães hũ grande regimento de trinta capitulos, pera q por tres maneyras podesse conhecer a distancia e deferença que andasse de leste a oeste: q ele fazia ser cousa muy facil de saber porque sabendose se poderia saber certo se estas ilhas d Maluco e Sã da erão do descobrimento e conquista de Castella ou não. E coeste regimento se partio Fernão de magalhães em Janeyro de mil e quinhẽtos e vinte por capitão mōz da frota do Emperador, de que forão por capitães ele na nao Trindade e por seu piloto hũ Esteuão gomez Portugues, Ruy de mēdoça degradada da nao vitoria, e João de cartajena natural de Burgos da nao sancto Antonio / e João serrão natural de Freixinal da nao Sãtiago, e Gaspar da queirada da nao conceição e piloto João Carualho Portugues. Hãõ nesta frota ate duzẽtos e cincoenta homens, em q entrãõ trinta e tantos Portugueses de q



antigas de marear que Baluco ja-
zia naquele paralelo da equinocial:
e diminuindo na altura ate se poer
debaixo dela nauegou por ele cinco
meses sem achar Baluco, do que as-
si ele como os seus pilotos e ho as-
trologo se agastarão muyto / por
que següdo se despois achou pelos
nossos quando tomarão hũa des-
tas naos na ilha de Ternate. Af-
firmouse Fernão de magalhães
com ho astrologo e pilotos da fro-
ta que tinham tanto andado de leste
a oeste despois que sayrão do estre-
ito que erão saydos do limite de Ca-
stela, e que entrarão ja muyto polo
de Portugal. E com temor de to-
parem gente nossa / e tambem com
muyta necessidade de agoa / acorda-
rão de deixar a derrota q̃ leuauão /
e nauegarão pera a parte do norte
ate que se poserão em dez graos / e
ali acharão hũ arcepelago de muy-
tas ilhas: e tomádo ali terra virão
que a gente tinha para ós em que na-
uegaua / e trazia muyto ouro nos
braços e nas orelhas / e que ho rei-
gatauão por ferro: e daqui a cincoẽ
ta legoas forão ter a hũa ilha cha-
mada Maçana que tinha rey, que
fazendolhes muyta honrra e gala-
lhado os lenou a outro rey doutra
ilha chamada Cubo cujo vassallo
era / que recebeo com muyta honr-
ra a Fernão de magalhães, e lhe fez
muybõ tratamento: principalmẽ-
te despois que soube como era capi-
tão mór dũ senhor tamanho como
ho Emperador / de quem Fernão
de magalhães fez que se fizesse vas-
sallo / e mais ho fez tornar Christão
e a sua molher / e a seus filhos com

muytos do seu reyno / e pos lheno
me dom Fernando: e por seu consen-
timento foy edificada hũa igreja
da auocação de nossa Senhora da
vitoria em que se celebrava ho offi-
cio diuino. Estando nesta amiza-
de / elrey rogou a Fernão de maga-
lhães que ho ajudasse contra outro
rey seu vezinho senhor de hũa ilha
chamada Matão que lhe não que-
ria obedecer, e sobrisso tinham am-
bos guerra. E por elrey ser vassallo
do Emperador / Fernão de maga-
lhães lhe deu a ajuda que lhe pedia,
e pelejou duas vezes com ho rey
de Matão / e dambas lhe matou
muyta gente. E não querendo con-
tudo obedecer a elrey de Cubo pe-
lejou coele outra vez / e desta foy
morto e desbaratado: porque elrey
de Matão tinha mandado fazer
muytas couas cheas destrepes no
lugar onde auia de ser a batalha /
que em se começando de dar fez que
fugia com sua gente. E Fernão de
magalhães contetandose coisso os
não seguio / e recolhendo sua gente
dão os inimigos nele / e dão coele
nos estrepes onde matarão a ele e a
Duarte Barbosa, e a João serrão
com vinte tantos homens, e os ou-
tros se recolherão aos bateys, e me-
tendose nas naos se tornarão pera
a ilha de Cubo.

Capitulo. ix. Da treycão que el
rey d Cubo fez aos Castelhanos
em quematou muytos deles / e
de como escaparão fugindo. E
do que passarão ate chegarem aa
ilha de Tidore hũas das ilhas
de Baluco.



Ornados os Castelhanos aa ilha de Cubo / e vendose de lemparados do seu capitão moor / e de quem os guiasse pera onde auião de ir quizeranse tornar dail. Ao que João carualho piloto da nao de João serrão acoadio, dizendo que não fizessem hũa couardia tamanha como aquela / e que oubailem em quanta obrigação lhes ficaria, ho Emperador se lhe descobrissem Bãda e Maluco: por isso que ho descobrissem que ele os leuaria lá. E animados todos coisto, determinarão de prosseguir auante / e deranlhe a capitania da nao. E standose apercebendo pera tornar a sua viagem, mandou el rey de Matão ameaçar el rey de Cubo que iria sobrele / e ho destruyria se não matasse os Castelhanos e lhe não tomasse as naos. E como ele estava amedrontado pola morte de Fernão de magalhães e dos outros ouue medo ao ameaço / e prometeo a el rey de Matão de lhe fazer o que queria: o que logo pos em obra / e pera isso fingio fazer hũa grande festa em que conuidou os capitães da frota e os principais dela, pera lhes dar hum banquete / porque doutra maneyra os não podia tomar juntos / porque despois da morte de Fernão de magalhães hião poucas vezes a terra por conselho de João carualho: que quãdo soube que erão conuidados pera ho banquete, e que ho querião receber lhes rogou muyto que ho não fizessem, porque tinha por sem du-

uida que aquillo era treição. E por muytas rezões que lhes deu pera ho ser / não quizerão se não ir a terra: mas ele não quis ir / nem que fosse ninguém da sua nao / e mandou leuar as Ancoras, saluo hũa sobre que ficou, e esta apique pera se leuar logo se fosse necessario. E estando os Castelhanos comendo de baixo de hũas arvores com grande festa e el rey coeles / da neles a gente del rey armada e matarão trinta e tantos / e os outros se acolherão às naos que estauão perto. E poderanno fazer porque João carualho mandou desparar algũas peças d'artelharia / de que os inimigos auendo medo não seguirão os Castelhanos / que despois dembarcados por se ver e que erão tão poucos que não abastauão para tres naos queimarão hũa delas, baldeando nas outras o que leuauão, e partiranse por esse mar desaperados de saluação, porque João carualho com quanto lhes prometera que os leuaria a Maluco, nem sabia onde estava / nem pera onde auia de nauegar: e sem leuar certa rota nem via se foy por esse mar onde a ventura ho leuasse, e foy ter a hũa ilha chamada Puloã do senhorio del rey de Borneo, onde tomarão dous homens que os leuarão aa ilha de Borneo: e mandarão dizer a el rey cujas erão aquelas naos e que trazião muytas mercadorias pera tratar selhes desse licença pera sairem em terra, e coela sairão / mãdado el rey receber os dous capitães hõrradamẽte e cõ grãde festa. E leuadas mercadorias a terra as-

sentarão feytoria / e da hí a dous dias amanhecerao derredor das naos trezentos e tantos paraos, e parecia q peralhe tomarẽ as naos. Os q eles entendendo se fizerão logo a vela, e derão em cinco jungs que estauão no porto de que tomarão tres em que acharão muyta riqueza que leuauão de Malaca doederão / e catiuarãlhe toda a gẽte. E feyto isto foranse a hũa ilha despoucada q está afastada do porto / onde lhe el rey de Borneo mandou logo pedir os catiuos / mandando-lhe dous Castelhanos da feytoria: dizendo que lhe não mandaua os outros porque ficauão oulhando pola fazenda da feytoria. E derã-lhe os catiuos, mandandolhe dizer que lhe mandasse os Castelhanos que lá estauão: e por bo recado tardar hũ dia cuydarão os Castelhanos quelhe querião fazer treição / e por isso requererão a João carualho q se partissem / e assi ho fizerão deixando os companheiros em terra com a fazenda / e forão ter a hũa ilha despoucada onde derão pêdoz às naos por andarem muyto abertas. E dali forão ter a outra ilha chamada Sindanao / e despois a outra que auia nome Sanguim. E andando perdidos e sem saber onde estauão nem esperança de ho saber nunca: e crendo que se chegaua sua fim toparão com hũ jũgo da China que hia de Maluco: e auẽdo fala de le por acenos souberão que auião de tornar atras da derrota que leuauão / e tomarão pilotos que os leuarão á ilha de Tidore / hũa das ilhas de Maluco / onde chegarão

na fim de outubro de mil e quinhẽtos e vinte hũ: cujo rey os recebeu muyto bem / e eles lhe derão grandes presentes / dizẽdo que erão vassallos del rey de Castela e bo moze nhor da Christindade / e por seu mandado hião descobrir aquelas ilhas para ter trato nelas: e se ele disso fosse contente que faria nisso muy grã de proueito. E vencido el rey dos presentes quelhe derão, disse que el e sua terra erão del rey de Castela / e quelha entregaua: e que soubera por seus feyticeiros que erão partidas cinco naos para aq̃la ilha por mandado de hũ grande rey / e por isso ele era vassallo del rey de Castela: e lhe obedecia como a senhor: e quelhe rogaua que esperassem dous meses e quelhe daria crãuo nouo. E lo que eles responderão que não podião esperar por serem as naos velhas / e por isso se querião logo tornar: mas que dali a dous annos lhe prometião de tornar cõ cincoẽta naos carregadas de mercadorias: e preguntaranlhe se hião os Portugueses a estas ilhas. E sabendo q si, disserão muyto mal deles chamãdo os ladrões / e prometendo que lhe auião de tomar Malaca / porq̃ dela ate Maluco tudo era del rey de Castela / e rogarão a el rey que lhe fizesse vender esse crãuo que se achasse na ilha posto que fosse velho porque coesse irião contentes. Os q fazião por se acolher q temião q fosse os Portugueses / e q os tratasse mal: q bẽ sabião q não era Maluco de seu descobrimento pelo que tinham esprementado naquela nauẽgação: e bem tomarão por partido

torbarem a suas terras com auida:
 e em quanto se ajuntava ho crauo
 que auiaõ de leuar ficarão cõ el rey
 fazendo veniaga de suas mercado-
 rias.

Capit. x. De como el rey Dater-
 nate foy cometido dos castelha-
 nos com amizade e a não quis, e
 de como carregarão duas naos
 de crauo e hũa foy ter a espanha,
 e outra despois de partir arri-
 bou a Maluco.



Estando aqui mã-
 darão offrecer ami-
 zade a el rey de Ter-
 nate cõuidando ho
 com presentes pera
 isso. E como ele era
 seruidor del rey de Portugal auia
 muytos annos não a quis aceitar/
 antes lhe mandou dizer que era vas-
 salo del rey de Portugal / e que a
 ele queria ter por señor e não outro,
 e mandou logo recado a Jorge dal-
 buquerque capitão de Malaca / em
 quel he escripta o que passaua: e assi
 ho escreueo ao governador da In-
 dia e a el rey de Portugal. E estas
 cartas mandou em hũ tundo que
 mãdaua a Malaca / pedindo a elrey
 que mandasse prouer aquela terra
 pois era sua / e que mandasse fazer
 nela hũa fortaleza. E vendo os Cas-
 telhanos como el rey nã queria sua
 amizade differão a el rey de Tidoze
 q quando tornassem com a armada
 q dizião ho farião vassalo do Em-
 perador posto que não quisesse. E el
 rey de Tidoze vendo como se eles
 querião ir / mandou apanhar todo

ho crauo que se pode auer com que
 carregarão as duas naos q tinhã.
 E a moor parte deste crauo era del
 rey de Portugal, e dos nossos que
 lá ficara do anno de mil e quinhen-
 tos e vinte e tres jungos de Ma-
 laca que descarregarão na ilha de
 Bachão por não terem tempo pera
 irem a Malaca / e hũ deles era de
 Curia deua hũ mercador em que
 hia a carga del rey de Portugal/
 do retorno da fazenda que Gaspar
 rodriguez feytoz mandou quando
 lá foy dom Tristão de meneses. E
 muyto fardos deste crauo leuauão
 os nomes dos nossos d'cuos erão,
 e com a pressa que tinhão de carre-
 gar este crauo cõ medo que não fos-
 se ter coeles algũa armada nossa e
 os tomasse, cõprauão ho abahar a
 dez e a doze dobrões, e mais corê-
 ta barretes vermelhos: comprado
 os nossos ho abahar a cruzado e a
 menos. E carregadas as naos dei-
 xarão os Castelhanos feytozia nel-
 ta ilha de Tidoze com todos seus
 officiaes, a q ficarão muyto cobre e
 outras mercadorias / e deixarã he
 corenta bombardas e muytas bê-
 stas e espigardas e outras armas
 prometendo a elrey de Tidoze que
 quando tornassem auiaõ de fazer
 hũa fortaleza. E com isto se partio
 hũa das naos / de que era capitã or
 piloto João carnalho em Dezembro
 de mil e quinientos e vinte hũ: e
 partida foy auer vista da ilha Dam-
 boino que está atraues da de Ban-
 da / de que tambem ouue vista / e al-
 si da costa da saoa e dahi foy a ilha
 de Timor ode lhe fugirão dous ca-
 stelhanos q despois forão ter a Ma-

lata com desesperação de se a não poder salvar / porque hia tão aberta que a cada relógio dauão á bomba quatro vezes / e por isso a tirarão ali a môte e a cõcertarão / no que se detenerão ate feuerreyro de mil e quinhentos e vinte dous / e dali cortou pela altura do cabo de boa Esperança. E fazendo se auâte dele cuydando que ho tinha dobra do, cortado dali ao noroeste foy dar no rio do Ifante que está quinze legoas de Moçambique. E nisto se mostrou quão pouco sabião por onde hião / por quantos graos aqui errarão da altura de leste a oeste, e da qui forão pelo nosso caminho ate tornarem a Seuilba: e a outra não dos castelhanos que partio da ilha de Tidoze despois destrouta leuou sua derrota pera a terra do Dariê q̃ he detras da terra das antilhas. E auendo dous mezes que nauegara / foran lhe os ventos tão contrários a sua viagem que lhe foy forçado arribar ás ilhas de Maluco / e quando chegou achou os nossos fazendo hũa fortaleza na ilha de Ternate, como direy a diante.

Capit. xi. De como Antonio de Brito e dom Garcia anríquez se partirão pera as ilhas de Maluco, e da descripção destas ilhas.



Elbido por Antonio de Brito como esta uão Castelhanos e Maluco / e como ti uão assento na terra: temendo q̃ teuessem mais força da que tinham, requereu a dõ Gar-

cia anríquez da parte del Rey de Portugal, que por quanto leuaua pouca gẽte pera pelejar com os Castelhanos e com os da terra e os sugigar, que fosse coele com a gente q̃ tinha pera ho ajudar. E visto por dom Garcia como aquilo era seruiço delrey aceytou de muyto boa vôtade fazelo sem lhe lembrar ho muyto que perdia de sua fazêda por não ficar em Bãda / em que Antonio de Brito assentou amizade e trato com os da terra: e por memoria disso pos hũ padrão de pedra com as armas reaes, e sobrisso tenerão os da terra coele algũa deferença, e pelearão coele e lhe ferirão algũs homens / e por derradeyro ficarão amigos. E vindo ho mes de Mayo q̃ era a moução pera Maluco, partirão Antonio de Brito e dõ Garcia com sua armada que era de oyto velas, e leuauão nela trezentos homens. E seguindo por sua viagẽ chegarão a estas ilhas que estão cem legoas de Bãda: e estão coelas noroeste sueste / e sam cinco a fora outras muytas de que se faz hũ grande arcepelago que ocupão grandissima distancia de mar. E estas cinco que digo que propriamente se chamão as de Maluco sam as q̃ dão ho crauo, que he tão estimado per todas as partes do mûdo. E sam os seus nomes estes / Bachã / Maquiem / Boutel / Tidoze e Ternate: estão todas debaixo da equinocial / e ante a de Ternate e a de Bachão estão as outras tres. E a de Ternate que he mayor que todas está em hum grao da banda do sul. Todas estas ilhas sam chãs polas

fraldas do mar, e dali se vay a terra alevantando algũ tanto ate duas legoas pelo sertão: mas dali por diãte sam as serrantias tão grãdes e as rochas tão altas e os arvores tão bastos e çarrados que nã se podem habitar. Eẽ todas estas terras ha vieiros de enxofre: e em hũa da ilha de Ternate estã hũa boca que continuamente lança espantosas labaredas de fogo. Todas per estas duas legoas que digo sam cubertas de muyto arvore do branco, e antrele nãcem as arvores que dão ho crãuo: de que principalmente ha mais em Aboutel e Baquiem que em nenhũa das outras. As arvores que dão ho crãuo sam do tamanho das que dão a noz, e em terem os troncos lisos e a rama copada se parecem com laranjeiras: porẽ as folhas parecem com as do loureyro. Mace ho crãuo por todos elas em pinhotas como madre silua, e quando he de vez estã verde. Os q̃ ho apanhãõ se sobem nestas arvores e com hũas canas de forquilha ho colhem e deitãõ em hũs cestinhos que trazẽ na cinta, e nisto quebrãõ todos os raminhos e gomos que estas arvores metem de nouo, pelo que ficãõ tão danificadas que nã dão crãuo ho anno seguinte e se reformãõ nele pera darẽ ho crãuo ao outro anno: de modo que pola mayor parte nã dã novidade inteira todos os ãnos. Apanhado ho crãuo ho deitãõ ao sol a curar, onde anda muytos dias e se torna roxo, e despois negro como ho vemos, de ho borri farem com agoa salgada. Ha tam-

bẽ outras arvores que se chamãõ çagus de cujo miolo se faz pão: depois de tirado ho deitãõ e jarras com agoa salgada, e passados algũs dias ho se cãõ ao sol, e seco ho moẽ e da farinha ou pó fazẽ pão, que segundo eu vi he da cor do nosso pão de rala, e sabe como pão. Outras arvores diuersas ha nestas ilhas, que hũas dão vinho ou tras azeite, outras fruytas: e isto continuamẽte que nã tem tempo limitado, e por isso nã falecẽ nunca. Ha tambem grandes canaveas de canas de boa grossura q̃ nã cheas dagoa muyto boa, e quem vay polo mato e ha sede faz hũ furo em hũ canudo destas e bebe: ha tambẽ outras de que se serue a gente pera acarretarem agoa e vinho e azeite e fazerem de comer e sam da grossura dũ braço e de hũa coxa, e os canudos sam comũmente de comprimento dũ couado e couado e meo: e leuãõ sete, oytos canadas. Nestas ilhas ha poucos mãtimentos, e quasi que vãõ todos de fora: e isto por ser a gente muyto guerreira e nã se ocupar se nã em guerras: porẽ a terra he fertil, e tão viçosa que em caindo a folha ao arvoredo logo lhe nace outra e nunca esta sem ela: e as cabras que vem de fora parem duas vezes no anno, e as mais dous filhos de cada vez, e muytas tres e algũas quatro, e as porcas tambẽ parẽ duas vezes no anno, e as cabritas e leytos ainda mamãõ quando logo emprenhãõ: e he tamanha a fertilidade desta terra que se vãõ molheres doutra que se sãõ auidas por

maninbas logo emprenhão nela. Ha tambe nestas ilhas hús bichos como coelhos que tẽ nas barrigas hús bolsos como aljabeiras / e quãdo parem metem neles os filhos, e coeies dentro sem lhe cairem corré e saltão polas arvozes dumas em outras: estes se chamão cuços na lingoa da terra e sam muyto bõs pera comer. Ha no mar muyto pescado e muyto bõ, e hús cangrejos do tamanho de centolas / e assi parecem: e tem hús bolsos como pescocõs de lagostas. E estes saem do mar pera ho mato a comer húa fruta que ha na terra que se chama Canaria e he como amendoas / e assi tem a casca / e eles a quebrão com os dẽtes: estes sam muyto gordos e muyto gostosos pera comer / tomãnos com candea despois que de noyte saem em terra / e como vê ho fogo estão quedos / e pera os terem muytos dias os metem em húa jarra e os mantem com cocos que comẽ. E com quanto ha nestas ilhas poucos mantimentos, esses que ha nunca falecem nem ha nelas fome / porque vay a gente buscar cada dia ao mato ho comer de que tem necessidade, e viuem como na primitiua idade. Todas estas ilhas sam muyto fortes por natureza e arteficio, e tem portos em que os nauios estrãgeiros podem entrar muy difficilmente / por terem todos arrefes feytos a mão. Suas pouoações sam como digo pola fralda do mar ate duas legoas pelo sertão / e as mais delas ou todas sam muyto fortes cõ cercas de trãqueyras, e cauas e fortalezas de madeira. As ca

las sam de paredes de terra cubertas dola / e omẽte as mezquitas sam de pedra: os moradores sam mouros, e auia pouco que tomarão a leyta de Mahamede q̃ dantes erão gentios. He gente bẽ desposta e mais preta que baça assi homẽs como molheres: tem todos húa lingoa e tratãse muyto bem dos atauios do seu corpo, comũmente não sam pera trabalhar macanicamente: porẽ sam homẽs engenhosos em carpentaria de macenaria e em laurar de bastidor. Sã muyto guerreiros e valẽtes na guerra e muyto crueis nela q̃ ho pay mata ho filho / e ho filho ho pay / e aos inimigos q̃ mataõ cortão as cabeças que podem e pendurãnas ao pescoço polos cabellos, e isto ẽ sinal de bõs caualeyros, e sem isso não se tem por taes nẽ ganhão honrra. Quando querẽ fazer algũa cousa de sustancia ajuntãse muytos a comer em q̃ se embebedão e despois de bebados assentão o q̃ hão de fazer / e ho mais bebado tẽ por mais honrrado: não tẽ nauios senão pera guerra / e sam de remo: os mayores se chamão coras coras e joãgas, e sam tão compridos que tem cenzo e oyntenta remos por bãda, e sam muyto bem feytos. Não tẽ iungos nẽ outros nauios dalto bordo / porque não ha antreles nenhús mercadores, nem ha antreles outra mercadoria que leuar pera fora senã crano, e este não ho leuauão por não terẽ nauios pera isso: e os da ilha de Bãda ho hão lá buscar ẽ seus iũgos e ho comprauão muyto barato a troco de panos da India pera se vestirẽ / q̃ leuauão á Bãda.

os mercadores de Malaca: e também a troco deles compravaão em Bada anos/maça e crauo e não querião ir por ele a Maluco porq̃ gastauão na viagem quasi ho dobro do tempo que punhão de Malaca a Bada ida por vinda, que erão seys meses que partião de Malaca em Janeiro e é feuerreyro chegauão a Bada, e carregauão em Julho em que partião pera Malaca e chegauão em Agosto, e pera Maluco auião de partir de Banda em Mayo / e chegauão nele por nã ser ho caminho de mais de cem legoas / e por amor da moução dos leuantes não podião tornar de Maluco senão em Janeiro se achauão carga / e se nã auião desperar hũ anno / e em Banda auião desperar ate Julho pera partirem pera Malaca. E por esta razão não querião os mercadores de Malaca passar a Maluco e achauão em Bada ho crauo: que despois q̃ os Portuguezes esteuerão em Maluco não trouuerão os Bandanezes mais a Banda. Os reys destas ilhas tem a seyta de Afamede / e conforme a ela casam com muytas molheres e sempre tem hũa por principal: eles e os fidalgos de sua corte a que chamão mandarins se vestē ao modo malayo e os baixos sam de seda rica com botões dourado / e pedraria polas dianteiras e mangas. Trazem arrecadas nas orelhas, e no pescoço colares dourado e cadeas / e nos braços manilhas, e assi se vestē as molheres, e nas cabeças sombreiros goarnecidos dourado e pedraria e nas festas coroas dourado e por dō trazē panos brancos que chamão

filas feytos dantre cascas d'arvores, e nos braços manilhas de rota de Bengala q̃ sam caninhas delgadas, e rapão quãtos cabelos tem em seu corpo, e vntanse dolios cheirosos, e trazē nas cabeças leços atados. Seruen-se com muyto grande estado posto que não tē nenhũa rēda, que cada lugar he obrigado a darlhe hũ tanto pera comer certos dias cō toda sua casa, e isto em abundança. E a mesma maneira tē os senhores seus vassallos, que se chamão Sangages / e assi os regedores: porque cada rey tem seu regedor que tem cuido das couças do reyno / assi na paz como na guerra. E cō quanto estes reys não tem renda sam tão venerados assi dos seus naturais como dos estrangeiros doutros reynos e tidos por hũa cousa tão sagrada, que posto q̃ estem antre seus inimigos se dizē eu sou tal rey afastanse logo e danlhes lugar: e tē por costume se sam vencidos em algũa batalha denão verem ho rosto ao vencedor senã dali a seys ou sete meses. E gēte baixa os tem por tão diuinos que passando por diante deles tapão os olhos e deitã se no chão de bruços por não oularem de lhes ver ho rosto / nē os nomeão senão por sol / lũa ou por nomes de couças q̃ tē por muyto grandes. E s̃ todos os reys d̃estas ilhas elrey de Ternate somente era amigo delrey de Portugal, e lhe mandou pedir que fizesse fortaleza e sua terra / e não quis amizade com os Castelhanos.

Capit. xij. De como Antonio de Brito assentou amizade cō a mãy

del rey de Ternate e com outros reys: e de como começou a fortaleza desam João de Ternate.



Chegado Antonio d'brito a estas ilhas q' foy na fim de Mayo, porq' sabia q' na ilha de Tidore eitaão os Castelhanos q' ficarão bico feytoria das duas naos da armada de Fernã de magalhães quis ir lá primeyro q' a de Ternate para tirar dali aq'la feytoria polo grãde perjuizo q' faria a del Rey de Portugal. E indo lá cõ toda a armada ouue e seu poder os Castelhanos q' ja não tinhão q' feytorizar / e fez lhe tão bõ galalhado como q' forã Portugueses: e leuãdo os dali se foy aa ilha de Ternate / cujo rey era falecido / e sospeitanase q' el rey de Tidore seu sogro homatara cõ peçonha e hũ bãquete por não q'rer ser amigo dos Castelhanos como ele era: e a raynha gouernaua ho reyno por hũ seu filho erdeiro não ser mais de seteãnos. E q'ndo a raynha soube q' Antonio d'brito estaua na barra da sua cidade / mãdoulhe a boa hora d' sua vinda polo regedor do reyno, e dizer lhe q' el rey seu marido era falecido, e q'ndo falecera lhe deixara encomẽdado q' se os Portugueses ali viesse pera fazer fortaleza q' os agasalhasse muyto bẽ / e lha deixasse fazer d' de quisesse, e lhes desse toda a ajuda de q' tenesse necessidade: e q' assim ho auia de fazer. O q' lhe Antonio de brito mãdou agradecer, e por a boa vôtade q' achou na raynha d' ter minou cõ conselho de d' Garcia árriquez e dos outros capitães de fazer a fortaleza naq'la ilha / e pa ver

ho lugar em q' seria bõ fazela mãdou pedir licença a raynha pa desembarcar: q' lhe ela deu de muyto boa vôtade / e mãdoulhe fazer grãde recebimẽto per seus mandarins. E visto por Antonio d'brito ho lugar pera fazer a fortaleza / começou de fazer hũ trãqueira pera se recolher cõ a fazeda e artelharia em q'nto fazia a fortaleza, mas primeyro assentou cõ a raynha e cõ outros e nome do rey da terra q' ele era cõtente de dar hũ lugar a el rey de Portugal jũto da sua cidade em q' auia de ter hũ feytoria cõ roupa e outras cousas q' os Bandaneses trazião de modo q' a terra esteuesse abastada das tais mercadorias cõ cõdição q' ho crauo não se vèdesse a outros estrangeiros e a troco de roupas q' valessem mil r's se cõpraria na feytoria o Bahar do crauo q' sam q'tro quintaes q' say a ho quintal a. cc. r's. E de tudo isto se passarão escripturas assinadas por ambas as partes: e porque Antonio de brito nã se fiaua da raynha por ser filha del rey de Tidore q' tinha por muyto sospeita na amiza de del rey de Portugal pola muyta q' tinha cõ os Castelhanos / quis ter da sua parte algũ da terra pera q' ho ajudasse e fauorecesse se a raynha quisesse fazer algũa treyção: e este foy hũ Cachil Baroës filho bastardo do rey q' fora d' Ternate pay do menino q' reynaua. E cõcertãdo coele q' ho ajudasse se ho fizesse regedor do reyno: trabalhou tãto q' fez q' ho fosse, posto q' cõtra vôtade da raynha e dos de sua valia q' lhe querião mal: e por amor d' Antonio de brito e de Cachil Baroës q' tinha muytos d' sua bãda, ho dissimularã

z mostrarão folgar de Cachil da-
roes ser regedor: por em a raynha
quis dali por diate mal a Antonio
de brito/ z esperaua tempo pera lhe
poder fazer mal, z assi ho cõcertaua
secretamête cõ seu pay el rey de Li-
dore, porq̃ tinha grande magoa de
ver regedor Cachil Daroes q̃ lhe
tiraua ho mado q̃ tinha dantes. E
ele cõ ho fauor Dãtonio de brito se
q̃ria absolutamête fazer senhor do
reyno z ê tudo o q̃ podia ho seruiar/
dãdolhe auisos do q̃ auia de fazer/
z do q̃ se auia de goardar. E se este
homẽ nã fora segũdo as guerras q̃
despois socederão a Antonio de bri-
to/ z as necessidades em q̃ se vio nũ-
ca fizera a fortaleza nẽ sofrera estar
na terra como esteue. E feyto rege-
dor z acabada a trãqueyza/ z meti-
da dẽtro toda a fazẽda z artelharía
q̃ trazia: z recolhida a armada den-
tro no porto, começou de edificar a
fortaleza e Junho dia de sam. João
baptista do año de mil z quinhẽtos
z vinte dous. E estãdo hi el rey de
Ternate z todos seus Sãgages z
mãdãris cõ muyta gente de pouo/
despois de dita hũa missa cõ a ma-
yor solênidade q̃ pode ser forão aber-
tos os aliceces z assentadas as pri-
meiras pedras cõ grãde arroido da
artelharía q̃ desparou toda z muy-
to tãger de trõbetas. Ao q̃ el rey de
Ternate deu grãde ajuda cõ todos
os seus Sangages/ z assi el rey de
Seilolo: porẽ nã aproueitaua por a
gêtenão ser pa trabalho/ z os Por-
tugueses ho tinhão muy grãde na-
obra q̃ fazião, z na deferẽça q̃ acha-
uão nos mâtinẽtos da terra aos q̃
erão costumados.

Cap. xiiij. De como Marti Alfons
so de melo continho chegou aa
China z a achou de guerra.

Seguindo Martim Alfõso
de melo continho pa Ma-
laca foy ter a Pacẽ/ z hi
deixou dõ Andre anriquez por ca-
pitão de fortaleza q̃ ho era por el rey
de Portugal/ z leuou dõ Sancho
anriquez pa Malaca õde chegou e
Julho: z achãdo nouas do leuãta-
mẽto da China partio logo pera lá
z foy e sua conserua Duarte coelho
em hũ jũgo, z d caminbo fizerão os
nossos muytas z muy ricas presas.
E chegãdo a vista das ilhas da Chi-
na no mes Agosto do año d vinte
dous lhes deu hũa tozuoadã com q̃
payzará. E passada esta bozriscada
apareceo a armada dos Chins de
muytos jũgos z calaluzes cheos d
gête de peleia/ q̃ por a terra estar le-
uãtada cõtra os nossos os adãna es-
perãdo. E auẽdo os Chins vista da
nossa frota logo se poserão e som de
pelejar chegãdose muyto parela/ z
desparãdo suas bõbardinhas, z ti-
rãdo muytas frechadas. E Marti
Alfonso porq̃ ja estãua auisado de su-
as rebolarias z q̃ria paz nã bolia
cõsigo z deixaua se ir. D q̃ os seus ca-
pitães nã quizerão fazer, z vẽdo q̃
os Chins os asoberuauão muyto
mãdarão algũs desparar sua arte-
lharía, principalmẽte Ambrosio do
rego com q̃ lhe desaparelharão al-
gũs nauios z matarão gête/ pelo q̃
eles se ouuerão de retirar vendo ho
dãno q̃ recebãdo. E Ambrosio do rego
os começou de seguir, do q̃ Mar-
tim Alfonso ouue grãde menẽcoria,

z muyto mais do dâno q̄ fora feyto aos *Chis*, z fez recolher *Ambrosio* do rego. Emãdado ho ir á sua nao se aquaixou muyto coele/ z lhe disse palauras asperas: z por ser de boa cõdição ho nã castigou doutra maneira. E seguindo seu caminbo foy surgir na ilha *Dabeniaga* e hũa baia de fora do porto, õde tãbẽ surgio a armada dos *Chis* ao mar, z afastada da nossa: porẽ tinha a cercada, q̄ não podia sayr q̄ não passasse por atrela. E cõ quãto os *Chis* receberão dâtes algũ dâno dos nossos nã deixauão delhes tirar.

Capit. xliij. De como *Martim Afonso* de melo quisera tornar a reformar a paz com os *Chins* z não pode.

Vendo *Martim Afonso* q̄ os *Chis* insistiã em mostrar q̄ estauão ã guerra, acordou cõ seus capitães q̄ tomassem aq̄la noyte lingoã pera saber e a determinação dos *Chins*, z mãdarẽ recado ao seu capitã mór da causa porq̄ queriã guerra cõ os nossos estãdo dâtes e tanta paz, z a q̄la noyte tomarão os nossos cinco *Chis* q̄ bião ao lógo de terra e hũa mãchua carregada de caruão. Porẽ estes como erão rusticos z não sabião mais q̄ fazer caruão/ não souberão dizer nada do q̄ lhes *Martim Afonso* preguntou: z cõ tudo ele os vestio muyto bẽ, z mãdou os ao capitã mór dos *Chis* cõ recado: dizeõdo q̄ ele vinha de paz, z cõ muyta mercadoria pera tratar/ z q̄ achaua guerra sã saber a causa, q̄ lhe pedia muyto q̄ lha mãdasse dizer / z q̄ ele faria toda a enmẽda q̄ fosse possiuel se a guerra era por culpa dos nossos

z se não q̄ lhe pedia q̄ a não quisesse coeles / z q̄ goardasse a paz q̄ estaua assẽtada. Coeste recado forão estes cinco homẽs z não tornarão cõ resposta, ates os *Chis* tirarão muyto mais q̄ dâtes / porq̄ tinbão recado do seu rey q̄ não consentisse os nossos e nenhũ porto seu. E *Martim Afonso* ainda se sosteu sem rõper a guerra aq̄le dia / porq̄ lhe pareceo q̄ os cinco por serẽ rusticos não saberiã dar seu recado: z na noyte seguinte mãdou tomar outra vez lingoã / z leuarãlhe dous homẽs q̄ forão tomados em terra. E destes soube como elrey da *China* estaua muyto mal cõ os nossos / z o q̄ tinha mãdado: por isso q̄ nã curasse de recados nẽ de falar e paz porq̄ tudo era de balde. E sabido isto por *Martim Afonso* / os mandou vestir z tornar a terra: z na mesma noyte em que isto foy soube por cinco dos nossos do jũgo de *Duarte coelho* que ficara a tras como surgira detras de hũa põta por aucta vista da armada dos imigos q̄ auia medo q̄ ho tomasse, q̄ ou mãdasse por ele ou lhe desfeliceça pera se tornar. E *Martim Afonso* mãdou dous bateys armados que nũca poderã passar polos muytos pelouros com q̄ tirauão os imigos: z cõ muytos feridos z q̄tro mortos setornarã a recolher pera a nossa frota. E vẽdo *Martim Afonso* os nossos feridos z mortos q̄ biã nos bateys ficou muyto sentido: z determinãdo de pelejar cõ os *Chins* pois eles queriã guerra chamou a conselho / em q̄ dos capitães z pessoas q̄ estauão no conselho foy muyto cõtrariado q̄ não pelejasse porq̄ era doudice: mas q̄ fizessem agoada

porq̃ auia d'isso necessidade, e q̃ en-
tretanto ho tẽpo lhes diria q̃ farião.
Isto determinado foyle Martim
Alfonso a terra cõ os bateys da fro-
ta muyto bẽ armados / e sayo e ter-
ra a madaar fazer agoada / e era hũ
pouco apartado donde estaua a ar-
mada: oq̃ vido os inimigos apartarã
se logo bẽ trinta calaluzes e lâcha-
ras e derão sobelos bateys às bõ-
bardadas, e foy a cousa tão de pres-
sa q̃ escassamẽte Marti Alfonso te-
ue tẽpo pera se recolher aos bateys
cõ os seus, deixado e terra pipas e
jarras por echer. E recolhido com
muyta afrõta aos bateys se foy cõ
outra muyto mayor às naos jugã-
do sempre as bõbardadas cõ os imi-
gos q̃ ho seguirão ate perto delas /
e não chegarão porq̃ a nossa artelha-
ria começou de jugar a q̃ eles auiaõ
grãdemedo por ser muyto mais fu-
riosa q̃ a sua, e por este medo não ou-
são eles de røper de todo a bata-
lha cõ os nossos, senão ladrauãlhe
de lōge pera ver se os farião ir.

Cap. xv. De como ardeo a nao d'
Diogo de melo / e os Chis toma-
rão a nao de Pedromẽ e mata-
rão a ele e a quãtos estauão den-
tro. E de como Martim Alfon-
so partio pera Malaca.



Endo os nossos que os
Chis estauão de todo d'
guerra / e mais por mada-
dado do seu rey / e q̃ ti-
nhão muyto pouco poder pera os
fugigar / aconselharão a Martim
Alfonso q̃ se fosse e quãto se podia ir
sem mór afronta, porq̃ despois não
poderia. E feyto de tudo auto q̃ to-
dos assinarão / assẽto de se partir:
e ao outro dia seleuou cõ os outros

capitães, e em desferindo as velas
começarão os Chins de se chegar
pareles dãdo grãdes gritas, e coe-
las curriadas da sua artelharia / e
muytas nuuẽs de frechas. Pedro-
mẽ e Diogo de melo q̃ lhes ficauão
mais perto se defẽdião cõ muytas
bõbardadas. E nisto acendeose fo-
go e hũ barril de poluora na nao de
Diogo de melo, com q̃ se ho fogo a-
teou d' modo q̃ nũca se pode apagar
e a nao arrebetou e se foy ao fundo.
E vido Pedromẽ como muyta da
gẽte ficou sobre a agoa nadãdo / mã-
doulhe acodir polo seu batel q̃ leua-
ua fora, os inimigos acodirão logo e
muytos iũgos sobre Pedromem q̃
como ficaua cõ pouca gẽte por amor
da q̃ hia no batel teuerão os inimigos
lugar d' lhe aferrar a nao por todas
as partes: e entrarão dẽtro tantos
q̃ por mais esforçadamẽte que se os
nossos defẽderão todos forão mor-
tos, saluo hũ q̃ se acolheo á gauea: e
assĩ forão mortos os do batel polos
inimigos q̃ andauão nos calaluzes, e
os inimigos não curarão de Marti
Alfonso nẽ de Vasco fernãdez / nem
Dãbroiõ do rego polos muytos
tiros q̃ tirauão. E os q̃ matarã os
nossos na nao de Pedromẽ / despo-
is de mortos lhes cortarão as cabe-
ças e as recolherão e roubarão a
nao de q̃nto tinha ate da enxarcia e
ancoras / e cabos q̃ não ficou nada.
E dãdo grãdes gritas e tocãdo se-
us instrumẽtos de guerra se afasta-
rão / e eles afastados ho da nao de
Pedromem que se acolheo á gauea
começou de capear / e Marti Alfõ-
so madaou por ele e trouuerãlho noy-
te / porq̃ foy grãde trabalho auerẽ-
no por não auer enxarcia por dẽde fo-

bissem á nao. Este cõtoou a Martim Afonso como passara bo feyto, e logo em conselho Martim Afonso fez hũa fala aos outros capitães sobre a vingança dos mortos, dando pera isso as rezões q a paixão mais que a razão lhe insinuava: que lhe to- dos contradisserão, dando outras mais viuas, porque era bẽ que não pelejassem, senão que logo fosse me- tida no fundo a nao que fora de Pe- dromê: e na mesma noyte se parti- sem pera Malaca, porque os Chis não ouuessem vista deles pelo per- go, que lhes resultava. E pera sua desculpa de Martim Afonso se fez hũ auto destes pareceres q todos assinarão, e dele pedio ele hũ esto- mento ao escriuão da nao pera sua goarda, e muyto contra sua võta- de por ser de grandes spíritos mã- dou executar o que foy acordado no conselho. E metida a nao no fundo se partio cõ os outros capitães, e sendo ainda e Agosto que durava a moução de Malaca pera a China e pera sua viagem lhe era bo vento cõ- traíro, quis nosso senhor q lhe ser- uisse. E indo por sua viagẽ tomou a via d camatra pera ir ver se tinha a fortaleza de Pacẽ necessidade dal- gũa cousa.

Capit. xvi. De como el rey Da- chem mandou cercar a fortaleza de Pacem, e de como lhe soco- reo Martim Afonso de melo.



O rey D'achem des- pois que foy a morte de Jorge de brito e dos outros que mor- rerão coele, ficou tão

soberbo q determinou de destruyr os nossos onde podesse, e não dar vida a nenbũ. E sabendo que esta- ua nossa fortaleza em Pacem / e quem era ho capitão, e quã pou- ca gente tinha: determinou de a to- mar. E fazendo obra de dous mil homens de peleja mandou hum seu capitão sobreela, e mandoulhe que a queymasse porque era de madei- ra. E como ho caminbo era curto e por terra, em breue tempo derão sobre a fortaleza: em que a este tem- po estauão atẽ setenta homens por que os outros se forão com dom Sancho quando se foy pera Ma- laca / e com muyto poucos man- timentos / mas com boa artelharia e outras munições com que se os nossos defenderão dos inimigos / e os não deixarão chegar aa forta- leza: polo q eles trabalharão muy- to pera a queymarem que esse era ho seu inteto. E tambem os nossos tinhão de noyte grande vigia, e fa- zião fogos porque vissem se os im- migos chegauão aa fortaleza / e tinhão muyto grande trabalho, e estauão em grande perigo por os mantimentos serem muyto pou- cos se ho cerco durasse. Estando nesta fadiga chegou Martim Afõ so de melo que vinha da China / e auendo os inimigos vista da fro- ta que trazia, que era de cinco ve- las grossas / conhecendo que era dos nossos leuantarão ho cerco com medo e fugirão hum dia an- tes que Martim Afonso chegas- se: e se ele não chegara tão cedo dom Andre se virá em grande aperto.

Capitolo xvij. De como se per- deo a nao de Duarte d'almeida

onde ele morreo com outros. E de como ho governador de Mazcate acodio aos nossos.



Reformada a paz como disse o pois q' veyo Setembro despachou dom Luys as tres naos pera a India com ho dinheiro das pareas e outro que se fizera da fazenda del rey de Portugal: e porque Pero vaz trauaços hum dos capitães destas naos estava doête deu dom Luys a capitania da nao a Manuel velho ate a India. E partidos Dormuz chegarão a agoada que se chama de Cojeatar junto de Mazcate pera fazerem agoada. Estando ali surtos dia de sam Batens aa noyte acodio hũa tormenta de vento traueffam tão furioso e efforçado que leuou hũas naos de mouros que estauão em picadeiros hũ grande espaço dũ cabo pera ho outro / e arrancou casas / e dali a doze legoas fez perda que foy aualia da em cincoenta mil xerafins. Este vento deu aa costa com a nao de Duarte dataide em hũs penedos, em que se fez em pedaços por não ter mais que hũa ancora, e morrerão algũs dos nossos: antre os q'es forão Duarte dataide, e hũ seu filho / dom Garcia continho que hia coelepera a India, Gasco martiz o melo e João rabelo. E quando a nao foy aa costa deu pola nao de Lopo dazeuedo e q' broulhe ho garoupez: que a fora este danno recebeo outro muyto mayor de dous camelos / que assi como a nao juga-

ua de hum cabo pera ho outro sa-gauão eles tambem e desfaziãna toda. E sabendo Manuel velho a fadiga em que estaua Lopo dazeuedo com quanto era noyte se meteo no seu batel com algũs e foy lhea codir: e despois que ho deixou seguro se tornou aa sua nao andando ho mar tão alto que quasi se não pode embarcar. E tornado aa nao achou toda a gente aluoroçada pera fugir com medo de darem aa costa: e ele tomou dissimuladamente as armas a todos, porque se não defendessem se os quisesse por força fazer estar na nao: dizendo que auião todos de morrer ou salualo. E que fez ajudandolhe seus criados que todos tinhão armas. E fazendo asslessgar a gente, e mandando fazer as ancoras portantes com a popa da nao por diante foy alargando as amarras / e gouernando a bombordo e a estribordo se sayo da enseada da agoada e foy se meter no porto de Mazcate que estaua bi logo, onde se saluou. E ao outro dia Reque Reyryl Reque de Mazcate a requerimento de Manuel velho mandou lançar pregão que nenhũ mouro sopena de mortenão tomasse nenhũa cousa daquela nao que se perdera. E isto fez ele por ser grãde seruidor do rey de Portugal e amigo dos nossos: e por isso mādou tirar toda a fazenda que bia na nao / assi del rey como das partes e artelharía por treze mergulhadores que naquela terra se chamão caroás. E a fazenda del rey erão dous cofres em que hia ho dinheiro das pareas del rey Dormuz / hum com tangas, outro com pera-

fins: e neste hia hũa adaga e ter-
 çado douro pera elrey de Portu-
 gal / que elrey Dornuz lhe man-
 daua de presente com hũa cinta
 douro de largura de mais de do-
 us dedos e hum fio de perolas
 pera a raynha / e muytos fardos
 de seda solta / e da fazenda das
 partes se deu ao Xequa cinco por-
 cento / que coessa condição a man-
 dou tirar / e pola delrey não quis
 nada. E todos os corpos dos mor-
 tos forão achados e enterrados.
 Feyta esta diligencia com que se
 cobrou toda a fazenda delrey por
 industria de Manuel velho estan-
 do ele naquele porto lhe foy dito
 pelo Xequa de Mazcate que a agoa
 da de Cojatar era chegado hum
 criado de Raixxarafo e seu capi-
 tão com gente darimas em hũa ter-
 rada: que se temia que fosse pera
 ho matar / por quanto como sa-
 bia antes de dō Luys chegar a Or-
 muz mãdara Raixxarafo a Raix de
 lamixá seu irmão por gozvil de Ca-
 layate. E indo por terra cō medo da
 nossa armada passara a vista dō Ma-
 cate / o delhe ele Xeq sayra cō gente
 ao ecōtro, por ser amigo dos nossos
 e inimigo dellrey Dornuz por ter
 guerra coeles: e neste ecōtro hũ dos
 nossos q̃ hia coele matara Raix dela-
 mixá cō hũa espingardada, e por is-
 so temia q̃ ho capitão de Raixxara-
 fo fosse pera ho matar / q̃ lhe valesse
 pois fora sempre leal aos nossos / e
 por essa causa lhe q̃rião fazer mal. E
 sabido isto por Manuel velho foy
 no seu batel com muytos dos nos-
 sos onde staua a terrada: e dādo de
 supito nela prendeo ho capitão de
 Raixxarafo q̃ hi estaua com os re-

meyros / somête porque a outra gê-
 te era e terra. E preso ho capitão cō
 todos os remeyros os leuou á sua
 nao / e hi fez amigo ho capitão com
 ho Xequa. E isto feyto foyse cami-
 nho da India com Lopo vazue-
 do, e forão surgir no porto de Goa
 onde se entregou a fazenda delrey
 que leuauão.

Capitulo. xviii. De como dom
 Luys se tornou pera a India / e
 do mais que passou.



Indo os capitães e fi-
 dalgos da armada dō dō
 Luys que não se podia a-
 cabar com Raixxarafo
 que tornasse a pouoar Dornuz / indi-
 naranse muyto cōtrele / e dizião q̃
 não selhe deuia de passar hũa cousa
 tão mal feyta / e em q̃ tanto mostra-
 ua ho mal q̃ queria aos Portugue-
 ses, e q̃ ho deuia de pagar muyto
 bẽ, cō dom Luys desembarcar em
 Queixome e destruir toda a terra e
 q̃ndo nã podesse logo fazerlhe guer-
 ra, guerreala ate q̃ a destruyse, e q̃
 dō Luys deuia de poer isto em con-
 selho. E porẽ ele cō quãto sabia o q̃
 dizião nã ho quis poer e conselho e
 cōtentou se cō ho assinado q̃ tinha dō
 Raixxamixir q̃ mataria Raixxara-
 fo como fosse tpo. E de ele nã dar e
 Queixome nẽ querer tomar a cerca
 disso o parecer dos fidalgos e capi-
 tães da frota, se descōtentarão eles
 muyto / e assi a outra gête: e sobre
 tudo por ho acharẽ muyto solto no
 falar / e não ter em conta dizer a hũ
 homẽ o q̃ lhe vinha á vôtade: e se fa-
 zer mais e Dornuz q̃ o q̃ digo se tor-
 nou pa a India, e de caminho foy
 ter á póta dō Diu pa fazer hí presas.

E esperando pelas naos em q as auia o fazer lhe deu hũ tẽporal cõ q por força arribou a Chaul cõ sua armada, e da bi se foy a Goa: onde tãbẽ a gente estava muy descon- tẽte do governador/ porq dissimu- lara muytas cousas mal feytas q fazia frãcisco pereyra pestana/ e di- zião q por lhe dar muytos bãque- tes e peças ricas. E tão apressados se vião os casados de Goa cõ a forte cõdição do frãcisco pereyra q algũs se forão fora de Goa/ e outros se lã- çarão na terra firme/ e andarão cõ os mouros q si todo ho tpo de sua capitania/ e não auia nenhũa justi- ça. E sabido polo governador ho pouco q do Luys fizera e Dormuz/ determinou de ir lá, porq assi lho es- creuera Joã rodriguez de nozonha e mãdou do Luys a Cochi pera fa- zer a carrega das naos q fossem de Portugal, de q aqle ãno partirão no mais de tres sem capitão mór, de q forão capitães do Pedro de cras- to, Diogo de melo q hia por capitão Dormuz, e do Pedro do castelo brã- co q naqle ãno passou á India e ou- tros dous inuernarão e Moçãbiq.

Capit. xix. De como por morte de Raix xabadim, Raix xaraso se a- colheo á nossa fortaleza cõ medo de ho matarẽ os mouros: e de co- mo se tornou a pouoar a cidade Dormuz.



Artido dom Luys Dor- muz teuesse Raix xaraso por seguro na governan- ça do reyno, porq como ele era prudẽte bẽ conheceo q nã era aqle ho tẽpo em q por força lhe auia

de fazer fazer o q não quisesse. E co- mo homẽ que fazia cõta q a cidade Dormuz se auia de mudar a Quei- xome/ onde não auia de ter quẽ lhe contrariasse seu mando por ficar a nossa fortaleza apartada começou de se descuydar da grãde goarda q trazia em sua pessoa, q dos mouros não se temia, porq Ahiramabmet morado seu imigo ja era deitado do mudo, e os q estavam na corte erão seus parentes e criados a que fazia muyto bẽ. E por isso lhe pareceo q estava seguro e esfriou de todo da goarda de sua pessoa: e o mesmo fez Raix xabadim seu cunhado. E que vẽdo Raix xamixir que por seu assi- nado tinha prometido a do Luys de os matar não quis mais esperar, e achãdo de melhor lãço Raix xaba- dim mãdou ho logo matar por hũs frecheiros q lhe tirarão á treycão, e o matarã, e nã q s tomalo jutamẽ- te cõ Raix xaraso porq lhe pareceo q apartados os mataria melhor: no q errou, porq quãdo Raix xaraso vio morto seu cunhado logo se goar- dou/ e foy tamanho ho seu medo q cõ quanto tinha dous mil homẽs de peleja / e Raix xamixir no mais de quinhentos não se fion deles nẽ de seus parentes parecendo lhe que todos erão cõtrele/ e não se atreuẽ- do a saluar em Queixome fugio se- cretamẽte e hũa terrada e acolheo- se á nossa fortaleza, porque bem sa- bia quã leays os nossos erão / e que mais seguro auia de star antre eles que antre os mouros. Raix xamixir que soube como ele laa es- taua/ mandou logo requerer a Jo- ão rodriguez de nozonha que ho prendesse / porque ele era tredofo

z tirano q̄ fizera leuātār Dormuz / z mandara matar elrey Luxurā / z fazia que se não pouoasse Dormuz, z porq̄ ele isto sabia como seruidor q̄ era delrey de Portugal prometera a dom Luyz por hū assinado de ho matar / z a seu cunhado Raix xaba-dim, o q̄ posera e obra quanto lhe fo rapossuuel. E pois Raix xarafo esta ua e seu poder q̄ ho prendesse polas cousas sobre ditas. O que visto por João rodriguez ho prēdeo, z ele preso passouse logo elrey a Dormuz cō todos os seus moradores. E João rodriguez q̄ sabia o q̄ dom Luyz tinha pmetido a Raix xamixir cōprio lho dādo lhe o goazilado Dormuz. O q̄ vēdo Raix xarafo pmeto mui to dinheiro a João rodriguez q̄ ho soltasse z lhe tornasse a dar ho goazilado. E como isto era hūa cousa tamanha não se atreueo João rodriguez a fazelo / z pmeteolhe q̄ faria cō o governador q̄ ho fizesse: z pera ho fazer vir a Dormuz lhe escreueo a prifam de Raix xarafo, z como a cidade Dormuz era pouoada: z q̄ era muyto necessario ir assentar aq̄las cousas / z q̄ não fosse coele Manuel velho nē Ruy varela: porq̄ assi compria a seruiço delrey. E isto foy instruçā dō Raix xarafo q̄ como sabia quā bēestes dous sabião as cousas Dormuz / z os males q̄ ele tinha feytos não os q̄ria lá porq̄ ho não dānassē. E vista polo governador esta carta assērou de todo e ir a Dormuz pera o q̄ se começou dō fazer prestes.

Cap. xx. De como dom Luyz de meneses despachou e Cochí certas velas pera diuersas partes z despois se partio pa ho estreito.

Dom Luyz dō meneses despois q̄ foy e Cochí despachou a naos da carrega q̄ auião dir pa Portugal, z assi Pero Lourêço dō meio pa ir a China q̄ ja do tpo de Diogo lopez tinha hūa viagē palá, z ele onā quis deixar ir: z deu licēça a Marti Afonso dō meio iusarte q̄ fosse e hū iūgo e sua cōpanhia. Etābē dō despachou pa Malaca a hū Andre dō brito que fosse tratar por aq̄las partes e hūa naosua q̄ fizera á sua custa: z estes todos partirão e diuersos tēpos. E isto despachado / tornou se dom Luyz pa Goa, dōde o governador ho despachou cō hūa armada de galeões, assi pera as presas do estreito como pera ir ao porto de Maçui z trazer dom Rodrigo delima q̄ fora por ebaixador ao Preste João: z mādoulhe q̄ acabado isto se fosse inuernar coe e a Dormuz. E coeste regimēto se partio dō Luyz pera ho estreito: z a fora ele que bia no galeão sam Dinis forão os capitães da sua armada / Munio fernādez de macedo / Ruy uaz pereira / Fernão gomez de lemos / Anriq̄ de macedo / z Lopo de mezquita todos capitães de galeões.

Cap. xxi. De como indo o governador pera Dormuz tomarão hūs mouros de Diu hūa galé a Bastião de noronha.

Partido dō Luyz despois q̄ ho governador deu despachou a algūas cousas q̄ ficaua fazendo / partio se pera Dormuz levando hūa armada de seys gales / de que forão capitães Bastião de noronha / João fogaga / Dinis fernandez de me-

lo, Frâncisco de mēdoça/ dō Alasco de lima, Frâncisco d'souza tauares: z assi algũs nauios de gauea/ a cujos capitães nã soube os nomes. E atra uessado o golfão foy vista hũa nao de mouros q̃ hia pa Diu: z os pri- meyros capitães que a virão forão Bastião denoronha z João fogaça q̃ lhe derão caça, z Bastião de no- ronha por a sua gale ser mais velei- ra que a de João fogaça a alcan- çou q̃si noyte/ z por essa causa não quis pelejar cō os mouros, mas mādou amarrar muyto bẽ a galé cō a nao porq̃ se lhe não fosse de noyte/ pera q̃ em amanhecendo pelejasse cō os mouros, q̃ vêdo ho vagar do ca- pitão tenerão ê pouco, z sintido q̃ nã hia mais q̃ ele só coeles/ z q̃ a ou- tra galé não parecia, determinarão de tomar aq̃la/ z amarrãna polos mastos cō cabos muy grossos sem ho sintirẽ os Portugueses q̃ adoz- mecerão: z tâto q̃ amanheceo não es- perarão os mouros q̃ os Portu- gueses os cometeessẽ, z acodirão lo- go cō muytas pedradas com q̃ os desatinarão q̃ temerã dêtrar a nao: z tâbẽ porq̃ o capitão os nã anima- ua a isso. E vêdo os mouros sua fra- q̃za/ começarã algũs de q̃rer decer a galé pola proa da nao, z não ouue âtre os Portugueses quẽ lho oufas- se de defêder polas muytas pedra- das z zagũchadas q̃ vinhã decima- senão hũ mãcebo filho do Coudel mōr, cujo nome me nã souberão di- zer certo, z este foy ali morto polos mouros sem lhe ninguẽ acodir: o q̃ vêdo eles decerão liuremẽte a galé sem auer quẽ lho defêdesse: âtes os Portugueses z ho capitão cō me- do se recolherão ao tēdal da gale/ z

vali por não terẽ mais colheita de- rão cōsigo no mar, z ho capitão des- pio as coiraças pera poder melhor nadar, z ouuerãle os mais da fogar- se não sobreuiera João fogaça na sua gale de q̃ os âdarão apanhãdo. E posto q̃ João fogaça tinha gête e abastança pera pelejar cō os mou- ros q̃ tinhão tomada a gale de Bas- tião denoronha não quis, z fazêdo se e outra volta deixou a gale e po- der dos mouros q̃ a leuarão a Diu, z a derão a Deliquiaz cō quãta arte lharial leuaua q̃ era muyta z muyto- boa. E isto passou tão lôge das ou- tras velas da armada q̃ lhe não po- derã acodir, de q̃ todos os capitães da armada ficarão muy escādaliza- dos/ z se ouuerão por muyto inju- riados: porq̃ nũca outra tal se acôte- cera na India/ nẽ acôteceo despois. E ho governador mādou prender João fogaça z Bastião denoronha z da bi a algũs dias os mādou sol- tar. E sabêdo Deliquiaz como a ga- le fora tomada, teneho governador e tão pouca cõta q̃ não quis paz coe- le z tornou a mādãr sua armada de- fustas ao lôgo da costa de Cābaya, z mādou varar a gale: z quãdo al- gũs estrágeiros hião a Diu amos- traua lha, z cõtãualhe como os mou- ros a tomarão. E a tomada desta gale deu muyta oufadia aos mou- ros da India pera terẽ os Portu- gueses em pouca conta.

Cap. xxij. de como o governador chegou a Ormuz soltou Raix parafo.



Rosseguinto daqui ho governador sua viagem pera Ormuz, chegou lá z cō sua chegada folgarão

muyto/assi Chriſtãos como mou-
ros crêdo q̃ pagaria Raixxarafo q̃
estaua preso os muytos z muyto
grãdes males q̃ tinha feytos/assi a
hũs como aos outros. Aos Chriſ-
tãos no trabalho z fadiga em q̃ os
pos cõ ho leuãtamêto Dormuz z
cerco da fortaleza/ z a perda q̃ deu
a muytos de suas fazêdas, z em ser
causa da morte dalgũs seus amigos
z parêtes. E aos mouros elhes ma-
tar seu rey z os desassegar cõ a guer-
ra z darlhes muytos trabalhos coe-
la/ z e os tiranizar sem nenbũa pie-
dade, tomãdolhes quãto tinhão de
cada vez q̃ queria. E pois estaua pre-
so por culpas tão pubricas como a-
uia tão pouco q̃ cometera, esperauã
todos que pagasse com a vida a-
quelas z outras secretas. E che-
gado ho governador a Dormuz foy
por tres vezes a hũa torre onde
itaua preso z falou coele perante
João rodriguez de noronha capi-
tão da fortaleza que terçaua grã-
demente por Raixxarafo com ho
gouernador pera que ho soltasse z fi-
zesse goazil/ z tirasse os officiaes
Portugueses da alfandega de Or-
muz z das outras alfandegas / z
que pagaria a el rey de Portugal
mais cozentã mil xerafins que fa-
zião sessenta mil cõ os q̃ pagaua dã-
tes/ de que pagaria logo a metade:
z pagaria a valia da fazêda q̃ se to-
mara a el rey de Portugal na feyto-
ria: z assi pagaria as partes o q̃ lhe
tomara no leuãtamêto da cidade
cõtra a fortaleza. E alê disso daria
duzêtos mil xerafins/ pera o q̃ ho
gouernador quisesse. O q̃ pareceo
bẽ ao gouernador, mas receaua dõ

Zuys seu irmão q̃ lhe não auia aquil-
lo de parecer bẽ/ porq̃ queria mal a
Raixxarafo z desejava de se vingár
porq̃ por seu rogo não q̃sẽra pouoar
Dormuz: z mais q̃ auia de q̃rer solter
no goazilado a Raixxamixir pola
promessa q̃ lhe tinha feyto/ z por is-
so determinou dẽ soltar Raixxarafo
z fazelo goazil âtes da vinda de dõ
Zuys pera o q̃ fez conselho cõ ho ca-
pitão da fortaleza z algũs capitães
da frota/ a q̃ disse o q̃ Raixxarafo
lhe cometia: z q̃ a el lhe parecia bẽ/
porq̃ era eformado q̃ Raixxamixir
q̃ seruia dẽ goazil era muyto doudo
z não sabia gouernar/ z os morado-
res estauão muy descõtêtes dele, z
assi ho bião os mercadores q̃ vinhã
de fora, z q̃ nã daua a el rey seu seño-
r de pareas mais dẽ vitemil xerafins,
z Raixxarafo daua .lx. mil z bẽ pa-
gos, z era homẽ antigo na terra: z
cõ sua prudẽcia z siso a sabia bẽ go-
uernar, z tinha nela credito: que lhe
parecia q̃ este deuia de ser goazil z
nã o q̃ o era. E etẽdẽdo todos no go-
uernador q̃ queria fazer aquillo/ a
todos pareceo bẽ: saluo a Daniel
de Sousa tauares q̃ era capitão mór
do mar Dormuz q̃ disse q̃ lhe nã pa-
recia bẽ/ porq̃ auia muytos ãnos q̃
conuersaua Raixxarafo, z sempre
lhe conhecera ser inimigo mortal dos
Portugueses z ter desejo de os lan-
çar fora Dormuz: dõ q̃ era muyto
boa testemunha a treycão quelhes
fizera no levantamento Dormuz
tendo seu pay, z ele/ z seus irmãos
recebido tanto bem dos Portu-
gueses/ z assi e não querer q̃ se po-
uoasse Dormuz/ perdoandolhe dõ
Zuys ho passado/ z por isso dizia

q̃ não somete bonã deuiação de soltar
nê darlhe ho goazilado / mas q̃ bo
mata ssem se querião ter seguro **Dormuz** /
e se não que sempre aueria ne-
lereuoltas. E deste parecer foy **Dí-
nis fernandez** de melo: por em como
não erão mais de dous preualece-
rão os outros com quem foy ho go-
uernador. E determinado isto de q̃
foy feyto assinado por todos foy
solto **Raix xaraso** e restituydo no
goazilado, e **Raix ramixit** e **Raix
noradim** deitados fora **Dormuz** / q̃
derão tão boa mostra de seruidores
del rey d' **Portugal** e amigos dos
nossos na morte de **Raix xabadim** e
na de **Raix xaraso** pera que não ou-
uetêpo por sua fugida. E estes do-
us se forão **Dormuz** em hũa terra-
da / e secretamente lhe foy dado fũ-
do por mandado de **Raix xaraso**: e
esta paga ouuerão por quererê ser-
uir a el rey de **Portugal**: e este foy
ho goazilado que lhe dō **Luyz** pro-
mereo. Do q̃os nossos ficarão muy-
eicandalizados / e assios mouros e
de todo perderão ho credito dos
nossos / e dizião que quem teuesse
muyto dinheiro em **Dormuz** sempre
viuiria, posto que fizesse todos os
males do mundo. E metido **Raix
xaraso** e posse do goazilado pagou
logo ametade dos duzentos mil **xa-
rafis** e das pareas ao governador,
e pola outra ametade ficou em arre-
fês hũ filho de **Raix xaraso**. E na
paga das partes se teue esta maney-
ra que dauão juramento a cada pes-
soa do que perdera e pagauãlhe lo-
go hũ terço, e eles jurauão mais do
que perderão, e tudo lhes pagarão
despois de maneyra que muytos fi-
carão ricos. E a fora isto que **Raix**

xaraso deu ao governador lhe fazia
cada día muytos seruiços de muy-
tas cōseruas, fruytas, carnes e pel-
cados, e dagoas cheirosas: com q̃
leuou aq̃le iuerno muyto boa vida.

Capit. xxiij. De como dō **Luyz**
indo pera dar na cidade de **Xael**
lha despejarão os mouros / e do
mais q̃ fez ate tornar do estreito.

DArtido dō **Luyz** de **Goa**
com sua armada seguiu
sua rota pera ho cabo de
Boardafum / onde e pou-
cos dias que estene esperãdo pelas
naos d' mouros tomarão os nossos
capitães cinco. E dali seguindo sua
rota foy ter ao porto **Dadê** onde a-
chou quatro naos que mādou quey-
mar / e dali determinou de ir sobre
hũ lugar d' mouros chamado **Xael**
que está na mesma costa **Arabia**
cincoenta e cinco legoas **Dadê** in-
do pera ho estreito: está em quator-
ze graos e hũ coarto situado em co-
sta braua em que ho mar de conzino
anda rolado. Delugar grãde / abas-
tado e viçoso de todas as fruytas
que ha em **Espanha**: he de grande
trato por auer nele muytos caualos
e encenso que leuão os mouros do
Abalabar e de **Cambaya** / q̃ leuão
ali suas mercadorias a vender. Nes-
telugar inuernão as naos que vão
pera ho mar roxo senã podê passar
por irem ja tarde, e ventarem os po-
nentes que lhe sam por dauante / e
dō **Luyz** determinou de ir sobre es-
telugar por ser da obediência del rey
Dadê. E cō quãto soube q̃ auia nele
muyta gête, e no porto andaua sem-
pre ho mar de leuadia quis ir dar

nele porque andaua agastado de não ter ainda feyto nada na India, e aqui cuydou de ho fazer / mas os mouros ho tirarão desse cuydado / porq̃ ou sabêdo ou adiunhãdo ao q̃ ele hia despejarão ho lugar / assi da gēte como da mōr parte da fazēda: de maneyra que dō Luys não teue nada que fazer. E com tudo desembarcou com sua gente, que saqueou ho lugar dīssō que auia nele q̃ ainda fez algũs ricos. E estando aqui leuantouse hũa tormēta tão braua q̃ ouuerão de dar os galeões á costa / e alijarão ao mar a artelharía que estaua sobrecuberta / e çoçobrouse hũ esquife: e pola misericórdia de nosso senhor sayo dali dō Luys cō a armada e se partio pera Baçua / e despois queimou grandes naos de mouros q̃ estauão varadas ē terra. E prosseguindo sua viagē pera Baçua despois de passar algũas tormētas com q̃ se viu ē perigo foy surgir no seu porto: e dali por intercessam do capitão Darquico mandou recado a dō Rodrigo de lima q̃ ho esperaua ate dia de Pascoa que auia de ser ate quize dābril / e se então não fosse coele que se auia logo de partir, porque não podia mais esperar, e ficou esperando.

Capit. xliiij. De como dom Rodrigo de lima partio caminho da corte do Preste,



O quinto liuro fica dito como quādo Diogo lopez de siqueyra sendo governador da India foy ao estreito,

mādou do lugar de Baçua por embaixador ao Preste João hũ fidalgo chamado dō Rodrigo de lima / em cuja cōpanhía forão treze Portugueses. s. Jorge dābreu / Lopo dā gama / João escolar escriuão da embaixada / João gōçaluez feytoz e lingoa dela / Francisco aluarez clérigo de missa e outros q̃ fazião ho numero que digo. Despachado dō Rodrigo partiose do lugar Darquico aos trinta dias dābril leuado em sua companhia ho embaixador Mateus que faleceo no começo do caminho / per que caminhandō chegou a hũ lugar chamado Barua aos vintetoito de Junho. Este era cabeça do senhorio do Barnagaís aquele que foy falar a Diogo lopez de siqueyra a Baçua como disse no liuro quinto. Este nome de Barnagaís quer dizer rey do mar que nagais quer dizer rey na lingoa abexim e bar mar / e assi he ele como rey e tem coroa douro que lhe da ho Preste: e tē debaixo de seu senhorio sete senhores de grandes terras de q̃ muytos põe em campo quinze mil homens delanças e escudos / e todos leuão diante de si atabales, q̃ não podē trazer senão grãdes senhores: e assi tē outros muytos mas não tamanhos señores como estoutros, e todos seruē cō ho Barnagaís na guerra, e ele e eles sam sogeitos ao Preste q̃ os despõe das senhorias quando quer / e lhes pagão muy grãdes dereytos: com q̃ acodē ao Barnagaís e ele os paga ao Preste. E nestes dereytos entrão .cl. canalo. Neste lugar o Barua chegou dō Rodrigo dō deachou

que no mesmo dia partira ho Bar-
nagais doente dos olhos pera ou-
tro lugar chamado Barra: a q̃ dom
Rodrigo foy pera lhe falar leuado
consigo cinco Portugueses q̃ hão
em mulas porq̃ nelas caminbauão
todos. E neste dia foy dom Rodri-
go pera falar ao Barnagais / mas
não pode: ou não quis ele que lhe fa-
lasse, e foy aquela noyte muyto mal
agasalhado, e ao outro dia lhe fa-
lou. Estaua ele em hũa casa terrea
deitado em hũ catle / e sua molher
assentada á cabeceira: e aproueitou
pouco falar lhe dom Rodrigo, e pe-
dir lhe auia mento pera bo caminbo
por que lho deu bem mau / posto q̃ ti-
nha prometido ao gouernador de
lho dar bõ. E dõ Rodrigo e os de
sua companhia compradas algũas
mulas q̃ lhes falecião por ho Bar-
nagais lhas não querer dar / separa-
tio: e depois de passar muytos tra-
balhos e perigos que não cõto por
breuidade / chegou hũa legoa da
corte do Preste / que como disse
no liuro terceyro anda sempre no
campo / e agasalhasse em tendas, de
que antre boas e outras somenos
auera seys mil. Ho Preste he tama-
nho senhor como disse no mesmo li-
uro / assi de terra como de gẽte e de
tesouros: andão na sua corte muy-
tos reys e grandes senhores. He
Christão e seruese com pouco esta-
do, porque ho não vê senão seus pri-
uados / nẽ se mostra a todos mais
dõ tres vezes no año. s. dia dõ Natal /
dia dos Reys, dia da exaltação da
Cruz de Setembro. E quãdo cami-
nha tambem vay cuberto que nin-
guẽ ho não ve: e quando lhe falão

algũs e baixadores posto q̃ estẽ õde
ele estã falãlhe por terceira pessoa.

Capit. xxv. De como dõ Rodri-
go chegou á corte do Preste joã.

Dom Rodrigo chegou
como digo a hũa legoa
do arrayal do Preste
hũa segunda feyrza de Ja-
ner de Outubro / e ali foy ter coele-
per mādado do Preste ho seu mór-
domo mór quena lingoa Aberim se
chama Adugraz, e hia pa goardar
dom Rodrigo e dar lhe o q̃ lhe fosse
necessario. E logo partirão dali q̃
assi lho disse ho mórdomo mór, e
vez de irem por diante tornarão pe-
ra tras bem hũa legoa: dizendo ho
Adugraz a dom Rodrigo q̃ não se
agastasse porq̃ ho Preste auia dir
pera aquela parte a que eles hão.
E chegados detras dõs cabeços
deceranse e apouentaranse em ten-
das quelhes hi armarão: e logo ho
Preste se foy apouentar ali perto e
suas tendas: e por seu mādado foy
dada a dom Rodrigo hũa boa tẽ-
da pera pouiar com sua cõpanhia /
e quem lha leuou lhe disse q̃ era da
peessoa do Preste, e q̃ tal como a q̃la
não a tinha ninguem no arrayal: e
que esta honrra lhe fazia ho Preste
por ser e baixador de rey Christão.
E na festa feyrza seguinte vinte dias
de Outubro foy dom Rodrigo cha-
mado da parte do Preste por hũ fra-
de que lhe disse q̃ lhe leuasse ho pre-
sente e todo ho seu fato e ho dos de
sua companhia porq̃ o queria ver.
E por mādado do Preste foy muy-
ta gente pera acompanhar dõ Ro-

e cuydauão q̃ auião de desbaratar
 o todo a nossa armada, e derãse por
 gastados q̃ndo os virão tomados.
 El rey se deu por destruydo, porq̃
 em Cananoz auia algũs paraõs / e
 como soube que ho governador che
 gou lhe mandou a boa hora de sua
 chegada, e hũ colar d'ouro e pedra
 ria de preço q̃ ho governador não
 quizer tomar / e tomou ho por lhe
 dizerem todos que ho tomasse / por
 que era el rey tão descõfiado que se
 lho não tomasse, cuydaria que esta
 ua coele de guerra / e por isso ho to
 mou e ho deu despois ao spirtual de
 Cananoz pera se gastar com os doẽ
 tes e em outras cousas necessarias,
 e mandou dizer a el rey q̃ lhe toma
 ua ho colar porque não cuydasse q̃
 não era seu seruidor, e quenão faria
 por ele quãto cõprisse pera se goar
 dar a amizade q̃ tinha com el Rey
 de Portugal seu senhor / o que ele
 faria sêpre sê dadiuas nê presentes,
 e nunca ho contrairo ainda que lhe
 desse quanto auia no mundo / por is
 so q̃ sem presentes lhe podia reque
 rer o que fosse seruiço del rey seu se
 nhor, e que ele ho faria logo. Do q̃ el
 rey ficou espantado, porque dâtes
 tudo na Índia se acabaua com pei
 tas: e logo foy visitar ho governa
 dor a fortaleza, o que nunca ateli fi
 zera nenhũ rey d' Cananoz a nenhũ
 visor rey nem governador da Índia,
 e vianse em hũa tenda que se arma
 ua fora da fortaleza. E ho governa
 dor não fez nenhũ caso daquilo: e el
 rey lhe festejou muyto de palaura
 a vitoria dos paraõs, e disselhe que
 lhe entregaria algũs que auia em
 Cananoz com toda a artelharía que

tinhão / e lhe prometeo de não se fa
 zerem mais outros, e mostroulhe
 hũa carta q̃ tinha del rey de Por
 tugal / em q̃ lhe fazia merce da ilhas
 de Baldina com cõdição que fosse
 obrigado a darlhe tanto cairo quã
 to lhe fosse necessario na Índia ao
 preço que custaua nas ilhas, de que
 el rey de Cananoz requereo ao go
 uernador q̃ lhe desse a posse por vir
 tude daquela carta. E ho governa
 dor lhe daua com cõdição que desse
 ho cairo / de que lhe pedia cadãno
 mil bahares, q̃ fazẽ dous mil e oyt
 cẽtos e vintoyto quintais / q̃ de tã
 to era enformado que auia necessi
 dade na Índia. El rey as não quis
 com aquele encarrego / com o q̃ ho
 governador folgou por ser pueito
 del rey de Portugal / porque sabia
 q̃ dos quintos do arroz q̃ as naos
 que yão às ilhas pagauão / se com
 prauão os mil bahares de cairo e
 mais / e se pagaua mâtinẽto a trin
 ta ou corenta bomẽs quelá estauão
 cõ hũ feytoz / e todos enrrequecião
 do mais que furtauão. E por isto q̃
 sabia folgou del rey não querer as
 ilhas / porq̃ ficassem pera el rey seu
 senhor / a que esperaua de dar nelas
 muyto proueito cõ fazer nelas hũa
 torre cercada de muro em que se re
 colhesse ho cairo e se podesse defen
 der os que hí esteuessẽ. E com quã
 to el rey d' Cananoz nã quis as ilhas
 de Baldina com as condições que
 digo, nê por isso deixou de mostrar
 que ficaua muyto seruidor del Rey
 de Portugal e amigo do governa
 dor, e entregoulhe logo algũs pa
 raõs que tinha: e os outros lhe pe
 diu pera seruirem o carrega: que ho

governador lhe cõcedeo cõ tanto q̃
lhe auia de dar a artelharía q̃ tinhã
e lhe auiaõ de cortar os esporões: e
leuãtalos mais e tirarlhes os re-
mos, e assi foy feyto. E desta ma-
neyza ficou Cananoz seguro, õde ho
governador achou hũ mouro com
cartas delrey Dormuz e de Raix
xarafo pa ho visõ rey dõ Uasco da
gama, q̃ tanto q̃ souberão q̃ era na
India/ crêdo q̃ era homẽ justo, e q̃
os matéria e justiça lhe escreuerão
logo, dãdo graças a Deos q̃ ho le-
uara a India/ õde auia deletãta ne-
cessidade pa fazer justiça: pedindo-
lhe muyto q̃ lha fõsela fazer õ muy-
tos agrauos q̃ tinhã recebidos no
tẽpo passado de dõ Duarte de me-
nezes, e recebiãno presente de Dio-
go de melo. E com quanto ho mou-
ro que leuaua estas cartas soube e
Chaul que ho visõ rey era morto/
determinou de as dar ao governa-
dor que hia buscar a Cochim, e a-
chou ho em Cananoz: e dãdolhe as
cartas que leuaua pera ho visõ rey,
pediolhe que as ouuesse por suas, e
que fizesse a justiça que se esperaua
do visõ rey, pois tinhã seu carrego.
E deu lhe hũ presente de hũas pou-
cas de perolas e de panos ricos de
Persia, q̃ ho governador não quise
ra tomar: e tomou ho polas rezões
que tomou ho colar ael rey de Ca-
nanoz: e disse ao mouro as meismas
palauras que lhe mandara dizer.
E logo ho governador ho despa-
chou escreuendo a Diogo de melo
sobre o que el rey Dormuz e Raix
xarafo se agrauaõ dele, pedindo
lhe muyto por merce da sua parte
e requerendolhe da del rey seu se-

nhor que ho não fizesse/ e que ho
não metesse em pressa de os seus trẽ-
ta annos castigarẽ os seus sessenta.
E pera que se tirasse a Diogo de me-
lo ho azo de agrauar estes dous ho-
mẽs escreueo ho governador ao ou-
uidor da fortaleza Dormuz que lhe
mandasse preso hũ homẽ/ por cujo
conselho deziã que Diogo de me-
lo caya nas culpas em que ho cul-
pauão. E tudo isto escreueo ael rey
de Dormuz e a Raix xarafo/ affir-
mandolhe que quando Diogo de
melo não se emmendasse, que ho ti-
raria da fortaleza: e por nenhũ mo-
do os deixaria agrauar/ porisso que
estiuessen muyto firmes na amiza-
de e no seruiço delrey de Portugal
e lhe escreuessem quanto passasse/
porque logo acodiria: e que não a-
codia logo polo muyto que tinha
que fazer na India. E ho mesmo dis-
se ao mouro que leuaua as cartas:
que se partio muyto contẽte do go-
uernador, e muyto espantado de
quão pouca ou nenhũa cobiça ti-
nha.

Capit. xc. Do que fez Fernão
gomez de lemos no rio de Mã-
galoz. E de como ho governa-
dor se recolheo a Cochim/ e des-
pachou a Pero mazcarenhas
pera Malaca.

PArtido Fernão gomez de
lemos de Cananoz como
disse atras, chegou ao rio
de Mãgaloz cõ as q̃tro
velas q̃ disse pa ho goardar. E pos-
to na sua boca tapou a q̃ nã podessẽ
sair de os cento e tantos paraõs
demouros q̃ estauão dẽtro/ q̃ pro-

uarão de ho fazer algũas vezes, e nũca poderão cõ os muytos tiros dartebaria q̃lhetiraua Fernão gomez e os outros capitães. E vêdo q̃ sua porfia era por de mais deixarã se estar: e estãdo Fernão gomez nesta goarda, sobzeuierão hũ dia hũa boa soma de paraõs de Calicut que yão ali carregar. E como os mouros virão os Portugueses na boca do rio/ e sabião q̃ dẽtro estauão os paraõs/ poserãse a tiro dos nossos nauios e começarão de lhes tirar cõ suas bõbardas/ e os mouros q̃ estauão dẽtro acodirã aos ajudar/ e hũs dũ cabo e outros do outro começarão daptar muyto os Portugueses, e arrõbarlhes os nauios principalmete a Antonio da silua a q̃ muytas vezes arrõbarão a galeota. E ele como muyto efforçado caualeyro q̃ era esteue sempre q̃do, ate q̃ Fernão gomez parece q̃ polo não meterẽ no fũdo leuou ancora e deu a vela pera ir pelejar cõ os paraõs do mar, e ho mesmo fizerão os outros capitães. E ainda bẽ eles não erão leuados/ q̃ndo a mayor parte dos paraõs q̃ estauão no rio sayrão pa fora/ e dãdo a vela cõ os outros se fizerão na volta do mar e acolherãse: e Fernão gomez não os quis seguir pera tornar a tomar a barra e não se acabassem de sayr os q̃ ficauão dẽtro: porẽ nã lhe aproueitou, porq̃ os mouros desesperados doutro acerto como aq̃le/ se meterã porlorio acima ate õde encalbarão. E esta noua foy ter ao governador estando em Cananor: e porq̃ em tomar os paraõs q̃ ficauã se arrifaua muyta gẽte por peq̃na vitoria ouue por

escusado ir lá / e por ser ja meado Março, e saber q̃erão vidas naos de Malaca onde era necessario mandar gẽte cõ Peromazcarenhas, de terminou de se recolher a Cochim, e porq̃ auia necessidade darroz pera as fortalezas de Cananor/ de Calicut e de Cochim, mãdou a dõ Simão de meneses q̃ fosse carregar de le a Braceloz e a Baticalã, e mãdou coele algũs nauos d carrega e hũa galé e duas galeotas e algũs catu- res e paraõs ligeiros/ e mãdoulhe q̃ recolhesse cõsigo a Fernão gomez de lemos e a Gomez martinz de lemos cõ os capitães com q̃ estauão em goarda dos rios: e assi lhe mãdou q̃ quando se recolhesse a Cochim deixasse a dõ João delima a gẽte de q̃ teuesse necessidade. E isto feyto partio se pera Cochim/ õde chegou a de zafete de Março, e entẽdeo logo e despachar a Peromazcarenhas pera Malaca, pera õde partio a oyto de Mayo/ e foy em hũ galeão de q̃ yapor capitão Ayres da cunha q̃ auia de ser capitão mór de Malaca: e assi forão mais em sua cõserua hũ nauio velho q̃ viera de Malaca/ e hũ bargatim e dous paraõs. E nesta armada mãdou ho governador trezẽtos e cincoenta homens por saber a necessidade em q̃ ficaua Jorge dalbuquerque.

Capit. xxi. Do q̃ fez dõ Simão de meneses a mõte Deli, e de como se recolheo a Cochim.



Do Simão de meneses depois q̃ partio de Cananor foy a Braceloz e a Baticalã carregar dar-

roz comolheho governador mada-
ra / e fez ho mais que lhe mandou.
E indo de Baticala pera Cananoz
com noue velas darmada. s. a gale
em que ya / e ho galeão de Gomez
martinz de lemos / e a galeota Dan
tonio da silua / e outra galeota e
hũa carauela / e dous bargantins
de queerão capitães Antonio pes-
soa e hũ Domingos fernãdez e do-
us paraós / topou a monte Deli
com seteta paraós de mouros. Ma
labares que yão tambem buscar ar
roz aos rios de Bracelo e de Ma-
galoz. E como os Portugueses ou-
uerão vista dos mouros foranse a
eles / e eles vendo os de supito, e po-
lo medo que lhe tinbão das vito-
rias passadas cuydarão que erão
tomados e mostrarãlhes as popas
fugindo quanto mais podião. E
dom Simão / Antonio da silua /
Domingos fernandez e Antonio
pessoa e os outros capitães das ve-
las deremo derão a pos os paraós
seguindo os ás bombardadas / e
cinco vendose muyto apressados de
dom Simão, Antonio da silua e
doutros tres que os querião afer-
rar vararão na costa e hi se perderã
e a gente se saluou / e Domingos
fernandez e Antonio pessoa que le-
uauão os nauios mais remeyzos a-
ferrarão dous paraós / e saltarão
dentro e matarão neles muytos
dos mouros / e os outros saltarão
ao mar / onde tambem forão mor-
tos e os paraos lhes ficarão, e dos
outros que yão fugindo deles se fo-
rão na volta do mar, e deles se aco-
lherão ao rio de Marauia que era
defronte: donde se toparão com dõ

Simão / que vendo os meter no rio
determinou dentrar coeles / e logo
fez embarcar a gête nos bateys e es-
quifes e nauios ligeiros da arma-
da. E remando a boga arrancada
cometeo a barra do rio com gran-
des gritas e estrondo de trombe-
tas, e foy recebido com outro ma-
yor de muytas bôbardadas e fres-
chadas que lhe tirauão algũs pa-
raos que ainda não erão de todo re-
colhidos no rio: e os Portugueses
que estauão fauorecidos com as
vitorias passadas não derão pelos
pelouros nê frechas dos mouros,
e röpêdo perãtreles trabalhauão
cõ os remos por chegar aos mou-
ros / e e chegãdo deitarão dêtro e
sete ou oyto panelas de poluora cõ
que lhes poserão ho fogo. De que
os mouros auendo grande medo
selãçarão logo ao mar, e os paraos
ficarão ardendo ate que forão de to-
do queimados. E nesta reuolta Do-
mingos fernandez que era muyto
valente caualeyro seguiu no seu bar-
gantim acompanhado de hũ parao
de hũa nao, outros paraos que se a-
colbião pelo rio acima, de que quey
mou dous com panelas de poluora,
e tirou apos os outros: e temendo
dom Simão que se perdesse por ir
tão soo, mandou a Gomez martinz
de lemos que ya em hũ esquife que
fosse apos Domingos fernandez e
ho fizesserecolher: e foy tão mofi-
no que indo a isso errou ho canal
por onde auia dir / e deu em seco dõ
denão pode sayr / e acodirão ali so-
brele tantos mouros da terra que
ho matarão ás frechadas / e a dom
Abiguel delima filho de dõ Afon-

so de lima com outros quatro. E Domingos fernandez despois que ho bargantim não pode nadar se recolheo pera a barra. E porque este rio era do reyno de Cananor mostrou elrey quando ho soube que lhe pesaua muyto destes seys Portugueses que aqui matarão, principalmente polo fazerem seus vassallos e recolherem nossos inimigos e os a judarem e se aluoroçarem cõtra os Portugueses. E por castigo mandou despois matar algũs mouros e Mayres que nisso forão culpados, e mandou leuar os corpos mortos dos Portugueses a Eytor da silueira, pera que os mandasse enterrar: fazendolhe saber ho castigo que fizera por suas mortes, e dizendo q̃ faria mais se fosse necessario. E tudo isto fazia porque ho governador não teuesse dele algũa sospeita e por isto lhe fizesse mal. E recolhida per dom Simão sua gente, se tornou a embarcar na frota, e adou por aq̃la paragem algũs dias pera ver se passauão algũs paraõs de mouros a carregar darroz, porque ateli por a mor que os rios estauão çarrados cõ os nauios que disse não oulauão lá de ir nenhũs, nẽ se poderão muytos fornecer de mantimẽtos como dantes fazião, que foy causa de no inuerno seguinte auer no Malabar a mayor fome que nunca ouue, principalmente no reyno de Calicut. Esta foy a mais perjudicial guerra que se lhe podia fazer, porque como disse no Malabar não ha arroz que escuse fome se ho não leuão de fora, e se ho governador se lêbrara mais cedo daquella guarda dos rios ma-

yor fome padecera ho reyno de Calicut. E vendo dom Simão que não passauão mais paraõs, e que ho inuerno começaua dẽtrar, recolheo se a Cochim / porque despois não poderião com as toruoadas e foy se a Cananor: e prouida a fortaleza de seu quinhão darroz se foy á de Calicut, a que tãbẽ deu ho arroz necessario, e quando foy pera deixar algũa gente a dom João de lima de que tinha necessidade por se esperar cerco naquelle inuerno / não queria ficar nenhũ homem de qualidade, porq̃ ho governador não assinar a os que ficassem, e porque se enfadauão do trabalho da guerra que estaua certa. E vendo dom Simão que nenhũ homem honrrado queria ficar, tomou ate cento e vinte homens desses baixos, e por força os deixou na fortaleza, e assi ficou a fortaleza sem gẽte de vergonha se não a que dom João ja tinha que erão algũs seus parentes / amigos e criados, e a outra se foy inuernar a Cochim, onde esteve sem fazer nenhum proueito, e podera fazer muyto no cerco que elrey de Calicut pos sobre a fortaleza / com que esteve muyto perto de se perder: e milagrosamente a saluou nosso senhor como direy a diante. E prouida esta fortaleza como digo por dom Simão, foy se a Cochim: onde cbegou ho primeyro de Mayo encontrado de muytas toruoadas que lhe sobreuerão no caminbo. E com tudo despois de ele recolhido a Cochim os mouros de Calicut pola necessidade grandissima que tinham darroz se auenturarão ao mar, e foão por ele a

Braceloz e a Mangaloz de q̄ trou-
nerão algũs paraõs: que se isso não
foza morrerão todos d̄ fome. E por
que os gentios a padecião por sua
causa lhes querião muyto grande
mal/ especialmente os Mayzes: que
lhes dizião cada dia que eles não sa-
bião mais q̄ fazer estar mal a el rey
de Calicut com os Portugueses: e
porem quenão erão pera ho liurar
da guerra quelhe fazião, e que eles
os fazião padecer a fome que pade-
cião e auião de fazer perder ho rey-
no a el rey: e assi outras cousas com
que os mouros andauão muy ala-
uercados.

Capit. xcij. De como foy morto
Christouão de brito, e os outros
capitães desbaratarão as fustas
de Dabul.



Quando ho governa-
dor se partio de Goa
pera ira Cochim to-
mar posse da gover-
nança/ deixou a frã-
cisco de lá que ficaua por capitão
de Goa hũa armada de quatro fus-
tas e seys bargantis que ho gover-
nador mādara fazer de paraõs pe-
ra goarda daq̄la costa ate Dabul. E
a capitania mōr desta armada sedeu
a hũfidalgo chamado Christouão
de brito que era alcayde mōr da for-
aleza de Goa muy efforçado caua-
leyro/ e por isso desejava de servir
naquela armada ātes q̄ estar ocioso
em Goa. E andando ele em goarda
daquela costa/ ouue por vezes muy-
tos recontros com frotas de mou-
ros de Calicut a que fez muyto dā-

no. E andando assi foy bũ dia ter aa
barra de Dabul/ õde sendo sabida
sua chegada ho Tanadar mandou
logo encher de quatro cētos rumes
sete grandes fustas e hũa galeota q̄
estauão muyto bem armadas dar-
telharia e esquipadas de remeyros
e por seu capitão moor foy bũ valē-
te turco cujo nomenā soube que ya
na galeota/ e sayrão com determi-
nação da ferrarem com os Portu-
gueses que serião ate cento e cincoē-
ta e matarēnos a todos / e assi co-
mo sayrão do rio se forão dereytos
a eles, e ho mesmo fez Christouão
de brito: e com grande estrondo de
gritas e de tiros dardelharia e es-
pingardadas se abalroarão as ca-
pitainas e quatro fustas dos ru-
mes com outras tantas nossas / e
começou se hũa braua peleja antre
os Portugueses e rumes q̄ todos
pelejavão valentemente. E neste cō-
flito forão dadas a Christouão de
brito juntamēte duas frechadas no
pescoço q̄ ambas lhe passarão hum
gorjal de malha que tinha com quã-
to era fina/ e der a lhe por tal parte
que logo cayo morto, mas nem por
isso os Portugueses desacoroço-
rão, ātes com ho pesar da morte do
seu capitão moor parece que se effor-
çarão mais pera a vingar / e com
hũ brauo impeto derã tão riço nos
rumes que os ētrarão por força ma-
tando hũs e fazendo saltar outros
ao mar/ de que despois os mais fo-
rão mortos: e outro tanto aconte-
ceo aos outros q̄tro capitães dos
quatro bargantins que aferrarão
com as quatro fustas dos rumes: q̄
tambem os entrarão e aporarão/ e

os das outras vêdo isto não quise-
rão aferrar e voltarão / e por se sal-
uarêdos Portugueses q̃ yão apos
eles derão á costa ô dese as fustas es-
pedaçarão / e a galeota cō as q̃tro
fustas ficarão e poder dos Portu-
gueses / de que nesta batalha forão
mortos cō Chriſtouão ô brito seys
e todos os q̃ aferrarão forão muy-
to feridos, e dos rumes forão mor-
tos a mayor parte. E coesta victoria
q̃ foy muyto grãde pera quão aba-
ridos estauão os Portugueses por
aqla costa / e quã soberbos estauão
os mouros cō as victorias passadas
se tornarão aqlas capitães Portu-
gueses pa Goa / de q̃ Frãcisco de lá mã-
dou a noua ao governador.

Cap. cxij. De hũ milagroso fey-
to q̃ fizeram vinte Portugueses
na ilha de Ceilão.



Eras fica dito como des-
feyta a fortaleza de Ceilã
Fernão gomez de lemos
q̃ a foy derribar deixou e
tregues a el rey de Ceilão ho feytoz
q̃ lá ficou / e ho escriuão e quinze
Portugueses q̃ ficauão coeles / por
q̃ assi ficauão mais seguros. E tor-
nado Fernão gomez a Índia, soube
Baleacê hũ mouro de Calicut e pri-
cipal armador dos paraós q̃ se faziã
naquele reyno como a fortaleza era
derribada, e quão poucos Portu-
gueses lá ficauão / e pareceolhe que
pois ficauão entregues a el rey de
Ceilão q̃ lhos êtregaria se lhos pe-
disse. E coesta determinação partio
peralá em q̃tro paraós / em q̃ leuou
bẽ quinhẽtos homens de peleja. E
chegado a Colũbo foy falar a el rey
e disselhe q̃ os paraós delrey de Ca-

licut pelejarão cō a armada do go-
uernador da Índia: em q̃ fora desba-
ratado e morto cō quãtos Portu-
gueses yão nela / pelo q̃ el rey de Co-
chi e ô Cananor e todos os outros
da Índia tinbão cercados os Por-
tugueses q̃ morauão e suas terras.
E por isto ser assi el rey de Calicut
lhe mãdaua rogar q̃ lhe mandasse a-
qlas Portugueses q̃ tinha pelo mes-
mo Baleacê. Do q̃ el rey ficou muy-
to espãtado, e não ho creio por lhe
parecer q̃ os Portugueses não po-
dião ser vécidos tão asinha: e disse
q̃ aueria seu conselho. E ido Balea-
cê mãdou chamar ho feytoz e escri-
uão e algũs dos outros, e contou-
lhes o q̃ lhe Baleacê dissiera, pergũ-
tandolhes se seria verdade q̃ ho go-
uernador da Índia era desbarata-
do. E eles lhe disserão q̃ em nenhũa
maneyra podia ser, porq̃ auia ãnos
q̃ não se ajutara tãta gẽte na Índia
como êtão: e mais q̃ o governador
era muyto efforçado caualeyro / q̃
ho não auiaão os mouros de poder
desbaratar: e q̃ os mouros por serẽ
inimigos dos Portugueses aleuãta-
uão aquilo. E por assegurarẽ mais
el rey, disserãlhe q̃ mãdasse saber aa
Índia se era verdade o q̃ dizia Ba-
leacê: e se ho fosse q̃ entãto fizesse o q̃
quisesse. E como el rey era bõ homẽ
pareceolhe isto bẽ / e disse a Baleacê
q̃ não auia dêtregar os Portugue-
ses atẽ nã saber certo se era verdade
o q̃ ele dizia. E cuydãdo ele q̃ el rey
nã q̃reria tãto aueriguar aqla vda-
de, e q̃ diria aquilo por se escusar dê-
tregar os Portugueses: disse q̃ mã-
dasse saber a Índia o q̃ lhe dizia. E
el rey ho fez assi, escreuẽdo ao gouer-

nador o q̄ passaua. E q̄ndo ho melle
geiro chegou a Cochī/ cbegaua ho
gouernador de destruyr Loulete, z
vio os paraós z artelbaria q̄ toma-
ra. E vêdo Baleacem q̄ el rey nã lhe
queria dar os Portugueses/ deter-
minou de os tomar por força: con-
fiado q̄ por a gēte da terra ser fraca
nã lhe poderia resistir. E por q̄ nã
pude saber miudamente como isto
foy/ nã cōto as particularidades
q̄ nisto ouue: se nã q̄ el rey se pos a
todo risco cō os mouros por defen-
der os Portugueses/ a q̄ deu toda
a ajuda de gēte q̄ pode: z eles sendo
vinteno mais indo muyto diãte da
gēte cō que os el rey ajudou, forão
cometer os mouros q̄erão quinhē-
tos, z pelejarão coeles cō hū efforço
tão sobze natural, q̄ era cousa despā-
to grãdissimo defenderēse tão pou-
cos de tãtos, quãto mais offenderē-
nos cō matarē bē cincoēta deles/ z
ferirē tãtos q̄ os desbaratarão z fi-
zerão fugir como cabras, z os q̄ es-
caparão se acolherã a dous paraós
q̄ tñbão no mar: q̄ os outros dous
estauão varados z ficarã. E Balea-
cē se foy muyto corrido de ser desba-
ratado d̄ tãto poucos Portugueses
z desculpauasse q̄ aq̄la vitoria fora
milagrosa, z q̄ Sãtiago os ajudara
na batalha. O que se deue de crer
sem duuida, por q̄ nã era possiuel q̄
tão poucos desbaratassē tamanho
poder de gēte ficãdo todos viuos.
E el rey de Ceilão ficou fora de si vê-
do hūa cousa tãto fora de natureza/
z nã auia hōrra q̄ nã fizesse aos
Portugueses, z assi ho fazião os
seus, principalmente os q̄ forão na
batalha q̄ mais se occuparão em re-
colher ho despojo que em pelejar.

Capit. xciiij. Do q̄ Antonio de
mirãda dazeuedo fez no cabo de
Goardafum z em Xael.



Antonio de miranda daze-
uedo que ya por capitão
mōr da armada q̄ ya ao
cabo de Goardafū / assi
pera fazer presas como pera tomar
as duas naos de madeyra q̄ yão de
Diu pera ho estreito, adou tãto por
sua viagem q̄ chegou á paragē onde
as auia desperar/ z assi as naos que
saysem do estreito. E postos os ca-
pitães cada hū a seu cabo vigiaua se
ho mar tēdo tēto no q̄ podia vir. E
andando assi / chegou hūa fusta de
mouros Malabares carregada de
pimēta q̄ ya pera dētro do estreito,
q̄ foy tomada: z despois hū zãbuco
q̄ saia do estreito pa Diu carregado
de mercadorias/ z hūa terrada cō
caualos/ z tudo isto se tomou sē pe-
leja. E nestes dias q̄ os Portugue-
ses aqui adarão nūca as naos d̄ ma-
deira passarão ao menos q̄ fossē vís-
tas. E vêdo Antonio d̄ mirãda q̄ se
lhe começaua de gastar a moução z
q̄ as naos nã yão/ nã quis mais es-
perar / z desferio vela caminho de
Xael seguido ho os outros nauios,
por q̄ ho mādaua la ho gouernador
a pedir a el rey oytēta bōbardas q̄
tinha de hūa nao portuguesa q̄ ali
dera á costa z se pdera: z assi algũa
artelbaria q̄ ali ficara a dō Luys d̄
menezes. E chegado ao porto d̄ Xa-
el, mādou recado sobzisso a el rey, q̄
nē lhe mādou fazer nenhū recebimē-
to, nē lhe quis dar a artelbaria por
estar ainda magoado do dāno q̄ ali
fizera dō Luys de menezes. O q̄ vê-
do Antonio d̄ mirãda, determinou

de se vingar e doze naos de mouros q̃ estauão no porto: e cometendoas cõ os outros capitães de sua armada desbaratou os mouros q̃ as qui serão defender/ matando e ferindo muytos, e queimou sete naos/ e as cinco forão tomadas a fora hũa q̃ deu á costa, e nestas se achou muy rica mercadoria: e porq̃ ho galeão de Manuel de macedo fazia muyta agoa e tinha necessidade de se tirar a môte/ mādoubo coesta presa a Chaul recolhida toda e duas das naos: e assi leuou a terrada dos caualos. E chegou a Chaul a saluamento: e Antonio de miranda com os capitães que lhe ficauão se foy inuernar a Mazcate.

Capit. xcv. De como Martim afonso de melo iusarte chegou aa ilha de Banda.

Durão a guerra átre Antonio de brito e el rey de Tidoze como atras disse entrou ho mes de Janeiro de. M. D. xxv. em q̃ Antonio de brito despachou quatro iungos pera Malaca: e foy por capitão mór Marti afonso de melo iusarte e hũ galeão q̃ corregeo a sua custa pera se ir: e foy ter a Banda ao porto de Nutatão: e por amor da guerra passada não folgou a gēte da terra cõ sua vīda/ antes lhe pesou muyto: e não se fiauão dos portugueses/ nē queriã sua cōuersação: o q̃ tãbē eles faziã, E estãdo assi soube Marti afonso q̃ na ilha de Mira hũa das de Banda estaua hũ iungo da cidade de Patane q̃ estaua de guerra cõ malaca: par tiologo pera lá no seu galeão cõ determinaçã de ho q̃ymar. E no jũgo estauão muytos mouros q̃ quãdo

ho virão se poserão em armas: e cõ q̃nto ele não leuaua mais de ate. xxx ou. xl. portugueses mādou q̃ aferrasse o jũgo: e e chegãdo lhe deitarã muytas panelas de poluora/ com q̃ bofogo se acēdeo nele: e começãdo de arder os mouros se lãçarão ao már: e ardeo ho iungo cõ a fazēda q̃ era muyta: e em tãto os nossos matarão algũs mouros fĩsgãdoos no mar: e como Marti afonso estaua escadalizado destes de Banda lhes começou o fazer guerra cõ que os trataua muyto mal.

Ca. xcvi. Do q̃ acōteceo a dõ Garcia anriq̃z: e a Marti afonso de melo iusarte na ilha de Banda.



Tras fica dito como dõ Duarte de meneses sēdo governador da Índia a requerimento de Jorge dalbuquerque capitão dõ Malaca, lhe deu a capitania da fortaleza dõ Maluco pacada hũ de seus cunhados. E vēdo Jorge dalbuquerque q̃ dõ Garcia árriquez q̃ era hũ deles nã poīda servir de capitão mór de Malaca por ser prouido desse carrego Marti afonso dõ souza. E porq̃ pola guerra q̃ ele fazia a Bitão, Malaca estaua pacifica, e dõ Garcia podia ir fazer seu proueito: determinou o ho mādãr a Maluco cõ a prouisam q̃ tinha de dõ Duarte pera ser capitão da fortaleza por lhe Antonio de brito ter dātes escripto que a queria deixar. E porque poderia ser q̃ Antonio de brito se mudasse daquela vōtade/ e não quereria alargar hũ anno que ainda tinha por servir, e mais por a prouisam que leuana ser confusa e pouco firme/ mandou lhe que se ho tal acōtecesse: que ele se tor

naria a Banda e hi faria hũa casa forte pera que podesse estar hi algũ tempo fazendo seu proueito: e apercebeo ho pera hũa coufa e outra, dã dolhe dous nauios redondos e hũ jungo de cuberta: e hũa fusta em q leuaria ate sessenta Portugueses de peleja a fora os marinheiros e bombardeiros, e partio pera Bãda em Janeyro de mil e quinhẽtos e vinte cinco. E chegado a Banda achou Martim afonso de melo ju-sarte que estava de guerra com os da ilha/ de quem fez queixume a dõ Garcia pedindolhe que ho ajudasse nela: o q se ele offreceo a fazer dõ boa vôtade por ser muyto esforçado, e lhe parecer q Martim afonso tinba rezão e fazer aq̃la guerra. E acordarãõ ãbos de dous q tomassẽ acidade de Lotir cabeça de todas as pouações da ilha, porq ali era a força da gẽte, e aq̃la vécida ficaua toda a ilha em paz. E isto acordado/ aperceberãse pera isso/ e hũ dia saltarãõ e terra pto de cẽ Portugueses e poserãõ logo ho fogo a certos jungos que estauão varados/ que forãõ queymados, e entrãdo mais a diãte pera a cidade acharãõ na cercada de fortes trãqueyras/ e algũa gente que as defendia/ e dom Garcia e Martim afonso poserãõ diante algũs espingardeyros que leuauão/ e cometerãõ dêtrar a trãqueyra/ dondelhe tirauão muytas frechadas, pedradas e arremessos: porem chegãdo os nossos espingardeyros fizerrãõ desaliuar algũa gẽte da tranqueyra com que os Portugueses comecarãõ entrar/ mas forãõ muyto poucos pera a gente

sem conto dos mouros que logo recreceo/ e forãõ tãtas as frechadas sobre os Portugueses que era espãto/ e assi muytos arremessos, e dũ foy dom Garcia ferido no pescoco por não leuar gorjal: e assi forãõ feridos outros da sua companhia, e por isto não passarãõ dali e se tornarãõ a ebarcar deixãdo feyto pouco dãno aos inimigos/ e não quiserãõ mais sayr e terra/ e do mar faziãõ ho mal q podiãõ aos inimigos: e assi esteuerãõ ate a moução pera Baluco como direy a diante

Capit. xcviij. De como Martim afonso de souza capitão mór do mar de Malaca pelejou com Laquerimena: e de como foy morto com outros.

Sintindo el rey de Bítão muyto a destruyção que Martim afonso de souza fizera na costa de Bão e Patane/ determinou de se vingar, e mais sabendo por suas espias como dõ Garcia anriqz era partido pera Bãda cõ parte da armada de Malaca/ em q tãbẽ leuaua gẽte cõ o q ficou pouca e Malaca/ e ao menos nã tãta como era necessaria pera a defensam d Malaca. E por isto lhe pareceo a el rey de Bítão q tinhã tempo pera se vingar: e determinando de ho fazer/ armou vinte lancharas grandes em que yão mil e duzentos homens de peleja apercebidos de muytas armas e petrechos de guerra, e mandou por capitão mór delas Laquerimena/ que jurou de lhe leuar a cabeça do feytoz Garcia chainho (q tão auorecido era antre os mouros de Bin

ção: e assi hū par dos navios da armada de Martim afonso. E partio Laquerimena tão secretamente que chegou a Malaca sem ser sentido: se não quando hūa manhã dia de nossa senhora de Março chegou de súbito e desembarcou na pouoação dos Quells, onde a sua gente começou de matar e roubar na gente da terra: q̃ salteados daquela maneyra começarão de surgir alevantando muy grandes gritas / que logo forão ouuidas de Jorge dalbuquerque e de Martim afonso de souza e doutros que estauão na igreja ouuindo missa. E conhecendo q̃ aqui loera rebate d'innimigos / levantou-se hū valente canaleyro chamado Ayres coelho e disse a Jorge dalbuquerque que acodissem a aq̃la gente que os inimigos matauão: e Jorge dalbuquerque disse que si, e mādou por terra Garcia chainho com oytenta Portugueses e antreles forão Nicolao de sã, Antã daguiar / Francisco bocarro, Ruy lobo, Gaspar velho / Simão mendez / e obra de vinte homens da terra, e por mar mādou que fossem Martim afonso de souza e Manuel falcão em duas fustas que não auia mais navios de remo e nelas forão setenta Portugueses em cada hūa trinta e cinco, em q̃ entrarão Ayres coelho / Francisco fernandez leme, Aluaro botelho, Garcia queymado, Francisco rabelo / Gaspar barbudo / Antonio carualho, João ferrão, e partirão todos a hūa, hūs per mar outros per terra. E sintindo Laquerimena que os Portugueses yão, recolheu sua gente às lancharas: e porque a nos

sa artelharía que estava e terra lhe não fizesse nojo por estar perto: e também porque tirasse Martim afonso pera ho mar que lhe não podesse escapar fez que fugia / não se alargando muyto dele, nem tirado nenhūa artelharía porque não desesperasse de lhe poder chegar e se tornasse. E Martim afonso cuidando que lhe fugia ho yaseguindo muyto ledo / tirandolhe muytas bombardadas e dando com sua gente grandes apupadas. E sendo afastados de Malaca hūa boa legoa que era o que Laquerimena queria: fez ele volta com seus capitães a Martim afonso e a Manuel falcão / desparando neles toda sua artelharía: e assi como yão tirando assis yão cercando de modo que os tomarão no meyo: e dando grandes gritas começarão as bombardadas de se amiudar mais dū cabo e do outro: por em como a artelharía dos inimigos era mais, assi tiraua mais bombardadas / e erãotão bastas que estando Antonio carualho, que agora he feytoz da casa de Ceita antre João ferrão e outro forão eles levados em pedaços de dous pelouros / e ele ficou saluo. E nisto os inimigos se chegarão tanto aos Portugueses que abalroarão com as fustas, metêdo as proas das lancharas por antre as suas apelações / ficando com os Portugueses a bote de lança, e a golpe de espada: e cada fusta estava aferrada de quatro lancharas e Martim Alfonso, e Manuel falcão começarão defforçar os seus, dizendo que naqueles perigos tamanhos se via ho poder de nosso senhor

que se encomêdassem a ele / e que os eiforçaria. E assi foy que nunca os mouros os poderão entrar / e cansados hūs afastauan se e chegauão outros / e todos tirauão muytas espigardadas / frechadas de frechas eruadas / lâças darremesso de trinta palmos daste e dous de ferro: a zagayadas de paos dareca tostados / e de canas tostadas que fazem grande passada. E tudo isto era tanto em demasia / que as fustas dos Portugueses estauão todas pregadas / assi nos mastos como nas vergas / tendais / corias e amuradas / e muytos deles estauão pregados nas mesmas fustas por muytas partes do corpo / e ficauão em pé mortos que não podião cayr e de pregados: e foy a mais brava e espantosa peleja que nunca naquelas partes nem na India se viu / nem em q morressem tantos Portugueses / nem que durasse tanto: porque durou das duas horas depois de meyo dia ate horas daue Marias / e forão mortos corenta e dous Portugueses / e átreles forão Martim Afonso de Sousa / Ayres coelho / Aluaro botelho / e Francisco rabelo / e feridos oytto / e destes o que menos feridas tinha erão tres / e este foy Antonio carualho / e os outros ate dez / e dos mouros forão mortos duzentos e vinte / que de hum so tiro da nossa artelharía morrerão corenta e dous / e foy arrombada hūa das lâcharas. E se a frota dos Portugueses fora de mais velas não escapara nenhum. E vendo Laquerimena morta tanta gente da sua e ferida / e a outra muyto cansa-

da / e espantada da valentia dos Portugueses / mandou que cessasse a peleja / e afastar āse pera bo mar: e assiliurou nosso senhor os Portugueses que ficauão viuos.

Capitulo. xcviij. De como os Portugueses que escaparão da batalha tornarão a Malaca.



Dastados os inimigos derão os Portugueses que ficauão viuos muytos loutozes a nosso senhor por escaparē de tão brava peleja como aquela foy: e estauão tão cāsados os sãos e os feridos tão fracos que não auia quem se podasse bolir: e pola necessidade que tinhão se eiforçarão bo mais que poderão pera se partirem como fosse bem noyte / e trabalharem porq chegassem a Malaca / dōde se acharão cinco legoas que tanto os leuou a corrente. E Antonio carualho que estaua menos ferido / disse que governaria a fusta em que estaua e a outra iria a pos ela: e assi ho fizerā. E quis nosso senhor que as fustas tinhão as vergas dalto / que sem isso não poderão dar ās velas / e forão cō ho terrenho ate hūa legga de Malaca onde surgirão q não poderão mais surdir por amor da mar e que vaza uia / e ali estauerão esperando ate bo meyo dia pola viração. E neste tempo tornou Laquerimena de mandar enterrar os seus mortos / que forão enterrados na ilha Dupe / e appareceo ao mar / e como não

sabia a maneyra de q̃ os das fustas ficarão/nã ousou de tornar a pelejar coeles/temendo que ho acabassem de destruyr: e andaua balrrauenteado a vista deles, com que Jorge dalbuquerque se agastou muyto por ver quão perto os mouros andauã das fustas e viaas furtas/ e não sabia como não se yão pera terra a remos. E parecendo-lhe aquilo mal/mandara de boa vôtade ver o q̃ era se teuera algũ para o ou fusta / mas não tinha mais que dous nauios redondos de gauea/ que tinbão necessidade de muyta gente, e receaua a armada dos mouros q̃ andaua a vista / e por isto não ousaua de os mandar: e as duas fustas estueirão em muyto risco de serem tomadas pelos mouros se as cometerã/ mas como digo não ousauão. E vinda a viração, Manuel falcão mandou dar as velas e foy se pera ho porto de Malaca/ e por conselho Dantonio carualbo ya a artelbaria das fustas carregada/ pera que a desparassem em chegando ao porto: por q̃ os da terra vêdo este final da alegria cuydassem que yão os Portugueses vitoriosos e não ouuesse antrelas aluoroço de que se queferem levantar. E chegando as fustas ao porto que despararão a artelbaria, acodio Jorge dalbuquerque e ho alcayde moor com outros cuydando que ya Martim Alfonso muyto vitorioso, se não quando vio tantos mortos, e lhe contarão como passara o feyto, e vio as fustas como yão pregadas / chorou com tristeza e magoa de tamanbo desastre como a quele fora. E porque a gente da ter-

ra cuydasse como cuydou q̃ os Portugueses ficarão com a vitória, não quis que tirassem os mortos das fustas se não á mea noyte, e forão soterrados dentro na igreja. E coeste ardil se encobrio ho desbarato dos Portugueses aos da terra, a q̃ vizião que Martim Alfonso de souza e outros homens conhecidos que sa lecerão estauão doentes/ porque os não achassem menos.

Capit. xcix. Do q̃ Laquerimena fez no Colascar: e de como se foy pera Bintão.



Endo Laquerimena que os Portugueses nã que rião sayr mais a pelejar coele / determinou de se vingar do mal que recebera na gête da terra, e foy se a hũa pouoação de Malaca afastada hũ pouco do corpo da cidade que se chama Colascar e desembarcou ali cõ toda sua gête. E quando os moradores do Colascar que erão gêtios virão os mouros sobre si, receando que os matassem/ selhe entregarão com cõdição quelhes dessem as vidas e as fazendas/ e q̃ se irião coeles pera ôde os quisessem levar. E Laqrimena os mandou embarcar na sua armada com molheres, filhos e fazenda. E despejados ho Colascar foy Jorge dalbuquerque auisado disso por hũ Chriştão da terra chamado Jacome, e Jorge dalbuquerque mādou a Garcia chainho que fosse com setenta Portugueses e dessem orabo dos inimigos se visse tempo pera isso: o q̃ veria em chegando a hũ regato que

corria por antre a cidade e ho Colaiçar / e partio em anoytecendo. E chegando ao regato donde auia de descobrir terra, leuauão os Portugueses tamanho desejo o pelejar que nunca Garcia chainho os pode deter pera saber o que fazião os inimigos: e passando ho regato forãse de reytos ao lugar dõde os mouros se acabauão de say: tẽdo ja os gẽtios embarcados. E quãdo sentirão os Portugueses cuydando q̃ fossem mais / embarcarãse cõ muyta pressa e afastarãse pera ho largo. E tudo isto virão os Portugueses com ho grande lûar que fazia / e não poderão fazer nenhũ dãno aos mouros. E que vêdo Garcia chainho, mandou meter ho lugar a saca / em q̃ foy achado algũ arroz com que se alegrarão muyto por auer grande falta dele e Malaca e ser muy caro: e assi forão achados algũs espigar dões e berços, e hũ pouco de gado e assi algũa mercadoria. E coesta pressa se tornou Garcia chainho a Malaca / õde cbegou a mea noyte / e Laquerimena se foy a Bintão deixando feyta em Malaca tamanha perda.

Capit. c. De como Baltesar rodriguez raposo e Alvaro de Brito desbaratarão Laquerimena e el rey de Draguim.



Aquí a algũs dias não sabendo el rey de Bintão ho grãde dãno q̃ a sua gẽte fizera aos Portugueses / e cuydado q̃ ela somẽ

te ho recebera deles / determinou de se vingar em el rey de Linga veziinho de Malaca por ser amigo dos Portugueses, e lhe socorrer cõ m̃timentos / e m̃adou sobre ele el rey de Draguim seu genro e Laqrimena com cento e sessenta lancharas em que irião oytomil mouros bem armados e apercebidos de muyta artelbaria e de muytas munições. E estes dous capitães cercarão el rey de Liga por mar e o aptauão muyto. E nã se atreuẽdo ele a liurar se da opressam que lhe dauão, m̃adou pedir socorro a Jorge dalbuquerque, alegandolhe as boas obras q̃ lhe tinha feytas em sua necessidade. E como por essa causa el rey de Bintão lhe fazia aquela guerra: e posto que Jorge dalbuquerque estaua em tanta necessidade de gẽte por quão pouca tinha e essa ainda ferida. E cansada a mayor parte dela, determinou delhe socorrer pela obrigação em que lhe era: e porque fosse exemplo aos outros amigos dos Portugueses que folgassẽ de os ajudar quando lhes fosse necessario / porẽ como em Malaca se sabia a grande frota que estaua sobre el rey de Linga, e os Portugueses estauão cansados e enfadados de tãta guerra: com muyta difficuldade achou quẽ lá quisesse ir. E com tudo forão cincoenta Portugueses nos dous nauios que disse / em que forão por capitães hum Alvaro de Brito e hũ Baltesar rodriguez raposo natural de Beja. E nauegando por sua viagẽ / chegarão a hũas ilhas que estão a tiro de falcão da de Linga, e ali surgirão por vazar a marẽ e as

amarras das ancoras com q̃ surgirão estauão forradas de cadeas de ferro, porq̃ lhas não podessem os inimigos cortar. Laq̃rimena z el rey d̃ Draguim q̃ virão os nauios dos Portugueses ficarã muyto ledos/parecendolhes q̃ lhes não podião escapar, z mandarão fazer grãdes alegrias por toda a frota. E as duas horas despois de meyo dia mādarão saber se era baixa mar de todo pera irem pelejar cō os Portugueses: o que eles entenderão logo vendo hū balão que ho ya saber, z fizeram se prestes pera a peleja com muytas panelas de poluora / z rocas de fogo z ceuarão suas espigardas q̃ todos tinhã, z porq̃ os mouros os não podessẽ aferrar cubrirão os nauios cō bũas esteiras de rota de bégala q̃ chegauão das êrarcias ate a agoa, z samente as popas z proas ficauão descubertas. E sendo a mar vazia abalarão os inimigos pera os Portugueses repartidos e duas batalhas cada bũa doytenta lancharas: com grãde arrojado de instormentos de guerra / que tocauão de quando em quando. E cessando os instormentos aleuātuaõ os mouros muyto grãdes gritas, z a pos ela cantauão em lingua malaya ao som dos remos. Ia vos jazedes peixes nas redes: porq̃ criã sem duuida que assi estauão os Portugueses / que cō quãto vião ir cōtreles tamanbas nuuẽs de nauios q̃ cobrião o mar / cō tamanho estrôdo q̃ ho fazião tremeter. Estauão todos muyto esforçados cō a esperança em nosso senhor: z ho primeyro homẽ que pos fogo a hū falcão

foi Antonio carualho que atras no meey. E quis Deos que acertou em hūa lanchara z arrombou a / a q̃ os Portugueses derão hūa grãde grita / dizendo. Vitoria, vitoria: q̃ Deos he cōnosco. E logo tirarão outros quatro tiros, z arrombarão z desaparelharão outras ôze / em q̃ forão mortos muytos mouros. O q̃ quebrou grandemẽte os spíritos aos outros. Laqueirimena z el rey de Draguim tamẽ mādarão poer fogo á sua artelbaria q̃ erã muytos falcões de metal / z fazião remar muyto riço pera chegarẽ aos Portugueses z os aferrarẽ: q̃ coisso esperauão deos matar a todos z não cō a artelbaria, z quãdo forão pera ho fazer nunca poderão apegar os arpeos por amor das esteiras: q̃ a q̃le dia despois d̃ nosso senhor forão saluação dos Portugueses. E bẽ parece q̃ ele por sua misericordia lhes inspirou aq̃le ardil, porq̃ se os mouros os aferrarão segũdo erão muytos z eles poucos não escapar nhũ. E vêdo Laq̃rimena z el rey de Draguim q̃ não podiã aferrar os Portugueses deshonrrauão os seus de couardos z fracos com q̃ eles se desfazião em tirar frechadas sem cõto de frechas eruadas / z muytas espígardadas / z tãtos arremessos d̃ lâças z azagayas q̃ cobrião ho ar, pelo q̃ nenbũa parte ficon dos corpos dos nossos nauios nẽ dos mastos, nẽ das vergas q̃ não fosse pregada deles que parecião pōrcos espis / nem ouue amarra, nẽ corda / nem enxarcia q̃ não fossem trincadas. E os Portugueses com quanto erão combatidos tão brauamẽte,

não perdião ho efforço pera se defederem, e parecia q̃ nosso senhor lho acrecentaua de cada vez mais, tirãdo hũs muytas espingardadas, outros com panelas de poluora e outros com rocas de fogo. E como os nauios dos inimigos erã tãtos não perdião nenhũ tiro/que com todos fazião muyto mal aos inimigos: em tanto que desparãdo cõ hũ camelo meterão no fundo deza sete lancharas em que morrerão bem duzẽtos mouros: a que os Portugueses de rão hũ grande apupada. Do que corridos Laquerimena e el rey de Draguin, apertarão com os seus que se chegassẽ muyto mais aos nossos nauios: e assi ho fizerão ate se pegarẽ coeles de todo. E a batalha se renouou se se podia renouar/ e apressa tambe se acrecentou nos Portugueses em se defenderem. E tomando Antonio carualho que estava na popa dũ dos nauios hũa panela de poluora pera a deitar nas lancharas q̃ atinhão cercada/ rogou, lhe hũ Afonso gil que lha deixasse deitar por estar mais a tiro, e ele lha deu: e em Afonso gil a tomando da lhenela da parte dos inimigos hũa azagaya, e quebrando lha cayolhe aos pẽs, e acendeose ho fogo com q̃ foy queymado em quantas partes estava desarmado, e o fogo se ateou na mezena do nauio. E cuydãdo os inimigos que ardia ho nauio derão hũ grande grita/ remetendo pera entrar pelas duas portinholas que goardão ho leme/ a que algũs dos Portugueses acodirão logo, e coeles ho condestabre do nauio que se passou diante de todos pera dar fo-

go a dous berços que estauão nas portinholas. E como ja os inimigos estauão sobre os berços terã muytos não podia ho condestabre poer ho fogo, e cõ menencoria apanhou polos cabelos hũ deles que achou mais á mão/ e com ho punho da espada lhe quebrou os dẽtes e os berços/ e deu coele entre os outros q̃ estauão nas lancharas pera entrar pelas portinholas, que vendo aq̃le tã mal tratado nã quiserão etrar/ e os que entrãũo despejarão: cõ o q̃ ho condestabre tene lugar de poer ho fogo aos berços/ que desparãdo fizerão hũa espãtosa e horrallhada nos inimigos/ leuãdo abeças/ braços e pedaços dos corpos de muytos q̃ ali acabarão suas vidas: e outros ficarão feridos e aleijados/ com que todos os outros da armada ouuerão tamanho medo q̃ se afastarão e fugirão se aprountarem os brados de Laquerimena, nẽ del rey Draguin pera que tornassem a pelejar: que desesperados de os prouocarẽ a isso se afastarão/ e se forão coeles/ recebendo tamanha perda como digo de lancharas metidas no fundo, e arrombadas, e desparelhadas/ e mortos e feridos sem conto/ sem dos Portugueses morrer mais q̃ hũ que auia nome Luys pirez mercador muyto rico: e forão feridos deza sete. E fugidos os inimigos que ho porto ficou despejado, entrarão os Portugueses nele ao sol posto com muyto grã de alegria de gritas e bõbardadas: e surtos foy el rey de Linga com hũ seu filho e gẽro aos nauios. E era tãta sua alegria de se ver liure/ e de

de ver a sobre natural vitória dos Portugueses sendo tão poucos / q choraua o prazer: e os capitães lhe dizião que não se espantasse, porque bo seu Deos tinha poder pera fazer mayores marauilhas que aquelas: e que a ele desse as graças de tamanho beneficio como aquele fora. E ele bo fez assi: e deixado bo os capitães seguro forãse pera Malaca com muytas dadiuas quelhes ele deu e cõ lhes carregar os nauios de sagu que he bũ pao de q se faz pão, como disse / que pera aqle tempo era a melhor cousa que podia ser pola grãde fome que auia em Malaca.

Capit. cxi. De como el rey de Bintão tornou a fazer guerra a Malaca: e do que fizeram seys Portugueses.

Disto q el rey de Bintão recebesse tamanha qbra e sua armada como disse / nem por isso desistio da guerra q fazia a Malaca, porque fazia conta que ainda que não fizesse mais mal aos Portugueses que to lherlhes os mantimentos q este era muyto grande. E não contente cõ mandar Laquerimena por mar cõ bũa armada / por terra foy bo arre negado que auia nome Buelar com obra de quatro mil homens q assentou seu arrayal obra de mea legoa de Malaca: o que deu muyto tormẽto a Jorge dalbuquerque, porq não tinha mais que ate cẽ Portugueses e muytos deles doentes, e assi doentes os punha nas estancias q ordenou pera se defender dos imi-

gos / porq dali auião de pelesar a pequedo. E estando assi a cousa / derão os imigos bũa noyte de supito na cidade dos Quelins pola banda q se chama Campuchina q era cerca da de muro de madeyra, que por auer dias que era feyto apodrecera a madeyra de comida do bicho / e os imigos q isto sabião arrombarão bũ lanço dele dobra de sessenta passos, e quando cayo fez tamanbo estrondo que acordarão a gente que dormia / a q muytos acodirão pera verẽo que era, e derão cõ os imigos que entrarão por aqle boqueyrão que matarão estes que acharão diante e assi outros: e porq a grita era grande pareceo lhes q acodirão os Portugueses / e por isso se recolherão pera fora leuãdo catinos os que poderão. E nisto acodirão os Portugueses, e dos primeyros forão Nicolao de Sá / e dous outros q vigiãuo coele a ponte: e assi acodio Garcia chainho / e outros muytos. E fazẽdose em corpo no boqueyrão defenderão q não tornassem os imigos a entrar, q vendo q não podião fazer nada se forão pera seu arrayal e Garcia chainho ficou goardando aqle boqueyrão ate q foy manbaã, que Jorge dalbuquerque ho mandou restaurar. E despois disto corrião os imigos muytas vezes á cidade / assi de dia como de noyte, pelo que era necessario estarem os Portugueses sempre vigiãdo nas tráqueyras cõ as armas vestidas, quasi nã dormindo nunca, e comendo muyto mal pola grande falta de mantimentos q auia. E se Garcia chainho não fora q daua de comer a muytos

de todo não comerão, porque como era muyto rico nã estimaua dinheiro por auer mantimentos, e ho mesmo fazia Jorge dalbuquerque, que auia muyto grande dó dos Portugueses: a que chamaua martires polo grande trabalho que leuauão / e dizialhes quenão sabia com q lbes el rey pagaria tão seruiço / e quando os via feridos cõsolaua os muyto, e dizialhes q prouuera a Deos que fora ele o que recebera aquelas feridas por seruiço de Deos e del rey. E coisto se esforçauão todos e sofrião quanta fadiga padecião / e pelejaão de modo que vendo Auelar quão pouco fazia ser recolheo pera Penagim hũ lugar sete legoas de Malaca, e dali fazia ás vezes suas corridas. E durãdo assi esta guerra deu ho Auelar hũ bãquete geral em que os principais do arrayal se embebedarão, e despois de bebados se tomarão as mãos, e se derão a fé de irem correr a Malaca e cortar a cabeça a Garcia chainho, e a trazerem: e isto polo grande odio q lhe tinhão pola causa que disse. Fezta esta promessa / embarcarãse estes que digo com outros que forão por todos duzentos e sessenta homens e doze velas. s. lancharas, paraós e calaluzes. E chegãdo a hũ rio duas legoas de Malaca, meterãse nele por ser muyto cuberto dar uozedo: e deixando ali sua frota escondida forãse a Malaca, e postos em cila da mandarão correr certos mouções (que assi chamão aos alinogaues) e estes forão matar certas vacas que andauão pacendo / pera os Portugueses lbes sayrem e eles os

leuarẽ á cilada. E dado rebate na fortaleza / sayo Garcia chainho cõ esses que poderão sayr / e os Mouções cõ medo fugirão tanto que os Portugueses os não virão: e tambem cõ a grande bastidão do mato. E vendo Garcia chainho que não parecia ninguẽ / tornou se e todos os outros saluos seys que antes que ele fizesse volta se apartarão do corpo da gente per hũa vereda / e por isso não sentirão tornar Garcia chainho e passarão auãte, e estes forão Francisco correa / Ruy lobo e outros quatro a que não soube os nomes. E indo assi por aquela vereda forão dar na cilada / e vendo tanta gente como disse q era, quiserã fugir se não fora por Francisco correa, q alem de ser muy esforçado caualeyro a doente e fraco e vio que se os outros fugissem que ele não auia de poder fugir e q ho auião de matar, e por isso fez coeles que não fugissem e pelejassem: dizendo lhes q se eles estuerão descansados que fora bẽ fugirem porque ho poderão fazer / mas tão cançados como yão q era escusado / por q os inimigos os auião logo de seguir e os auião dalcãçar e matalos: por isso q melhor seria pelear fazendose fortes debaixo da q las aruozes / e que poderia ser que lbes acodiria a outra gente. E parecendo isto bẽ aos outros / meterãse todos debaixo de hũas aruozes q chamão rambosteiras que se parecẽ cõ larãgeiras e assi sam çarradas / e dali começarão de tirar aos inimigos com duas espingardas que tinham / antre os qes e eles ficaua hũ peqno escampado. E os inimigos q

virão aqueles poucos tirar-lhes, crerão que ho corpo da outra gente deuia destar ali e que se encobria cõ ho arvoredo. E coísto que crerão não oufarão de sayr todos a eles, e tirauã-lhes donde estauão muytas frechadas / e de lhes crescer a cobiça de os matarem sayão de quando em quando hora sete hora oytto des-fes que se tinhão por melhozes caualeyros. E os Portugueses que os vião tão poucos remetião a pelejar coeles e sempre matauão algũs cõ as lanças e com as espingardas. E em espaço de hũa hora que durarão estes cometimẽtos / forão mortos onze dos principais dos inimigos e fora outros muytos que forão feridos / e dos Portugueses morreo hum que era bombardeyro e foy morto por cobiça dum cris que quísera tomar a hum dos mortos e pregarãno com hũa azagaya em cima do morto / e foy ferido frãcisco correa de hũa frecha que lhe atraueffou ho pescoco, e assi pelejou sempre muyto esforçadamente. E vendo os inimigos quão mal os tratauão, ouuerão por seu barato de se ir / e idos forã seta e tambem os Portugueses pera a fortaleza leuãdo sobraçado frãcisco correa: e cõtãrão a Jorge dalbuquerque o que lhes acontecera, e a ele lhe pareceo bem que fossem apos os inimigos / e mandou a Garcia chainho, q̃ foy leuando algũs Portugueses e gente da terra, e polo rasto do sangue que era muyto foy apos os inimigos ate sayr do maro á praya onde estauão / e tanto que virão Garcia chainho poserã se em som de pelejar,

parecêdo-lhes que Garcia chainho o uuesse medo e que os não cometeria: mas ele que não desejava outra cousa se não pelejar coeles / ordenou sua gente pera ir dar neles / o que eles vêdo fugirão ao lôgo da praya e não forão pera ho rio porque os não entendessem que tinhão ali armada: porẽm os Portugueses os entenderão e a buscarão / e achando mandou Garcia chainho arrõbar os mais dos nauios / e os pequenos mandou os pera a cidade com a gente da terra. E isto feyto tornou se pera a fortaleza por terra em anoytecendo / onde chegarão ao outro dia pola manhaã / e dali por diante fazião os inimigos suas corridas aa cidade, assi por terra como por mar: porẽm não se fez mais feyto notauel que os que digo, e durou a guerra ate a chegada de Pero mazcarenhas / em que os Portugueses passarão tanto trabalho e fadiga quanto não se pode contar, vigiando sempre de noyte / e não dormindo de dia, e estando de contino armados ás chuvas e vêtos e outras vezes ao sol: e sem comerem mais que arroz: e carne ou pescado de marauilha, porque pola esterelidade dos mantimentos não se podião auer / e valia hũa galinha tres cruzados e quatro / e fazia cinco quem a vendia aos quartos porque daua a descaída por hũ e se não forão Jorge dalbuquerque e Garcia chainho que dauão mesa quasi que não escapara nenhum Portugues / porque ainda assi morrerão duzentos e corenta Portugueses a ferro e de fome / doença e

trabalho despois que Martim afõ
so de soula foy em Malaca.

Capitulo. cii. De como Pero
mazcarenhas foy entregue da
capitania de Malaca.



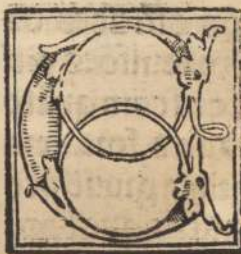
Pero mazcarenhas
q̃partio pera Ma-
laca com a armada
que disse nauegan-
do por sua viagem
topou cõ hũa nao
de mouros de Cambaya que foy to-
mada pelos Portugueses, em que
foy achada muyta riqueza. E Pe-
ro mazcarenhas fez capitão dela a
te Malaca a Diogo chainho que ya
por feytoz de Malaca, a que chegou
primeyro que Pero mazcarenhas.
E sabido per Garcia chainho seu
irmão como estaua no porto foy
por ele á nao em hum calaluz acom-
panhado de treze homens honrra-
dos / e ya vestido tão ricamẽte que
a espada que leuaua com as cintas
tinha dous mil cruzados douro. E
em saindo do rio çoçobrou ho cala-
luz e morrerão quantos yão nele
saluo hũ negro: e assi acabou Gar-
cia chainho tendo feyto tanto ser-
uiço a Deos e a el rey, e ficou por
sua morte grossissima fazenda: e de
tudo Diogo chainho tomou posse.
Enisto chegou Pero mazcarenhas
e per virtude da prouisam que leua
ualhe entregou Jorge dalbuquerque
que a capitania de Malaca / e como
foy capitão mandou prender Dio-
go chainho por se meter de posse da
fazenda de seu irmão sem mais au-
toridade de justiça, e sendo sua fa-

zenda obrigada a el Rey pelo offi-
cio q̃ tinha ate dar cõta. E despois
ho mandou preso aa India, onde
gastou quanto tinha em se liurar.
E passados algũs dias despois de
Pero mazcarenhas estar de posse
da capitania / como el rey de Bin-
tão ho soube / e que era chegada gẽ-
te de refresco a Malaca, porque nã
cuydassem os Portugueses que ele
por seu medo diuistia da guerra tor-
nou logo a ela, mandando gẽte por
mar e por terra que fossem correr a
fortaleza: e assi ho fazião. E os por-
tugueses tornarão aos trabalhos
da guerra, e continuamẽte estauão
armados por quão continos erão
os rebates que os inimigos lhes
danão, com que sayão a pelejar qua-
si cada dia. E Pero mazcarenhas
saya muytas vezes a estas pelejas:
e sempre Deos seja louuado leuaua
ho milhor dos inimigos / posto que
erão muyto mais que os Portu-
gueses. E hũ dia saindo Pero maz-
carenhas a pelejar prendeo hũ dos
capitães dos inimigos / e assi outro
homẽ / que ambos se defenderão
valentemente: e despois de presos
ouuera ho capitão de matar a Pe-
ro mazcarenhas cõ hũ cris / selhe
não bradarão que se guardasse: pe-
lo que logo Pero mazcarenhas ho
mandou deitar do terrado da torre
da menagem a baixo. E ho outro q̃
rêdo meter em hũa bombarda pe-
ra a despararem coele soltou se / e
matou ho condestabre: e então ho
matarão. E durando assi esta guer-
ra por se Pero mazcarenhas liurar
dela, e dar que fazer a el rey de Bin-
tão mādou a Ayres da cunha capi-

tão mór do mar que se fosse poer na sua barra com hum galeão e certas fustas com que lhe tolhia os mantimentos e as mercadorias / e deu a fazer que fazer a el rey. E tambem neste tempo chegou a Malaca Martim afonso de melo iufarte: da ilha de Banda donde inuernara: e Pedro mazcarenhas lhe pediu que pois ho deos ali leuara naquele tempo q fosse fazer guerra a el rey de Patane que estaua leuantado como disse atras. E com quanto Martim afonso não estaua tão do braço em que fora ferido em Maluco, por se uir a el rey aceitou a ida / e foy no mesmo galeão em que fora por capitão moor de Salazar rodriguez raposo que ya em hũa nauio de gaúia / e dũ Luys brandão que ya em hũa carauela e doutros quatro capitães que yão em lancharas. E leuando nesta frota duzentos Portugueses se foy dereyto ao porto de Patane, onde achou dezaseys iungos carregados de gente e de mercadoria / assi da terra como doutras partes, e todos os tomou por força d'armas matando e ferindo muytos dos inimigos sem dos Portugueses morrer nenhum. E vendo se el rey de Patane assi apertado, mandou pedir pazes a Martim afonso: offrecendose a pagar todas as perdas que os Portugueses tinhão recebidas em seu porto / e obrigando se a mandar a Malaca os mantimentos que ho capitão de Malaca quisesse de sua terra: e que Martim afonso tornasse os cascos dos iungos que tinha tomados. E isto jurado e affirmado, se comprio tu-

do: e Martim afonso se tornou a Malaca, donde se foy despois aa India.

Capítulo. ciiij. De como dom Garcia anriquez chegou á fortaleza de Maluco.



Entrado ho mes de Mayo q era a moução pera Maluco, partio se dom Garcia anriquez da ilha de Banda onde estaua com Martim afonso de melo iufarte. E indo por sua viagẽ chegou aa ilha de Ternate a tempo que Antonio de britto queria mandar sobre ho lugar de Damafo q era del rey de Tidore. E surto dom Garcia no porto de Talangame que he ho porto dos iungos e naos, duas legoas da fortaleza, mandou notificar a Antonio de britto sua chegada e como ya por capitão de Maluco / por isso que lhe despejasse a fortaleza por que não auia de desembarcar a te não ser despejada. E Antonio de britto vendo este recado tão seco este ue em lhe não dar a fortaleza. E cõtudo mandou lhe dizer que fosse a ela e que laa se faria o que fosse seruiço del rey. E dom Garcia não ousa ua dir sem primeyro Antonio de britto lhe despejar a fortaleza / por que receaua que desembarcando antes de ser despejada lha não entregasse / e mais lhe tomasse a armada que leuaua / e por isto não desembarcaua, nẽ desembarcara se ho não segurara Antonio de britto, que ho recebeo com muyto grande festa e

haleuou a comer coele, e assi ao feytor e alcayde moor. E acabando de comer quisera dom Garcia que vira logo Antonio de Brito as suas prouisoões / e que lhe entregara a fortaleza / e Antonio de Brito não quis. E despois de dormirem as vi- rão sendo presentes ho feytor e alcayde moor e outros officiaes da fortaleza. E lidas as prouisoões, disse Antonio de Brito, que com quão ele podera não entregar a fortaleza a dō Garcia por aquelas prouisoões leuarem algũas diuidas que logo apontou, que era contente de lhe entregar a fortaleza / mas que não auia de ser senão no Janeyro seguinte que era a moução pera se ir pera Malaca. E porque dali a Janeyro auia oytto meses / disse dom Garcia que não queria tal entrega / e reque- reo ao alcayde moor e feytor que lhe fizessem logo entregar a fortaleza. E polo não quererem fazer / e ver dom Garcia que era tempo perdi- do estar ali mais / fez suas protesta- ções e foy se pera sua armada. E des- pois de ser laa Antonio de Brito se concertou coele, que por quanto ti- nha bum jungo começado que se a- cabaria no Agosto seguinte, lhe en- tregaria então a fortaleza / e que en- tre tanto se fosse pera ela / e estarião ambos como era rezão. Do que dō Garcia foy contente: e logo se foy pera a fortaleza / e estiuerao muyto amigos em todo este tempo.

Capitulo. cclij. De como entra- do ho inuerno el rey de Calicut mandou fazer guerra a dō João delima.



El rey de Calicut q̃ tinha determinado de fazer guerra aa nossa fortaleza e to- mala como disse a- tras / por a segurar dom João que perdesse a sospeita dele mandou bũ mouro chamado Lambeamorim com bũa carta de crença ao gouer- nador sobre pazas / e que polesse ele as condições com que as queria fa- zer. E isto tambem pera que ho go- uernador perdesse algũ receo se ho tinha da guerra, e se descuydasse de prouer a fortaleza como era necessa- rio. E este mouro chegou a Cochĩ na fim de Mayo, e deu ao governa- dor a carta de crença que lhe leua- ua del rey de Calicut / e disselhe o que leuaua por instrução sobre as pazas. De que ho governador foy contente por amor da guerra que es- peraua de fazer a el rey de Cãbaya, e disse ao Lambeamorim: q̃ ele não faria pazas com el rey de Calicut se não coestas condições, que auia de tornar toda a artelharía que tinha dos Portugueses, e lhe auia den- tregar quantos paraós auia em seu reyno, e nunca mais se auião de fa- zer outros. E assi lhe auia dêtregar certos mouros que logo nomeaua, que forão causa de certas treições e mortes que fizerão a Portugue- ses / e quey marão a Igreja de sam Thome de Cranganor / e que auião de pagar ho dinheiro que custasse a redeficar. E que bũ grão senbor gẽ- tio chamado Calurte canaire que a judaua el rey de Cochĩ na gnerra q̃ tinha cō el rey de Calicut / auia de ficar amigo del rey de Cochĩ como

era, e ho auia da judar como ajuda
ua. Coesta reposta se partio Zabea-
morim pera el rey de Calicut auer
de confirmar estas pazes / e mādā
disso hū contrato assinado por ele
ao gouernador: e como tudo era fin-
gido nāo ho mādou el rey mais nē
nenhū recado outro / antes parecē-
dolhe que tinha tempo pera come-
çar a guerra por ser entrado ho in-
uerno / em que fazia cōta de nāo po-
der ir socorro a dom Joāo, mādou
sobrele ho seu capitāo do campo e
ho senhor da serra com doze mil ho-
mēs de peleja, pera que entre tanto
que ele ya cingirem a fortaleza de
caua que chegasse de mar a mar / e
assí hūa trinchā, porque a gente de
suas estācias se emparasse nelas da
artelbaria dos Portugueses, e coe-
les mandou hū Cesiliano arrene-
gado mestre de campo que era grā-
de official d'artefícios de guerra / e
andarāo no campo do turco quando
esteue sobre Rhodes. E chegada es-
ta gente a Calicut foy hū dia dar vi-
sta aa fortaleza, tirandolhe muytas
espingardadas e frechadas. E por
amor da artelbaria da fortaleza que
começou de varejar nāo se ousou de
descobrir muyto, e tirauāo d'entre
casas derribadas e paredes velhas
que estauāo perto da fortaleza. E
dom Joāo como era muyto esforça-
do, disse aos principais que estauāo
coele que saysssem aos mouros / por
que cuydasssem que os nāo temião:
e assí ho fez leuando diāte os espín-
gardeyros que tinha / e deu tãō ri-
so neles que os fez recolher pera dē-
tro da cidade / e ele tornouse aa for-
teza, que tinha bem prouida com

receo da guerra de muyto caruāo
pera poluora / e lenha pera fazer ou-
tro, de muyta pedra e madeira pera
repayzar os muros se disso ouuesse
necessidade.

Capit. cv. De como os inimigos
começarāo de cercar a fortaleza
de cauas pera assentarem suas es-
tācias.



RLogo ao outro dia an-
te manhaā começarāo
os imigos com muyta
gente de seruiço que ti-
nhāo d'abrir hūa caua que na guer-
ra passada começarāo d'abrir, q̃ da
banda da cidade começaua da rua
dos torneyros e ya d'ereyta as ca-
sas deuarte barbosa: e assí come-
çarāo d'abrir hūa trinchā que he ca-
ua em voltas / que começaua do cā-
po dos mainatos e ya d'ereita a rua
da China cota, e na largura delas
cabia hūa fieira d'oyto homēs que
cauauāo: e era com determinação /
como disse de cingirē a fortaleza de
mar a mar. E oom Joāo que ho en-
tendeo, trabalhaua quanto podia
por lho esforuar: dandolhes cada
dia muytos rebates / e que sempre
os Portugueses matauāo algūs:
e porem como eles erāo muytos nā
deixauāo de leuar sua obra anante.
Entendēdo dom Joāo q̃ era pera
lbe tolherem ho socorro que lbe fos-
se, fez hūa noyte con conselho dos fi-
dalgos e caualeyros q̃ estauāo coele
hūa coirāça de pipas cheas de ter-
ra que começaua da fortaleza e che-
gaua ate ho mar / e por cima delas
hūa trāqueyza muyto forte. E dali
por diāte mandaua dō Joāo vigiar

de noite esta couraça porq̃ lha não
queimassê: e depois dela feita porq̃
a feitoria estaua fora da fortaleza, e
assi ho almazê e casa da poluora: e
tudo o q̃ estaua dētro corria risco d
ser queimado, recolheo dō João tu
do na fortaleza, sobre o q̃ tene grãde
peleja cō os inimigos q̃ lhe querião re
sistir: mas sempre leuauão ho pior.
E despejadas estas casas fazião da
li os portuguezes muyto dāno aos
inimigos/ tirandolhes por espingar
deiras muytas espingardadas q̃n
do corriã a fortaleza/ q̃ era quasi ca
da dia: e acabado de se afastarē sal
taua dom João nas cauas q̃ os imi
gos fazião/ leuãdo os seus muytas
panelas de poluora com q̃ queima
uã muytos. E coestes rebates fazia
dilatar q̃ não leuassem as cauas de
mar a mar. E a fora este mal recebiã
os inimigos outros da nossa artelha
ria, quelhes fazia muyto dāno. E q̃
vendo ho Ceziliano q̃ disse/ mãdou
cobrir de vigas muyto grossas, o q̃
era aberto das cauas: e assi como
yão abrindo assi ho cobrião: e isto
porq̃ a artelbaria da fortaleza não
podesse fazer mal aos inimigos: nem
tambê os Portuguezes lhe não po
dião fazer tão dāno como dantes
com as panelas de poluora. Porem
dō João não deixaua de os saltar
cada dia, e se teuera mais gente da
q̃ tinha segūdo era efforçado dera
batalha aos inimigos, e os fizera de
todo deixar as cauas, mas nã tinha
mais de trezētos homens. E como
cō tão pouca gente não podia fazer
mais q̃ dar picadas/ leuauã os imi
gos a trincha ate a rua da China co
ta ôde acabou/ e ficaua da bāda do

sul. E por industria do Ceziliano
começarão logo de fazer ali hū re
paíro pera assentarē nele hū traba
co com q̃ deitassem pedras muyto
grãdes na fortaleza em quanto lhe
não dessem bateria. E posto que dō
João não presumisse ho fim pera q̃
era ho repaíro/ pareceolhe bē com
cōselho q̃ sobrisso ouue de estornar
q̃ ho repaíro não fosse por diãte: pe
ra o q̃ sayo fora da fortaleza cō duzē
tos Portuguezes. E ficado em cor
po com os cento, mandou a dō Al
co delima e a Jorge de lima q̃ cada
hū com cincoēta dessem por sua par
te nos inimigos q̃ estauão em goarda
dos q̃ fazião ho repaíro q̃ serião bē
oyto centos. E assi ho fizeram com
tamanho impeto q̃ derão logo no
chão cō muytos mortos despingar
dadas, e outros os queimados cō pa
nelas de poluora, e os viuos se aco
lherão fugindo: e dos Portugue
ses aprouue a nosso senhor que não
morreo nenhū/ e sōs dous forão fe
ridos. E tornãdo os inimigos a prof
seguir no repaíro cō quasi dobrada
gēte em goarda do q̃ dantes estaua:
tornon dō João a dar neles pela or
dē que dera da outra vez, e forão ef
carmetados de tal maneyra q̃ não
ousarão de tornar mais ao repaíro
e ho deixarão

Capitolo. cxj. De como depois
de el rey de Calicut ser na cidade
dom João delima quimou as ca
sas da feytoria e alimazem.

Grande contentamēto era
ho dos mouros de Cali
cut de verē como ho cerco
da fortaleza ya por diãte,

porq̃ eles erão os que conselhauão a el rey que fizesse esta guerra/ e ho ajudação muyto nela com determi nação de tomarem a fortaleza, pera coisso tornarem a cobrar ho credito q̃ tinham perdido na Índia, porque não ousauão de falar perante os Mayzes q̃ lhes dizião mil injurias/ e que não sabião mais q̃ meter a el rey na guerra, e que ho não sabião liurar dela/ e por terem guerra cõ os Portugueses não tinham q̃ comer e morrião de fome. E cõ tudo el rey de Calicut fauorecia os mouros polo proueito que recebia deles e por isso fazia a guerra, e por se não irẽ de Calicut nem de seu reyno que sem eles ficaua de todo pobre: assi que por os mouros cobrarẽ ho credito que tinham fazião com el rey q̃ fizesse esta guerra, em q̃ quasi todo ho gasto era a sua custa deles. E por que sabião q̃ com a vinda del rey de Calicut ho cerco da fortaleza auia de ser mais apertado, foranlhe al gũs pedir que se fosse pera Calicut: e como ele estava apercebido do mais de que tinha necessidade pera a guerra/ e acompanhado de muytos reys e senhores que ho ajuda uão foyse logo a Calicut, onde chegou na entrada de Junho, e achou que tinha nouenta mil homens de peleja antre mouros e Mayzes / e antrestes auia dous mil espingardeyros e artelbaria grossa e miuda q̃ abastaua pera dar bateria a fortaleza. E quando el rey chegou foy dissimuladamente aa fortaleza sem nenhũ estado por não ser conhecido/ e lhe não tirar a artelbaria: e vendo a fortaleza quão pequena era / disse

que pera que era mais detenção se não tomala logo. E ho seu capitão do campo lhe disse que não se podia aquela fortaleza tomar tão leuemẽte como lhe parecia/ porq̃ os Portugueses a defendião tambem/ que se a eletomasse por espaço de tempo cresse que acabaua hum grandissimo feyto. A que el rey respondeo/ que ele a tomaria: porque não ajũta ra tamanho poder de gente se não pera a tomar. E coisso se foy a seus paços: e este dia deu vista aa fortaleza bũa boa soma de gente, dando grandes gritas. E dom João lhe sayo ate a feytoria, donde lhe os Portugueses tirarão muytas espingardadas/ e coelras e com a artelbaria ficarão no campo bencin coenta dos inimigos. E ho Ceziliano por quebrar ho coração a dom João/ lhe disse aquele dia que el rey de Calicut era na cidade / fazendo lhe a sua gente mais do que era, e en grandecendo muyto seu poder. E dom João lhe disse q̃ folgaua muyto com sua vinda, porque dali por diante pelejaria com gosto, e assi os que estauão coele/ e mostrarião pera quanto erão: porque ateli como lhes parecia que pelejauão com os capitães del rey de Calicut auianse por deshonrrados e não pelejauão pera mais que pera se defender. Do que ho Ceziliano ficou muyto espantado por crer que era assi. E dõ João posto que lhe os inimigos não coressem sayo com os seus a dar nos que andauão nas cauas, assi de dia como de noyte / e isto tão amilde que os fazia espantar de como com tão pouca gente como

ti nhafazia tanto/ e por em feriãlhe muyta gête/ pelo q̃ não quis mais ir dar nas cauas: mas punha nas casas da feytoria e almazem, e dali lhes mandava tirar quando corrião a fortaleza. E vendo ho capitão do campo isto/ correu hũa tarde cõ algũa gente, e como viu que os Portugueses estauão nas casas que digo manda chegar todos os seus espingardeyros, pera que combatessem as casas com espingardadas: e durou ho combate todo o q̃ estaua por passar do dia e toda a noyte seguinte, reuezãdose os espingardeyros de maneyra que continuamête tirauão as espingardadas / que de serem muytas quebrarão as nossas espingardeiras / e senão fora hũ traues de madeira de que hũs tiros varejauão os inimigos / os Portugueses se virão em grande aperto: e forçadamente esteuerão tanto tempo nestas casas / porq̃ corrião muyto grande risco se faysão. E por deradeyro quis nosso senhor, que assi com as espingardas como com a artelharía matarão tantos dos inimigos que os fizerão afastar: do que dom João deu muytas graças a nosso senhor de ho liurar da q̃le trabalho que teue muyto grãde de ver ho aperto em que os seus esteuerão. E logo pos em conselho se se poderiam foster aquelas casas da feytoria e almazem. E por todos foy acordado que não por amor do grãde poder de gente que os inimigos tinbão / que ho mais seguro seria queymarênas e recolherense aa fortaleza. E aquela tarde foy logo feyto/ sem lhe os inimigos cõtradize-

rem/ porque folgarão muyto de verem queymar aquelas casas de que recebião tanto dãno: e porque era caminho de os Portugueses não quererem sayr mais da fortaleza/ com que não receberião estoruo em fazer as cauas e as acabarião. E recolhido dom João na fortaleza, fez alardo e achou que tinha perto de trezentos homens / porq̃ algũs erão mortos e outros estauão feridos / e antre esta gête auia algũs fidalgos seus parentes todos muyto efforados e de grande confiança. E porq̃ dom João conhecia ho efforço destes e dos outros / tinha esperança em nosso senhor que ho liuraria daquele cerco com sua honrra, e mandou fechar hũ poço dagoa nadiuel q̃ tinha a fortaleza, em q̃ auia agoa pera hũ anno sem beberê por regra. E fechou ho porque os escrauos nã deitassem nele peçonba, e tinha a chane porque foubesse quando se abria: e achou que auia na fortaleza tanto arroz que abastaria hũ anno, posto que comessem largamente/ por em doutros mantimentos não auia senão pera poucos dias. Ordenou tambẽ dom João as estancias que auia dauar na fortaleza pera de fensa dela que forão seys / cujos capitães forão dom Vasco de lima / Jorge delima / Antonio de sã, Ruy de melo seu irmão / João rabelo feytoz / Antonio de serpa, e Daniel de faria escriuães da feytoria. E dõ João com algũs parentes seus / e ho resto da gente que sobejou das estancias ficou por sobre rolda pera acodir às partes mais fracas, e por ser a fortaleza conchegada podiãse

todos ajudar hũs aos outros que foy grãde bê pera quã poucos erã.

Capit. cvij. De como despois de sedom João recolher na fortaleza/assentarão os immigos suas estancias e começarão de bater a fortaleza.



Recolhido dõ João de lima na fortaleza e queymadas as estancias que tinha fora dela: foy grande prazer nos mouros cuydando que aquilo era com medo/ e assi ho disse rão a el rey, certificandolhe q̃ auião de tomar a fortaleza/ e fazião muytos feros contra os Portugueses fazendo deles muyto pouca cousa. E logo na noyte seguinte derão tamanha pressa na caua e na tríncha q̃ çarrarão coelas no mar, assi da banda do sul como do norte/ e erão da altura de hũa lança, e ficauão da fortaleza a tiro de pedra, e podião andar por elas sem a artelharía da fortaleza lhes fazer nojo. E a rezã por que cercarão a fortaleza destas cauas e as çarrarão no mar/ era pera q̃ onde çarrarão assentassem duas estancias d'artelharía pera tolherẽ ho socorro q̃ fosse aa fortaleza por mar. E estas assentarão logo em amanhecendo/ em que auia tiros ençarrados, que quando não fosse tempo de jugarem pera ho mar tirassẽ a fortaleza/ e assentarão hũa estância da banda do norte em que assentarão dous tiros grossos com que começarão de tirar a fortaleza, e dali por diante começarão de assentar

outras estâncias pera baterem a fortaleza: e forão estas. No lugar onde se teuerão as casas da feytoria assentarão hũ camelo que fora dos Portugueses cuberto com hũa manta e auia de bater a torre da poluora/ e mais afastada desta no mesmo lugar estaua outra estância com outra manta em que auia quatro tiros de metal de camaras que tiraua cada hũ pelouro d'ferro coado tamanho como de hũa espera/ e deste tamanho os tirauão todos os tiros que tirauão pelouro de ferro coado. E esta estância auia de bater ho pano do muro que corria do baluarte da fortaleza ate a torre da poluora: fizeram outra da banda do sul, de que auião de jugar sete tiros quatro q̃ deitauão pelouro de pedra de tres palmos de roda, e os outros de ferro coado: e esta auia de bater ho pano do muro d'antre ho baluarte do feytoz e ho do almagem/ e aos mesmos baluartes. Da banda de leste fizeram outra dentro na cidade/ em que auia outras sete peças grossas e cinco deitauão pelouro de pedra/ hũa de sete palmos de roda e quatro de tres/ e as duas de ferro coado: e esta auia de bater ho pano do muro d'antre ho baluarte do feytoz e a torre da poluora, e a mesma torre, e ho baluarte/ e a torre da menagem. E a fora estas estancias auia outras duas da banda do norte e da do sul cada hũa de seys tiros ençarrados que podião jugar pera ho mar se fosse socorro a fortaleza, e ho outro tempo auião de bater os baluartes do alcaide mór e do almorixe que estauão daquelas bandas.

E todas estas estancias estauão a tiro de pedra da fortaleza/ a que começaram de dar bateria a treze de Junho pola manhaã: que foy hũa cousa bem espantosa quando se começou com a muyto grossa fumaça que se levantou de hũa parte e da outra/ e ho medonho estrondo dar telharia que fazia tremor a terra e ho mar/ e parecia que tudo auia de ficar destruydo: e quasi todo ho dia que a bateria durou não se enxergou nada com fumo, e despois que descobrio appareceu a nossa fortaleza saã e a sua artelharia inteira e sem aleijão/ que aprouue a nosso senhor que nunca he os inimigos poderão acertar com a sua pera a cegarem: e errarão todos os tiros dando por esses muros e baluartes, e outro mal não fizeram: e a nossa artelharia que tirou em todo este tempo lhes fez muyto dano, porque como eles cuydauão que logo a nossa artelharia auia de ser cega/ descobriranse muyto e por isso os tiros pescarão muytos. Do que el rey ficou muyto triste quando ho soube: e assi os mouros vendo que os seus bombardeyros erão tão pouco certos. E dom João e os seus ficaram muyto ledos/ e derão muytos louvores a nosso senhor e se esforçaram muyto mais que dantes pera se defenderem vendo a merce que lhes nosso senhor fazia, e na noyte seguirão grandes alegrias de folias e tangeres pera que os inimigos soubessem que os não tinham em conta, que estauão disso muyto espantados.

Capitolo. cvl. De como os inimigos começaram de fazer hũa albarrada.



Dom quanto os mouros virão quão pouco dano os seus bombardeyros fizeram na artelharia da fortaleza/ não deixarão de proseguir a bateria pera ver se a podião cegar: mas quis nosso senhor que sempre a errarão, e dauão por esses muros e baluartes, a que começaram de fazer dano, e de dia deixauão apontada a artelharia pera atirarem de noyte: e hũa noyte ao quarto da prima tirou da banda da cidade hum tiro que tiraua pelouro de pedra de sete palmos de roda e levou duas ameas do muro/ e levou ho sino da vigia em pedaços. E dom João acodiu logo as ameas com seus sobre salentes que as refizerão: e estes trabalhos erão continuos despois que se começou a bateria. E vendo ho Ceçiliano quão agastado el rey de Calicut estaua por não se poder cegar a nossa artelharia: disselhe que não se agastasse/ que ele faria hum arteficio com que os seus tomassem a fortaleza e nã tardarião mais em a tomar que em quanto se acabasse. Este arteficio foy hũa albarrada a que por outro nome chamão montanha/ de qo turco vsou no cerco de Rhodes onde este Ceçiliano se achou como disse. Estas albarradas são serras darea, de pedras/ e de rama, tudo mesturado qo gastadores q andã nos campos leuão diante de si compás e enxadas ate as igoalarê com

os muros das fortalezas ou cidades que tẽ cercadas: e isto pera lhes embarçarem os pelouros da artilharia e eles sobirem a seu salvo, ou ao menos sem tamanho perigo como correm sobindo por escadas por amor das panelas de poluora e outros artefícios de fogo que os inimigos lanção decima aos que sobem. E nesta albarrada que digo começará logo de trabalhar tres mil homens de serviço que chamão gas-tadores / fazendo hum dos pés onde forão as casas da feytoria / e ho outro junto da casa que foy da poluora / e ambos a tiro de pedra da fortaleza. E quando dom João vio começar esta obra / cuydou que era entulho com que os inimigos querião entulhar a caua da fortaleza com determinação de a escalamem / e por isso se percebeo logo de muitas panelas de poluora e doutros artefícios de fogo. E esta sospeyta pos dom João em grande cuydado e affiaos que estauão coele, por saberm de certo a grossa gente dos inimigos que estaua sobreles, e que se prouassem de sobir ao muro corrião muyto risco de os entrarem / e por isso acordarão todos que dom João mandasse pedir socorro de cem homens ao gouernador / e assi de poluora: dandolhe conta do que passaua. E este recado foy em hũa almadia que não auia outra cousa em que fosse.

Capitulo.cix. De como dõ João delima mandou pedir socorro ao gouernador e lho mandou.



S nouas do cerco desta fortaleza de Calicut forão ter ao gouernador, estando ele esperando pola confirmação das pazes que lhe auia de mandar elrey de Calicut. E como era ja inuerno e a barra de Cochim estaua çarrada, e as toruoadas erão muy grandes e perigosas na costa não se atreueo a mandar nenhum socorro: porem tẽdo apos esta noua outra que dom João estaua mais apertado / e que os inimigos ho combatião mais riço que Malabares, começou de mandar fazer prestes duas carauelas latinas que foy enformado serem nauios / que melhor que outros sayrião pela barra. E nisto aos dez dias de Julho chegou a Cochim a almadia em que y a bo recado de dom João / que por milagre de nosso senhor escapou dos muyto grossos mares / e muy furiosos e rijos ventos que achou com que mil vezes estene çoçobrada e mergulhou por debaixo dagoa: e por que não soube ho nome do que foy nela ho não digo / mas ele passou ho mayor perigo que se podia passar por mar. E sabendo ho gouernador a verdade do cerco por este recado de dom João, e a necessidade que tinha de lhe socorrer com gente / começou de a mandar fazer. E sabendose entre os que ali então estauão / ho pera que era, se lhe offrecerão algũs fidalgos pera irem socorrer a fortaleza, e antre estes forão Manu el cernise, Christouão fusarte / e Duarte dafonseca / porque como

erão muyto efforçados e desejos de seruirem el rey não recearão bo perigo que estava muyto certo, assi no mar como na terra: o que lhe bo governador agardeceo muyto, porque estes animarão outros a irem de boa vontade / e ajuntarãse cento e cozena homens que se embarcarão nas duas carauelas que estão prestes / de que foy por capitão moor Christouão iusarte / e na outra carauela foy Duarte da fonseca filho do doutor fernão da fonseca, e ambos sayrão pela barra de Cochim com grande perigo a treze de Julho: com regimento do governador / que chegados sobre Calicut, chegassem bo mais que podessem as carauelas a terra / assi de hũa parte como da outra da fortaleza defronte das estancias dos inimigos que nelas estauão / a que tirarião com a artelharía das carauelas, e entretanto que tirasse andarião eles em dous paraós de naos Malabares que leuauão pera desembarcarẽ antre as carauelas / e andarião assi ate verem recado de dom João / e sem ele não sayrião em terra. E despois de partidas estas carauelas, receando bo governador que esgarrassem com algũa toruoadã e não podessem tomar Calicut, e a fortaleza ficasse sem socorro, mandou apos elas hũa galeota com a mais gente que pode, de que foy por capitão Francisco de valconcelos canaleyro de muyto efforço / a que deu em regimento que sendo caço que achasse que a fortaleza não era socorrida se fosse com Duarte da fonseca a Cananoz, e diria da sua

parte a Eytor da silueira que socorresse a fortaleza, porque de laa bo poderia melhor fazer que bo gouernador: e a Eytor da silueira escreueo por terra bo cerco da fortaleza, e bo socorro de gente que lhe mandaua / pedindolhe que a socorresse por sua pessoa com mantimentos, e poluora / e gente se a que mandaua lá não podesse ir.

Capit. cx. De como os inimigos começarão de tirar com hũ trabuco á fortaleza, e de como foy espedaçado.



Es pois de dom João mandar pedir socorro ao governador vêdo os mouros que aua detença em se acabar a albarrada, fizeram por industria do Ceziliano armar hũ trabuco que ele fabricou / e foy armado nas casas de Duarte barbosa pera deitarem coele na fortaleza pedras muyto grandes com quelhe derribassem os baluartes e as casas. E coeste trabuco começaram os inimigos de tirar bo primeyro dia de Agosto / tirando á torre da poluora pera a derribarem, parecêdolhes que ali farião mais dano q em outra parte / e acertarãlhe com seys pedras arreo e erão as pedras tamanhas que logo lhe abzirão as paredes / e os inimigos com prazer leuantarão muytas gritas. E dom João como vio bo dano q as pedras do trabuco fazião na torre, ouue medo q selhe acedesse fogo na poluora, e por isso no mesmo dia a

mãdou mudar pera outro Saluar-
te/ e foy mudada com trabalho im-
menso e grande perigo das pedras
que dauão na torre / com que em
quatro dias continos que ho tra-
bucio tirou lhe derribou hũa esqui-
na, do que dom João estava grãde-
mente agastado: mas este agastamẽ-
to lhe tirou Diogo pirez ho côdes-
tabre da fortaleza hũ bõ homẽ e bẽ
destro em seu officio, que lhe disse q̃
nã se agastasse, porque com ajuda
de nosso senhor ele esperaua de que-
brar ho trabucio pa ho q̃ ja tinha a-
põtado nele hũ camelo. E dõ João
lhe prometeo merce se ho fizesse. E
encomendandose ambos muyto de
uotamente a nossa senhora cujo ho-
dia era, foran se onde estava ho came-
lo apontado no trabucio: e dãdo lhe
Diogo pirez fogo despara ho pelou-
ro/ e com seu medonho impeto foy
dar no trabucio que leuou em peda-
ços: e coeles e cõsigo matou tam-
beytos dos inimigos q̃ estauão ao
derrador do trabucio, oulhando
muyto ledos a destruyção q̃ ele fa-
zia na torre da poluora. E q̃ vendo
dom João se assentou em giolhos e
chorãdo de prazer deu muytos lou-
vores a nosso senhor/ e a sua glorio-
sa madre: por cuja intercessã tinha
q̃ lhe fizera merce tamanha e a sua
bonrra disse logo a Salue com os
outros que tambeẽ nã cabião cõ
prazer: e dauão grandes apupadas
aos inimigos zombando deles. E
dom João lhes mandou dar rebate
aquela noyte porque lhes parecesse
que os tinha em pouco/ e forão a
dar lho dom Vasco delima e Jorge
de lima com corenta Portugueses

q̃ sayrão per hũas bombardeiras/
como sayão outras vezes, que pou-
cas noytes passauão q̃ nã saysem/
de que os inimigos sempre recebião
dãno/ e sempre estauão sobre saltea-
dos/ receando quando os Portu-
gueses darião neles. E com quanto
os tinbão cercados auia lhes medo
vendo sua ousadia e esforço.

¶ Capit. xxi. De como Christouão
Iusarte chegou a Calicut e etrou
na fortaleza cõ os que yão coele.



Artidos Christo-
uão Iusarte e Quar-
te da onseca pera
Calicut, como en-
tão era a força do
inverno acharã ho
tẽpo tão forte/ que por milagre de
nosso senhor escaparão de nã serẽ
comidos do mar: e a fora a fadiga
descaparem de tamanhos perigos,
a teuerão tambeẽ muyto grande
com todos os q̃ yão coeles por lhes
faltar agoa / que nã tomarão em
Cochim com a pressa de partirem/
cuydando que no mar a tomarião
da agoa do monte/ que nã acharão
e por isso forão sem ela: e nã teue-
rão outra se nã a que chouia / que
como era de toruoadas nã a toma-
uão se nã quando vinhão: e algũa
que lhes ficaua ate tomarem outra
fedia tanto e amargana em tanto
estremo que quasi a nã podião be-
ber. E coesta afrição e angustia fo-
rão vinte cinco dias, que tanto po-
serão na viagem por amor dos con-
trastes que teuerão nã sendo ma-
is que de vinte ou dezanoue legoas.

E com naugação tão trabalhosa derão fim a seu caminho / chegãdo sobre Calicut / onde Christouão Iusarte chegou primeyro a oras de vespora e cõ a viração q̃ vetaua entrou logo no arrecife / e Duarte da Fonseca chegou da hí a pouco / e por a viração a calmar não pode entrar e ficou de fora. E cõ a vinda destas carauelas foy grande aluoroço no arrayal dos inimigos cuydando q̃ fosse ho socorro mayor: e logo os que estauão nas estácias da parte do mar se aperceberão pera receber os que quisessem desembarcar / e na fortaleza foy ho prazer muyto grãde por verẽ ho socorro. E vendo dõ João Christouão Iusarte dẽtro no arrecife, receãdo q̃ quisesse desembarcar acodio á porta da fortaleza pera lhe acenar q̃ não desembarcasse logo / porque seria duuida escapar nenhũ dos que say ssem coele segũdo a multidão dos inimigos era grande / e era sua tenção ficar pera de noyte: e porẽ Christouão Iusarte como era muyto esforçado / e ho desejo que tinha de entrar na fortaleza lhe fez entender quando viu que dõ João lhe capeaua que lhe dizia que desembarcasse: e tambem ouue medo que como era inuerno sobreniesse algũa toruoadade de vento tranessam q̃ desse á costa com a carauela e se perdesse, e por isto não quis esperar por Duarte da Fonseca nẽ dilatar mais a desembarcação. E isto determina do disse ho aos que yão coele q̃ erão oytenta Portugueses / que vendo as muytas bombardadas que neste tempo os inimigos tirauão de terra duuidarão muytos de sayr, e reque

rerão a Christouão Iusarte q̃ goardasse ho regimẽto do gouernador / porq̃ doutra maneyra perderseyão todos: e ele os desenganou / q̃ ainda que desembarcasse só que auia de desembarcar: por isso q̃ quisesse desembarcar que se embarcasse no paraõ / e quẽ não que ficasse. E trinta e cinco se offrecerão a ir coele, de q̃ foy ho primeyro Daniel cernise e os outros ficarã, a q̃ mãdou q̃ em q̃nto desembarcasse jugassẽ cõ a artelharía e saltãdo no paraõ cõ os xxx. e cinco tira pera a praya que estaua cuberta de inimigos, frecheiros e espingardeyros: e ele leuaua sua bandeira no esporão do paraõ e suas trombetas que tocauão de quando em quando: e elas acabando daua ele com os seus hũa grande grita / e a este som remauão os remeyros quanto podião, gouernando derytos á coiraça da fortaleza pera ali desembarcarẽ. Era cousa de muyto grande espãto ver ir tão poucos meterse antre inimigos que não tinhamõ conto / que todos desparauão muytas nuuẽs de frechas / e tãtas espigardadas q̃ os pelouros cayão tão bastos como saraiua q̃ndo caye do ceo. E nisto começa a artelharía dos inimigos de tirar á fortaleza e a da fortaleza a eles: e a reuolta era muy grande e espantosa em todas as partes do estrôdo da artelharía e da grita dos inimigos e dos Portugueses. E indo assi Christouão Iusarte / chegou a terra hum pouco desuiado da coiraça q̃ ho desuiou a grande corrente e braneza daquela costa: pelo que os inimigos tenerão tempo de ho apertar como deseja.

uão, e não esperando que tomasse terra de todo/nem receando as espingardadas q tirauão os que yão coele/nem lançadas nê cutiladas: remetem ao paraõ com hũ impeto bestial/dandolhes ainda a agoa pelos peitos chouendo sobreles espingardadas e frechadas, e arrebatão a bandeira que leuaua, e assi dous trombetas que yão tangêdo que leuarão fora do paraõ/que os leuarã hũ pedaço arasto/e outros dauão punbadas nos Portugueses tão perto estauão deles: por em neste tempo pelejauão Christouão iusarte e os outros de maneyra que fizerão afastar os inimigos do paraõ: e saltando todos nagoa começarão de fazer cousas tão milagrosas, q bem parecia q pelejava nosso senhor por eles. E cõ tudo forão mortos quatro deles / dous homens do mar e João demacedo, e Fernã de siqueyra filho de Gonçalo de siqueyra de Salua terra / e quasi todos os outros forão muyto feridos e antres foy Manuel cerniçe que pelejando como muyto valente caualeyro que era se recolheo dos derradeiros / e por acodir a hũ seu amigo q os mouros matauão, e ele o saluou foy ferido em hũa perna / de que faleceo da hí a poucos dias. E pelejãdo assi Christouão iusarte tão efforçadamente como digo, foy rompêdo por antre os imigos ate chegar á coiraca onde ho dom João estaua esperando com oytenta homens e coele dom Vasco de lima. E aqui foy a peleja muyto braua em demasia / porque os inimigos entrãuão de volta com os Portugueses pela

entrada da coiraca não temendo nê nbũas feridas q recebessem sobriso nê mortes / e carregauão tantos que era medo velos como arremetiaõ denodados: e isto com tenção de entrarẽ com os Portugueses de uolta na fortaleza, porq não sabião se teriaõ outro tam bõ tempo como este. E dom João e os outros que ho entendiaõ fazião mais do que se esperaua domẽs por lho defender, e pelejando com efforço milagroso recolbianse pera a porta da fortaleza. Era muyto peralouuar a nosso senhor / de como os Portugueses sendo tão poucos não forão todos espedaçados dos inimigos q erão tantos que parecia que os somiaõ antre si: e com tudo chegarão á porta da fortaleza onde se recolherão quasi sem esperança de não entrarem sem os inimigos: e dõ João foy ho derradeyro que entrou pelejando tão brauamẽte que parece q despois de Deos ele foy o q resistio aos inimigos que não entrassem: e foy todo cuberto de frechas de que ho ferirã quatro. E prouue a nosso senhor que neste tão brauo conflito não morrerão mais que os q disse / mas forão quasi todos feridos: e dos inimigos morrerão tantos q ho chãõ ficou todo cuberto, e se dõ João passou fora grãde perigo em pouco menos achou os que ficauão na fortaleza, porque muytos dos inimigos vendo a braua peleja que ya fora / parecêdolhe que todos os Portugueses estauão nela, e q não auia quem defendesse a fortaleza por serão as escadas em hũ cobelo da bãda da cidade / e começarão de so.

bir por elas/mas os q̃ estauão nele acodirão logo a defendelo lançãdo panelas de poluora sobre os inimigos:pozem como erão muytos ainda que hũs cayão queimados / outros sobião logo. E estando nesta pressa chegou dom João e foy ajudar a defender a sobida aos inimigos que forão tão mal tratados que deixarão a perfia de quererem sobir. E porque os mortos erão muytos e se ficassem ali poderião corróper ho ar com ho fedor/mandou dō João dizer do muro por hũ lingoa aos inimigos que seguramente podião tirar dali os mortos / que ele lhes daria sua fe de não receberẽ por isso dano: e assi ho fizeram/ e foy feyto grande pranto polos mortos. E el rey de Calicut sentio muyto ho dano q̃ os seus receberão de tão poucos Portugueses / e muyto mais ho seu atreuimento de terem ho seu poder em tão pouco/que assi oufarão de desembarcar diante dele.

Capit. cxij. De como ho governador mandou mais socorro a dom João.



Vendo Duarte dafonseca o q̃ fez Christouão iusarte, esperou ate que tornou a viração, com que ao outro dia entrou no arrecife e chegou-se a terra bo mais que pode. E porq̃ ho dia passado vira ho perigo que auia em desembarcar nã ho quis fazer sem saber de dō João o que faria/ e per hũ escrito que mādou lançar com hũa frecha em ter-ralho preguntou. E auido ho escri-

to per dom João/pos em conselho o quelhe mandaria: e praticado bo risco que correrão de os matarem a todos, e delhes entrarem os inimigos a fortaleza. E como estauão muyto feridos/assentouse q̃ Duarte dafonseca não desembarcasse, por que como não fosse hũ corpo de quinhentos homens não podião desembarcar sem passarem ho perigo que passarão e assi os da fortaleza. E q̃ pera ho governador lhe mandar socorro não podia ser de menos q̃ de quinhentos homens que també erão muyto necessarios por amor dos muytos feridos que auia / e pera resistirem aos fortes combates que esperauão cegandolhes a caua como parecia que os inimigos querião fazer com ho entulho q̃ ajutauão: e assi ho escreveu dō João ao governador, e tãbẽ Christouão iusarte. E deitadas as cartas com hũas frechas/partiose Duarte dafonseca levando a outra carauela em sua companhia: e ainda perto de Calicut achou Francisco de vasconcelos, que sabendo o que passaua lhe deu ho recado que leuaua do governador/pelo que Duarte dafonseca lhe deu a outra carauela com que se partio pera Cananor, e Duarte dafonseca seguiu sua viagem pera Cochim, onde chegou cō menos trabalho por ser quasi na fim de agosto, e cōtou o que passara em Calicut ao governador, a que deu as cartas q̃ leuaua. E visto por ele quã mal Christouão iusarte goardara seu regimento, oune muyto grande menencoria, mas perdooulhe por quão bẽ ho fizera. E vendo quanto importaua ho so-

corro da fortaleza: e porq̃ se temeo doutro delarrãjo no desembarcar/ determinou descolher algũ homem de confiãça pera isso/ e este foy Frãcisco pereyra pestana homẽ sobre os dias/ bõ caualeyro e rico que poderia levar gente porque tinha q̃ gastar: e mandando ho chamar lhe deu conta do aperto em q̃ estaua a fortaleza/ pedindolhe que fosse ho capitão mór do socorro pois importaua tanto ao seruiço del rey, q̃ Frãcisco pereyra aceitou por essa causa/ posto que estaua pera se ir a quele anno: e não somẽte quis seruir el rey nesta jornada, mas ainda lhe emprestou dez mil pardaos douro que lhe ho governador e vedor da fazenda pedirão emprestados. E tendo ho governador a vontade de Frãcisco pereyra pera ir/ fez logo a mayor parte dos quinhentos homẽs q̃ se embarcarão na mesma carauela de Duarte da fonseca, e em hũ nauio de q̃ era capitão hũ Pero velho, e hũa barça/ e em duas galeotas: e mãdoulhe que Frãcisco pereyra fosse hũa das galeotas, de q̃ era capitão Antonio da silueira. E saído a galeota pola barra, quebroulhe ho leme/ pelo q̃ Frãcisco pereyra não quis ir nela/ e disse ao governador que iria em hũ galeão q̃ se deitaua ao mar pera ir com socorro a Calicut. E ho governador quisera que fora na galeota q̃ logo se concertou, mas ele nã q̃s: e porq̃o governador ho conhecia por de sua cõdição não quis perfiar coele/ e deixou ho ir no galeão: q̃ porque estaua de vagar e ho socorro era necessario de pressa e estaua prestes, deu a capitania mór

dele a Antonio da silueira ate Calicut/ dandolhe por regimento que auendo necessidade de lançar gente e terra a lançasse, e quando não q̃ esperasse por Frãcisco pereyra q̃ ya a pos ele no galeão. E porq̃ ho governador era certificado pelas cartas de dõ João e de Christouão iusarte da maneyra q̃ os inimigos combatião a fortaleza/ e dos petrechos q̃ tinhão: começou de se fazer prestes pera partir apos este socorro.

Capit. cxlii. De como os inimigos assentarão dous trabucos/ e de como foy queymado hũ deles.



S mouroes q̃ estauão cõ elrey de Calicut adauão muyto corridos do pouco q̃ fazião cõtra os Portugueses/ e fizerão armar dous trabucos: hũ nas casas q̃ forão da feitoria, e outro nas da ferraria com senhos bastiães diante de cada hũ, porq̃a artelharía da fortaleza os nã podesse desmãchar como ao outro, e armados começarão de tirar coeles á torre da menagem e a outras partes em que fazião muyto dãno: e cõ medo das pedras q̃ cayã a miudena ousauão os Portugueses dardar pola fortaleza. E Diogo pirez ho condestabre como era homẽ de cuydado, trabalhou logo de ter maneyra pera os desmanchar/ porque cõ os bastiães q̃ os encobrião não lhes podia tirar cõ nenhũ tiro, e fez hũs pelouros artificiais que queymassem õde dessem cõ determinaçã de tirar as casas da ferraria/ porq̃ dali via sayr algũas pedras/ e mais

via de noyte ali candeia/por onde lhe pareceo que estaua hi algũ dos trabucos. E apontando hũ tiro, tirou lhe hũã noyte dos quinze Dagosto dia da Assunção de nossa senhora/ e ho pelouro q̃ era de fogo artefial cayo ondestaua ho trabuco e pegou se no bastião e dali se ateou ao trabuco: e os inimigos nũca ho poderão apagar com as bombardadas e espingardas que logo começarão de jugar da fortaleza, e pescarão os que se descobrião: e isto por os Portugueses os verem com bombas de fogo que tinhão acesas/ e grandes fogueiras que aũa no arrayal. E vendo os inimigos que não podião apagar ho fogo do trabuco/ quise- ran se vingar dos Portugueses/ e cuydando delhes fazer dãno tirarão com sua artelharía e espingardaria a toda a fortaleza: a q̃ os Portugueses responderão com a sua, e foy hũ brauo fogo que durou todo ho quarto da prima/ e forão mortos e feridos dambas as partes, principalmente da dos inimigos que ficarão muyto tristes por lhes arder ho trabuco sem lhe poderẽ valer/ e assi ho ficou elrey. E parecendo lhe que quebraria os corações a os Portugueses lhes mandou dar mostra de toda sua gẽte/ apartados hũs dos outros/ espingardeiros, frecheiros/ e os descudos delãça/ e despadas. E todos passarão sem se deterẽ: e como erão tãtos como disse era medo velos. E com quãto passauão de pressa/ a nossa artelharía que não fazia se não tirar pescou muytos. E dom João entendendo a mostra que lhe dauão e a causa

porque/ porque desse a entẽder aos inimigos que os não estimaua mādou logo embãdeirar a fortaleza e tan- ger as trõbetas, e fazer grandes festas: do que elrey se espantou muyto quando ho soube, e jurou q̃ se to- maua os Portugueses que os aũa de matar a todos: e consolouse cõ o outro trabuco que ficaua/ que este não pode Diogo pirez nunca queimar nem desmanchar, por não ver donde estaua, e porque ho não visse nã tinhão de noyte candeia: mas este não podia fazer tanto dãno como os outros por não estar em lugar pera isso.

Capit. cxliij. De como foy queimada hũã manta dos inimigos.



Semẽdo os mouros que cõ tam pouco como fazião contra os Portugueses, se enfa- dasse elrey do cerco e ho deixasse, andauã muyto de pressa a inventar ardis com q̃ lhe dessem esperança de lhes fazer mal/ e ho antretenessẽ na guerra: e por isso nunca deixauão ho Celiliano, q̃ como sabia muytos lhos daua a miude. E o q̃ lhes então deu foy minarẽ ho baluarte do feytoz q̃ estaua da banda do sul/ pera lhe darem fogo com q̃ ho derribassem/ e depois de derribado entrarião facilmente. E pera ho minarẽ milhor porq̃ ao dẽ redor da fortaleza era tudo area/ e não se podia fazer mina sem arrunhar: e mais por os Portugueses a não verem e lhes não tirarem, ordenou hũã manta sobre seys rodas com q̃ se encobrissem os q̃

minassem/ e pera ter a area q̃ não arrunhasse hūs payneis de vigas q̃ sempre auião de çarrar cō a manta. E pera esta obra auer effeyto/ leuamão mão da albarrada, e acodirão todos a ela: e como erão muytos forão logo acabados os payneis e a manta, e começouse a mina hũa noyte. E quis nosso senhor que a outra dantes foy Bastião ho arrenegado catãdo pola caua em Portugues. Boarda debaixo, dando a entêder aos Portugueses q̃ se goardassem da mina. E estas palauras entêdeo dō João o que querião dizer, quando ao outro dia vio a manta cō os painais q̃ logo estranhou por q̃ os não via dantes. E isto entendido/ pos em conselho ho modo q̃ se teria pera a mina não ir auante pelo muyto grande perigo q̃ disso se seguia. E foy acordado que se queymasse, e porque os inimigos não podessem apagar ho fogo, q̃ deitassem por hũa genela do mesmo baluarte do feitor hũ calabrete q̃ atarião em duas rodas da manta, e dali seria alada per hũ cabrestante q̃ ficaria armado no mesmo baluarte, a que ho calabrete estaria dado. E pera fazer este feyto foy escollido dom Vasco de lima/ q̃ de noyte se poeria em Cilada cō corenta homens pera tolher aos inimigos que não apagassem ho fogo da manta. E assi foy feyto e âtre os corenta que leuaua dō Vasco forão Antonio de sa, e Fernão de lima, e Forge delima/ e sayrão todos per hũa bombardeyra do muro, e recolheranse ao canto dũ tranês q̃ iugaua pera ho mar: e dō Vasco/ e Antonio de sa/ Fernão de lima/ Forge

delima, ho condestabre Diogo pirez e dous bombardeyros forão aatar ho calabrete per duas aselhas nas duas rodas da manta. E feyto final aos q̃ encima estauão ao cabrestante q̃ a manta estaua amarrada, começaram a dalar pelo calabrete. E tudo isto se fez sē os mouros ho sentirem/ assi polo grande escuro q̃ fazia como por eles estarẽ ocupados com os sentidos em suas ceas que fazião com grande festa, por não comerem mais que a noyte q̃ era neste tempo a sua coresma a que chamão remedão: e nunca sentirão nada se não quando a manta começou dar der com ho fogo artificial que lhe foy posto, a que acodirão logo pera ho apagar, e acodindo virão q̃ lha leuauão sem verẽ quẽ, do q̃ se espantarão muyto. E começando dou-lhar pera õde a leuauão, remete dō Vasco cō os q̃ estauão coele tirãdo-lhes muytas espingardadas com q̃ os fizerão deter que não passassem auante. E neste tempo foy a manta impinada/ e os Portugueses ficaram q̃si emparados coela das muytas espingardadas e frechadas q̃ os inimigos começaram de tirar quando os virão: no que durarão pouco por q̃ os fez fugir a artelharía q̃ começou de jugar do tranês q̃ digo. E vendo dō Vasco q̃ a manta estaua em saluo/ recolheose pela bombardeira/ por õde sayo ja quasi no cabo do quarto dalua q̃ tanto durou este feyto: de q̃ os mouros ficarão muyto corridos por verẽ em quã pouca conta os tinhão os Portugueses/ e quã facilmete lhes desfazião seus ardis. E el rey de Calicut estana es-

pantado de tamanho esforço dos
mês/ e de quá pouco estimauão seu
poder, quedauão mil vezes rebates
a sua gête: e parecia q̃ nenhũ traba-
lho os cansaua, e dizia aos mouros
que fizera mal de tomar guerra cõ
taes homens. E eles ho cõselhauão/
dizendo que não se agastasse / porq̃
poucos contra muytos nũca pode-
rão durar muyto: e que os Portu-
gueses se auião de diminuir tanto
por quão poucos erão / q̃ ou se lhe
auião de entregar ou os auia de to-
mar por não se poderem defender/
e fizeram fazer outra manta pera mi-
nar pela mesma maneyra ho baluar-
te da poluora / e Diogo pirez lbespe-
daçou a manta combũ camelo a cu-
jo tiro estava. Do q̃ el rey ficou tão
aborrecido por tomar nisso agoiro
que não quis que fizessem mais mi-
nas / e mandou que tornassem a tra-
balhar na albarrada,

Capit. cxv. De como dom João
fez hũa tranqueyra sobre ho mu-
ro contra hũa albarrada que os
inimigos fabricauão.



Trabalhãdose nela cõ
muyta diligencia / co-
meçou logo de crecer:
o que daua muyto cuy-
dado a dom João / porq̃ cuydaua q̃
lhe querião os inimigos entulhar a
caua da fortaleza pera lhes obirem a
ela / o que receaua por amor da pou-
ca gente que tinha. E por em muyto
mayor perigo se lhe aparelhaua na
albarrada se ouuera effeyto: porq̃
sem duuida fora entrado dos inimi-
gos / e morto com quantos estauão

coele / q̃ fora couisa com q̃ todos os
mouros da Índia se leuãtarão logo
contra quãtos Portugueses auia
nela. E porque os de Calicut não
vissem este prazer / e os Portu-
gueses não recebessem tamanha deson-
ra, parece que quis nosso senhor q̃ se
descobrisse o segredo da albarrada.
e foy que falãdo ho Cesiliano com
dõ João lhe disse como q̃ lhe pesaua
que el rey de Calicut ho auia de to-
mar cõ quantos estauão coele, sem
lhes valer sua defensam / o que disse
em Castelhana / do que dom João
deitou mão / e folgou d̃ praticar co-
ele pera ver se podia saber por ele al-
gũa couisa da determinação dos
inimigos: e muyto mais quando lhe
disse que homẽ era, e dali por diãte
falaua muytas vezes coele. E falan-
do hũ dia ho Cesiliano d̃ ter por cer-
to que dom João auia de ser toma-
do com a albarrada lhe disse o pera
que era, mostrandose muyto triste
por isso. E dom João como era pru-
dente dissimulou / e rindose lhe disse
que bẽ sabia ho pera q̃ a albarrada
era porque ja vira outras, e por isso
a conbecera e buscara logo ho reme-
dio pera se defêder dela como veria
quando fosse tempo: do que ho Cesi-
liano ficou muyto espantado: e dõ
João deu muytas graças a nosso se-
nhor por lhe descobrir aquele segre-
do: e contou ho a dom Vasco e aos
outros fidalgos com grãde prazer.
E logo na noite seguinte com a ma-
yor parte da gente da fortaleza co-
meçou de fazer hũa tranqueira so-
bre ho muro da banda dõde se fazia
a albarrada: e esta trãqueira era de
duas ordẽs d̃ vigas muyto grossas

metidas no entulho do muro com outras atrauessadas das partes de fora pregadas com pernos muyto grossos. Esta obra se fez esta noyte cō muyta pressa z era pera sobrepor por cima da albarrada, pera que os Portugueses defendessem nela quenão podessem os inimigos entrar polo muro/o que se auia defazer cō hũa andaina d'artelharía que se auia d'assentar nesta tranqueyza despois dentulhada. E quando ao outro dia os inimigos virão este dasafio derão hũa grande grita/ z ho Cesilia no pelo que ao outro dia passara cō dom João logo entendeu o queera, mas não ho quis dizer por não dar desgosto aos mouros/ z mādou a quele dia apontar nas vigas hũ tiro grosso/ com que lhes tirarão na noyte seguinte andando dom João com outros em pressa de a entulhar z ho pelouro acertou pela quadra de hũa das vigas/ de que leuou hũ pedaço em rachas/ com que forão escallaurados nos rostos dō João/ dom Vasco, Jorge delima z Antonio dela, z foy morto hũ criado do logro de dom João com hũa pedra do trabuco que també começou de tirar cō toda a mais artelharía dos inimigos, q̃ como tinhão muyta poluora nã estimauã de a gastar nestes tiros perdidos pera ver se podião espantar coeles os Portugueses pois lhe nã podião fazer outro mal. E com tudo deranlhe grande fadiga toda a noyte, mas nem por isso deixarão d'acabar dentulhar a tranqueyza/ em que logo forão assẽtadas certas peças d'artelharía ao oliuel d'altura que a albarrada po-

diater com que dom João ficou seguro dela.

Capit. cvj. De como querẽdo os mouros combater a fortaleza cō hũas mantas de campo forão atalhados.



Uyto agastados ficarão os mouros de verẽ esta tranqueyza porq̃ virão queera muy perjudicial pera ho effeyto que esperauão da sua albarrada. E preguntando ao Cesiliano se aueria outro ardil pera se a fortaleza tomar: ele deu logo ordem com que forão fabricadas duas mantas quasi ao modo das de campo d'altura do muro da nossa fortaleza/ z de largura de quize palmos feytas de vigas de grossura dũ z dous dedos forradas de fora de coiros crus porq̃ não selhe podesse pegar fogo/ z estauão empínadas cada hũa sobre sua grade de vigas q̃ andaua sobre doze rodas z das pôtas das mãtas da banda de dẽtro tinhão hũs tirãtes d'vlgas que se pregauão nas pôtas das grades, z de tirante a tirãte se fazia hũ andaime em que auião vir oyto espingardeiros pera tirar por hũas espingar deiras feytas nas mesmas mãtas aos que esteuẽssẽ sobre ho muro da fortaleza õde auião de chegar, z detras delas auião vir os inimigos em fieras pera se empararẽ da artelharía da fortaleza, a q̃ chegadas as mãtas auião de sobir por escadas. E coestas mantas certifi- cou ho Cesiliano q̃ entrarião a fortaleza, porq̃ os espingardeyros des-

despejarião ho muro, que ho não podessem defender delles quando sobissem polas escadas. E segundo ho ardilera bõ e bẽ ordenado, e os inimigos muytos em demasia e os Portugueses tam poucos como erão, parecia claramente que venia ser assi. E os mouros tendo isto por muyto certo ho disserão a el rey que ho creio, e derão por isso ao Ceziliano muy ricas joyas. E logo fizerão fabricar as mantas detras de hũas casas, porque as não vissem os da fortaleza senão quando fossem de todo acabadas. E crendo assi os mouros que daquela vez auião de ser tomados dõ João e os outros andauão muyto ledos, e segundo a cousa estaua ordenada assionuera de ser se as mantas ouuerão effeyto, mas nosso senhor por sua misericordia ordenou ho côtrairo, e Bastião descobrio a dom João ho segredo das mantas, e ho Ceziliano não ouso porque lhas dom João não atalhasse como a albarrada. E sabido isto por ele viu as pontas das mantas que sobrepojanão a altura das casas detras dõ de se fazião, a que logo mandou tirar com hũ camelo que todo hũ dia tirou as casas ate q deu coelras no chão e as mantas ficarão descubertas, e hũa delas estaua acabada. E os Portugueses derão grãdes gritas com prazer de as verem, porq esperauão de as desmanchar, e toda a noyte jugou ho camelo e assi a artelharia daquela bãda que tolhesse aos inimigos que aquella noyte não andassem com a manta por diante, e ho mesmo fizerão os inimigos, e nẽ

hũs nem outros não dormirão, e teuerão toda a noyte muyto traballho jugando as bombarçadas. E como amanheceo, parecẽdo aos inimigos que se vingarião dos Portugueses os forão cometer cõ a manta q tinhão acabada postos nela os espingardeyros, e eles detras dela em fieiras leuando suas escadas, e fazendo grandes matinaças de gritas e de seus instrumentos de guerra, e coisto despararão toda sua artelharia, e ho trabuco juntamente lançaua suas grandes pedras que quando cayão parecia que auião de fundir a fortaleza, e começasse hũ bem brauo e medonho combate de tanta diuersidade de cousas pera fazerem mal aos da fortaleza, que bẽ se parecia goardalos nosso senhor milagrosamente de todas, porque q quer delas abastaua pera os destruyr de todo segũdo erão poucos, e a fortaleza estaua danificada dos continos combates da artelharia, em que sempre dos Portugueses morrião algũs, ou de hõbardadas ou despingardadas: de que não digoper ordẽ os que morrião porque ho não pude saber, se não que a este tẽpo erão mortos dos Portugueses cincoenta e estauão feridos cẽto ou mais, de que algũs peleiauão com cẽto e sessenta que estauã sãos. E começandose este temerolo combate antes q a outra artelharia da fortaleza começasse de jugar, desparou ho condestabre hũ camelo com ã acertou na manta, e feyta em pedaços a fez voar per esse ar, espedacando tambẽ os espingardeyros q yão nela, e os das fieiras que yão

de tras de que matou muytos. E fey tejado este tiro com muytas gritas dos Portuguezes, e muyto tanger das trôbetas / desparão todos os outros com seu brauo impeto, e fazem acolher os inimigos que estauão descubertos, polo que não receberão mayz dâno nos côrpos, mas na outra manta si, que també foy feyta em pedaços, e assi ho fôrão també outras duas que estauão começadas, que foy ho mayor mal quelhe então podião fazer, por que nestas mantas tinhão toda sua esperança de entrarem na fortaleza: e coisto ficarão de todo desesperados de ho fazer / principalmente el rey que com vergonha quísera leuãtar ho cerco. E tão auorrecido estaua de si que nunca quis que víssem de mais ardis contra os Portuguezes por mais que os mouros ho persuadirão pera que ho cõsentisse, e dizialhes que era escusado / porqẽrão grãdes feyticeiros, polo que não lhes podia empecer cousa nenhũa. E coeste desgosto mandou logo que cessasse a obra da albarrada e sobre aquele entulho mandou fazer hũa tranqueyra singela de palmeiras cuberta desteiras. E que dõ João teue por final de sua desesperaçã, e assi ho disse aos que estauão na fortaleza, dizendo que se alegrassem / porque dali por diante auião de ser desaliuados do trabalho que padecião. E derão todos muytas graças a nosso senhor, e embandeirarão toda a fortaleza / e tangerão as trombetas: do que os mouros se espãtarão muyto / e se virão algũs nauios no porto pareceralhes que

era vindo socorro: por terem cartas dos mouros de Cochim que o governador se fazia prestes pera ir socorrer a fortaleza / por tanto que se apressassem em a tomar: e por isso amindauão tanto os ardis pera a tomarem como disse. E vendo que el rey não queria que víssem mais deles / combatião a fortaleza cada dia, e sempre matauão e ferião algũs Portuguezes, e lhes dãneficauão os baluartes e muros, e os tinhão em sobressaltos continos com tão amindados combates assi de noyte como de dia com que os nunca deixauão repousar: com que padecerão neste tempo trabalho incõportauel de continuamente estarem armados, e pelejando de noyte e de dia com tantos pelouros darte-lharia tão medonhos que lhe tinhão a fortaleza furada por todas as partes, e com tão espantosas pedras de trabucos, com tão bastos pelouros despingarda / com tão brauos combates de não cuydados ardis / com que de cada vez se vião abraçados da morte, e com terríveis dores das mortais feridas que recebião, e por derradeyro com estranha fraqueza que lhes causaua ho não comer / porque em cinco meses em que ya ho cerco não comerão a mayor parte deste tempo senão arroz cozido em agoa sem sal porque ho não tinhão: e enfastiã se tanto dele / que pera ho poderem comer ho mandauão cozer aa noyte pera ao outro dia estar azedo e lhe acharem algum gosto. E estando dõ João e os outros neste trabalho, chegou hũa dia Antonio da sil-

neira sem nenhũ dos outros capi-
tães que partirão coele de Cochim,
que todos se tornarão do caminho
não podendo soffrer bo mar que os
comia: e entrando no arrecife com
a viração surgio: e cuydado os im-
migos q̃ queria desembarcar / aco-
dirão bẽ quinhentos espingardei-
ros a hũa estancia junto do mar /
donde tirauão muyto riço. Surto
Antonio da silueira escreueo hũa
carta a dom João / em que lhe man-
daua preguntar q̃ queria q̃ fizesse,
e esta leuou hũ homẽ a nado / q̃ nũ-
ca pode da q̃lavez tomar terra com
as muytas espingardadas dos im-
migos, que matarão outro q̃ tor-
nou com outra carta: e outro foy
de noyte com outra, e pode sayr
e deuha a dom João que escreueo a
Antonio da silueira que não desem-
barcasse: e se lhe podesse mandar al-
gũa poluora que lhe mãdasse. Ele
lhe mandou tres barris dela / q̃ fo-
rão dados de noite com muyto pe-
rigo de peleja, e lhe mandou dizer
que efforçasse que bo governador fi-
cana de caminho pera lhe socorrer
como que dom João ficou muyto
ledo, e disseo a todos, que fizerão
por isso muyto grãde festa. E dada
a poluora como Antonio da siluei-
ra estava só e não podia fazer nada
tornouse logo pera Cochim, onde
chegou muyt asinha / por ir cõ ṽeto
a popa / e contou ao governador o
que fizera, e como ficaua a fortaleza
e em Cochim achou os outros ca-
pitães q̃ arribarão.

Cap. cxvij. De como dom João
foy socorrido por Eytos da sil-

ueyra: e depois por Francisco
pereira pestana.



Com muyto perigo e tra-
balho (pola fortaleza do
tempo) chegou Francis-
co de vasconcelos a Ca-
nanor pera onde partio de Calicut
como disse, e chegado deu bo reca-
do do governador a Eytos da siluei-
ra, queja estava prestes pera isso / e
por falta de embarcação de navios
grandes não partia. E tanto q̃ frã-
cisco de vasconcelos chegou, desem-
barcouse cõ algũa gẽte na carauela
e na galeota: e leuou cinco paraós li-
geiros carregados de mantimẽtos
e de poluora: e deixando a fortale-
za encomendada ao alcaide mór se
partio pera Calicut / onde chegou
na fim de agosto. E êtrado no arre-
cife surgio: e cuydando dom João
que queria desembarcar lhe man-
dou fazer sinal que não desembar-
casse. E logo os immigos cuydando
que queria desembarcar lhe tirará
muytas bombardadas, e acodirá
muitos á praya. E Eytos da silueira
pelo sinal q̃ lhe foy feito se deixou
estar ate que foy noyte: e então mã-
dou disparar sua artelbaria assy da
galeota em que hia como da carauela:
e pos se às bombardadas cõ os
immigos / pera q̃ com isso perdessem
bo tento dos paraós / que entre tã-
to partirão pera terra / e forãse de
reytos á coiraca, onde os dõ João
estava esperando, acompanhado d̃
quarenta homẽs: e os paraós forã
descarregados / de bízcoyto, carne
pescado em jarras / cocos / e ou-
tros mantimentos necessarios / e
poluora d̃ bõbarda e despingarda.

E sabêdo dom João ho socorro q lhe ya / z como ho governador se fazia prestes pera ir logo, mādou dizer a Eytor da silueira que não tinha necessidade de mais gente que a que estava na fortaleza pera se defender ate avinda do governador. E toda aquela noite se gastou em se recolherem os mantimentos / z em bôbardadas z espingardadas. E porque não era necessario estar ali mais Eytor da silueira tornou-se ao outro dia pera Cananor. E dom João por quebrar ho coração aos inimigos convidou Bastião cō tres postas de carne de salmoeira / z tres molhos de betele fresco que lhe mandou deitar do muroz. E bastião muyto espantado de as ver, as mostrou aos inimigos que ficatā muy tristes: z então conhecerão q dom João fora socorrido com mantimentos: z ateli não cuydauão se não que Eytor da silueira não desembarcara por não se atreuer: z estavam por isso muyto ledos: z conhecendo que os da fortaleza estavam abastados de mantimētos de esperarão de os poderem tomar / porque cuydauão que a fome os auita de fazer entregar / que bē sabião pelos naires que seruião na feitoria que não tinbão mais q arroz. E se não fora por eles nūca ho souberão, porq dom João tene sempre tam boa vīgia na fortaleza / que nūca nenbū escravo lhe pode fugir pera os inimigos. E partido Eytor da silueira ja na fim de Setembro chegou Francisco pereira pestana no galeão, que com achar ho vēto poz dauante z os mares muyto gros-

fos se ouuera de perder / z esteue muytos dias surto na foz do rio d Chatuá, que se isso não fora / perderase: z chegado ele a Calicut surgio defora do arrecife pera esperar pelos outros capitães / que cuydou que fossem ter coele, z entre tanto como foy noyte mandou ho paraó do galeão a terra com mantimentos, z munições, cuydando q dom João estava em necessidade deles. E sabendo dom João como ho paraó ya, por fazer luar muyto claro ho foy receber a coiraça, a que logo acodirão os inimigos: z sobre ho desembarcar do paraó foy hūa bza na peleja, em que forão mortos cinco Portugueles: z dom João foy ferido de hūa espingardada e hūa perna: z com tudo ho paraó foy descarregado, z se tornou pera ho galeão, com recado a Francisco pereyra que não desembarcasse, por que como não fossem quinhentos homens juntos, era escusado desembarcar outra gente. E dos inimigos morrerão nesta peleja algūs: z forão feridos tantos das nossas espingardas / z queimados de panelas de poluora / que lhes cōueo afafarense. E dom João se recolheu á fortaleza desapressado deles: z então se achou tão manco da ferida q tinha (que ateli não sentira com a furia do pelejar) que foy necessario leualo Jorge de lima ás costas / z foy lhe necessario deitar-se na cama porque a ferida não podia sarar em pé / ho que ele sentio muyto por fer em tal tempo / z pola necessidade que tinha se deitou.

Capit. cxviii. De como os inimigos tomarão o paraó do galeão com a carrega que leuaua. E de como cuydado el rey de Calicut q̃ dom João era morto ho mandou saber.



Dalia tres ou quatro dias tornou Frâncisco pereyra a mandar ho paraó a terra com outra barcada / e mandou ho pola festa / pa recendolhe q̃ era tempo de menos perigo porque estarião então os inimigos assellegados / e não acodirião por lhes parecer que não iria a tal tempo, e forão nele cinco marinheiros Portugueses pera ho remarem. E não esperádo os da fortaleza por ele atais horas não ho virão / e os inimigos si: e vêdo ho perto de terra / e não sintindo reboliço na coiraca como das outras vezes, foy se hũ dos seus capitães com algũs deles meter na coiraca / pera q̃ em ho paraó chegando ho apanhassem. E a vigia da coiraca começou debradar que entrauão os inimigos nela, ao que acodirão dom Vasco delima e Jorge de lima com sessenta homens, mas antes que chegassẽ chegou ho paraó / e os inimigos ho apanharão logo / e ho leuarã carregado pera diante das suas estâcias cõ os cinco marinheiros q̃ hião nele / hũs mortos e outros feridos: e ho capitão que digo cõ muytos dos inimigos se pos coeles á porta da coiraca quando a viu abzir pera defender a dom Vasco e aos outros que não saysem, e foy sobriſso hũa muy ferida peleja. E dom João q̃ ouuio

a grita chamou pera saber o q̃ era / e não lhe respondeo mayſ que hũa escrava / que lhe disse o que era, e q̃ os inimigos erão muytos. E que ele ouuindo não se podeter que não se levantasse e assentouse a hũa genela de grades de ferro, donde via a peleja que era debaixo. E quando viu q̃ não podia acodir começou de tirar aos inimigos com duas espingardas que lhe a escrava atacaua, e em quanto lhe ceuua hũa tiraua com a outra. E dali matou bẽ trinta dos inimigos em quanto durou a peleja, porq̃ os tinha a tiro / e tiraua a saluo. E dom Vasco matou nesta peleja ho capitão dos inimigos / passandolhe ho escudo com hũa lança, e a ele por derradeiro, e cayo morto. E com sua morte se desbaratarão os inimigos. E dom Vasco se recolheo indo Jorge delima ferido de hũa espingardada que lhe leuou a coroa do capacete: e ho mesmo capacete o ferio hũ pouco sobre hũ olho. E eles recolhidos dom João se tornou a deitar: e a perna se lhe agranou de maneira que lhe ouuerão de saltar herpes nela. E por Francisco pereyra não ter paraó não mandou mais nada a fortaleza / e deyxouse estar: E os inimigos fizeram grandes alegrias pola tomada do paraó: e dali tornarão a ter esperança q̃ tomarião a fortaleza, e combatiãna brauamente: e mais por crerem que dõ João era morto, porque como Bastião falaua muytas vezes coele achauão menos. E preguntando por ele / foy lhe dito que estaua ferido: o q̃ ele cõto a el rey de Calicut e aos mouros q̃ forã coisso muy alegres:

porque crerão que dō João era morto: e os seus polo encobrirẽ dezião que estava ferido. E pera saberem a verdade disto disserão a Bastião q̃ lhe mandasse pedir licença pera ho ir ver. E dom João quando lha ele mandou pedir lhe pareceo logo oq̃ era: e por tirar aquella sospeita lha deu: e quando vio Bastião lhe disse o que entẽdia de sua visitaçãõ, escõ jurandoo muyto que lhe dissesse a verdade: e ele lha disse: e que el rey de Calicut lhe queria tamanho mal que nenhũa cousa desejava mais q̃ matalo: por se auer por muyto iniuriado dele por se lhe defender tanto tempo com tam pouca gente, tendo ele tamanho poder. E dom João rogou muyto a Bastião que lhe dissesse, que posto q̃ ele morresse: que cada hũ dos que estauão na fortaleza erão pera serem capitães e sabião da guerra mais que ele: e lhe auião de fazer mais mal do q̃ lhe ele tinha feyto: porisso que não ganhaua nada em sua morte. E porẽ que se a tãto desejava que cõbatesse em pessoa a fortaleza: e poderia ser q̃ cõ seu fauor a entrarião os seus mouros de que fazia grãde cabedal: e q̃ ho matarião: porq̃ lhe certificaua q̃ ho auião dachar na dianteira pera o tomar viuo e ho mandar preso a el rey de Portugal pa lá pagar suas treyções e maldades. E porẽ que pois não auia dousar de cõbater em pessoa a fortaleza que lherogaua q̃ não fugisse pera o sertão: porq̃ ele ho mandaria buscar á cidade com a artelharía. E dom João trabalhou muyto cõ Bastião que se tornasse pera nollo senhor: e que ele ho leuaria pera

Portugal e lhe ateria perdão del rey, e ele não quis. E dandolhe dō João de vestir ho despedio.

Capit. cxix. De como os inimigos quizerão quey mar hum baluarte de madeira da fortaleza e não poderão.



Bastião se foy logo a el rey de Calicut, e lhe contou como achara dom João e deulhe ho seu recado cõ o que el rey se indinou muyto mais conertle, e fazia combater a fortaleza de dia e de noyte que nunca dom João nem outros tinhão nenhũ repouso e leuauão muyto trabalho. E hũa noyte poserão os inimigos fogo ao baluarte de madeyra porq̃ lhes impidia chegarem á porta da fortaleza. Dō Vasco de lima q̃ seruia de capitão acodio logo cõ gẽte ao baluarte pera matar ho fogo: e os inimigos lho defendião, sobre o que se começou antre eles hũa brava peleja. E dom João que soube o q̃ passaua posto que estava ferido: mandou se levar ao baluarte ainda que contra vontade de todos: porque receou que ardesse ho baluarte: a que mandou logo levar muyta terra pera apagar ho fogo porque cõ a goa não podia ser, nem os portugueses tinhão muyto lugar pera o apagarem pola dura resistẽcia q̃ lhe os inimigos fazião: e ho fogo se y abrauecendo de cada vez mais. E estando os portugueses nesta fadiga quis lhe nollo senhor Jesus Christo acodir com chegar naquella hora Eytor da silueira, q̃ estãdo

em Cananor por capitão como disse em ausencia de dom Simão de meneses, desauose dom Simão em Cochim do governador, e não quis mais andar coele e tornou-se pela sua capitania. E vendo Eytos da silueira que não fazia nada em Cananor, pareceo-lhe bem ir goardar ho porto de Calicut pera fauorecer a fortaleza, e esperaria hi ho governador q̃ sabia que estaua de caminho, e embarcou-se na galeota de Francisco de valconcelos, e levou consigo a carauela e algũs paraõs, e do mar viu ho fogo q̃ estaua aceso no baluarte: e conhecendo que era na fortaleza, chegou-se a terra o mais q̃ pode, e começou de desparar sua artilharia com q̃ fazia grande estrôdo. E ouvindo ho os inimigos tão de supito cuydarão que era ho governador por terem auiso dos mouros de Cochim que era ja partido pera Calicut em socorro da fortaleza. E com ho aluoroço desta sospeita acodirão logo á praya, não somente os inimigos q̃ defendião que não apagassẽ os Portugueses ho fogo do baluarte, mas outros muytos de todas as estancias. E como os Portugueses q̃ pelejauão forão desapressados da peleja / apagarão logo ho fogo: e os inimigos estauerã toda a noyte em vigia, cuydando q̃ os Portugueses q̃ estauão no mar desembarcassẽ, mas nẽentão nem depois não desembarcarão, por recado de dom João quelhe mandou lançar hũa carta e quelho escreuia. E ao outro dia a noyte Eytos da silueira se pos com todos os nauios atirar às bombardadas aos imi-

gos, e entre tanto mādou muytos mantimentos, e poluora a fortaleza pela coiraca. E escreveu a dom João que ho governador se ficaua aparelhando pera ho socorret, e por isso se não auia dir dali, e auia desparar por ele, q̃ se se visse em necessidade de gente quelho mandasse dizer e que logo desembarcaria. E dali a poucos dias chegou Pero defaria que ya por capitão mór de hũa frota de fustas q̃ partio de Goa em socorro da fortaleza em que yão muytos casados de Goa a sua custa a servir el rey, que como souberão do cerco posto q̃ era inuerno pedirã embarcação a Francisco de sa e partirão q̃si na fim de Julho, e por ho tempo ser muyto forte não chegarã mais cedo. E com a armada de Pero defaria se ajuntou no arrecife de Calicut hũa arzezoada armada, cõ que os mouros se agastauão muyto porque vião que daquela vez não poderião tomar a fortaleza, a q̃ amudauão muyto os combates: mas ja os que estauão nela os não tinhão em conta: e tambem lbes tirauão muytas bombardadas, e assi os q̃ estauão no porto com que os inimigos estauão muyto afrontados, e os mouros muyto agastados e enuegonhados de quão pouco tinhão feyto naquele cerco. E el rey de Calicut muyto corrido por tomar seu conselho: e cõ tudo apercebeo-se pera receber ho governador.

Capit. cxx. De como ho governador socorreo a fortaleza de Calicut, e do conselho que teue sobre pelejar com os mouros.

Sabendo ho governador
quão bẽ socorrido fora
dõ João de lina/ descã-
sou algũ tãto do cuyda-
do q̃ tinha de saber q̃ estaua cerca-
do/ e dos cõbates q̃ lhe dauão os
inimigos. E determinou d̃ honã yr
socorrer se não com tempo feyto/
porque fosse com toda a armada q̃
tinha/ e tão poderoso como conui-
nha ao governador da Índia, ho
que não podia ser sem dar ho mar
jazigo, porque não ho dando che-
garia a Calicut com a armada espe-
daçada e sem nenhũ poder, ho que
pera ho tempo era muy perjudi-
cial: por el rey de Calicut estar muy-
to poderoso/ e os mouros cõ grã
de soberba, e se vissem ho governa-
dor com pequena armada não ho
terião em conta: e com grande e bẽ
fornecida de gente e d'artelharía
acrecetar selheya ho medo que dã-
tes tinhão dele. E porque ele isto fa-
bia partio na entrada d'outubro,
em que ja ho mar estaua seguro dos
cõtraestes do inuerno: e levou hũa
armada em que forão mil e nouecẽ
tos Portugueses. E os principais
capitães forão dom Jorge de me-
nezes, dom Jorge telo de meneses,
dom Tristão de noronha, dõ Afõ-
so de meneses, dõ Pedro de castelo
branco, João d̃ melo da silua, dom
dlogo d̃ lyma Antonio da silueira,
Manuel de macedo/ Anrique de
macedo, dõ Jorge de castro/ For-
ge cabral/ Antonio dazenedo ir-
mão d̃ Martim lopez dazenedo se-
nhor d̃ Laures, Duarte dasõseca,
Fernão gomez de lemos/ Antonio
da silua, Antonio de lemos, Jorge

d̃ vascõcelos, Antonio pessoa, Ro-
drigo aranha, e outros capitães d̃
catures a q̃ não soube os nomes.
E coesta armada chegou ho gover-
nador ao porto de Calicut meado
d'outubro por chegar cõ a frota jũ-
ta. E quando vio a q̃ estaua no por-
to, ficou muyto ledo de ver ho bõ
cuydado dos Portugueses no q̃
cõpria a seruiço del rey. E foy ho
arroido grãdissimo da artelharía
da frota q̃ estaua no porto que sal-
uou ho governador, como da sua q̃
saluou ela/ e assi grãde festa de gri-
tas/ e de muytas trõbetas: q̃ foy
tãto q̃ cuydarã os inimigos q̃ ho go-
vernador desẽbarcaua: e a codirãõ
ã praya: fazẽdo jugar a artelharía
q̃ estaua pera ho mar. E os Portu-
gueses tãbẽ lhes tirarãõ/ e nisto se
passou hũ pedaço q̃ estaua por pas-
sar daq̃le dia: e ao outro dia eã ma-
nhecẽdo por ho grãde poder q̃ es-
taua sobre a fortaleza, a cõbaterãõ
os inimigos cõ toda a artelharía q̃
tinhãõ, q̃ toda tirou jũtamẽre e o
trabuco coela/ e passada esta pri-
meyra curriada, mostrarãse todos
na praya/ os adargados diãte, e
detras os espingar deiros e frechei-
ros/ apartados hũs dos outros,
e assi tirarãõ pa ho mar cõ muyto
cõcerto/ e dãdo medonhas gritas
q̃ foy bẽ pera espãtar. E assi se espã-
tarãõ os Portugueses q̃ estauã no
mar, de x̃ tãtos inimigos jũtos q̃ nũ-
ca virãõ tãtos: e erã nouẽta mil ho-
mẽs, porq̃ posto q̃ dos primeyros
nouẽta mil muitos fossẽ mortos lo-
go se refaziã, e nũca faltauãõ deste
numero. E ho governador folgou
muyto de os ver porque soubesse

que soma fazião/ e deixandoos bẽ mostrar/ lbes mandau tirar quando se recolherão: e eles recolbidos tornarão a cõbater a fortaleza, e durou ho combate todo ho día. E visto pelo governador a grãde força de gente que os inimigos tinhão, e quão apercebidos estauão/ nem por isso perdeu ho esforço com que partira o Cochim pera pelejar cõ eles/ antes parece que se lbe acrescentou, porque isto era muyto natural nele, quanto as cousas erão de mayor perigo tanto menos as temia e desejava mais de as cometer, e logo ao outro día pelejara com os inimigos, ho que não fez, por ho regimento que tinha del rey lbe defender que não cometesse as cousas semelhantes sem fazer cõselho geral/ e seguir a parte que teuesse mais votos. E por isso juntos ao outro día em cõselho todos os capitães e fidalgos e pessoas principais, lbes propos ho aperto e que estaua a fortaleza/ e a gẽte que a tinha cercada, e quão soberbos estauão os mouros/ e a gente q̃ ele leuaua, pedindolhes seus pareceres. E forão que não se deuia de pelejar com os inimigos/ porque afora terẽ muyto demasiado poder de gente e grande força d'artelharía/ em cujas bocas auião de desembarcar/ e a desembarcação era muyto roi/ por ser costa bzaua, e andar sempre ho mar de leuada/ pelo que auião de desembarcar a nado, e os inimigos que logo auião d'acodir os matarião a todos sem peleja/ e que se perderia ho estado q̃ el rey de Portugal tinha na India, que importa

na mais que aquela fortaleza: por isso que ho bom seria fazer pouco caso dela/ e despejala e deixala/ e todos quantos estauão no cõselho forão deste parecer, se nã Antonio dazeuedo/ Francisco pereyra pestana/ Eytor da silueira, Daniel de macedo, e dom João de lima, que mãdou por escrito ho seu ao governador: e dizião estes quatro que estauão no cõselho, que nunca ho estado del rey de Portugal estenera em tanto risco de se perder por não pelejarem como naquele negocio/ nem nunca comprira tanto pelejarem pera ho fosterem como então, e mais se perderia não pelejando que com pelejarẽ/ por quão perdido estaua ho credito dos Portugueses na India/ e quão aleuandado ho del rey de Calicut, que nunca mais fora castigado/ despois da morte do Marichal e do desbarato da fonsa dalbuquerque: bũa ofensa tamanha pera Portugueses. E posto que ho não fosse por quão danificado ficara Calicut/ a bastaua que os mouros tinhão q̃ era ofensa, e se então lbe deixassem passar sem castigo aquella o fazerẽ guerra á fortaleza/ e poerẽna em tamanho aperto/ que descrerião o todo dos Portugueses, e os não terião em nenhũa conta, e logo se leuantarião contra as outras fortalezas, porque verião que não perdoauão se não ho que não podiam castigar: e por isso de necessidade auião de pelejar/ pera que ao menos mostrassem que fizerão ho que poderão/ e que esperassem em nollo Senhor que os ajudaria, como

ajudar a Duarte pacheco que tantas vezes desbaratara a el rey d Calicut sem ter gente. E posto que a razão destes era muyto boa / e tal parecia ao governador / não tomava sen parecer porque ho contrairo tinha mais vozes. E por não se determinar de todo que não pelejassem, leuãtou ho côselho deixando a couisa suspensa, parecêdolhe que em outro conselho se determinaria que pelejassem: o que ele desejava muyto pera castigar os mouros / porque auia por grande injuria sendo governador cercarem aquela fortaleza, mas como via tantos contra si e não podia al fazer senã compzir ho regimento que tinha, que era irsecõ os mais pareceres não ousaua de se declarar: esperando como digo que em outro conselho ouuesse outros pareceres nos que dizião que não pelejassem: mas não os ouue em cinco ou seys conselhos q fez despois deste. E todauia sempre os aleuantaua sem se assentar a determinação de não pelejarem / o que não podia acabar consigo. E neste tempo dauão os inimigos muy brauos combates á fortaleza / por darem a entender ao governador q ho nã temião, e ele mandaua cada noyte mâtímetros á fortaleza. E indo hũa noyte dom Jorge de meneses em hũ batel carregado deles e de duzentos padezes de campo / em ho descarregando carregarão sobrele muytos dos inimigos, tirandolhe com suas espingardas e com muytas rocas e frechas de fogo, e era medo delas de noyte polo escuro, e muytos se metião no mar com croques com q

purauão pelo batel: mas como dom Jorge era muyto esforçado liurou-se deles com matar muytos e leuar feridos quantos yão coele.

Capit. cxxj. De como dom João de lima deu hũ rebate no arrayal dos inimigos: e de como ho governador assentou de pelejar coeles



Continuandose estes conselhos acerca de pelejarem com os inimigos em q os mais como disse erão q não pelejassem / Antonio dazeuedo a que parecia bem que ho fizessem, pelaualbe muyto dever caminho pera não pelejarem: porque tinha por sem duuida que auião os inimigos de ser vencidos, e que perdião os Portugueses hũa muyto grande honrra senão pelejauião. E porque a não perdessem, escreueo a dom João o que passaua: pedindo-lhe muyto que se fosse possivel desse de dia hũ rebate nos inimigos / que esperaua em nosso senhor que auião de fugir: e que então veria ho governador quão errado era ho parecer dos que dizião que não pelejassem / e quão bem lhe dizião os que tinhão ho contrairo. E esta carta mandou per hũ seu criado que foy de noyte a nado, e leuaua a carta metida em cera por não selhe molbar. E vista esta carta por dõ João / folgou muyto com ho conselho dantonio dazeuedo, e tomando ho de algũs desses fidalgos que estauão coele / assentou de dar hũ rebate em hũa estácia dos inimigos q estaua onde se chama

a China cota da banda do sul em q̃ auia menos gente que nas outras: e ordenou que hũ fidalgo chamado Jorge de Vasconcelos que fora cõ bo governador e estaua coele/ desse ao outro dia pola sesta na estancia q̃ digo cõ cincoenta espingardeyros, e se tornasse logo a recolher: e q̃ ele lhe iria nas costas pera lhe acodir. E que foy feyto ao outro dia às horas que digo: e entre tãto que Jorge de Vasconcelos ya dar naquella estancia/ mandou dom João aos q̃ ficaram na fortaleza q̃ tirassem espingardadas às outras: porq̃ occupados os inimigos nisso não sintissem Jorge de Vasconcelos quando desse nos que auia de dar, e não lhe acodisse: e assi foy. E como ele era muy to efforçado, e os que yão coele escolhidos ferirão muy brauamente nos inimigos com suas espingardas, e como se virão cometer tão riso e assi tão de supito forão tão cortados do medo que logo se acolherão e deixarão a estancia ficando algũs mortos, e nela tomarão os Portugueses tres berços e hũa bombardas: e ho primeyro que chegou a ela foy hũ fidalgo mancebo chamado Belchior de brito da cidade de Beja/ que saltado sobre ela começou de bradar. Amores/ amores. E tomando os Portugueses estas quatro peças pera as leuarem fizeram os inimigos volta sobre eles com outros que logo acodirão tirando muytas espingardadas e rocas de fogo e dando grandes alaridos. E se a este tempo dom João não esteuera cõ Jorge de Vasconcelos que se ya recolhendo/ ele se vira em grande afrota,

porque os inimigos carregarão muyto, e hũa espingardada deu por hũ ombro a dõ João: e quis Deos que não lhe fez mais mal q̃ leuar lhe quanto lhe alcançou do corçolete, e outras matarão bo almorixe dos mantimentos da fortaleza que auia nome Jorge diaz e hũ amo de dom Diogo delima. E ja neste tempo a artelbaria da fortaleza desparaua pelas outras partes, e era a grita muy grande: e nisso se recolheu dõ João com algũs feridos. E bo governador que vio o que dom João fez folgou muyto, porque vio com quão pouca cousa os inimigos se começaram de desbaratar/ e q̃ se fora mais força de gente q̃ se desbaratarão de todo: e gabou muyto aquelle rebate/ dizendo q̃ bem vião todos que se podia pelejar com os inimigos e por isso q̃ ele auia de pelejar. Do q̃ todos os que erão contra isso ficarão muyto corridos: e na noyte seguinte escreneo muytos agardecimentos a dõ João pelo que fizera/ e assi aos q̃ sayrão: dizendo que lhes parecerão todos muyto gentis homens/ e que lhe mādasse dizer se lhe parecia ainda bem q̃ pelejassem cõ os inimigos/ porq̃ ele determinaua de pelejar coeles: por isso que lhe mādasse algũ homem que lhe dissesse onde desembarcasse. E dom João lhe respondeo/ que ainda lhe parecia bẽ que pelejassem, e q̃ nũca outra cousa diria. E bo homem q̃ lhe mādou foy Jorge delima que lho pediu, e foy em hũa almadia remado bo hũ marinheiro que chamauão ho Guifado/ e a almadia foy arrôbada cõ hũ tiro dos inimigos q̃ toda a noyte

tirauão/porq̃ pelessem os q̃ foffe a fortaleza, z arrôbada a almadia Jorge de lima z ho marinheiro forão a nado: z chegados á frota foy Jorge de lima leuado ao galeão do governador, que toda a noite esteve falando coele/enformandose do poder dos inimigos, zassi do que passara no cerco. Ele lhe deu tão boa enformação / que ho governador assentou d todo de pelejar. Eao outro dia logo pela menbaã chamou a côselho, não pera tomar mais pareceres, mas pera declarar atodos como auia de pelejar cõ os inimigos. E porque os q̃ erão de parecer contrario não ficassem descontentes disselbes estando todos juntos.

¶ Como quer q̃ muytas vezes ho nosso iuryzo se engana/ z julga por fallo o verdadeiro z a verdade por mentira: acontece outras tâtas fazermos obras muy desuiadas de nossa tenção/ pelo q̃ esta deue sempre de ser posta na vontade de nosso senhor, pera q̃ por sua milericordia guie ho efeito dela a seu seruiço z por isso pus sempre neste negocio d pelejarmos cõ os inimigos minba tenção, na vontade daquele deos eterno todo poderoso, pedindolhe que ordenasse tudo como fosse mais seu seruiço: z tendo nele esta esperança estiu tantos dias sem me declarar se tomaria vossos pareceres de não pelejar com os inimigos: que como ley pelo que vi z ouui q̃ soys todos de muy affinada valêzia, z vos achastes em feytos muy façanhosos/ a que cõ sobze natural esforço destes marauilhofo fim, receaua muyto de não tomar vossos pare-

ceres/crendo que pois erão q̃ não pelejassemos, que vos mouia a isso lícita causa. E por outra parte pensando bê as causas que vos podiã mouer/que me não satisfazião pera deixarmos de pelejar/ parecia-me que como ho vosso parecer era humano/ que se enganaua, porq̃ se vos fundaeis em serẽ os inimigos muytos znos poucos: por muyto menos que nos quis nosso senhor que se ouuellem na Índia z fora dela de quasi tâtos mouros z també apercebidos como estes/ tantas z tâ famosas vitorias como sabeis: z porí lo volas não lêbro. Ede crey he que pois nos pelejamos por exalçamento de sua sancta fé, que assi nos ajudará como aos passados/ z tendo esta fé de vencermos fica tirado ho receo de sermos vencidos z de se perder ho estado da Índia. Assim que parecendome que vos enganaeis em vossos pareceres, esperey tantos dias a ver se me mostraua nosso senhor ser isto assi/ z ele seja louuado que lhe aprouue d mo mostrar em os inimigos fugirẽ ontẽ tão asinha com ho rebate quelhes deu dom João. E quãdo tam poucos z sem ordẽ os fizerã fugir: que farẽmos nos todos postos em ordẽ, z cõ a esperança em nosso senhor que os auemos de vencer: certifico uos da sua parte/ q̃ ainda ey estes por poucos pera os vencermos/ z que em nos vendo lhes auemos de parecer muytos mais do que elegsam. Porisso senhores peçouos q̃ vos pareça bê pelejarmos / porq̃ eu nisso estou. ¶ E vendo os q̃ erão de parecer q̃ não pelejassem, sua võ

rade, disserão todos que pelejassem pois lhe parecia bẽ. E dandolhe ho governador por isso muytos agardcimentos / assentou com ho parecer de dom João delima que Eytos da silueira se metesse na fortaleza cõ trezentos homens escolhidos: e depois de metidos logo na noyte seguinte varião nos inimigos ao quarto da lua, e no começo dele se farião na gaula da capitania q̃tro fogos e cruz e tiraria hũa bõbarda grossa / e depois se farião tres fogos pera que foubessem na fortaleza que mōuia o governador pera terra. E em acabando os fogos tocarão hũa trombeta no baluarte de madeyra, cuja porta estaria desatupida pera sayr logo fernão de morais cõ vinte cõpanheiros escolhidos e todos com panelas de poluora que deitarão na estância do trabuco pera queymarem os inimigos, e acodirẽ os outros ali: e no mesmo instante sayria Eytos da silueira / que com os trezentos que leuara de refresco estaria na coiraça e varia nas estâncias da banda do sul. E tambem dõ João delima com a gente da fortaleza que varia pola banda do norte: e ho governador ficaua da banda do este / e pera a de leste auia de jugar a artelbaria da fortaleza.

Capit. cxxij. De como ho governador pelejou com os inimigos q̃ tinhão cercada a fortaleza de Calicut e os venceu.

Asto assentado como foy noyte mādou ho governador a algũs capitães q̃ chegassem os seus na-

nios a terra ho mais que podessem, e que tirassem com sua artelbaria, porque impedissem aos inimigos q̃ não acodissem sobre Eytos da silueira quando desembarcasse. E entre tanto q̃ a artelbaria desparaua desembarcou ele com cento e cincoẽta homens: q̃ não quis ho governador que fossem aquella noyte mais / por que se vetenessem menos em se meter na fortaleza / e entrassem mais sem perigo. E sintindo os inimigos a gente que desembarcava, e que lhe não podião resistir por amor da artelbaria despararão tambem a sua, e tirarão muytas espingardadas cõ que não fizeram nada. E Eytos da silueira se meteo na fortaleza cõ os que yão coele sem perigo / e na noyte seguinte desembarcarão outros cẽto e cincoẽta homens, cujo capitão foy dõ Diogo delima, e etrarão na fortaleza pela mesma maneyra que os outros. E vêdo os mouros quantos dias auia que ho governador estava no porto sem desembarcar pera pelear coeles: e que no cabo deles mandaua recolher aq̃la gente na fortaleza / pareceolhes que era pera seir / e que não ousaua de pelear coeles, e assi ho disserão a el rey de Calicut, e lho fizeram crer / dandolhe pera isso as melhores razões que podião: e gabauanse que a uião de tomar a fortaleza como se ho governador fosse por mais gêre que deixasse nela / e ensoberbecianse tanto como que ho teuessem feyto. E metidos estes trezentos homens que digo, logo na noyte seguinte q̃ foy a de vespera de todos os sãtos: os portugueses assi na fortaleza co-

q̃ não ouue nenhũ q̃ aq̃uele dia não fizesse cousas muyto affinadas. E sobre tudo pola immensa bondade de nosso senhor forão os inimigos deitados das cauas fugindo muytoz pemêre. E não parando fora das cauas acõpanhados ainda do medo q̃ tinham / se espalbarão acolhendose hũs por esses palmares z outros aa cidade ficando bẽdous mil mortos a fora os q̃ despois morrerão das feridas : z dos Portugueses forão mortos corenta z feridos duzêtos z cincoenta: z eles estauão tão encarnicados nos inimigos q̃ os quizerão seguir z êtrar na cidade. O q̃ ho gouernador não quis por conhecer os Portugueses por desmãdados / z recearse de quererem roubar a cidade despois de ser enela, z os inimigos tornarẽ sobreles / z acõtecerlhe ou tratal como ao Barichal, z por isso não quis: q̃ se isso não fora daqla vez podera ser a cidade toda queimada. E ho gouernador se contentou cõ decercar a fortaleza / z desbaratar tamanha força de gẽte como ali estaua. E assi foy este hũ dos maiores feytos d'armas q̃ se fizerão na Índia / porq̃ nũca em outro nenhũ se ajũtarão tantos inimigos / z tãbẽ apercebidos como aq̃les estauão. E coesta vitoria ficou elrey de Calicut d' todo desacreditado. z os reys da Índia se meterão todos por dentro cõ medo do gouernador / a quẽ dali por diãte teuerão em muyto grãde conta. E soon tanto a fama desta vitoria q̃ foy ter ao turco, q̃ ficou muyto espãtado: porq̃ tinha por muyto poderoso a elrey de Calicut / z mais sabendo a muyta gente que tinha.

Capit. cxliij. De como ho gouernador mandou despejar z derribar a fortaleza de Calicut.



Dadas muytas graças a nosso senhor pelo gouernador por esta tão milagrosa vitoria: z assi muytos agardecimẽtos a esses principais por quão bẽ ho fizerão contra os inimigos, alojou sua gente ao derredor da fortaleza: porq̃ era sua determinação derribala pera o q̃ se auia de deter algũs dias. E a causa de a querer derribar era porq̃ lhe não parecia ser uiciodel Rey auer fortaleza em Calicut estãdo elrey de guerra, z q̃ a gente que esteuesse nela estaua em muyta anetura de a leuarẽ os inimigos hũ dia nas mãos. E sobre tudo ter assentado consigo / de no cabo daq̃le verãdo ir á boca do mar roxo esperar os rumes, q̃ tinha por no uacerta q̃ estauão de caminho pera a Índia, z podião vir a quinze de Mayo ou na fim Dabril: z queria ir lá pera inuernar em Bazcate, porq̃ não vindo os rumes na moução Dabril z de Mayo, poderião ir na Dagosto z de Setembro / em q̃ ele esperaua de ser na põta de Diu que eles auião de ir demandar z pelejar coeles antes q̃ entrassem em Diu, z por isto era necessario ir inuernar a Bazcate / porq̃ inuernando na Índia não podia sayr em Agosto z chegar a Diu em Setembro por amor do tempo q̃ era contrairo / z quando não ouuesse rumes fazia cõta de tomar Diu antes q̃ os mercadores z gente estrangeira que ho podião desfeder chegassem: porq̃ era certificado que

antes de chegarê ho podia tomar por estar em desposição pera isso. E porque pera esta empresa lhe fazia muyto pejo ficar fortaleza em Calicut ficando de guerra/ e muyto mais ficando de paz/ porque sabia a pouca verdade del rey queria ele derribar aquella fortaleza/ ho que não disse a pessoa nenhũa, e fingindo que esperaua que el rey de Calicut lhe cometesse pazes se detinha/ e porq̃ se entre tanto os mouros corressem á fortaleza como era certo correrem, se alojou com sua gente ao derredor da fortaleza/ pera que estando ali/ estenesse mayes prestes pera lhes resistir se viessem/ e fortaleceo suas estancias, com a artelharía que tomou aos inimigos: que toda lhes ficou em seu poder quanta tinhão. E vindo eles como ho governador se alojara ao derredor da fortaleza, se ajuntarão todos os espingardeiros/ e forão dar sobrele cuydado de lhe fazer dano: e por detrás de bũas ballas onde se punhão, tirauão muytas espingardadas aos Portugueses/ e assi por detrás de valos donde os perseguirão/ e não lhes aproueitana tirarem aos inimigos porque estauão eparados, E vendo ho governador a opressão que os Portugueses recebião, determinou de derribar os valos e ballas com que se os inimigos emparauão/ e assi ho fez: e ele meismo foy a isso em pessoa/ e foy ho primeyro que começou de cortar as ballas com sua espada sem temor das espingardadas que os immi-

gos tirauão/ e logo se todos chegarão/ e acabarão de as decepar e derribarão os valos: e os inimigos fugirão, e nũca mais oufarão de tornar. E como el rey de Calicut via isto, e estava muyto quebrado/ e via que por mal não se podia vingar dos Portugueses, mādou pedir paz ao governador, offrendose a pagar todas as despesas q̃ forão feytas naquela guerra, e que daria todos os paraós que auia no reyno de Calicut/ e toda a arte lharía. E ho governador q̃ tinha a determinação que disse/ e queria derribar a fortaleza buscou manelra pera el rey de Calicut não fazer a paz: e pediuhe mais que lhe auia de entregar ho Arrel de Porquã/ que sendo amigo dos Portugueses sem causa se leuantara, e lançara cõ el rey de Calicut e ho ajudara naquela guerra. E por el rey de Calicut ho não querer etregar, dizendo que ya contra seu costume, não quis ho governador conceder a paz/ e depois disso estando em conselho com todos esses capitães e fidalgos, e pessoas principaes, lhes propos que el rey de Calicut não queria coele pazes/ e pera terem coele guerra lhe parecia que não era seruiço del rey seu senhor estar fortaleza em Calicut, porque afora não ser de nenhũ proueito/ e gastar-se nela hũ conto e duzentos e vinte sete mil rs/ em ordenados do capitão feytoz/ e outros officiais/ e mātimentos dos soldados/ occupaua gente e artelharía/ que poderião fazer proueito em outra

parte, pelo q se denia de derribar /
 e assi pareceo bem a muytos: con-
 tra o. que foy Eytor da siluetra,
 dom João d'lima, e outros algus.
 Dizendo que el Rey de Portugal
 recebia muyto proueito em ter aq̃la
 fortaleza em Calicut, / porque não
 podia ser mayor honrra pera sua al-
 teza, que estando el rey de Calicut
 coe de guerra ter aquela fortaleza
 em Calicut principal cidade de to-
 do seu reyno / e tão principal em to-
 da a India, e onde el rey de Calicut
 residia ho mais do tẽpo, e e q̃ tinha
 todo seu poder: e foster esta fortale-
 za cõtra sua vontade era conseruar
 se de todo, ho credito do poder del
 Rey de Portugal que el e restaura-
 ra com vècer os inimigos. E poder
 se foster aquela fortaleza estaua cla-
 ro pois se defendera hum inuerno
 por tão poucos Portugueses con-
 tra tamanho poder de gente que nã
 podia ser mayor nem melhor aper-
 cebido de petrechos e munições
 pera baterias e combates: e quãdo
 se defenderão tambem no inuerno
 em que não podião ser socorridos,
 que muyto melhor se defenderião
 no verão em que auião cada dia de
 ser visitados e socorridos pela ar-
 mada que goardasse a costa: e que
 nela não se entẽdia fazer gasto pois
 tinha seus fronteiros limitados, e
 artelharia que não entrauão na ar-
 mada da India / e coeles sõmente se
 faria tanta guerra a el rey de Cali-
 cut / que ou ho destruyzião de todo,
 ou se entregaria sem nenhũa condi-
 ção, ou lbe seria forçado desponoar
 a cidade e fazer sua morada em ou-

tra parte, que seria ho mayor feyto
 que se podia fazer na India / pelo
 muyto credito que tinha nela de po-
 deroso, e fama em muytas partes
 fora dela de seu poder ser inuẽciuel /
 e que este era ho mór proueito que
 se podia fazer cõ a gẽte que era orde-
 nada a fortaleza / e mais q̃ não tor-
 uaua quaesquer outras q̃ se podião
 fazer: antes seria muyto grande aju-
 da pera se fazerem, porque ho medo
 de verẽ abatido tamanho poder co-
 mo ho del rey de Calicut com tão
 poucos Portugueses / quebraria
 ho efforço a outros reys pera se de-
 fendereim e terem guerra coeles, an-
 tes lhes deixarião fazer fortalezas
 onde quisessem: e mais que pera du-
 rar sempre a memoria da muyto
 grande vitória que lbe nosso senhor
 dera contra el rey de Calicut estan-
 do tão poderoso / era bem foster se a
 quella fortaleza / porque derriban-
 do se apagaua de todo, e auião de
 dizer os mouros que por seu medo
 fora derribada. E dom João deli-
 ma se offreceo ao gouernador pera
 ser capitão dela, e a defender com
 seus parentes e amigos em quan-
 to a guerra durasse. E ho gouerna-
 dor pola determinação que tinha
 não quis senão que se derribasse a
 fortaleza: do que se a gente comuõ
 espantou muyto quando ho soube /
 e dizião que não se fizera mais se os
 inimigos vècerão: e culpauão muy-
 to ho gouernador e os do conselho
 que tal cousa aconselharão. E as-
 sentado pelo gouernador que a
 fortaleza fosse derribada / man-
 dou a logo despejar e embarcouse /

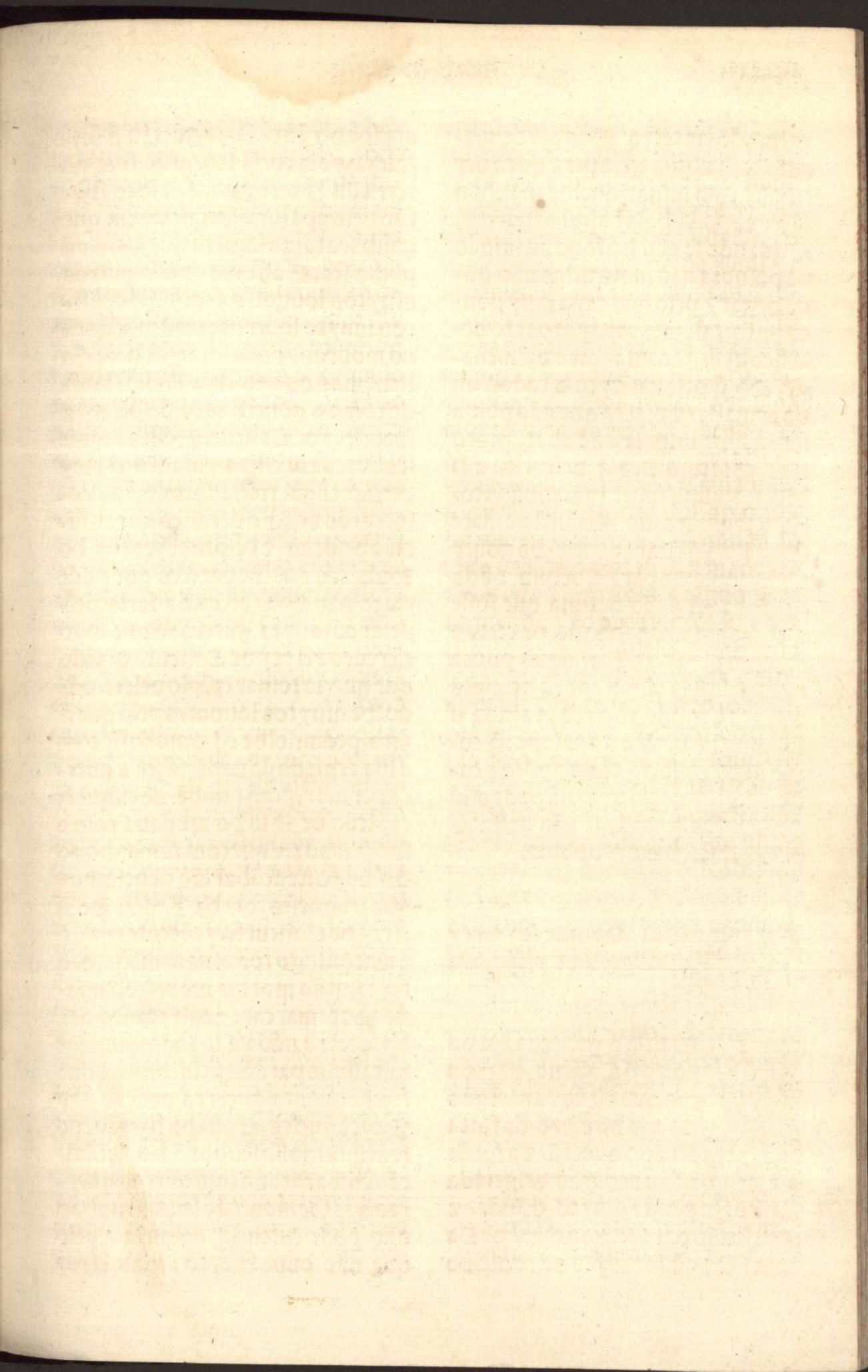
deixando em terra Manuel de macedo com algũa gẽte pera que a derribasse com minas quelhe mandou fazer zaportilhala e algũas partes. E quando se deu ho fogo às minas da poluora nas mais delas não pode pegar / pelo que cayou muy pouco da fortaleza: e a mayor parte della ficou em pé com a torre da menage. Do q̃ pelou muyto a todos os da armada / e dizião que não podia ser mayor injuria / nẽ abatimento dos Portugueses q̃ deixarem assi hũa fortaleza sobre tamanha victoria. Embarcado Manuel de macedo com os q̃ ficarão coele, ho governador se partio pera Cochim, dãdo licença a dõ João delima que fosse a Cananoz acõpanhado de certos catures pera recolher algũa pouca de fazêda q̃ lá tinha / porq̃ ho mais gastara ho todo no cerco, e ainda ifo leuou ho de Portugal: porq̃ como quasi todo ho tempo de sua capitania foy de guerra, nã pode multiplicar sua fazenda se não gastala / pelo que ficou muyto pobre.

Capit. cxxiiij. Do que fez el rey de Calicut despois de despejada a fortaleza.



Rartido o governador do porto d Calicut, os mouros que virão cair algũs lanços do muro da fortaleza entenderão o que era / e a forão ver. E quãdo a acharão despejada foy ho seu prazer muyto grande / e coele forão dar a noua a el rey de Calicut / louuãdo muyto ho conselho

quelhe derão de fazer guerra á fortaleza, pois coela lançarão fora da terra os Portugueses / e zihes fizeram desemparrar a fortaleza / em que ganhara tanta honrra quemais nã podia ser. E assi lbe dauão outros muytos louuores, com q̃ el rey ficou muyto soberbo: e assi ho ficarão os mouros / e não sòmẽte os de Calicut mas os de toda a India / sabẽdo como o governador despejara a fortaleza de Calicut. E esses reys e senhores em cujas cidades el Rey de Portugal tinha fortalezas / começaram de ter esperança que as farião despejar, e ho primeyro foy ho Hidalcão quelhe pareceo que poderia tomar Boa / ou que a faria despejar cõ muyta guerra: o que logo escreueo a el rey de Calicut / dizẽdo que queria tomar exẽplo dele: e dãdolhe muytos louuores pelo que fizera, pedindolhe q̃ ho ajudasse com a sua armada pa coela fazer a guerra per mar, porq̃ tambe Beliquiaz capitão de Diu ho ajudaua com a sua armada: e que com tamanho poder de gente acabarião de deitar os Portugueses fora da India. Do q̃ el rey de Calicut foy cõtente / pa o q̃ ajuntou logo toda sua armada, de q̃ fez capitão mór hũ mouro chamado Pate marcar: e entre tanto que ho socorro não ya mandoulhe que soltasse os paraõs pela costa, e que fizesse quanta guerrra podesse aos Portugueses. E assi ho fizerão / porẽm quis nosso senhor q̃ ho Hidalcão embaraçado com outras guerras quelhe mouerão seus vezinhos não pode entender naquela / pelo que não ouue effeyto: mas el rey



afastar os inimigos. E tornada a fustar ao mar se forão a outra ilha / ôde os não quiserão agasalhar / nê me nos em outra. E vêdo q não auia efeyto ho pera que forão, determina rão dese tornar a Ternate, pera on de os ventos lhes erão contrarios por ser gastada a moução / e por isso se desuiarão tanto de seu caminho q forão ter a hūas ilhas q se chamão as do Aheyo / de quenão poderão aferrar nenbūa com a tormenta que leuauão / e cō as muytas agoa gēs que auia antreles que correm muyto cō que as escorrerão todas, e sayrão a hū largo golfão de mar q he o que se faz antre ho estreito de Bagalhães e as ilhas de Baluco e outras muytas. E como era de la brigado e os ventos erão branos correrão ali muy medonha tormēta com q andarão trezentas legoas em que muytas vezes se virão quasi perdidas: e hūa noyte cō a brueza dos mares lhes saltou ho leme fo ra das femeas / e nunca ho poderão tornar a meter, e estenerão em muy to grande perigo ate pola manhaã que se acharão junto de hūa ilha q seria de trinta legoas, em q sayrão dando muytos lououres a nosso se nhor por lha deparar: e ali forão bē recebidos da gente da ilha que era baça e bem desposta, assi homēs co mo molheres e ô fermosos rostos, e os homēs tinbão as barbas pre tas e compridas / e geralmente era ho sen trajos hūs panos cingidos q chegauão ate os artelhos e erão de hūas palhas como funças, saluo q erão mais aluos e tã massios como olanda / e cobriam se com outro pa-

no tal como este q lhes chegaua ate ho embigo: e doutro tal pano saluo q era mais delgado trazião hūas camisas. A terra era muyto viçosa daruozedo em que auia muytos co cos / e figos como os da India e inhames. E assi auia muytas gali nhas e algūas cabras, e era muyto frelca de agoas / e muyto boas e da ua algūs ligumes. E souberão os Portugueses por acenos que auia muyto ouro ao ponente desta ilha que era tão sadia quenão auia hi ne nhū doentenē aleijado, e auia muy tos velhos / e a gente tinha para os em que pescauão / e nauegauão ao lōgo da ilha, e cortauão a madeyra cō os ossos de peixes, e algūs Por tugueses q yão doentes forão aqui logo sãos. E vendo eles ho bō gasa lhado que recebião daquela gente, e por lhes serem os ventos contrai ros pera tornar a Baluco se detue rão ali quatro meses / que tornarão os ponentes com que se partirão, fa zendo crer aos da terra que fincião muyto sua partida que logo auião de tornar / q andauão descobrindo terra, e chegarão a Baluco a vinte de Janeyro do āno de mil e quinhē tos e vinte seys / onde cuydanão q erão todos mortos, e lhes tinbão vendidas suas fazendas / porque a viagem das ilhas dos Celebes era ao mais de mes e meyo oida e vinda e eles ya em sete querão partidos.

Capítulo. cxxviii. De como Antonio de Brito entregou a fortaleza da ilha de Terna te a dom Garcia anriquez.



Atras fica dito como Antonio de brito e dō Garcia anriquez se concertarão / que porquãto Antonio de brito tinha começado hū jungo que se poderia acabar ate Agosto, esteu esse por capitão na fortaleza ate então: e dahi por dize, te estaria em hū lugar chamado Tolo loco duas legoas da fortaleza / e dō Garcia ficaria por capitão liure e desembargado. E como os Portugueses que estauão com Antonio de brito / esteu esse os mais enfiados da guerra / e teuessem junto muyto muyto crauo que era o que lhes mais lembrava que ho seruiço del Rey deseja uão de se ir daquela terra / e por isso pedirão a Antonio de brito que os leuasse em sua companhia: e ele ho prometeo. E como sabia que dō Garcia se ho soubesse lhes auia d'impedir a ida / e lhes auia de bargar as certidões do soldo q' tinhão vencido, tirou as secretamente antes que se fosse: e pouco a pouco lhes mādou lá leuar ho seu futo, dando a entender que era seu. E secretamente mandou leuar os petrechos da ferraria da fortaleza, e ferro / e chumbo quanto pode, e mandou diante quantos carpinteiros e calafates pode auer: e assi poluora e pelouros / e tudo ho de q' lhe pareceo que tinha necessidade / posto que via em quanta ficava a fortaleza do que leuava. E sem dō Garcia disto ser sabedor, porq' como os officiaes que tinhão estas cousas erão mais amigos d'Antonio de brito que do seruiço del Rey / dauã lhas muyto secretamente. E vindo

ho mes Agosto em q' Antonio de brito se auia dir pera ho Tolo loco, entregou a fortaleza a dō Garcia sem ho muro da banda do mar estar de todo çarrado, e ho da banda da terra por amear a mayor parte dele: e cō hū baluarte da mesma bāda em altura de duas braças, e outronão tinha feyto mais q' os aliceces, e a torre da menagē ē altura de .xl. palmos cō dous sobrados / e do derra deyro ate ho telhado sem paredes se não cō canicadas de canas fēdidas forradas desteiras, e disto erão feytos os repartimētos das camaras. Estas erão as paredes que tinhão as casas da feytoria / pelo q' os porcos e cabras entrão nelas quādo querião: e assi se goardaua a fazēda del Rey / e este cuydado se tinha dela. Esta tão grāde e suntuosa obra foy feyta ē tres ānos, e assi se entregou a dō Garcia dela. E quādo Antonio de brito se foy / foran se coele todos aq'les que esperauão que os leuasse de Baluco fazendo que ho acompanhauão porq' fora capitão, e que logo tornarião. E q' dō Garcia consentio cuydando q' fosse assi / mas eles despois que forão no Tolo loco não tornarão mais / nem Antonio de brito os mandou, porque folgaua de leuar companhia pera ho mar.

Capit. cxxix. De como vendo dō Garcia que Antonio de brito lhe não queria dar os homens que se forão coele, e lhe mandou tomar ho leme, e as bombas e velas de hūa nao.

Vendo dō Garcia passar algũs dias / e que não tornauão os que forã cō Antonio de brito, pare- ceolhe mal: e porisso lhe escreueo pe dindolhe que lhos mandasse pois sabia que ficaua dō guerra e lhe erã muyto necessarios, com o que Antonio de brito desimulou / respon- dendolhe que bẽ sabia a necessidade que tinha deles e que lhos manda- ria: e que lhos não mandaua logo por lhe serẽ necessarios ate acabar ho seu jungo, e pera leuarem a nao sancta Offemea que lhe ficara dian- te da fortaleza por serẽ agoas mor- tas / e esperaua de leuar pera onde estaua como fossem viuas. E não sendo dom Garcia contente cō aq- la resposta / repzicou pedidolhe ma- is asperamente os homẽs q̃ tinha: do que Antonio de brito se escusa- ua compalauras muy frias: no que dō Garcia entendeo que lhos não queria dar: e tambẽ por lhe certifi- carem algũs que ficarão na forta- leza que Antonio de brito não auia de querer dar os homẽs que tinha e q̃ auia de desimular cō palauras ate se ir e leualos, porisso que visse o que lhe cōpria. E ainda sobre esta certeza dō Garcia teue algũs com- primentos cō Antonio de brito pe dindolhe muyto por merce que lhe mandasse os homẽs que tinha / re- presentandolhe a necessidade que ti- nha deles pera servir el rey, e quã- to se perderia de seu seruiço leuãdo os / lembrãdolhe que ho não deua de fazer / assi por sua fidalguia, co- mo por ser tão obrigado ao seruiço del rey. E vendo q̃ sempre Antonio

de brito respondia sem effeito / deu conta de tudo ao feitor, e ao alca- y de mór e aos outros officiaes da fortaleza e pessoas principais dela por cujo conselho lhe fez hũ reque- rimẽto em que lhe nomeaua todos os Portugueses que tinha cõsigo que erã obrigados á fortaleza re- q̃rendolhe da parte del rey de Por- tugal que lhos desse fazendo sobris- so grandes protestações. Emãdou lho per hũ escriuão da feitoria / a q̃ respondeo q̃ logo mandaria os ho- mẽs: e dilatãdo de dia em dia de os mãdar: acordou dom Garcia com conselho dos que disse delhe man- dar tomar ho leme / bõbas e velas da nao sancta Offemea antes que a leuasse, porq̃ sem ela não se podia ir e por ela lhe daria os homẽs q̃ lhe tinha. E mandadas tomar soubeo Antonio de brito, que q̃ndo se vio assi atalhado fez conselho com os que estauão coele, e vendo quenão tinhão em que se ir / que não auião de caber no jungo / por serem muy- tos: determinarão que fossem to- mar a nao por força de armas / e que lhe farião leme / bombas e ve- las. E estauão todos tam danados da cõbica das fazendas que ta ti- nhão / que esquecidos da lealdade Portuguesa / com aquela vontade se armacão / e tomando suas lan- ças e espingardas / e outras ar- mas offensiuas partirão contra a fortaleza de seu rey e cõtra seus va- ssaes, cō tão bruto impeto como se fora contra mouros, fazẽdo grã- des ameaças de prisam a dō Gar- cia, e de mortes a quem ho quisesse defender, e coeste rumor passarão

por diante da fortaleza: e com muyto grande desacatamento e diabolica ousadia se forão todos meter na nao santa Ofemia, cõ grandes bra- dos de pelar de tal: quero ver quem nola defende/que lhe não tiremos a vida. Dom Garcia que os vio pas- sar/ e vio o que yão fazer agastou se muyto, porque selhe representou quãto mal se aparelhaua: e por lhe atalhar mandou hũ requerimẽto a Antonio de brito e aos que estauão coele/que não bolissem com a nao/ nem lhe desobedecessen pois estaua por capitão daquela fortaleza em lu- gar del Rey d Portugal cujos vas- sallos erão, e mandoulho pelo ouui- dor da fortaleza/ com que foy hũ ta- balião publico que lho publicou. E em acabando de ho ler, os que esta- uão com Antonio de brito se rirão do requerimento/ dizendo que não conhecião a dõ Garcia por capitão se não a Antonio de brito, cujo tem- po da capitania duraua ate se ir, e q a ele obedecião e não a outrem: e se dõ Garcia lá fosse que lhe tirarião com as espingardas. E tornãdo ho ouuidor coesta reposta/ foy dõ Gar- cia aconselhado que mãdasse meter a nao no fũdo com bombardadas/ pera o q se começou d fazer prestes.

Capit. cxxx. Da grãde desauêça que ouue antre Antonio de brito e dom Garcia: e de como Anto- nio de brito se partio pera Bãda.



Stando a cousa nestes termos soube ho Ca- chil d'aroes: e como ele era grande amigo d'a-

tonio de brito acodio logo/ e foy fa- lar a dom Garcia: estranhando-lhe muyto a rotura que auia antrele e Antonio de brito: porque deixando ser antre Portugueses que tinhão fama de serem muyto cõformes no seruiço de seu rey sobre todas as ou- tras nações, deuialhe lembrar quã apartados estauão de sua natureza e atre homẽs differẽtes da sua ley, e que começãdo de conuersar: que lhe lembrasse em quão má conta os teriãdo vendo os desauindos e pos- tos em tamanha rotura. Do que dõ Garcia selhe disculpou com lhe cõ- tar a causa que tinha pera fazer o q fazia. E todauia como Cachil da- roes era mayor amigo d'antonio de brito que de dõ Garcia/ e lhe vi- nha bẽficar dom Garcia cõ pouca gẽte pera ter necessidade dele/ quis ser terceyro de os concertar. E des- pois de falar com hũ e com outro, fez de maneyra que Antonio de bri- to leuou a nao comprometer de mã- dar logo os homẽs q estauão coele, que nunca mandou/ porque sabia a necessidade q tinha deles pera sua viagẽ/ do que naceo antreles mor- tal odio/ principalmente por mexe- ricos que nunca falecem onde ha de sauenças. E vêdo os Portugueses esta tamanha antre dom Garcia e Antonio de brito, trabalhauão po- la sustentar assi os que estauão com hũ como os que estauão cõ ho ou- tro, parecẽdo-lhes que teriãdo deles mais necessidade / e fariãdo coisso melhor seu proueito. E começou se a cousa demburilhar de maneyra que dos que estauão com Antonio de brito fugiãdo pera dõ Garcia/ e dos

que estauão coele fugião pera Antonio de Brito: e todos leuauão nouas de bũa parte a outra pera crescer ho odio âtrestes dous homẽs. E destes passadiços teuerão algũs tanto poder que prouocarão a Antonio de Brito que matasse dõ Garcia: pera o q̃ ho fizerão hũ dia ir disimuladamente aa fortaleza, e não podendo fazer ao que ya se tornou. E sendo dõ dom Garcia auísado mandou logo tirar hũa deuassa contra Antonio de Brito, e assi do mais que tinha cometido contra ho seruiço del Rey. E sabendo ho ele, e temendose de lhe perjudicar, buscou maneyra pera que dom Garcia lhe ficasse publicamente por inimigo, por que a deuassa que tiraua não fosse valiosa: e foy fazer com hum fidalgo chamado Lionel delima que era seu parente que se fosse pera dõ Garcia, fazendo se agrauado d'Antonio de Brito, e dizẽdo muyto mal dele, e que se conuidasse a dom Garcia pera lho matar: e Lionel delima o fez assi. E entendendo dom Garcia ho ardil, mostrou se grande amigo de Antonio de Brito, e q̃ se algũa cousa fizera contra ele fora pelo q̃ compria ao seruiço del Rey, e não por mal q̃ lhe quisesse: de modo q̃ Lionel delima não teue eẽtrada coele e ficou ho ardil perdido. E porquenã passasse assi, e Antonio de Brito soubesse q̃ era entendido, escreuecolhe dõ Garcia hũa carta sobriisso, e porque lhe não mudasse a sustancia, mostrou a primeyro a Martim correa alcayde mór e a outras pessoas, contando-lhe ho sobze a q̃ escreuia, e pedindo-lhe q̃ teuesse memoria do q̃ dizia nela

pera sua justificação se Antonio de Brito dissesse outra cousa, porque assi ho fez ele despois q̃ lhe foy dada a carta, dizendo que dom Garcia ho mandaua matar por Lionel delima como seu inimigo que era, e por tal ho publicaua. E nesta desordem e desconcerto esteuerão ate ho Janeiro seguinte que se Antonio de Brito partio pera Banda deixando escorchada a fortaleza da gẽte e do mais que disse. E vendo dom Garcia quã necessitado ficaua de tudo, mandou a Martim correa que fosse a Banda e tomasse gente e fazẽda pera a feitoria aos iungos ou a quaesquer nauios de Malaca que hi achasse, por que nem em Malaca, nem na India não auia lembrança de mandar a Malu co nenhũa destas cousas.

Capit. cxxxi. De como ho governador andando na costa do Malabar se achou mal de hũa perna, pelo que se foy a Cananor.



Retido o governador de Goa foy correndo a costa ate Panane sem achar nenhũs paraõs: porque posto que andassem no mar tinhão em terra suas atalayas que lhe fazião fumaças que dauão sinal dos portugueses andarem na costa, e metiã se por esses rios onde se escondião. E tornando ho governador de frõte de Calicut, mandou que ymar ho lugar de Chale per dom Jorge de menezes e certas naos que hi estauão varadas: e ele ho fez assi. E tornando daqui pera Cananor chegãdo ja perto dele vio passar quatro

paraões de Malabares que se apartarão da conserua doutros que yão buscar arroz. E quando os vio, sintio muyto oularem eles d'aparecer sabendo que andaua na costa. E auêdo aquilo por grãde desauergonhamento, determinou de os castigar: pera o que mādou deitar batel e armouse, posto que andaua mal tratado d'ũa perna em que trazia hũa chaga, e por isso algũs lhe dizião que não fosse que lhe faria mal: q'nauto mais que ho governador da India não auia dir pelejar cō quatro Malabares, que abastauão quaesquer capitães de catures ou bargantins. Mas ele não quis deixar de ho fazer tão amigo era de pelejar, e mais auia de ser o que foy. E metido no batel com outros q' se meterão coe-le / e indo virão algũs bargantins que forão aferrar os paraões / e os tomarão matando quantos yão nelles. E cō tudo ho governador quis chegar a eles daluorçado de ver a peleja, e despois tornou-se ao galeão onde chegou com a perna muyto inchada e agauada de ir em pé ate os paraões / e tornar ê pé ate ho galeão que foy caminho de hũa legoa: e tã bem com ho esquentamento das armas e do aluorço / e logo aquella noyte lhe acodio febre, e achouse tão mal que lhe foy forçado recolher-se a Cananoz pera se curar e recolheo-se no mes de Janeyro deixadopor capitão moor da costa dom Jorge de meneses telo, que andãdo por ela foy ter com Pero de faria á boca do rio de Bacanoz hũ lugar delrey de Marlinga / onde estauão carregando de pimenta cento e cin-

coêta paraões Malabares pera Cãbaya: e os senhores dos paraões ajuntarão ali a pimenta pera a carregarem sem serem sentidos dos Portugueses / que por ser a terra delrey de Marlinga que era seu amigo não atetarião nisso nem os estoruarião. E os que estauão nos paraões erão quatro mil homens, de que muytos erão espingardeiros: e tinhão os paraões muy bem artilhados. E posto que dom Jorge isto soube não quis entrar dentro por ter pouca gente: e escreveu ao governador q' lhe mandasse mais, que como não sabia quantos os inimigos erão mandoulhe mais algũa gente de q' foy capitão moor dom Jorge de meneses, por quem escreveu a dom Jorge telo / que se com a gente que lhe mandaua podesse pelejar com os inimigos que pelejasse / e se não que esperasse ate lhe mandar mais.

Capitulo. cxxxiij. De como dom Jorge telo pelejou com os inimigos no rio de Bacanoz / e de como os desbaratou.



Chegado dom Jorge de meneses á boca do rio de Bacanoz onde estava dom Jorge telo deu-lhe ho regimento que lhe mandaua ho governador acerca de pelejar com os inimigos. E quando dom Jorge ho vio / disse que não se podia goardar aquele regimento por não auer tempo pera se leuar recado ao governador, que estauão os inimigos pera partir no dia seguinte, e era

forçado pelejar coeles e defender-lhe a sayda/ e por isso ho pos em conselho em que se acordou que se devia de pelejar/ com quãto não erã por todos mais de seys centos homes. E aquela noyte se fizeram prestes em comédandose todos a nosso senhor, e toldando e embandeirando seus bargantins, catures e bateis em que auão dêtrar no rio: em q entrarão ao outro dia em começando de repôr tar a maré fazêdo grandes alegrias de tangeres e gritas/ e em pouco espaço toparão com os inimigos q decião com a vazante dagoa que acabaua então. E em os Portugueses os vendo começarão de desparrar muytas bombardadas enchêdo tudo de fumo e de toruões. E como os inimigos não esperauão que eles os fossem cometer dentro no rio quando os virão de supito: e de supito ouirão aquela espátosa toruoadade bombardadas e escurecer ho dia com ho fumo delas/ cuydarão que os Portugueses não tinhamão conto/ e com medo fizeram logo volta polo rio acima: e ajudados da enchente dagoa e dos remos fugião quanto podião/ indo os Portugueses apos eles com a mesma pressa/ tirandolhes coela com sua artilharia/ com que os forão dâneficando ate onde ho rio começaua de ser baixo/ e ali começarão de encalhar assi dos seus paraós como dos bargantins dos Portugueses, ficando hũs por hum cabo outros pelo outro: por em os inimigos porq os Portugueses os não aferrassem assi como encalhauão fugião logo pera terra que não ousauão mais

desperar. E era pera louuar a nosso senhor de como fugião sem verê de que/ porque os Portugueses erã tão poucos como digo. Os nauios mais leues que podião nadar/ assi dos inimigos como dos Portugueses forão remando ate onde ho rio estreitaua tanto que se passaua por hũa ponte/ e ali encalbarão todos: e dos nauios Portugueses nã chegarão mais que dous bateys em que yão ambos os dõs Jorge e quatro catures, em que auia quasi nenhũa gente pera a muyta dos inimigos. E que eles vendo cobrarão coraçãõ/ e fazendo rosto aos Portugueses começarão de lhes tirar cõ sua artilharia e grãde soma de frechadas com q os começarão de ferir principalmente no batel de dõ Jorge de meneses, que como viu q os inimigos tornauão sobre si por que lhe não matassem a gente os quisera aferrar, e chegou se a bote de lança. E dom Jorge telo que viu a grande multidãõ dos inimigos e que de cada vez auão de ser mais, porque recreião os outros dos paraós que ficauão atras encalhados/ pareceolhe que era dõ dice a ferralos sêdo tã poucos como erã: e mais não lhe podêdo socorrer os outros Portugueses que ficauão encalhados/ e pareceolhe melhor tornar se pareles pera despois todos juntos pelejarem com os inimigos. E fazêdo final de recolher/ recolheose: e ao dobrar de hũa ponta por vazar a maré ficou em seco iũto de vinte paraós dos inimigos que tambem ali estauão em seco, que vendo os Portugueses daquela

maneyra acodirão logo com sua ar-
telharia por terra desparandoa ne-
les que não se podião valer tão bas-
tos serão os pelouros, e hum deu no
payol da poluora dū catur em que
se acendeo fogo que ho queymou to-
do, e agēte se saluou saltado no rio.
E efforçandose os inimigos coeste
desastre, pareceolhes como erão mi-
lhares pera a pouquidade dos Por-
tugueses, que não somente os po-
dessem matar mas q os tomassem
as mãos: e dando muyto grandes
coquiadas, e desparando tanta so-
ma de frechas que quasi tirauão a
claridade ao sol lançaranse no rio/
e rompendo pela agoa se cheganão
a eles. E que vendo dom Jorge telo
começou de efforçar os Portugue-
ses, que de muyto efforçados muy-
tos não quiserão esperar os immi-
gos nos nauios e forãnos receber
com muytas espingardadas, e co-
meçouse antre eles hũa bem aspera e
perigosa peleja pera os Portugue-
ses por quão poucos erão. E se nos-
so senhor milagrosamente os não
liurara, dandolhes marauilhoso ef-
forço pera se defenderem não pode-
rão escapar: e todos pelejarão tão
efforçadamēte com a ajuda diuina
que fizerão retirar os inimigos pera
terra ficando no rio algũs mortos,
de cujo sangue e doutros feridos a
agoa ficou de cor de sangue, e dos
Portugueses tambem forão muy-
tos feridos, e forão postos e muy-
to mayor trabalho despois d cessar
a peleja, porque de terra lhes torna-
rão a tirar os inimigos como dan-
tes, e fazião lhes muyto dāno tirā-
delhes como a aluo, e eles não se po-

dião valt bolir por estarem em seco:
e se aquilo durara ate tornar a maré
não ficara nenhum viuo: mas quis
nosso senhor que naquella conjunção
acertou de chegar ali hum capitão
del rey de Marlinga com trinta mil
homēs que ya recolher a renda da
quella comarca, e ouuindo bo estrō
do da artelharia e as gritas dos
inimigos, chegouse a ver o que era:
e com sua chegada estcuerão os im-
migos quedos e se forão, porque sa-
bendo dom Jorge telo como aquele
capitão era del rey de Marlinga, mā-
doulhe dizer que não deua de con-
sentir que aqueles Malabares pe-
lessem com os Portugueses na
terra del rey de Marlinga, pois era
amigo del Rey de Portugal. A q
ho capitão respondeo que assi ho fa-
ria: e por chegar naquelle instante e
não saber nada deles estauão ali. E
castigando de palaura os seus capi-
tães pelo que fazião, os fez meter
pelo sertão cō sua gente. E os Por-
tugueses ficarão desapressados, e
acharão que erão mortos corenta
deles. E determinando dom Jorge
telo de os vingar, como foy tempo
tornouse á boca do rio a esperar os
inimigos quando saysem, e fez em
terra algũas estâcias d artelharia/
porque coelas e com a armada que
tinha na boca fizesse dāno aos im-
migos, e mandou dizer ao gouer-
nador o que passaua, mandandolhe
preguntar o que faria.

Capitolo. cxviii. De co-
mo faleceo dom Anrrique
de menezes.



CQuando este recado
foy ao governador/
tinha ja herpes na
sua perna/ que lhe ti
raua a vida de todo
em todo. Que ele co
nhecendo, como fiel Chriſtão que
era tirou ho ſentido das couſas mū
danas/ e entendeo nas ſpirituaes
confeſſandose de ſeus peccados/ o
que em ſão coſtumaua fazer a mū
de. E feytos todos os autos de ver
dadeiro Chriſtão começou a aluia
de ſe despedir do corpo: e chama
do ho nome de Jeſu, e de ſua glorio
ſa madre de quem era muyto deu
to iſpirou eſte eſforçado caualeyro
em dia da Purificação de noſſa ſe
nhora do anno de mil e quinhētos
e vinte ſeyſ, e foy ſeu corpo ſepulta
do na igreja de Cananor com muy
to grande ſentimēto de todos/ prin
cipalmēte dos que erão amigos do
ſerviço de Deos e del Rey/ porque
ſabião que perdião nele eſtas duas
couſas hū grande executor/ por tã
bem ſer delas muyto grãde amigo:
e que todo ſeu pensamento e cuyda
do era em ſeruir a Deos e a el Rey,
em tanto que iſto lhe tiraua ho cuy
dado de ſua fazenda/ q̃ auēdo dous
annos que eſtaua na Índia e cō tão
bõs dous cargos como teue não ti
nha de ſeu couſa algũa como ſe viu
claramente, em não lhe acharem na
ſua bueta mais que ate noue tãgas
q̃ fazião na moeda portugueſa ſeyſ
centos e corenta ſs/ nem menos ſe
lhe denia dinheiro/ nem ho tinha
mandado a outras partes emprega

do: que poſto que em Portugal qua
do partio pera a Índia vendeffe de
ſua fazenda e arrendaſſe ſuas ren
das dāte mão pera leuar bõ empre
go/ como foy na Índia e viu que
não ſe podia ſeruir el Rey com ter
cargo de ratos os deixou logo/ e
gaſtou iſſo q̃ leuaua ſem mais que
rer aquirir outro/ dizendo que ſe
viueſſe que el Rey ſeu ſenhor lhe fa
ria mercede, e ſe morreſſe a faria a ſeus
filhos. Foy muyto eſforçado e ſem
nenhū medo como ſe vê nas bata
lhas e pelejas/ em que ſe achou na
Índia deſpois de ſer governador/
e em África antes de ir á Índia: e
aſſi como era eſforçado/ era muy
amigo dos homēſ em que auia eſfor
ço/ e louuaua os publicamente/ e
fazia lhes mercede de dinheiro ou de
officios ſegūdo era a qualidade do
feito que fazião. E deſte eſforço q̃
tinha naturalmente lhe vinha ſer
tão amigo de ſua honrra que não ſo
fria fazer lhe ninguem couſa que foſ
ſe contra elle/ o que ſe via claramente,
que dizendolhe ho viſorey dō Ma
co da gama eſtando em Goa algũas
palauras de que ſe ele agaſtou: lhe
diſſe logo que lhe nã diſſeſſe aquilo,
porque em Portugal nã auia dous
homēſ como ele pera injuriarem
hum grande ſenhor que lhe não fa
laſſe muyto bem. E ho viſorey co
mo era prudente e viu que dō An
rique tinha rezão deſtar agaſtado
polo que lhe diſſera, deitou ho fey
to a zombaria, dizendo a algũs fi
dalgos que hī eſtauão que lhe aco
diſſem/ que ho queria matar dom

Anrique, e isto rindo. Foy tão isento em fazer justiça, que nem odio/nem temor, nem afeição lhe toruara, que a não fizesse de quaes quer pessoas de que era bẽ que se fizesse / e por isso foy malquisto dalgũs fidalgos da India de que afez, e dizia mal dele. Foy homem de boa

estatura e membrudo, de rosto bem proporcionado: foy de boa condição e discreto. Era sua determinação tomar Diu / e Adem / e fazer sempre guerra aos mouros: e assim ficarão eles muy desaltuados por sua morte.

Aqui faz fim ho seysto libro da hi-

storia do descobrimẽto e cõquista da India pelos portuguezes. Feyto por Fernão lopez de Castanheda. E impresso em a muyto nobre e sempre leal cidade de Coymbra per João de barreira empremidoz da vniuersidade. Acabouse aos
 iij. dias do mes de feureiro. de

M. D. LIIII.

drigo, q̃ nã quis leuar mais q̃ o pre-
sente q̃ leuaua. E indo assi bẽ acõpa-
nhado chegou a hũs arcos q̃ se fa-
zião diãte das tẽdas do apousenta-
mẽto do Preste, e os arcos estauão
ẽ duas ordẽs, e ẽ cada hũa aueria
bẽ. xx. cubertos todos de pano brã-
co e roxo antresachados hũ de hũa
cor e outro doutra: e de hũa ordẽ a
outra aueria hũ espaço d' cẽ passos:
e estes arcos forão feytos por fazer
festa ao ẽbaixador / porq̃ assi diãte
das tẽdas do Preste q̃ sam brãcas
estaua hũa roxa que dizião não ser-
uir se não em grandes festas ou re-
cebimentos. Aquí onde estauão
estes arcos aueria bem vinte mil
homens postos em renque de hũa
parte e da outra / e pelo meyo fi-
cava hũa larga rua. E todos estes
fayão a ver dom Rodrigo e os de
sua companhia que hião todos bẽ
vestidos e arrayados de ouro / e
os Aberins se espantauão por bo-
traio dos Portugueses ser muy
differente do seu. Abaixo destes
arcos estauão quatro caualos / do-
us de cada parte selados de selas
ricas, e assi os outros iaezes, e
com cubertas de borcado a modo
d' cubertas darinas, e nas cabeças
grandes penachos e abaixo destas
estauão outros muytos també sela-
dos / mas não com iaezes ricos co-
mo os outros. E indo dõ Rodrigo
pelo meyo desta gẽte chegarão a ele
sessenta homens todos bẽ vestidos /
e hião quasi correndo: porque assi
ho costumão quando leuão recados
do Preste. E despois q̃ da sua parte
derão hũ a dom Rodrigo foran se
coele: e chegado hũ pouco átes dos

arcos achou q̃tro leões presos por
cadeas que ho Preste tẽ por estado:
e debaixo dos arcos primeyros es-
tauão assentados os quatro mayo-
res senhores que andauão na corte
do Preste / a que os q̃ hião com dõ
Rodrigo fizerão sua reuerencia, q̃
he abaixar a mão dextera ate ho
chão. E assi ho fez dom Rodrigo e
os Portugueses que parou ali com
os q̃ hião coele: e auendo hũ grãde
pedaço q̃ ali estaua chegou hũ cleri-
go velho parẽte do Preste e seu cõ-
fessor, de tãta vãlia e credito coele q̃
era a segũda pessoa ẽ seu seõorio del
pois dele e chamauase Cabeata. E
este sayo da tẽda roxa ẽ q̃ ho Preste
estaua. Este pgũtou a dõ Rodrigo
q̃ q̃ria e dõde vinha: e ele lhe respõ-
deo q̃ da Índia, e leuaua ẽbaixada
ao Preste joão do capitão moor e
governador das Índias por el rey
de Portugal. Coesta reposta se foy
ho Cabeata, e despois tornou duas
vezes a pregũtar a mesma pregũta:
e da derradeira viõse dõ Rodrigo
tão agastado por não saber ho costu-
me da terra q̃ lhe disse: Não sey q̃ di-
ga. E ele lhe disse q̃ dissesse o q̃ qui-
sesse q̃ tudo diria ao Preste. E dom
Rodrigo não quis dizer mais q̃ o q̃
tinha dito / dizẽdo q̃ nã diria mais
porq̃ a ẽbaixada q̃ leuaua não a a-
uia de dar a outrem se não ao Pres-
te / q̃ mādou dizer a dõ Rodrigo pe-
lo mesmo Cabeata q̃ lhe mādasse o
q̃ lhe mādaua ho governador. E q̃
dõ Rodrigo fez cõ parecer d' todos
os Portugueses q̃ estauão coele / e
ẽtregou ao Cabeata ho presente q̃
Diogo lopez mandaua ao Preste
em que entrãuão estas peças / hũa

espada e hum punhal ricos / quatro panos d'armaduras, hũas couraças ricas com todo seu com-
pilmento, dous berços de metal / quatro camaras pareles / e algũs pelouros e dous barris de pol-
uora / hũs orgãos e hum mapa-
mundi. E este era ho presente de
Dlogo lopez / e dom Rodrigo a-
crecentou quatro fardos de pñe-
ta da que leuaua pera sua despesa.
E despois de ho Cabeata ho tr
mostrar ao Preste tornou coele
onde estauão os arcos / e mandou
estender tudo sobreles. E fazendo
calar todos / disse ho justiça mōr
em voz alta / despois de nomear
cada hũa das peças do presente /
que todos dessem muytas graças
a nosso senhor por se ajūtarem os
Christãos / e se hũ aũta algũs a que
pesasse que chorassem / e os que
folgauão que cantassem. E em aca-
bando de dizer isto deu a gente hũa
grande grita dando graças a De-
os. E coisto foy despedido dom
Rodrigo bẽ descontente por não fa-
lar ao Preste, e assi ho foy por
lhe não fazerem ho galalhado que
esperaua, e soube per algũs Chris-
tãos da Europa que andauão na
corte que aũta quem dissesse aos
grandes senhores dela que conse-
lhassem ao Preste que ho não dei-
xasse ir nem aos de sua companhia,
porque assi era ho costume da ter-
ra. E neste tempo se mudou ho Pre-
ste donde estaua / e a dom Rodri-
go lhe conueo comprar mulas em
que fosse / e buscar quem lhe leuas-
se ho fato, por lho não querer mã-

dar leuar ho mordomo mōr nem
darlhe mulas. E veyo a cousa a
tanto que donde dantes lhe dauão
de comer aa custa do Preste pas-
sarão algũs dias que lho não de-
rão / assi que em onze dias que aũta
que era chegado passou muytos
desgostos, e não lhe aproneitaua
aqueixarse deles / nem mandar pe-
dir ao Preste que ho ouuisse, e
parecia que todos ho desprezauão:
nem ho Preste estimou ho presen-
te que lhe foy dado, e mandou lo-
go dar tudo a igrejas e a pobres,
porque os criados de Mateus lhe
differão que aquele não era ho pre-
sente que lhe el Rey de Portugal
mandaua, e que ho tomara ho go-
uernador, e que lhe mandaua aque-
le. E despois teue dom Rodrigo
bem q̃ fazer em tirar isto da cabe-
ça ao Preste porq̃ ho cria / e porẽ
deu sobristo muytos achaques.

Capit. xxvi. De como ho Pres-
te mandou chamar ho embaxa-
dor e não lhe falou.



Quando onze dias que
dom Rodrigo estaua na
corte hũa quarta feyza
que foy ho primeiro dia
de Nouembro passadas duas ho-
ras da noyte ho mandou chamar
ho Preste: e cuydando ele que era
pera ho ouir foy logo camin-
ho das tendas do Preste que estauão
dentro de hũa cerca de sebe, em que
tambem diante das tendas estaua
hũa casa grande terrea cuberta de
hũ colmo que ha na terra que dura

muyto / e estava armada sobregros
 sos esteos dacipreste forrada de ta
 uoas mal pintadas. Na entrada
 desta casa estauão armadas qua
 tro corrediças de cortinas / a do
 meyo de borcado as outras de se
 da. E diante desta casa se fazião
 dous patios / os quaes crão cerca
 dos tambem de sebe / e na porta
 do primeyro estauão certos portei
 ros / e estes detenerão dom Ro
 drigo e ho não deixarão entrar,
 per espaço de hũa hora / posto que
 fazia grande vento e muyto frio /
 e de enfadados de esperar os da
 companhia de dom Rodrigo ti
 rarão duas espingardadas : e lo
 go lhe perguntarão da parte do
 Preste porque não trazião mais
 espingardas : respondeo que por
 que não hião pera guerra. E nisto
 veo ho mórdomo com outros
 quatro principais da corte : e di
 zendo a dom Rodrigo que fossem
 pera dentro , abalarão indo ele diã
 te com os outros quatro em fiela
 ra / e nos cabos dous homens
 com duas velas acesas nas mãos.
 E entrando pelo primeyro patio
 ate que forão no segundo / detinhã
 se de quando em quando : e dizia
 cada hum por si em alta voz. Se
 nhor o que me mandastes aquí ho
 trago / e de dentro respondião
 tambem em voz muyto alta. An
 day pera dentro. E a esta pala
 ura por ser do Preste e licença
 sua abaixauão todos as cabeças /
 e punhão as mãos dereytas no
 chão por reuerencia. Feyta esta ci
 rimonia muytas vezes pelo modo

sobredito / disse ho mórdomo mór
 e os outros quatro. Os frâgues q
 senhor me mandastes aquí os tra
 go. E da casa respondião que en
 trassem pera dentro / e assi ho fi
 zerão despois de ditas estas pa
 lauras muytas vezes , e ali acha
 rão feyto hum estrado rico , e diã
 te dele estauão cento e sessenta ho
 mens com velas acesas nas mãos
 oytenta de cada banda : e todos
 tinhão as velas em igoal compas
 so. Todo ho chão da casa estaua
 cuberto de esteiras pintadas , e a
 qui se detenerão. E estando assi
 de dentro das corrediças / foy hũ
 page com hum resado do Preste
 a dom Rodrigo : em que dizia que
 ele não mandara Mateus a Por
 tugal / e posto que fora sem sua
 licença , que el Rey de Portugal
 lhe mandaua por ele muytas cou
 sas / e pois lhas mandaua porque
 lhas não dauão. E dom Rodri
 go respondeo que por Lopo soarez
 não poder ir a Baçua / e por fa
 lecer Duarte galuão que el Rey de
 Portugal lhe mandaua por em
 baixador : mas que as peças que
 lhe elrey mandaua estauão goar
 dadas na India / e não as leuara
 Diogo Lopez pera lhas mandar
 por não ser certo de poder tomar
 ho porto de Baçua / nem leuaua
 Mateus se não pera ho deitar em
 qualquer porto que tomasse da A
 beria / pera que despois que ho
 soubesse lhe mandasse ho presente
 que lhe el Rey de Portugal man
 daua / e quando ho Deos leuara
 a Baçua por desejar de ho visi

tar, mandara a ele dom Rodrigo com aquelas peças que lhe dera / e para saber ho caminho quando fosse embaixador del Rey de Portugal. E coesta resposta lhe mandou pedir que ho ouvisse e saberia a verdade: e tambem lhe daria por escripto o que ho governador lhe mandava dizer alem da carta. E sem ho Preste responder a isto ho mandou despedir, e dali a dous dias as mesmas horas da noyte mandou ho Preste chamar dom Rodrigo / que foy e achou a casa que disse aparamentada de borcados / e ataviada de cousas mais ricas que dantes e mais gente e toda muyto luzida, e mais velas e entrou com as cerimoniaes passadas: e os homens que ali estauão a fora os que tinham as velas estauão sem ordem, huns de hũa parte outros de outra com espadas nuas na mão. E depois de ho Preste mandar perguntar a dom Rodrigo polo Cabeata e pelo seu pajee moor muytas cousas sem proposito / lhe mandou dizer que jugassem dous Portugueses despada e adarga. E depois de sayrem dous mandou dizer que saysem outros dous: e por os dous primeyros ho não faze rem á vontade de dom Rodrigo, fayo ele com Jorge dabreu. E acabando de jugar mandou dizer ao Preste que fizera aquillo polo servir, nem ho fizera por outro nenhũ príncipe ainda quelbedera cincoenta mil cruzados / pedindolhe muito que ho ouvisse e saberia o quelbe

mandava dizer ho governador, e que ho despachasse para poder ir tomar a tempo a armada dos Portugueses que auia de ir ao estreito. A isto lhe respondeo ho Preste que ainda entãõ chegara, e que não tinha visto hum terço das lutas terras que folgasse, e que iria ho governador a Abacua / e que lhe mandaria recado e entãõ se iria: e mais que faria ho governador fortalezas em Abacua / cuaquem e em Zella / a que ele ajudaria com todos os mantimentos necessarios. E per fim de tudo não quis daquela vez ouvir dom Rodrigo / e mandoulhe que lhe mandasse por escripto na lingua Abexim o que ho governador lhe mandava dizer. E que dom Rodrigo fez para ver se se podia despachar, e desesperado de lhe não poder falar.

Capitolo. xxvij. De como dom Rodrigo falou ao Preste joão.



Epois disto foy ainda dom Rodrigo chamado do Preste algumas vezes e de nenhũa ho ouvio, e mandou perguntar a Francisco aluarez muytas cousas das cerimoniaes da igreja acerca do culto diuino: de que lhe soube dar tão boa razão que ho Preste ficou contente, e mandou ir perante si Francisco aluarez / e mandou ho reuestir como para dizer missa, e pergun-

toulhe hos finificados d todas as peças das vestimentas, e ele lhos disse. E dali por diante foy dom Rodrigo e os de sua companhia melhor prouidos de mantimentos que dantes, e foylhe dada hũa tenda em que se lhe visse mitta ao modo da igreja de Roma, porque os Aberins não a dizem assi. E ho Preste mandou a todos esses senhores da corte que a ouvissem. E que eles fizesão de boa vontade: e ho Preste e todos tinhão Francisco aluarez por homem santo / e pedianlhe que rogasse a Deos por eles. E hũa terça feyza dezanoue de Nouembro bem noyte foy dom Rodrigo chamado do Preste pera lhe falar. E ele foy com todos os de sua companhia / e no primeyro patio esteue grandes tres horas primeyro que entrasse / e depois entrou na casa que disse com as mesmas cerimónias que dantes entrou / e desta vez achou muyto mais gente que das outras / e muyta dela com armas, e assi estauão muyto mais velas / e a casa alcatifada de ricas alcatifas e, as cortinas d borcado, e os estrados d panos d seda: de modo q tudo estava muyto dauãtagem da primeyra. E dom Rodrigo não entrou nesta casa com mais de noue pessoas de sua companhia / e os outros ficarão defora. E entrado dom Rodrigo forão abertas duas corrediças, de que dom Rodrigo e os que hião coe-le estarião comprimento de duas lanças que alios mandarão estar. E abertas estas corrediças apare-

ceo ho Preste que estava detras de las homem de meaã estatura, que parecia de idade de vinte tres annos, e de tantos era: de cor de maçaã bayones não muyto parda, ho rosto redondo e magro / os olhos grandes, ho nariz alto no meyo: começaua a nacer a barba. E com tudo tinha no rosto hũa grauidade de tamanho senhor como era: tinha vestida hũa roupa de borcado sobre hũa roupa de seda, na cabeça tinha hũa coroa alta / hũa peça de ouro outra de prata, e polo rosto tinha hum tafeta azul como rebuço que lhe cobria a boca e a barba que hum paje abaixaua de quando em quando que lhe parecia todo ho rosto, e depois ho tornaua a aleuantar e ficaua meyo cuberto. Tinha na mão hũa Cruz de prata laurada ao bozil: estava assentado em hũa cadeira real sobre hum estrado alto de seys degraus cuberto de panos ricos / aa sua mão dextera estava hũ paje que tinha hũa Cruz de prata / e de cada parte da cadeira dous com espadas nũas nas mãos, e nos cantos do estrado estauão quatro que tinhão senbas velas acelas. Em ho Preste aparecendo dom Rodrigo lhe fez sua reuerencia abaixando a cabeça e poendo a mão dextera no chão: e ho Preste oulhou parele / e logo lhe mandou perguntar pelo Cabata como se achaua naquela terra / e se folgaua nela. Ao que respondeu que bem / e que folgaua muyto nela por ser de Christãos / e se auia por muyto ditoso de ser

ho primeyro que a ela fora com embaixada. E depois desta reposta lhe mandou pelo mesmo Cabeata as cartas que leuaua parele do gouernador / e ho regimento que lhe dera / tudo na lingua Abexim, que ho Preste leoper si. E depois disse que daua muytas graças a Deos pola merce que lhe fizera em ver o que seus antecessores nunca virão / nem ele cuydara de ver. E que folgaria muyto que elrey de Portugal mandasse fazer fortalezas em Zeila, Maçua, e quaquem: porque temia que os rumes se fizessem fortes naqueles lugares, e fazendo-se dariao grande opressão a ele e aos Portugueses. E querendo elrey de Portugal fazer aquellas fortalezas, ele daria todos os mantimentos que se ouuessem de gastar nelas. E dom Rodrigo disse que si faria, porque tambem de seiaua de as fazer: e sobre isto praticarão hum pedaço. E dom Rodrigo se foy pera sua tenda muyto contente de ter falado ao Preste: e ho Preste tambem ho ficou de sua embaixada / e de ter conhecimento dos Portugueses de que ouuia contar tantas façanhas. E logo ao outro dia mandou chamar Francisco aluarez / e lhe perguntou por muytas cousas da igreja Romana / e pelas vidas de sam Hieronimo e de outros santos, e folgou muyto de as saber, e de as ver em hum flos sanctorum que lhe Francisco Aluarez mandou. E no domingo seguinte mandou hum fermoso caualo a dom Rodrigo: e aquella noyte del

pois de estar dormindo com todos os de sua companhia ho mandou chamar: e ele foy / e entrou na casa onde ho Preste estaua com outra tal magestade como da outra vez: e diante das primeyras corrediças forão dados vestidos a todos os da companhia do embaixador da parte do Preste / de que se logo ali vestirão: e a dom Rodrigo derão outro vestido das corrediças pera dentro. E vestidos todos entrarão onde ho Preste estaua: e ele lhes mandou dizer pelo Cabeata que se podia ir embora com todos os de sua companhia, e que ficasse hum frangue dos que dantes estauão na corte, e por ele lhe mandaria ao caminho as cartas que ainda estauão por escreuer. E dom Rodrigo disse que não auia de partir sem reposta / e que esperaria quanto ele mandasse, mas que lhe pedia que ho despachasse a tempo que podesse ir tomar a nossa armada a Maçua. E ho Preste respondeo per sua boca que lhe prazia, e se auia ele de ficar por capitão em Maçua. E ele respondeo que posto que deseiaua muyto de se ir pera Portugal / que faria o que lhe mandasse, porque sabia que nisso serviria a el Rey de Portugal seu senhor. E coisto ho despedio ho Preste e tornou-se pera sua tenda.

Capitolo. xxviii. Das brigas que ouue entre Jorge da bren e dom Rodrigo.

E outro dia que forão vinte seys de Nouêbro se partio ho Preste supitamente daquela parte pera outra / e donde dantes hia encuberto que ninguem ho não via partio então descuberto encima dū canal acōpanhado de dous pajes e passou escaramuçado por diante da tenda de dom Rodrigo: e logo se levantou a gente toda e se foy apos ele / e dom Rodrigo tambem. E antes de partir se foy parele hū señoz chamado Jazerafael / que era clérigo, e assi hū capitão do Preste pera ho goardar / e mandar alhe dar cincoenta mulas e escrauos pera leuarem farinha e vinho / e outros escrauos pera lhe leuarem ho fato / e das cincoenta não lhe forão das mais de trinta e cinco, e das outras no mais de quinze e algūs escrauos. E de tudo tomou dō Rodrigo ho melhor e ho mais, dizendo que tudo era seu: do que se todos eicādalizarão muyto, principalmente Jorge dabreu e Lopo da gama porque não deu aos outros se não as peores mulas e peores escrauos e que não abastauão pera lhes leuarem ho fato. E por em dissimularão / e depois que chegarão aa corte / mandando ho Preste perguntar per hum frade a dom Rodrigo como hia a ele e aos de sua companhia, e se lhes derão tudo o que lhes mandara dar. E respondendo dom Rodrigo que tudo, disse Jorge dabreu que não disse aquilo que lhe não derão todas as mulas: e as que derão erão tortas e cegas / e os escrauos ve-

lhos e não valião nada. Eorem q̃ assi como tudo era ho tomara dom Rodrigo sem dar nada a ninguem. E dizendo dom Rodrigo que não disse aquilo, porq̃ tudo era muyto perfeyto: respondeo Jorge dabreu / que se tudo era perfeyto que ele ho tinha / e a ele ho dauão, mas que dali por diante não seria assi. E ho frade se espantou muyto donuir isto, e por não ouuir mais se foy cōtalo ao Preste. E depois de ele ido ouuerão Jorge dabreu e Lopo da gama tais palauras que vierão às lançadas e às cutiladas, e Francisco aluarez os apartou, e Jorge dabreu ouue hūa pequena cutilada e hūa perna: e ele e Lopo da gama forão deitados fora da tenda. E sabêdo ho Preste destas brigas e ho sobre que fora / mandou dizer a dō Rodrigo que entregasse as mulas e os escrauos a hū homem que mādou q̃ teuesse cuydado de leuar ho fato dos Portugueses / e que eles não fizessem mais que caminhar. E dom Rodrigo ho fez assi / e aquella noyte foy chamado do Preste pera ho fazer amigo com Jorge dabreu. E por mais que lho ho Preste rogou nunca quis / antes lhe pediu que ho mandasse apartar de sua tenda e a Lopo da gama. E ho Preste ho fez assi, e mandou os apousentar na tenda de hum senhor da corte. E estando aqui chegonse a festa do Natal, em que ho Preste mandou a Francisco Aluarez que lhe dissesse missa, que lhe ele disse segundo ho nosso costume / que ho Preste lounou muyto / e disse que lhe parecia

que estaua no paraíso, e viu confessar e comúgar os Portugueses, o que lhe pareceo em estremo bem: e assi ele como os grâdes e outros de sua corte estauão muyto contentes do culto diuino dos Portugueses e dizião que erão homens sanctos. E tambem ouuirão todos as matinas do Natal que os Portugueses disserão muyto bem: e na noyte seguinte á mea noyte tornou ho Preste a caminhar / e partio assi por passar se gente hũs passos muyto rois e estreitos que tinha pera passar / e onde morrião muytas mulas e gente. E passados estes passos mādou dizer ho Preste a dom Rodrigo / q̃ ele tornaua a seu caminbo, que não caminhasse mais do que lhe mādasse. E com quanto os dias atras ninguem sabia onde ele hia / e a gente pousaua onde achaua hũa tēda brãca armada, a que se fazia cerimonia como se hi estuesse ho Preste: começou então de caminhar desta maneira: metido em hũas cortinas de seda rora sem corridiças de diante e tão altas que ho cobrião a caualo. Estas erão leuadas per homens cō varas que hião da parte de fora, ele vestido destado, e na cabeça hũa coroa douro e de prata / caualgando ē hũa mula ageazada de ricos goarnimētos com hũrico cabresto de dous cabos sobre ho freo, por onde dous pajes leuauão a mula: leuaua mais outros quatro, dous de cada parte, hũs com as mãos sobre ho pescoço da mula, outros sobre as ancas. Diante das cortinas logo pegados coelas leuaua vite pajes dos principais / e estes a pé e diante de-

les hião seys caualos adestro, e diante dos caualos seys mulas cō ricos saezes e goarnimentos / e cō cada caualo e mula quatro moços desporas cō bõs vestidos / e dous os leuauão pelo cabresto / e dous hião com as mãos sobre as selas cada hũ de seu cabo. Diante destas mulas hião logo vinte senhores dos principais da corte, e estes em mulas vestidos de marlotas de seda e bedēs / e diante destes fidalgos hia dom Rodrigo e os de sua companhia por mandado do Preste por lhe fazer honrra: e dali a grande espaço não hia outra gente de pé nem de caualo, e hião corredores diante que fazião apartar todos. Leuaua mais ho Preste dous capitães da goarda q̃ na sua lingoa se chamão Betudetes e sam grâdes senhores / e cada hũ leuaua seys mil homens d'armas, hũ da mão esquerda outro da dereyta / e ambos fora do caminbo e bem afastados do Preste, e se caminhão por terra que he forçado irem todos por hũ caminbo / vay hũ muyto atras do Preste e outro muyto a diante / e cō ho diãteiro vão sempre quatro leões presos por fortes cadeas. Hião mais cō ho Preste detras dele duzentos homens / de que os cento leuão cem jarras de vinho de mel cada hũa de seys canadas / e outros cento com cestos cheos de pão: e coestes vão seys homens detras deles q̃ os goardão. E este mantimento se recolhe nas tendas do Preste em ele descaualgando: hião tambem diante desta gente as tendas das igrejas da corte do Preste que sam treze, e as

pedras d'ara de todas: e cada pedra leuão quatro clérigos de missa em hũa coula como padiola que leuão aos hõbros cubertas de panos de seda / e vão outros clérigos de sobrelente pera quando estes cansarem. Diante de cada hũa hião tres bomẽs dordẽs, hũ com hũa cruz alevantada, outro com hũ turibolo encensando, e outro diante tanjẽdo hũa campainha / e toda pessoa que vay pelo caminho em ouuindo a campainha se afasta pera fora, e se vay a caualo decesse, em tanta veneração tem aquella pedra onde se põe ho sacramento do altar. A gente que hia com ho Preste não tinha cõto / por q̃ em espaço de quatro legoas não auia quem rompesse pelo caminho, nẽ por fora dele: seria a decima parte desta gente toda limpa e bẽtrada / e a outra gente comũ em q̃ ha muytos pobres. E nesta gente não entrão os grandes senhores e fidalgos / porque com cada hũ na quantidade da gente com que abalão pouarão hũa boa cidade ou vila. Despanha, e hirião bem cem mil em calalgaduras de mulas a fora as que hião adestro que serião tres tãtas / e a fora as de carrega que não tem conto: e a fora os caualos que erão muytos. Era coula fermosa o ver tãto numero de gẽte e dalimarias: e coula muyto pera espantar como auia terra que os manteuesse / por que a corte do Preste he muyto abastada de mantimentos.

Capitolo. xxix. De como ho Preste despachou dom Rodrigo de lima.



Si caminhou ho Preste ate chegar jũto de hũa grande igreja da auocação da sanctissima Trindade pera a fazer consagrar / e pera mudar a ela a offada de seu pay que estaua em outra pequena junto daquela: e aqui chegou ho primeyro dia de Janeyro do año de vinte hũ / onde foy recebido de clérigos e frades que passarião de vinte mil. E tẽdo aqui ho Preste seu arrayal em hũa pratica q̃ teue com dõ Rodrigo per terceyra pessoa lhe deu algũs achques sobrelhe não darem o que lhe elrey de Portugal mãdara quando lhe mãdaua Duarte galuão por embaixador, e na mesma pratica lhe mãdou dizer q̃ se fora no tempo dos reys passados e não leuara muyta roupa que lhe não fizerão nenhũa honrra: e que ele lhe fazia muyta. A que dom Rodrigo respondeo q̃ tinha recebidos e suas terras muytos agrauos / assi de desprezos e de roubarem a ele / e aos de sua companhia vestidos e quanto leuauão pera comer / e tres ou quatro vezes os quiserão matar: e que se morressem na quella terra auião dir ao paraíso, porque morrião martyres / porque tudo sofrião por seruirem a Deos e a el Rey de Portugal. E que doutra maneira fora Mateus honrrado em Portugal, por dizer que era seu embaixador / e que doutra era ele / pedindolhe que ho despachasse pera se bir. E o Preste respondeo q̃ bem sabia a honrra que Mateus recebera assina India como em Portugal, e que não ouuesse menencõrea q̃ logo ho despacharia e muyto

á sua vontade, e coísto ho despedio. E no dia dos Reys seguinte, se bautizou ho Preste com sua molher / e sua may e ho Patriarca: e outra muyta gente, q' assi se tornão a bautizar cadano naquele dia segúdo seu costume. E ho bautismo foy em hũ tanque grande forrado de tauoado cuberto de pano dalgodão encerrado: e despois que est' i cheo d'agoa q' hũ clérigo benze e lhe deita oleo / entra ho Preste no tanque per hũs degraus que tem: e hũ clérigo que foy seu mestre homẽ de grande idade, lhe mete tres vezes a cabeça debaixo d'agoa: dize-do. Eu te bautizo, em nome do padre / do filho, e do sp'rito santo. E despois de bautizado / se foy a hũ cadafallõ q' estava junto do tanque cercado de corrediças d' tafetã, pera que dali sem ho verem visse quãtos se bautizauão. E bautizado ele e sua molher e sua may e ho Patriarca / se bautizou grande numero de gente: e tambem mãdou conuidar os Portugeses, pera se bautizarem mas não quizerão. Despois d'isto sem mais passar cousa q' de contar seja, tendo ho Preste despachado a dom Rodrigo / mãdou chamar pera ho fazer amigo cõ Jorge d'abreu / e p'or mais q' lho rogou nunca quis / antes lhe pediu dõ Rodrigo / que ho detenesse dous meses despois de sua partida porque não fosse coele / que era certo que ho queria matar. E ho Preste ficou muyto descõtente de dom Rodrigo não querer fazer ho que lhe rogaua: e despedio ho s'ẽ ho querer ver / e cõ menencoria lhe não quis dar vestidos de borcado que tinha parele / e

pera os outros. E per hũ dos Be-tudetes, mandou a Francisco aluarez hũ Cruz de prata / e hũ casado da mesma laurado de taupia, por posse da senhoria que lhe tinha dada: q' era fazelo bispo daqueles lugares do mar Roxo. E despois de dõ Rodrigo se ir pera sua tenda / lhe mãdou ho Preste trinta o'ças d'ouro, e cincoenta pera os de sua companhia, mãdando que destas ouuesse Jorge d'abreu, e os que estauão cõ ele sua parte, e assi dessem carregas de farinha que mandou, e oytomulas, de trinta que tambem mãdaua: e pera el Rey de Portugal mãdou per Abdenagõ seu paje, hũ coroa d' sua pessoa d'ouro e de prata: e que dissessem a el Rey de Portugal que lha mandaua como de filho apay, e quelha mandaua como cousa prezada, e por ela lhe apresentaua todo fauor ajuda e socorro de dinheiro, gentes, e mantimentos que lhe fossem necessarios, pera fortalezas e armadas q' fizesse no estreito do mar Roxo. E assi forão dados a dõ Rodrigo cinco saquinhos de borcado, e nos tres hãõ tres cartas, pera el Rey de Portugal: scriptas em pergaminho, em lingua Abexim, Arabica, e Portuguesa, e duas pera ho gouernador da India: e estes metidos em hũ cesto forrado de pano e cuberto de couro / e asselado ho fecho: e disse ao embaixador que se podia ir quando quisesse que de todo era despachado. E ele quizerá falar ao Preste e não pode por se partir a madrugada passada pera outro lugar.

Cap. xxx. De como dō Rodrigo se partio da corte do Preste / e da causa porque tornou a ela.



Espachado dō Rodrigo da maneyra que digo / partio se dia de Cinza treze dias de Janeiro.

E forão coele dous filhos de Cabeata, por cujas terras aũa de passar / pera ho goardarem e lhe darem polo caminbo ho necessario / e bia tambem hum frade. E coestes bia Jorge dabreu, e ficauão atras de dom Rodrigo. E logo nas primeiras jornadas, João gôçaluez feytoz da embaixada, sobre palauras que ouue cō hũ João fernãdez que ho seruia lhe deu com hũ pao na cabeça: do que agruado João fernãdez não quis ir mais com ho feytoz, e metose com dō Rodrigo. E dahi a poucos dias, caminbando ho feytoz só / saltou coele leuãdo hũa lança com que lhe deu duas lançadas em hũa mão, e nos peitos, onde ho ouuera de passar ao vão, se a lança não se deteuera e hũa costa: e sobristo foy João fernãdez preso por dom Rodrigo, e hũa noyte fugio pera Jorge dabreu e assí escapou. E proseguindo por seu caminbo, forão ter com dom Rodrigo ho mordomo mór do Preste, e outro senhor / que lhe disserão que os mandaua pera fazerem amizades antrele e Jorge dabreu / porq ficaua muyto descontente de partirem inimigos, e trem assí apartados polo caminbo: rogandolhe

da sua parte que fosse seu amigo, e fossem juntos: e tão lhe disserão q se ouue de fazer. E feyta a amizade, derã a cada Portugues sua mula da parte do Preste. E continuarão aqueles dous senhores cō eles seu caminbo / dizendo que assí lho mandara ho Preste / pera os apsentarẽ ao capitão mór da armada dos Portugueses / porque ho Barnagaels que ho ouuera de fazer ficaua na corte: e assí caminbarão ate chegarem ao lugar de Barua, onde se deteuerão tanto que passou ho tempo / em que a armada dos Portugueses aũa dir a Abaqua pera os leuar a India. E passado ho tempo / dom Rodrigo contra a amizade que tinba feyta com Jorge dabreu, mandou ao feytoz que lhe não desse mantimento nem aos de sua companhia. Sobre ho que Jorge dabreu se queixou ao mordomo mór do Preste / e ao outro senhor: polo que mandarão chamar, e lhe afearão muyto ho que fazia / rogandolhe que desse ho mantimento a Jorge dabreu, mas não ho poderão acabar coele: e cada hũ se foy pera sua pouxada: ficando os Alberis muyto agruados de dom Rodrigo, e espantados de sua crueza. E como Jorge dabreu era esforçado, não quis vlar de mais rogos com dō Rodrigo, e determinou o tomar ho mantimento por força / pera q a tempo que todos dormião / saltou em casa de dom Rodrigo onde estava ho feytoz q tinba ho mantimento, e com os de sua companhia armados, despingar das, lã

cas, e espadas: começou de q̃brar as portas cō hū vay e vem: e foy acoufa a tanto / que hū criado de dom Luys foy ferido de hūa espingardada, e ele se acolheo por hūa porta falsa á pousada do mor domo mór e do outro, que ábos forão prender Jorge dabreu: e os seus por não terem poluora não se defenderão com as espingardas: e presos os mandarão a outro lugar cō goardas que os goardassem. E neste tempo quiserão ho mor domo mór e ho outro / fazer amigos dō Rodrigo e Jorge dabreu mas não poderão: e por isso e por ser passada a moução d se irem na armada da India / determinarão de os tornar á corte: e caminhando pela acharão ho Barnagaetis, que sabendo ho caso que era acontecido / reprendeo muyto ho mor domo mór e ho outro de leuarem os Portugueses á corte, e disse-lhes que lhos deixassem, e bradou muyto com dom Rodrigo, e com Jorge dabreu / pelo que fizerão, q̃ ainda perantele ouuerão muyto mas palauras, do que ho Barnagaetis se espantou / e de ver quam pouco amor se estes tinhão em terra estrangeira onde havião de ser muyto amigos: e tomou a dom Rodrigo a coroa e as cartas do Preste q̃ leuaua pera el rey d Portugal, e leuouos cōsigo a suas terras / e deixou dō Rodrigo no lugar de Barua, e foy-se ao lugar de Barra cō Jorge dabreu: donde e ele e dom Rodrigo forão despois leuados á corte do Preste. Mas como não ho pude saber,

Capit. xxxj. De como dom Luys se tornou a partir da corte do Preste.



Estando na corte aos quinze dias d abril, forão dadas a dom Rodrigo as cartas q̃ lhe dom Luys de meneses lcriuia, que na quele dia fosse com ele em Maçua, porque não podia esperar mais por amor da moução: e assi lhe daua conta do falecimento del Rey dom Manuel / e creuia tambem ao Preste, pedindo-lhe que ho despachase logo. E vendo dom Rodrigo e os outros como naquele dia se acabaua ho prazo que lhe dom Luys punha q̃ fossem em Maçua: ficarão muyto tristes / por verem que auião ainda de ficar hū anno naquela terra: e muyto mais tristes, polo falecimento del Rey dom Manuel. E acordarão em conselho de ho dizerem ao Preste: e logo começarão de rapar as cabeças hūs aos outros que na quele terra se faz por dō / e vestirem panos pretos: e estando os Portugueses neste officio leuaran-lhes ho iantar, e os q̃ ho leuamão vendo ho que fazião deixarão ho comer sem falarem, e forão dizelo ao Preste: que logo mandou perguntar per dous frades a dom Rodrigo que lhies acõteçera. E ele não pode responder com choro: e Francisco aluarez lho disse pelo costume da terra dizendo. Cairam os estrelas e a lūa, e ho sol escureceo e perdeu sua claridade, e não temos quem nos cu-

bia nem quem nos empare / nem
pay nem may que por nos seja, se
não Deos que bepays todos. El
rey dom Manuel nosso senhor be
falecido da vida deste mundo, e
nos ficamos orfãos e desempara-
dos, e a esta derradeira palaura q̃
quasi não pode dizer com choro/
aleuantarão todos hũ dorido prã
to: e os frades se forão também
chorando a dizelo ao Preste / que
ficon muyto triste com aquela no
ua. E em final de tristeza mandon
apregoar / que por tres dias nam
se abrissem as tendas onde se ven-
dia pão / vinbo, e carne / e outras
mercadozias, e assi se fez. E passa-
dos os tres dias mādou chamar
dom Rodrigo e os outros Por-
tugueses / e todos entrarão on-
de ho Preste estava. E ele pergun-
tou a dom Rodrigo quem herda-
ra hos Reynos del Rey de Por-
tugal seu padre, e ele disse que ho
Principe dom João seu filbo, e
respõdeo ho Preste q̃ não ouuesse
medo q̃ é terra de cristãos estauã /
q̃ hõ fora ho pay / e hõ seria ho fi-
lho, e q̃ ele lhe screueria: e dõ Ro-
drigo lhe pediu q̃ ho despachasse /
porque ho esperaua no mar ho ca-
pitão mór da armada dos Por-
tugueses, e que assi ho escreuia a
sua alteza: e ele disse que logo en-
tenderia em seu despacho, que lhe
tornassem as cartas de dõ Luys
na sua lingua: e dom Rodrigo ho
fez assi. E como sabia ho vagar q̃
ho Preste tinha nos despachos,
despedio logo hũ Portugues de
sua cõpanhia / chamado Ayres di-
as, cõ hũ Zibexin cõ cartas a dom

Rodrigo: dandolhe a rezão porq̃
nã fora em Baçua ao prazo q̃ lhe
possiera: pedindolhe q̃ pera ho año
tornasse por ele. E nisto partio se
ho Preste pera outra parte / e tã-
to que foy apouentado dom Ro-
drigo lhe pediu licença pera se ir,
e ho Preste lhe disse que não ou-
uesse medo, que ja tinha mādado
recado a dõ Luys que esperasse:
e por importunação de dom Ro-
drigo, mandou João gonçaluez
ho feytor com cartas suas e de dõ
Rodrigo pera dom Luys / e deu-
lhe hũa boa mula e vestidos ricos
e dez onças douro / e mandou cõ
ele dons criados seus: e dali a hũ
mes e meo despachou dõ Rodri-
go, e deu ricamẽte o vestir a ele e
aos outros, e a q̃tro bu cadeas dou-
ro cõ cruces e a cada hũ sua mula,
e pera todos oytẽta õças douro
e cem panos de seda: e dādolhes
a sua bençãem os despedio.

Capit. xxxij. De como foram
mortos quatro Portugueses
ẽ Arquico. E dõ como dõ Luys
de meneses se partio dõ Baçua.



Quando dom Lu-
ys de Meneses no
porto de Baçua e
quanto forão cha-
mar dom Rodrigo
a corte do Preste /
bião os Portugueses muytas ve-
zes a terra e tratauaõ cõ os Abe-
xis, e treos q̃eis morauão obra de
quarenta Annos: q̃ como q̃rão
mal aos Portugueses não podiã
sofrer velos antrefi / e não oufa-
uão dõ lhes fazer mal porque erão
muytos, porẽm dauãlhedissimu.

ladamente grandes encontros / e faziam-lhe muytos desprezos: ho q̃ eles entendendo ajuntarãse hũs doze / e sem ho dom Luys saber se forão a terra armados de buças, e rodela / e desafiãrão os Rumes to dos juntos: que não ousando de sair ao desafio, lhe disserão mansamente que não querião nada coeles: do que ficarão muy injuriados / e descreditados com a gente da terra que vio ho desafio. E logo ao outro dia que isto foy, forão sete soldados a Arquico em hũ paraõ: que não sabendo ho que era passado antre os outros e os Rumes / não levaram mais q̃ suas espadas. E vendo os os Rumes daquela maneyra, virão que tínhão tempo pera se vingar: e ajuntando algũs mouros derão sobre os sete, de q̃ matarão quatro, e isto com grãde estrôdo e arroído: e q̃ cõ quãto os Portugueses erão Cristãos / nũca Xumagali soltão, q̃ era a justiça da terra quis lá acodir: sabendo q̃ os Rumes e mouros matãrão os Portugueses: nem menos Arraiz Jacob regedor das terras de Barnagaes. E somente hũ fidalgo Aberim que auia nome Sabuzesus acodio ao arroído mas nã fez nada / nem trabalhou por valer aos Portugueses: e despois d̃ mortos estes quatro fugirão os tres, e acolbidos ao paraõ forão dar a noia a dõ Luys. E os rumes e mouros temendo que fosse dom Luys tomar vingança da morte dos Portugueses acolberãse ao senhorio de hũ Aberim chamado Darfela, que com quãto soube ho mal que deixa-

não feyto os não prendeo. E sabendo dom Luys a morte dos Portugueses / mandouse aqueixar ao Xumagali / dizendo que se ho lugar nã fora do Preste que el Rey de Portugal tinha por irmão q̃ ele ho destruyza pela morte dos Portugueses / e por isso ho deixava de fazer e lhe fazia. E Xumagali lho mandou agradecer, desculpãdo se lhe de não castigar os rumes e turcos porque os não podera prender. Isto passando vendo dõ Luys que não hia dõ Rodrigo ao prazo que lhe posera, e q̃ se lhe gastava a moução pera sayr do estreito: partio se deixando escritas cartas a dom Rodrigo, em que dizia a rezão porque não esperara por ele, e auisando ho que não se fosse de junto do mar, que pera ho ãno tornaria por ele: e q̃ se queixasse ao Preste da morte dos portugueses.

Capit. xxxiij. De como dom Rodrigo se tornou á corte do Preste e se tornou a partir.



Partido dõ Rodrigo da corte do Preste pera ho porto de Baçua nã andou muyto q̃ não achou Ayres diaz e ho feytoz João gonçaluez com as cartas de dõ Luys de menses. E quando dom Rodrigo soube q̃ era partido nã deixou de prosseguir seu caminho / e mais polo que lhe dõ Luys dizia q̃ não se apartasse de junto do mar q̃ pera ho ãno tornaria por ele. E chegado a Arquico achou bi muytos fardos de pimenta e de roupa que lhe dom Luys deixara pera seu gasto e

dos de sua companhia, e porque tinhamão que gastar por lhes ho Preste mādā dar todo ho necessario ate q se fossem: acordou cō parecer de todos que mandasse ao Preste a meta de da pimenta e da roupa, e quelha leuasse ho feytoz, e fosse coele Francisco aluarez pera ler a carta d dom Luys ao Preste/ em que selhe mādāua queixar da morte dos Portugueses, e pa ambos requererem ao Preste que fizesse justiça. E isto assi assentado parecendo a dom Rodrigo que ho Preste faria muytas merces a quem leuasse a pimenta, determinou de lha leuar ele mesmo e leuār lha toda pera ho obrigar a fazer lhe mōres merces. E quando Francisco aluarez soube como que ria ir e leuar toda a pimenta, estranhou benão deixar algũa aos que ficauão / mas ele não quis deixar lha: e partio se ho primeyro dia de Setembro, e na fim de Novembro chegou a corte do Preste que estaua em bñ seu reyno chamado Fatigar. E apousentado dom Rodrigo foy falar ao Preste / e lhe deu ho presente que lhe leuaua dizēdo que não hia a mais q a leuār lho / e deu lhe a carta de dō Luys de meneses que lhe escripta acerca dos Portugueses que lhe matarão em Arquico escripta em lingoa Aberim que ho Preste leo. E despois disse q lhe pesaua muyto de dom Luys não vingār logo aqles Portugueses / e matara quātos mouros auia em Arquico: e que ele mandaria fazer justiça, e assi o fez. E da hí a algũs dias despachou dom Rodrigo, e a ele e a Francisco aluarez deu trinta

ouqias douro e cēpanos, e mādou lhes dar de vestir: e disse lhes q fossem de vagar porque auia de despachar hñ embaixador que queria mādā a el Rey de Portugal / pera q soubesse quāto desejaua: e que auia dir coele ate Maçuā ho justiça mōr de sua corte pera fazer justiça sobre a morte dos Portugueses, e per ante dō Rodrigo disse ao justiça mōr que prendesse todos os rumes, turcos e mouros, e Chistãos q achasse que estauão em Arquico no tēpo que hí matarão os Portugueses, e os q achasse culpados em sua morte ou em não prenderē aqueles que os matarão / que os entregasse a qual quer capitão mōr da armada dos Portugueses, pera q fizesse deles justiça como lhe bē parecesse. E coeste despacho se partio dō Rodrigo / e no caminho ho alcançarão ho justiça mōr, e despois ho embaixador que mandaua a Portugal que auia nome Zagazabo que fora ja lá, e sabia bem a lingoa Portuguesa. E indo todos por seu caminho chegarā a Barua q era perto do mar, e por não acharē nenhũa noua da armada dos Portugueses se deixarão estar ate ser passada a moução de poder vir. E neste tempo foy ho justiça mōr a Arquico, e prendeo Xumagali soltão / e Gabri Jesus e Arraiz Jacob e Dafela polas cousas q disse atras, e leuou os presos a corte, o de disse ao Preste como aquele anno nã fora a armada dos Portugueses ao estreito / e que os embaixadores ficauão no lugar de Barua: e ele lhes mandou logo recado que se fossem ao lugar de Aquaxumo que era

melhor lugar que ho de Barua, e hi mandou dar aos Portugueses quinhentas carregas de trigo/ cem vacas, cem carneiros, cem panelas de mel outras tantas de manteiga: e ao seu embaixador mandou dar vinte carregas de trigo e outras tantas vacas e carneiros/ e outras tantas panelas de mel e de manteiga. E assi estenerão ali esperando ate q foy a armada da India.

Cap. xxxiii. De como dō Luys de meneses saqueou Sofar, e chegou a Ormuz.

Dartido dō Luys de Baçua foy sobre Sofar hū lugar no estreito grande e de grande trato pouoadado de muyta gente todos mouros, que vendo a armada de dom Luys fizeram mostra de se quererem defender/ mas como virão desembarcar os Portugueses fugirão/ e ho lugar foy saqado e queymado. E desste lugar seguiu dom Luys sua rota pera Ormuz, onde chegou: e quando soube que Raixxarafo era perdoado e feyto goazil, e Raixxamixir fugido, estranhou ho muyto ao gouernador mostrâdo grande menecoria, e não podia ver Raixxarafo, e polo não ver se partio logo em Agosto sem querer ir cō ho gouernador. E chegâdo á ponta de Diuaçou ho tempo ainda tão verde que lhe foy forçado arribar a Ormuz e hi esperou/ e partio se pera a India com ho gouernador.

Capit. xxxv. De como Antonio faleyro se leuâto com dissimu-

lação de ir fazer presas ao cabo de Boardafum.

Como quer q neste tēpo as licenças pera tratar e fazer presas se dauã na India liberalmēte, auia muyto poucos q as não pedissem/ e por isso antes q dom Luys de meneses partisse pera ho estreito desta vez q digo hū Antonio faleyro que andana na India: com ser as vezes Chatim e outras lascarim, pediu licença a Francisco pereyra pestana capitão de Goa pera ir fazer presas ao cabo de Boardafum/ dizēdo q adauão por ali muytos mouros ao longo da terra em terradas peqnas em q passauão muyto dinheiro dūs lugares pera os outros: e isto parecēdo lhe que andauão seguros dos Portugueses de q nã serião vistos por andarē assi ao lôgo da costa. E pera Francisco pereyra lhe dar a licença de melhor vôtade, lhe prometeo parte da presa/ ou lhe deu logo cousa certa: e por isso lhe deu/ e mais lhe mandou dar do alinazem de Goa quatro berços e hū falcão de metal que assi foy no partido. E a tēção d'Antonio faleyro, segūdo despois pareceo queria coesta cor de licença pera fazer estas presas ecobrir a maldade q auia d'usar e se fazer cosayro de toda roupa. E a fora ter pera isso grande abelidade e ousadia, sabia muyto bē a lingoa Arabica e Persiana e outras. E auida a licença de Francisco pereyra e os berços e falcão, artilhou hūa fusta de cayro que tinha e hū paraô' pequeno: e conuocou pera irem coele ate vinte

Portugueses / hũs omeziados z outros pobres / a que prometeo de lhes fazer as barbas douro, contãdolhe ho modo de que auia de fazer as presas. E tẽdo certos estes soldados / cõcertouse cõ certos Chatis Portugueses casados e Soa q̃ tinhão hũa terrada Dozmuz z hũ buquer de Cananoz q̃ auiaõ de leuar carregados de fazẽda pera tratarẽ e Calayate z Abazcate dõde auiaõ de trazer caualos e retorno: z e quãto se ho buquer z a terrada acabauã de carregar mãdou diãte a hũ Frãcisco faleyro de Setuuel q̃ se fõsse na fusta z na terrada cõ os outros Zascaris esperalo a Chaul, z assi o fez: z e trãdo no rio de Chaul cõ a fusta pera fazer agoada / mãdoulhe Simão dãdrade capitão da fortaleza tomar ho leme z a vela / q̃ Frãcisco faleyro teue maneyra pera a auer z sayo se logo. E despois de vido Antonio faleyro cõ a terrada z buquer forã fazer agoada a ilha das vacas: z e tãdo hi forã ter coles hũs dons mercatores Persianos e hũa cotia q̃ iã de Diupa Persia / z leuauão roupa fina d̃ Cãbaya q̃ valeria seys mil pardaos / q̃ Antonio faleyro lhes roubou cõ quãto leuauão seguro. E despois de os meter a tozme to pera cõfessarẽ se tinhão mais, os catinou z aos seruidores q̃ erã muytos mãdou meter a bãco na fusta z no paraó pera aremarẽ. E despejada a cotia z metida no fũdo / partio se pera a outra costa cõ as velas de sua cõserua indo e le na terrada, z como ainda lá era inuerno era lhes ho vẽto quasi por dauãte / z achauão ho mar muy grosso em tãto q̃ com os grandes mares lhe saltou fora ho le

me da terrada, z andarão tres dias sem ho poderẽ meter / z nisto passãrão muyto grande perigo de se perderẽ cõ se verẽ mil vezes alagados. E tornado ho leme a meter passará auante z forão aferrar terra na costa Darabia obra de treze legoas de Calayate, z juntamente cõ a terrada / a fusta z ho paraó / z ho buquer de scayo z foy ter perto de Dofar z hi se perdeo cõ quãto leuaua / saluo noue homẽs todos Chatis sobre q̃ logo acodirão muytos mouros pera os matarẽ sabendo q̃ erã Chritãos / mas eles se defẽderão tambẽ com as espingardas que leuauão q̃ se saluarão z forão ter a Dofar cujo xeque por ser amigo dos Portugueses lhes fez muyto gasalhado z lhes deu com q̃ se cobrissem z pouiadas, z lhes disse q̃ ficassẽ coele ate q̃ ali fõsse ter algũ nauio d̃ Portugueses em q̃ se fõsse / z assi ho fizerão.

Capit. xxxvi. De como Antonio faleyro foy ter a Calayate z despois a Dofar: z do que fez.



Onhecido por Antonio faleyro onde staua tirou pera Calayate, onde foy surgir z hi vendeo a fazẽda q̃ roubara aos mouros na ilha das vacas / z eles se lhe resgatarão por dinheiro q̃ lhes foy emprestado por outros q̃ conhecião. E como ele determinasse de executar ho mal q̃ hia fazer / disse aos Zascaris q̃ iã coele, q̃ ho xeq̃ de Calayate lhe deuia certa soma de dinheiro q̃ lhe nã quiser pagar, ates sobrisso lhe fizera algũa, offensa por isso q̃ se auia de vingar dele: z isto sendo ho xeq̃ grã

de amigo dos Portuguezes e vassallo del rey Dormuz / vassallo del rey do Portugal, e se se queixara a el rey Dormuz ou ao capitão da fortaleza eles lhe fizeram justiça: porê següdo outras maldades q̃ este Antonio faleyro despois cometeo, mais he de crer q̃ ele queria roubar aq̃le xequê por saber que tinha dinheiro que por lho dener. E dada cõta aos seus Alscaris do q̃ determinaua / infiou a fusta e ho paraó diante da porta das casas do xequê que estauão na praya perto do mar, e dali lhe tirou tãta bombardada, q̃ ho xequê por não se ver destruido lhe mādou quinbêtos xerafins com q̃ se contêtou e ho deixou: e tendo perto de seys mil xerafins cõ os da roupa q̃ roubara aos mouros e coestes recolheos sem partir cõ os Alscaris: do q̃ eles começarão de murmurar atre si / e algũs q̃ estauão desembarcados domizios nã quizerão ir mais coele / e se forão na terrada q̃ foy a outro porto carregar de caualos, e antrestes q̃ se forão foy hũ Manuel sardinha Deuora / e os outros ficarão, assi por serẽ omiziados como por esperarẽ q̃ aida ueriã algũacoula. E ficado coestes q̃ digo, se foy caminho de Dofar / por q̃ ali esperaua dencher as mãos segundo ho dizia aos Alscarins, e ia por capitão da fusta e Francisco faleyro no paraó. E estado surto perto do Dofar pera tomar a Goa / foy ter coele do madrugada hũa nao do mouros do estreito q̃ ia carregada da Índia: e sintindo os mouros q̃ ali estauã Portuguezes fizeram volta ao mar. E Antonio faleyro os seguiu na fusta e no paraó, e os alcão logo por lhes fal-

tar ho vêto: e os mouros não quise rã pelejar nêlã çarse ao mar parecêdolhe q̃ se resgatarão e Dofar / e por isso Antonio faleyro os tomou todos / e erão muytos e deles casados q̃ leuauão suas molheres e filhos: e daqui se foy ao porto de Dofar / e furto mādou dizer ao xequê q̃ selhe q̃ria cõprar aq̃la nao assico moia, e mais q̃ quanto lhe q̃ria dar por nã queymar q̃tro grãdes naos do mercatores mouros q̃ estauão no porto meas descarregadas. E sabido este recado polos noue Portuguezes q̃ disse q̃ estauão cõ o xequê forã se logo a Antonio faleyro / e cõtãrãlhe a piedade de q̃ ho xequê vlarã coeles e seu infortunio rogãdolhe q̃ não fizesse nenhũ mal e seu porto ao menos ate os não recolher, do q̃ ele foy cõtete. E cuydado ho xequê que Antonio faleyro lhe agradecia ho bẽ que fizera aos noue, e auẽdo q̃ estaua seguro deu lhes licença q̃ se fossem. E q̃ lhes eles agradecerão bẽ mal, q̃ recolhidos com Antonio faleyro lhe acrecetarão ho desejo q̃ tinha de roubar as q̃tro naos q̃ estauão no porto, e tornou a mādãr cometer ao xequê se lhas q̃ria cõprar. Do q̃ se ele espãtou muyto, e respõdeo q̃ não esperaua aq̃le galar dão do bẽ q̃ fizera aos Portuguezes / pedindolhe que nã fizesse mal aos q̃ estauão no seu porto. E isto respõdeo ho xequê pera q̃ etretãto q̃ andauão estes recados se fizesse forte cõ hũa tranqueyra q̃ mādou fazer: q̃ bẽ vio a roidade d'Antonio faleyro / e q̃ lhe nã auia de go dar amizade. E feyta a tranqueyra durando ainda os recados não esperou que Antonio faleiro começasse primeiro a peleja, e ele a come

cou mandandolhe tirar cō algũas bõbardadas, e por isso Antonio faleiro não pode ronbar as naos como quísera/ e poslhe bo fogo: e como as bõbardadas erã muyto bastas/ e ele não podia fazer nada cō as suas, afastouse pera bo mar por que bo não mataassem.

¶ Ca. xxxvij. do q̃ acõteceo aos sete portuguezes q̃ ião na nao q̃ Antonio faleiro mādaua pa Calaiate.

Vendo Antonio faleiro que não tinha ali mais q̃ fazer/ determinou de seibir pera outra parte, e porq̃ a nao dos mouros ho não peiasse, mandou a pera Calaiate a vèderse hi a fazenda, e mādou por capitão dela hũ Afonso d' soure, e deu lhe seis portuguezes pera sua cõpanhia, e algũs dos remeiros Canaris, porq̃ não se fiana dos mouros: e praticãdo õde fariã agoada por a nao não ter agoa, disse ho seu mesmo piloto, q̃ d' caminbo a tomarião e hũa agoada q̃ ele sabia q̃ estaua perto, e coisto se partio a nao indo perto de terra: e como naquela costa Darabia as serras sã muyto altas, e bo mar fica coelas abrigado do vento, e fazia calmaria, singraua a nao muyto menos do q̃ so fria apouca agoa q̃ leuaua, e pera q̃ abastasse ate chegarẽ a agoada/ não bebia a gente mais q̃ a fiã por dia cada pelloa/ e como as calmas erão grãdes morriã muytos mouros de sede, e cada dia os deitauão mortos ao mar: e coeste trabalho forã ate q̃ hũ dia disse ho piloto da nao q̃ ia estauão d' frõte da agoada q̃ mādassẽ tomar agoa: e estar iã q̃a

tr o legoas d' terra segũdo seu parecer/ q̃ cō a calmaria nã podia a nao mais chegar. E como a ida a terra era perigosa/ por ela ser d' mouros e inimigo dos portuguezes, não ouue nhũ dos q̃ ião na nao q̃ q̃sesse ir fora se não se lhe caísse por sorte: e deitadas sairão q̃ fossẽ fazer a agoada: hũ Afonso da veiga, e hũ João sirgueiro chati, e outro, e saídos estes deu lhes Lourenço de soure algũas teadas e outros panos baixos, cō q̃ afagassẽ a gẽte da terra se fosse necessario: e cō suas espingardas se ebarcarão no paraõ da nao, de q̃ partirão as oytto oras do dia. E como cō a calmaria q̃ fazia as agoas corressẽ muyto: não poderã os q̃ remanão bo paraõ remar cō tãta forza q̃ não descaísse muyto/ e tãto q̃ chegarão a terra duas oras antes de sol posto, e oulbãdo pera a nao acharão q̃ ficara muyto acima dõde forão ter: e chegados a terra mādarão os marinheiros auer se achauão agoa, q̃ saídos e terra forã saltcados dalgũs mouros q̃ os esperauão e cilada, porq̃ os virã das serras quãdo ião: e dando sobreles pa os matar ferirão algũs/ e logo se a colherã todos ao paraõ: e recolhidos os remeiros forão mais pa baixo õde não acharã nhũa cõtra dição, e fizerã agoada e hũas fõtes solobras q̃ estauão atre certas palmeiras ao lógo do mar, e sol posto se partirã caminbo da nao, indo todos bem cansados do trabalho/ de remar e de fazerem agoada, e de quasi não comerem aquele dia, e assi da grande calma que fazia. E tudo isto foy causa de os remeiros

enfraquerê tãto q̃ de todo não pode
rãoreimar por mais pãcadã q̃ lhes
os Portugueses dauão z por mais
ameaços da morte q̃ lhe fazião/pe-
lo q̃ cõueo aos Portugueses rema-
rê: z parecêdolhes q̃ serião pto da
nao porq̃ a não vião cõ ho grãde es-
curo q̃ fazia começãrão de bradar
pera q̃ ouuindoos na naolhes fizel
sem algũ fogo a q̃ atinassem, mas co-
mo a nao estaua muyto mais longe
do q̃ cuydauão pelo muyto que ti-
nhão descaido nũca os ouuirão: o
q̃ lhes quebrou muyto os spíritos
queerão os q̃ ajudauão a remar q̃
as forças ho muyto remar lhas ti-
nha quasi gastadas/ z as mãos esfo-
ladas de q̃ lhes corria sangue/ z co-
mo desesperaçã de não chegar em
tãto cedo a nao os debilitasse muito
começarão de dormir descançados
z tristes: porê ho cuydado os acor-
daua, z ás vezes remãdo, z as ve-
zes dormido amanheceo sê chegarê
a nao nê a verê: nem quasi q̃ podião
ver a terra, dõde partirão ao dia dã-
tes/ pelo q̃ conhecerão que tinham
muyto descaído: cõ o q̃ desacoroçoã-
rão tãto q̃ nê os Portugueses nem
os Canaris podião remar. E vêdo
q̃ a nao não parecia/ acordarão q̃ se
tornassê a terra pa verê se a podião
ver das serras z marçandose coela
setornarião: z como adauão cansa-
dos z fracos de não comerê não po-
derão chegar a terra se nã q̃si sol po-
sto, z deitarão fateira afastados de
la/ porq̃ se algũ mouros esteuessê
em cilada não dessê sobreles z os po-
sessem ê perigo, z dali foy Afonso da
neiga a terra a nado leuãdo hũa lã-
ça diante de si, z não achãdo nenhũ

impedimêto se soblo na serra/ z ou-
lbando pera hũas partes z outras
quanto podia alcançar cõ a vista nũ-
ca pode ver a nao. E coesta triste no-
ua se tornou ao paraõ/ cõ que João
figueiro q̃si ficou morto: ho outro
Portugues foy tambê a terra em
se poêdo ho sol, z sobido na serra ho
mais q̃ podetão pouco vio a nao. E
estãdo assi oulhãdo vio passar a fro-
ta em q̃ dõ Zuyz de meneses ia pera
Xael como disse atras/ pelo q̃ conhe-
ceo q̃ se a nao esteuera dõde a deitarão
q̃ a êxergara como êxergou os galeõ-
es/ z ela estaua aĩdalã/ mas tinham
tanto descaído cõ ho paraõ q̃ era ta-
manha distancia dõdestauão a nao
q̃ a não podião enxergar. E vendo
Zourenço de soure q̃ ho paraõ não
tornaua pareceolhe q̃ fora tomado
de mouros: z desesperãdo de tornar
partiose ao outro dia pola manhaã
auêdo dous q̃ esperaua por ele. E in-
do caminho de Calayate saltarão
coele Moutaqs q̃ sam hũs cossairos
mouros q̃ andão por ali, z matãdo
os Portugueses tomarão a nao.

Capit. xxxviij. De como foy ter
hũ mouro cõ os tres Portugue-
ses q̃ estauão no paraõ, z do reme-
dio quelhes deu nosso senhor pe-
ra escaparem da morte.



Vendo aquele que fora a
terra q̃ era por d̃ mais ou-
lhar pola nao tornou se
ao paraõ, z disse aos cõ-
panheiros ho pouco recado q̃ tra-
zia: do q̃ todos ficarão tãto tristes
como requeria tamanho desastre,
porque estauão em perigo de morte
por não terê que comer nem em que

nauegar z pera sayrem em terra era pouoadade mouros inimigos dos Portugueses, principalmēte polo dāno q̃ Antonio faleyro fizera z fazia por aq̃la costa. E sintindo os remeyros ho mao remedio q̃ auia fugirão todos aquela noyte, z quando amanheceo estauão os tres companheiros tão fracos dauer dous dias quenã comião quasi nada que estauã pera espirar / z coesta necessidade lançarão enzolos ao mar com que pescarão algũ peixe q̃ comerão cozido em hũ caldeirão em q̃ ho cozerão ē terra. E vendose como digo sem nenhũ remedio / acordarão que esperassem ate ho dia seguinte pera ver se vião a nao que por ventura se mudaria dō dea deixarão, z quando não, que então se auenturassem a irē no paraõ ao lōgo de terra ate Azcate / z comerião trigo cozido dūs quatro alqueyres q̃ acertarão d̃ ter em hũ fardo que deitarão no paraõ pera lastro: z assi comerião algũ pescado q̃ tomassē. E assentados nisto vigiarã ho paraõ, z d̃ q̃ndo ē q̃ndo bião a terra a ver se parecia a nao: z este mesmo dia despois de horas de vespera estando oulhando pera terra virão supitamēte sayr detras dũ penedo hũ monro macebo da te dez oyto annos cō hũa fota na cabeça / z hũ pano encachado z nas mãos hũa meallāça. E cuydando Alfonso daueiga q̃era cilada desparou hũa espingarda q̃ tinha cenada / z se ho mouro não sebaqara matara ho / z em ho pelouro passando leuantase z dādo cōsigo no mar nadou cō muyto grãde pressa ate chegar ao paraõ bradando como que dizia que lhe

não fizessem mal: z em chegādo ao paraõ foy metido dentro, z despois que tornou a cobrar ho folego q̃ tinha q̃si perdido cō medo da espingardada, começou de falar z vëdo q̃ ho não entēdião ajudauase tambe vacenos. E quis nōsso seño dar graça aos cōpanheiros q̃ entēdesse o q̃ dizia, q̃era q̃ ele andādo encima da serra onde goardaua gado os vira sayr da nao z chegar a terra z tornar pera a nao z despois pera terra, z q̃ a nao se partira aq̃la manbaã, z porauer dō deles lho vinha dizer pera q̃ não esperassē por ela / z q̃ se deuião vir a hũa pouoação de mouros chamada Mēte q̃ estaua dali perto / cujo Xequera amigo dos Portugueses z os agasalharia, z q̃ se quisesse q̃ lhes fizesse algũa cousa q̃ ho faria de boa vōtade. E entēdo os cōpanheiros o que ho mouro dizia alegrarãse crēdo q̃ nōsso seño era o q̃ lho mādaua pera se saluarē z derãlbe por isso muytas graças / z rogarãlbe q̃ lhes fosse ouscar algũ mantimēto pera o q̃ lhe derão q̃tro tãgas / prometēdolhe se lho leuasse delhe darẽ teadas z espadas q̃ lhe mostrarão, z ele prometeo de tornar ao outro dia as mesmas horas, z assi tornou cō hũ fardo dapas q̃ sam būs bolos de farinha de trigo q̃ os mouros comē, z hũ cabaço cheo de mel brāco z cinco galinbas / z disse lhes da parte do Xeq̃ de Mēte q̃ se fosse parele, porq̃ folgaria muyto d̃ os agasalhar z q̃ os teria ate auerē algũ remedio pa se tornarē a Yndia ou irēpera Ormuz. E dādo eles ao mouro q̃nto lhe prometerão, lho rogarão q̃ fosse dizer ao Xeq̃ que lhe

rogauão muyto q̃ mādasse por eles porq̃ por não saberê a terra não poderião aceitar a pouoação / e tãbê estauão tão fracos q̃ não se atreuião a remar: e que se mandasse por eles lbe darião aq̃le paraõ e quanto tinhamão nele. E ho mouro lbes prometeo q̃ aquella noyte mādaria ho xeq̃ por eles: e assi mādou que duas ou tres horas até manhaã chegarão a eles q̃tro Cafres ê hũa almadia catiuos do xeq̃ que bião por eles, e cãtãdo ao seu modo em final dalegria os tomarão de toa e se forã, e de madrugada chegarão defrõte da agoa da q̃ ho piloto mouro dizia / q̃ era hũa leuada da goa q̃ saya da serra e cayana praya. E tomãdo ali os Cafres agoa tornarão a seu caminho / e amanhecêdo chegarão a Abete / e quando foy ao desêbarcar João sirgueiro não queria sair ê terra, dizêdo q̃ lbe parecia q̃ ho xeq̃ lbes auia de fazer treição. E por nisto auer algũa detêça, e ho xeq̃ ser bõ homê e discreto pareceolhe o q̃ era / e por isso se foy ê hũa almadia ao paraõ leuãdo hũas cõtas na mão per q̃ rezaua ao seu costume. E chegãdo ao paraõ / disselhe ê lingua Portuguesa q̃ viessem ê bora, e q̃ folgaua muyto cõ sua vinda: q̃ fizessê cõta q̃ estauão âtre Portugueses, e fazêdo os desêbarcar os leuou pera as suas casas que erão muyto boas e sobradadas e os apouentou em hũa em que esteuessem apartados / e ali forão muyto bem agasalhados / e assificalrão naquela pouoação.

Capit. xxxix. De como Antonio faleyro se tornou pera a India /

e do que succedeo aos tres companheiros que estauão com ho xeq̃ de Abete.



Antonio faleyro despois que mandou a nao pera Calayate foy se pora aq̃la costa em que fez algũas prelas de dinheiro q̃ isto cõo q̃ia tinha determinou de se tornar a India, porq̃ por os males q̃ tinha feyto por aq̃la costa não oulhou dinuernar ê nenhũ lugar dela, nê menos ê Ormuz por amor do gouernador q̃ fora sem sua licêça, e porq̃ e lenã que ria tornar a Goa por não dar parte das prelas a Frãscisco pereyra q̃ sabia q̃ lhas auia de tomar selhas nã desse, foy se dereyto a lha de Bãda q̃ está antre Chaul e Dabul, e ali inuernou / e despois ouue perdão do gouernador: e assi ficou sê castigo o tamanha maldade e treição como a q̃la foy / porq̃ sendo muytos lugares da costa Darabia amigos dos Portugueses os escãdalizou de tal modo cõ os dânos e males q̃ hi fez q̃ ficarão mortais inimigos dos Portugueses / e desejaũão de se vingar deles: pelo q̃ hũs xeq̃es vezinhos do xeq̃ de Abete sabêdo q̃ tinha em sua cala os tres Portugueses q̃ forão da companhia d'antonio faleyro, lbe mandarão estranhar muyto agasalhalos / requerendolhe que lhos desse senão que trião sobrele e ho destruyrão. E temendo ele que ho fizessem assi por serem muyto poderosos e ele pouco / contou o que passaua aos tres companheiros / mostrandose muyto triste de os não poder ter rogandolhes que nã

ouneffê por mal d'os mādār pera ca
la doutro xeq seu parête, q̃ moraua
dali certas legoas / e q̃ este os mādā
ria a Caixê / cujo rey era grāde ami
go dos Portugueſes, e dali auerā
ſeu remedio. E mādou coeles hū ſeu
primo e outro parao bē eſquipado,
e aſſi hia ho ſeu. E ido por ſeu cami
nho ao lōgo de terra lhe ſayrão trē
ta almadias carregadas de mou
ros armados pera os tomarê / de q̃
ſeliurarão cō darê às velas dos pa
raos: e como ho vêto era freſco dei
xarā as almadias atadas. E deſpo
is diſto foy ter coeles hū nauio de
Portugueſes que era da conſerua
de dō Luys de meneſes, e hia por ca
pitão dele hū Coſme pinto criado
do meſmo dō Luys: a quē os tres
cōpanheiros cōtarão o q̃ lhes acō
tecera / e a obrigação em q̃ erão ao
xeque, pedindolhe q̃ os leuaſſe no
nauio: do que ele foy cōtête, e por iſ
ſo deixarão ho caminho que leuaū
e ſe eſpedirão do primo do xeqe a
quē mandarão por ele ho ſeu parao,
e hūa arroba deſpeciaria q̃ pedirão
pera iſſo: e aſſi algūas peças que po
derão auer, mandandolhe muytos
agradecimētos pelo bē que lhes fi
zera, e pedindolhe perdão de honā
poderê melhor ſeruir, e ho nauio ſe
foy a Caixê / e cujo porto eſtādo ſur
to ſobreueo tamanha tozmēta de vē
to e cbuua q̃ quātas naos eſtauão
no porto ſe perderão feytas e peda
ços em terra: e aſſi outras que auia
pouco que partirão que arribarão,
e aſſi quātas ſe acolherão ali que ſe
acolhião de fora / e os mares erão
tā groſſos e altos q̃ quādo as ôdas
q̃brauão e terra e trauão por ela de

tro grāde ſpaço: e cayrão no lugar
mil e quinhētas caſas jūtamente q̃
ſe amallaarão todas. E foy a deſtruy
ção tão eſpantosa e medonha que
não auia quē não paſmaſſe de a ver:
e cō tudo ho nauio de Coſme pinto
ficou e ſaluo e ſēpre ſe teue ſobre as
ācoras. E ceſſando a tozmēta foy ſe
a Ormuz, e aſſi ſe ſaluarão os tres
cōpanheiros, ſaluo Joāo ſirgueiro
que cō a tozmēta que digo arribou
a Caixem em hū nauio de Chatis a
q̃ ſe mudou pera ſe tornar á Índia /
e quando arribou ho nauio deu aa
coſta em que ſe eſpedaçou com mor
te de quantos hião nele.

Cap. xl. De como os mouros ga
nharão as tanadarias de Pondā
e de Salſete.



O fidalcão q̃ tinha grā
de magoa de ver poſſuir
as tanadarias d' Pondā e
d' Salſete a el rey d' Por
tugal andaua ſempre eſperādo tēpo
pa as cobrar, e vêdo o gouernador
e dō Luys ſeu irmão fora da Índia
que em Goa não ficaua mais gēte q̃
os ordenados á fortaleza, determi
nou de as tomar, e pera iſſo mādou
hū ſeu capitão e ſeu parête cō cinco
mil homens de pé e de caualo, q̃ en
trādo pola comarca das tanadarias
as começou darrecadar as rêdas pe
ra ho fidalcão, e foy ter a hūa al
dea ôdeſtaua hū Andre pinto tana
dar peq̃no cō ſete ou oyto Portu
gueſes q̃ todos forão mortos ſaluo
ele / que eſcapou muyto ferido e ſe
acolheo ao pagode de Bandozá /
ondeſtaua hum fidalgo chamado
Fernão canes de Souto mayor /

que era Tanadar mór q̃ tinha ali sua estâcia/ por ho Pagode ser forte e cercado de muro de pedra e cal: e tinha cêto e cincoêta Portuguezes/ de que os trinta erão de cavallo/ e trezêtos piães da terra. E como Fernão eanes era muyto esforçado/ em os inimigos chegãdo sobre ho Pagode sayolbes ao encontro/ e foy desbaratado por desarranjo dos seus: e cō muytos feridos se recolheu ao Pagode. E ficando os inimigos por isso muyto soberbos/ ho tenerão cercado dous dias. E neste tempo foy noua a Goa a Francisco pereyra/ que erão mortos quantos estauão no Pagode: pelo q̃ mandou logo Antonio correa de Goa cō certas fustas pera trazer os que escaparão. Com cuja chegada Fernão eanes folgou muyto: e vendose fauorecido cō algũa gête que Antonio correa trazia/ que podião meter no lugar da q̃ tinha ferida: determinou com conselho de ir buscar os inimigos e lançalos fora da terra, pera ho que mandou ê sua busca: e não lhe leuarão deles outra noua, senã que passarão por bũa aldeia chamada Gernã da hã a legoa e meia, mas que não se sabia onde estauão. E como Fernão eanes era muyto esforçado/ e lhe parecia que sabia bem da guerra: assentou que os inimigos bião fogindo com medo/ e q̃ com qualquer gête os poderia desbaratar: e partio logo apos eles, levando vintecinco Portuguezes de cavallo, e cêto e vintecinco ô pé, e trezêtos piães da terra: e ao outro dia a oras ô vespêra passou bũ

rio que se chama ho do Sal (tres legoas donde partira) e no cabo de bũa grande e fermosa veiga que se faz da banda da em: a tiro de bombardarda ouue vista dos inimigos/ q̃ estauão descansando ao pé de hum oyteiro. Que em vendo os Portuguezes se leuãtarão logo: e como estauão espalhados e erão cêto mil/ parecião muyto mais do que erão: ho que crendo os Portuguezes se espantaram/ e dizião que aqueles erão muyto mais dos que forão sobre ho Pagode. E vêdo Fernão eanes este espanto, deteuos pera os esforçar e disselhes. Senhores de que vos espantaeis: porque não erão mais os inimigos que nos cercarão do q̃ estes sã/ que se ho forã não leuãtarão tão asinha ho cerco/ e de se auerê por poucos/ pera contra nossas forças nos alargarão: e assi espero em nosso Senhor que lhes ha agora de parecer pera nos fugirem/ e coesta esperança q̃ todos auemos de ter como Chriştãos, auemos de dar neles/ por q̃ posto que fossem mais do que vos paresem, não temos melhor remedio q̃ pelejar q̃ se nos q̃remos recolher não temos se não ho Pagode que he muyto longe/ e se voltamos estes perros hão de crer que he cō medo, e por isso nos hão de apertar, de maneyra que mais dano nos hã ô fazer sem pelejarmos q̃ pelejãdo, e q̃ nos não fiquem, corremos muyto perigo e passar este rio q̃ temos passado, porque a marê enche e ele he estreito, e os de pé esta certo não acharẽ vao, e os ô cavallo duuido, e pois em voltar e em pelejar ha

perigo/auenturemonos antes ao da peleja que he com honrra, que ao do fogir que pera Portugueses he tão vergonhoso. E tãta desonra: e parecêdo isto bem a todos acordarão que se fizesse assi. E estádo nesta pratica cuidando os inimigos que se detinhão com medo deles forãnos cometer, feytos em duas batalhas em q̃ auia muytos de caualo acubertados/ e hũa de las cometeo os Portugueses de rosto, e a outra lhes tomou a traifeira pera ficarem cercados de todo e não terê por onde fogir/ porq̃ das ilhargas tinhão ho rio e ho mar. E vêdo Fernão eanes que ho querião cercar, antes de ho cercarem disse aos seus q̃ não auia mais que esperar q̃ desse Santiago nos inimigos e assi ho fizeram, e abalãdo fugirão os piães da terra: e os Portugueses ficarão cento e cinquenta/ que não era nada pera tamanha multidão de mouros: e parece que foy milagre de nosso Senhor não se sumirẽ todos antreles de muytas feridas que todos receberão dos primeiros encontros/ e forão mortos cinco de caualo/ e quasi todos os outros feridos/ e antreles Fernão eanes com hũa zanguncho darremelo q̃ lhe passarão ho corçolete pela ilharga esquerda e ho ferirão, e a hũ Diogo de moraes criado do Duque de Sargança cortará de hũ pé quanto lhe laya fora do estribo, e prouue a nosso Senhor por sua piedade que ainda q̃ Fernão eanes foy tão mal ferido nem por isso desamorçou/ antes com muyto esforço feria nos

inimigos, ajudando os seus como bom companheiro/ com que os esforçou tanto que não pelejauão como cento e quarenta e cinco/ se não como que forão cinco mil/ ferindo e matãdo muytos dos mouros: e antreles foy ho seu capitão, pelo que os desta primeira batalha perdido ho esforço se desbaratarão logo e fogirão: e com ho impeto q̃ leuauão derão na segũda batalha que vinha pera tomar as costas aos Portugueses, e desbaratarão os que estauão nela, que tambem fugirão cuidando q̃ erão os Portugueses que dauão neles, e assi fugirão hũs e outros: e era muyto pera louuar a nosso Senhor ver como fogião sendo tantos: Fernão eanes não os quis seguir por estar tam mal ferido como estaua/ e ter toda sua gente muyto ferida/ e os caualos mortos: e quis nosso Senhor que lhe não matarão mais q̃ os cinco que disse, e dos mouros segũdo se despois soube forão mortos mil/ e os mais deles homens escolbidos/ como se vio na riqueza das cabalas das toucas e dos terçados que lhe forão tomados pelos Portugueses despois que ficaram seguros no campo: ôde por ser ja perto da noyte Fernão eanes se deixou estar ate que amanheceo q̃ hũs aos outros como melhor poderão se leuarão ôde Antonio correa estaua com as fustas: em que se embarcarão muyto fracos, e se os mouros acertarão de tornar nam escapara nenhũ. E Antonio correa os leuou pera Goa onde muytos morrerão ôpois das feridas.

E como Francisco pereyra não te-
ue gente que mãdasse á terra firme,
pera acabar de deitar dela os mou-
ros: tenerão eles tempo vendo que
não hia ninguem tomarão aquelas
tanadarias que rendião cincoenta
mil pardaos douro pera el Rey de
Portugal: o que não acontecera se
o governador inuernara na India/
porque ouuera dinuernar em Goa
donde logo socorrera com gente/ e
se acodira em quente tenera pouco
que fazer em deitar os mouros fora
segundo estauão espátados do bra-
uo pelejar dos Portugueses. E ga-
nhadas estas tanadarias, mandou
ho thidalcão outro capitão que fez
seu assento em Pondá: e porq̃ este
tolhia que não fossem a Goa māti-
mentos da terra firme, fez Francis-
co pereyra paz coele.

Cap. xli. De como hũa das naos
da armada de Fernão de maga-
lhães que hia pera Espanha arri-
bou a Maluco/ e foy tomada pe-
los Portugueses.



Azendo Antonio de bri-
to (como disse atras) a for-
teza de Maluco como
os ares erão diferentes
dos da India / e assi os mantimē-
tos, adoeçalhe a gente/ do que ele
tomaua muyta paixão / e assi por
não achar aquela facilidade que es-
peraua pera fazer a fortaleza / nem
amizade na raynha de Ternate. E
coisto adoeceo també, não que caísse
em cama: mas hũa roim disposição
do descontentamento que tinha / e
arrepêdiase bẽ de ter aceita da aq̃la

empresa. E andando assi soube que
ao lōgo da costa de hũa ilha chama-
da Satachina cincoenta legoas da
de Ternate andaua hũa das duas
naos dos Castelhanos q̃ partirão
de Lidoze/ que arribara do cami-
nho por fazer muyta agoa e nã po-
der lofrer ho mar, e de trazer doete
toda a gente andaua como perdida
sem poder tomar terra. E que sabē-
do Antonio de brito, pediu a dom
Garcia anriquez que fosse por ela/
e ele foy no seu nauio indo em sua cõ-
serua Cachil Daroes em hũa cora-
ra, e em outra hia hũ Duarte de re-
sende escriuão da feytoria de Malu-
co/ que despois foy feytor e leuaua
desasleys Portugueses. E chega-
do dom Garcia onde a nao andaua
achouba surta, e mãdou a ela Duar-
te de resende que chegado a ela bra-
dou/ e a gēte estaua tão doete e tão
fraca que ninguẽ lhe respõdeo / pe-
lo que Duarte de resende entrou de-
tro com a gēte armada. E cuydado
os Castelhanos que os querião ma-
tar pedirão misericordia / e ho seu
capitão que se chamaua Gõçalo go-
mez da espinhosa foy falar a Duar-
te de resende/ e lhe contou sua desa-
uentura: e ele ho segurou e leuou a
dõ Garcia/ em cujo poder se meteo
com quantos estauão na nao, e dali
se tornou a Ternate/ e a entregou a
Antonio de brito com todos os Ca-
stelhanos que forão curados e aga-
lhados como Portugueses, e na
nao forão achados liuros do astro-
logo sam Martin q̃ hia cõ Fernão
de magalhães e faleceo na viagem/
e assi dous planisphérios de Fernã
de magalhães feytos por Pero rey

nel, e outras cartas grandes do caminho dos Portuguezes ate a India, e quarteiroes dela ate Maluco, e todos errados: e assi forão achados os liuros de todos os pilotos das naos daq̃la armada, e dos verdadeiros pareceres daq̃la via-ge: em q̃ se achou por eles mesmos ser Maluco e Bada do descobrimento del rey de Portugal: e todos estes liuros e instrum̃tos forão entregues por Antonio de Brito ao feytor: e tãbẽ foy achado nesta nao bũ Balpat rodriuez Portuguez, q̃ estando em Ternate por feytor de muytos Portuguezes, ao tempo que os Castelhanos chegarão a Tidore fugio pareles / com a fazenda que tinha das partes / e se hia com eles pera Castela: polo que Antonio de Brito ho mandou degolar, cõ pregão que publicaua sua culpa. E estando esta nao aqui surta deu á costa assi como estaua carregada com bũa tronoada que sobreneo, e perdeose com quanto tinha: e esta fim ouue a armada de Fernão de Magalhães e ele, q̃ foy juiz de nosso Senhor pola treição q̃ fez a seu rey em lhe q̃rer falsam̃te tirar ho que era seu, e possuya cõ tãto iusto titulo / e cõ ter gastada nisso tãta parte de sua fazêda. E despois q̃ estes castelhanos forão saos, os mādou Antonio de Brito pa Malaca: e lenou os dõ Garcia e rriq̃z q̃ partio pera lá na entrada de Janeiro, de mil e q̃nhẽtos e vinte tres: onde foy ter em Setembro do mesmo anno. E da hí os mandou Jorge dalbuquerque pera a India, donde lhes foy dada embarcação pera Portugal.

Capit. xliij. De como os mouros da ilha de Tidore, matarão vinte tantos Portuguezes. De lo que se começou a guerra entre Antonio de Brito, e el Rey de Tidore.

Ao tẽpo que Antonio de Brito começou de fazer a fortaleza, andaua hum tio del Rey de Ternate degradado da mesma ilha / ja do tempo de quando seu irmão era viuo / que ho degradara por causas que pera isso tene. E como este fante soube que el Rey seu irmão era morto, quisera que lhe fora levantado ho degredo / e tornar se a sua terra: ho que Cachil daroes estrouou / temendo que se ho outro tornasse / que lhe tiraria todo ho mandado que tinha na terra que era muyto grãde. E vêdose este fante sem remedio, despois que soube q̃ Antonio de Brito fazia a fortaleza / quis ver se por ele se podia tornar a sua terra: pera ho q̃ se foy a cidade de Ternate e se meteo na mezquita / donde mādou dizer a Antonio de Brito q̃ se queria tornar Christiano / cõ algũs outros, que lhe desse seguro pera entrar na cidade / por que se temia de Cachil daroes que logo foy disto auisado. E se foy a Antonio de Brito e lhe disse: q̃ por nenhũ modo aquele homẽ auia de entrar na cidade / por ser nela muyto odioso, e se querer levantar contra ho Rey passado / que por essa causa ho degradara / e assi outras muytas rezoẽs: por onde não era bem que tornasse, dando cor q̃ se ele con-

sentisse que tornasse, e que se levantaria a terra contra ele: ho que Antonio de Brito temeo. E como ainda tinha a cerca da fortaleza por fazer / e tinha muytos doentes / não ousou de bolir consigo: e posto que lhe pesou muyto de não fazer aqle homẽ Christão / mãdoulhe que se fosse, porque lhe não podia valer / e ele se foy. E se este homẽ se fizera Christão, em pouco tẽpo ho forão todos os daquela ilha, segũdo auia pouco que erão mouros: e desta vez ficou a terra tão aluoroçada / q Antonio de Brito teve asaz que fazer em a tornar a pacificar / e assi tinha muyto trabalho em não auer na feytoria nenhũa roupa q gastar pera auer por ela mantimentos e cousas necessarias pa se fazer a fortaleza / e muyto maior ho tenera / se não chegara de Malaca hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo da silua e hũ nauio / em que leuaua fazẽda pera a feytoria com, q se remedeou das guias necessidades que tinha, e coeste nauio vierão tambẽ algũs jungos de Malaca, e de Banda, e de outras partes / a buscar Crauo como acostumauão: ho que sabẽdo Antonio de Brito / determinou de ho não consentir / porque queria q fosse todo ho Crauo pera el rey de Portugal, por esse ser ho fim pera q mandaua ali fazer aquella fortaleza: e mãdou pedir aos reys comarcãos em cujos senhorios auia Crauo, que ho não cõfintissem vender a outrem se não ao feytor del Rey de Portugal, e isto mandou especialmente dizer a el Rey de Tidore / porque soube que estauão e seu

porto certos jungos de Banda, que com seu fauor determinauão seus donos de carregar, e isto lhe mandou pedir e requerer por hũ Antonio tauares, que foy em hũa fusta com vinte tantos Portugueses, e mandoulhe que quando el rey não quisesse mandar ir os jungos de seu porto / que os fizesse ir às bombardadas: ho q Antonio tauares fez com tanta exorbitancia que el Rey e a sua gẽte ficou em extremo escandalizada dele / mas por Antonio tauares estar no mar e ter arte lbaria / não ousou el Rey de bolir coele: e estando ele no porto pera acabar de esgotar outros jungos se bi fossem carregar / deulhe hũa toruoadada com que a fusta deu a costa, e Antonio tauares e os outros se saluarão em terra com muyto perigo: mas a pueitoulhes pouco / por que como a gente estaua escandalizada / como os vio assi desbaratados, remeteo a eles cõ suas armas, e matarãonos a todos: e tomarão a fusta e artelbaria. Ho que sabendo Antonio de Brito, mandou logo prender algũs carpinteiros dõ Rey de Tidore / que lhe eprestara pera fazer hũ nauio que lhe faziã, e despois de os prẽder, mandou dizer a el Rey de Tidore ho porque os prendera, requerẽdolhe que lhe mandasse logo as armas dos Portugueses / a fusta / e artelbaria que lhes fora tomada / e os mouros q os matarão per a fazer justicias, ao que não satisfazendo el Rey / determinou Antonio de Brito delhe fazer guerra: ho que lhe Cachil da roes cõselhaua que fizesse, pera ter

dele mais necessidade do q̃ tinha/
 ⁊ diziálhe q̃ se deixasse assi passar a
 quele atreuimento del rey de Tido-
 re que cada día ho teria pera ho offê-
 der: ⁊ que a raynha ⁊ seu filho ho a-
 judarião posto que ela fosse filha del
 rey de Tidoze ⁊ ele seu neto: o q̃ era
 contra rezão, nem a rainha ho quis
 fazer, ⁊ posto que não fosse de praça
 secretamente mãdaua aos seus que
 não ajudassẽ a Antonio de brito cõ
 tra el rey seu pay, ⁊ que se leuantas-
 sem contra os Portugueses. Do q̃
 Cachil Daroes auisou logo Anto-
 nio de brito, ⁊ lhe aconselhou que me-
 tesse a raynha ⁊ seu filho na fortale-
 za: ⁊ que coisso seguraria a terra de
 todo. E sobristo ouue Antonio de
 brito conselho coesses fidalgos ⁊ ca-
 ualeiros q̃ estauão coele: ⁊ os mais
 deles lhe aconselharão q̃ por nenhũ
 modo bolisse com a raynha nem cõ
 el rey, porque metendo os na fortale-
 za se leuantaria a gente contrelles
 ⁊ Cachil Daroes não seria podero-
 so pera os apacificar: que melhor se-
 ria leuar a raynha porbẽ. E Anto-
 nio de brito não quis tomar este cõ-
 selho pola instrução que tinha de
 Cachil Daroes: ⁊ querêdo ho poer
 em obra soube ho a raynha ⁊ fugio
 pera bũa ferra ⁊ dali se passou pera
 seu pay ⁊ ho rey ficou: ⁊ porque não
 fugisse també recolheo o Antonio
 de brito na fortaleza tratãdo ho co-
 mo rey: que era cõ todo seu estado
 sem lhe faltar cousa nenhũa. E com-
 tudo vendo a gẽte da ilha como ho
 seu rey estava metido na fortaleza ⁊
 ho não deixauão sayr dela ficarão
 muy descontentes parecêdo lhe que
 era preso: ⁊ ouue algũs aluoroços

em algũs que Cachil Daroes apa-
 gou: mas não que a gente ficasse de
 todo bẽ com Antonio de brito nem
 ho querião ajudar na guerra cõtra
 el rey de Tidoze por ser pay da sua
 raynha: do que Antonio de brito es-
 taua muy agastado, porque por ter
 poucos Portugueses ⁊ doentes: ⁊
 tinha a fortaleza por acabar não ou-
 saua de os apartar de si, nem de os
 auenturar á guerra: ⁊ a que queria
 fazer a el rey de Tidoze q̃rialha fa-
 zer com os Ternates cõ proposito
 delhe derrabar coeles seu poder: pe-
 ra que quando os Portugueses fol-
 sem tenessem menos que fazer: pera
 o que pedio conselho a Cachil Da-
 roes quelho deu muyto bõ: ⁊ foy q̃
 mãdasse pregoar polas pouoações
 da ilha que qualquer pessoa que le-
 uasse cabeça de Tidoze a Antonio
 de brito: ou lho leuasse catiuo que
 lhe daria por cada bũ hũ pano fino.
 E como erão cobicçosos por ganha-
 rem aquele preço começarião logo
 de fazer saltos na ilha de Tidoze, co-
 mo começarão, ⁊ erão tantos os q̃
 matauão que não auia panos que a-
 bastassem pera lhos pagar, ⁊ també
 dos Ternates morrião muytos: ⁊
 desejarem seus parentes ⁊ amigos
 de vingarem suas mortes foy causa
 de a guerra se atear, ⁊ começouse de
 fazer muy crua dambas as partes,
 ⁊ os da ilha de Bachã ⁊ de Seilo-
 lo ajudauão també aos Ternates
 por amor de ganharẽ os panos. E
 com toda esta gente que era contra
 el rey d Tidoze desejaua ele tão pou-
 co paz nem amizade com os Portu-
 gueses pelo escandalo que tinha de-
 les que nunca a pedio a Antonio de

brito, nê se lhe desculpou do passado. E neste tẽpo mandou Antonio de brito descobrir outra nauegaçaõ pa Malaca pola via da ilha de Borneo/ que lhe disserão que era mais breue que a da ilha de Banda/ e mandou a isso e hũ nauio hũ Simão da breu seu parente que partio de Ternate em Junho: e porque não soube o que lhe succedeo na viagẽ não di- rey mas senão que chegou a Malaca em Nouẽbro hũ mes despois de dom Garcia anriquez que fora pola via de Banda, e auia onze mezes que partira de Ternate.

Capit. xliij. De como dõ Pedro de castro pos a obediencia dos reys de Zanzibar e Pemba as ilhas de Querimba que lhe desobedecião.



Ruernando dom Pedro de castro e Diogo de melo em Moçambi que como atras fica dito chegarão ao alcaide mór da fortaleza hũs ebaixadores das ilhas de Zanzibar e Pemba: pedindolhe que pois erão vassallos del rey de Portugal lhes desse ajuda pera subgigarem a seu senhorio as ilhas de Querimba que sendo suas selhes renelarão cõ fauor del rey de Bombaça, e nelas lhes tinhão tomados hũs zambucos e morta algũa gẽte. Ouuida esta embaixada pelo alcaide mór por quanto não era poderoso pera dar ho socorro q̃ lhe pedião requereo a Diogo de melo e a dom Pedro de castro que socorressem a queles reys, porque seria grãde ser

uiço del Rey de Portugal. E por Diogo de melo não poder ir foy dõ Pedro sem ele/ e foy no batel da sua nao cõ arrombadas/ e escolheo pera ir no esquife Christouão de souza, de que faley nos liuros atras q̃ hia por passageiro e leuaua a capitania de Chaul/ e coele e com dõ Pedro forão outros fidalgos e gente d'armas em paraços da terra/ e ferião por todos passate de cẽ homẽs dos nossos. E indo ao longo da costa chegarão a hũa das principais ilhas das de Querimba hũ bõ pedaço antes de sol posto, em q̃ auia hũa pouoação de mouros e estaua em goarda dela hũ sobrinho del rey de Bombaça com gẽte de goarnição e coela ajuntou toda a da terra que era muyta: e vendo vir os nossos cuydando q̃ os enganassem sayrão á praya cõ mostra de paz, mas quando virão os nossos armados reconhecerãse pera a pouoação, e poẽdo em saluo as molheres e filhos com outra gente que não podia pelejar/ e assi ho mais que poderão deixarãse estar com suas armas pera defenderẽ a terra. E nisto chegarão os nossos a terra/ e dom Pedro fez de les dous esquadrões, e ele com hũ e Christouão de souza cõ outro entrarã na pouoação cada hũ por seu cabo em que acharão grande resistencia: porque ho sobrinho del rey de Bombaça era esforçado e cõ a gẽte que tinha defendia se bem, e assi se começou a peleia muy brava espalhando se dõ Pedro e Christouão de souza cõ os seus pola pouoação: e durando assi a reuolta/ hũ fidalgo chamado Antonio galuão filho

que fora de Duarte galvão / que ia com dom Pedro se perdeu de sua companhia, e buscando com outros que ho acompanhauão / foy ter cõ lere ou oyto dos nossos / que pelejanão com muytos mouros / que por serẽ muytos os tratauão muy mal com muytas feridas que lhes tinhão dado. E chegãdo Antonio galvão / ajudouos tambem que fez fugir os mouros / e foy ajudar a Christouão de souza / que estava em grãde aperto cõ hũs mouros, dentro em hũa casa / onde ho Christouão de souza fez muy efforçadamente matãdo muytos, mas ficou ferido. E neste tempo na parte onde pelejava dom Pedro / foy morto ho sobrinho del rey de Moçabaça, pelo que os mouros se desbaratarão e fugirão / ficãdo muytos mortos: e dos nossos / forão feridos afoza Christouã de souza / Sappar preto seu criado, Anno freire / Luis machado / e outros algũs / e ja de noyte que se a peleja acabou se recolheo dom Pedro cõ os nossos a hũa mezquita junto do mar onde esteve aquela noyte. E por saber ante manhã / que entrava gente da terra firme na ilha a se ajutar com os mouros, e tornarẽ sobrele, ho que se podia fazer cõ a marẽ vazia / mãdou a Antonio galvão que fosse cõ algũs dos nossos a lho estrouar / e ele não pode ir logo, por estar com febre / e depois que foy bem de dia se foy ajuntar com Antonio galvão / e derã nos mouros e matarão muytos / e fizerão fugir os outros. E roubada a poução em que se achou despojo, que

valeria duzẽtos mil cruzados, foy lhe posto fogo e ardeo toda: sem dõ Pedro querer muyto dinheyro q̃ lhe os mouros dauão porque ho não fizesse, e ele não quis porque ficassem escaramẽtados, e não se levantassem mais contra os reys de Zanzibar / e Pêba / a cuja obediencia os tornou / e assi os outros das outras ilhas / que vendo estes desbaratados e castigados, se tornarão a obediência dos reys: e estãdo ainda aqui dõ Pedro alagarão se os paraos / em que os nossos tinhão carregado ho despojo que ouuerã dos inimigos e perdeu se todo: feyto isto partio se dõ Pedro pera Moçabique / tẽdo mãdado diante Christouão d souza e os outros feridos. E partido dali por ho batel ser muyto pesado e mau de remar e dar muyto trabalho, determinou de ho mandar a Berlinde, pera õde ho vêto era a popa, e por ho batel ser grande sofria ho mar, e ele iria no esquife ao longo da terra pera Moçabique, e deu a capitania do batel a Antonio galvão / e começando de caminhar, estãdo dom Pedro surto e hũa pequena enseada, estando ele dormindo depois de comer / saio se dõ Christouão d castro seu primo / e assi os outros em terra / onde ouuerão hum recõtro com muytos Cafres, que os tratarão tão mal / que os fizerã recolher ao esquife muyto feridos, e isto por lhes acodir dom Pedro que acordou ao arroido / e se não acodira todos forão mortos: e vendose assi dom Pedro tornou se pera ho lugar d q̃ partira, õde achou

ainda Antonio galuão que não era partido/ e aquela noyte morreo dō Christouã de castro/ filho de Felipe de castro/ que foy hū dos feridos. E por dom Pedro ser parente d'Antonio galuão e muyto seu amigo/ rogoulhe que deixasse ho batel/ e fosse coelno esquife, e assi ho fez: e no batel mādou por capitão a dom Roque de castro seu irmão: e eletoz nou a seu caminho pera Moçâbiq̃.

Capit. xliiij. Do que Antonio galuão fez em Cotangone tornādo-se pera Moçambique.



Indo ao longo da costa foy ter coel hū zābucō carregado d' mantimētos, em que ião Portu- gueses, e por algũs

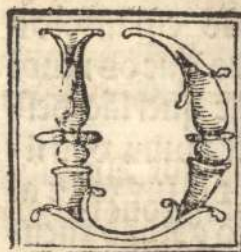
respeitos que pera isso ouue, mudou dom Pedro ho conselho de ir no esquife: e deixādo nele por capitã a Antonio galuão/ foyse diāte no zābucō. E Antonio galuão ficou no esquife/ e q̃ passou aiaz de trabalho, de fome e de sede/ com todos os de sua companhia: e estando tres legoas de Moçâbiq̃ pareceo hūa legoa ao mar/ que era hū zābucō, a que derão caça cō ho esquife a vela/ e fizerāna varar em terra/ na praya d' hūa pouoaçã chamada Cotāgone, pouoadade mouros que estauão de guerra cō os nos- sos. E quando Antonio galuão che- gou a terra/ ia os moradores dela descarregauão ho zābucō que logo deixarão, e remeterão aos nossos e desembarcādo: e trouose antreles

hūa peleja/ e que os nossos ho fize- rão tambẽ, que leuarão os inimigos ate ho lugar a que logo poserão ho fogo: e por lhe os inimigos acodi- rem deixarão os nossos, com que teuerão tempo de tornar ao zambu- co e deitalo ao mar, e acharão nele algũs mantimētos, e assi tomarão algũs paraós q̃ estauão no porto. Isto acabado que os nossos estauão no mar/ exvê de terra hū paraó cō sete ou oyto homens que chegarão a bordo do zambuco d'onde estaua An- tonio galuão/ a que hū velho que vi- nha no paraó aprefetou hū presen- te de galinhas e fruytas da terra/ e e disse-lhe por hū lingoa que trazia que era de Moçambique/ que ho la- ver e aos de sua cōpanhã: pera ver homens que sendo tão poucos teue- rão tamanha ousadia que sayzão e terra a pelejar com tamanho nume- ro d'inimigos, e q̃ assi lhe tomarão o zambuco sem nenhū perigo: e assi lhe ia pedir quelhe fizesse merceda- quele zambuco e dos paraós q̃ to- mara naquele porto, e que ficarião por seus pera sempre. E dizia isto d' maneyra que Antonio galuão entẽ deo que dissimulaua pera lhe fazer algũa treição. E entẽdendo isto fez que os queria prender, e disse ao ve- lho q̃ ele tinha sabido como os da- quella pouoaçã erão inimigos dos nossos/ e lhestinhão feyτος algũs males. E pois ele sendo dela lhe fo- ra falar sem seguro e pera ho enga- nar que ho engano auia de ficar coe- le, e ho auia de catiuar cō os mais de sua companhia: do que ho velho e os outros que erão mancebos fi- carão trespassados de medo/ e dei-

taranselhe aos pês pedindo miseri-
cordia / e confessando que vendo
que por força ho não poderão vê-
cer quizerão prouar de ho fazer por
manha com ho deter ate que vazas-
se a maré / que vazaua tanto que
lhe auia de ficar ho nauio em seco,
e etão determinauão de ho tomar:
pedindolhe que pois os Portu-
gueses erão piedosos / e quanto
maiores erros lhes fazião, tanto
mais perdoauão / e essa fama ti-
nhão / que lhes perdoasse, e que
eles ficarião obrigados a serui-
rem quaesquer Portugueses que
ali fossem ter em quanto viuessem /
e lhes acodirião em suas necessi-
dades: e assi ho deixarão encomêda
do a seus decêdêtes q ho fizessê. E
Antonio galuão lhes perdoou com
condição que lhe vendessem algũs
mantimentos e que ho soltaria e
aos outros. E prometendo ho ve-
lho que si deixou os mancebos em
arrefens, e ele foy polos manti-
mentos, com que tornou trazendo
muyta gente carregada de cabras,
capados / galinhas, onos e outras
muytas cousas pera comer. E en-
tregue tudo a Antonio galuão sol-
tou os arrefens / e ficou ali dous
dias refrescando e neles fez paz
com os da pouoação, pera que a-
gasalhassem os nossos quando ali
fossem ter e lhes dessem ho necessa-
rio / e pera isso lhes alargou ho zã-
buco e os paraós que lhes toma-
ra. E deixando a terra pacifica se
foy pera Moçambique / onde achou
dom Pedro e os outros que ali
inuernauão fazendo hũa casa de

nossa senhora que se chama do ba-
luarte.

Capitulo xl. v. De como
dom Pedro de castro che-
gou a Goa e se perdeu a
sua nao na barra.



Inda a moução pe-
ra a Índia se par-
tirão estes capitã-
es que ali inuerna-
uão, Diogo de me-
lopera Ormuz / o
de soube que estaua ho governa-
dor, e dom Pedro de castro pera
a Índia e chegou aa barra de Goa
em Agosto. Estando a gente to-
da em terra / vespera da Assumpçã
de nossa senhora se levantou hũa
tão braua e medonha tormenta no
mar que parecia que tudo se fun-
dia / e a nao de dom Pedro que
se chamaua a Nazaré por ser velha
começou dazir e fazer agoa per
muytas partes: o que sabido por
dom Pedro acodio logo com al-
gũa gente com quanto auia muy-
to perigo ao sayr da barra por os
mares andarem muy grossos, e
por a nao ter necessidade de gente
que lhe acodisse fazia a Francisco
pereyra pestana capitão da cida-
de ir por força. E Antonio gal-
uão se embarcou em hum batel
com seus criados e amigos / e seys
ou sete que forão de seu pay / e foy
dos primeyros que acodio / e era
tamanho ho marulho que andaua
no rio por onde hia que não hião
aguardando se não quando ho

batel auia de çogobrar / pelo que hum Simão vaz pediu a Antonio galuão que ho mandasse poer em terra / e ele ho fez com dó dele / e em ele saltando saltarão outros dous / e se acolheram . E não he despantar , porque segundomuytos me contarão ho mar e ho rio andauão tão espantosos com ho furioso vento que os reuoluia / que parecia que querião destruyr tudo : e que era hum dos sinais dantes do dia do iuyço , e assi ho achou Antonio galuão auendo vista da barra em que andauão os mares tão altos que parecia que chegauão ás nuuês . O que vendo algũs moradores de Goa que ião no batel , requererão a Antonio galuão que não sayse do rio porque se perderia . Ao que ele respondeu , que não cuydassem que ia a nao por ter laa fazenda e a saluar que a não tinha , e não la senão ajudar a dom Pedro a saluar aquella nao que era del Rey de Portugal com quem viuia / por isso q̃ não auia de deixar dir por mayor tormenta que fizesse que nosso senhor os ajudaria / e eles insistião que não podia ir nem auia dir por que se perderia . E insistindo nisto o que governaua ho batel encaminhou pera terra , e Antonio galuão ho fez governar pera a nao ameaçando q̃ ho mataria / e a quẽ disse que não fossem por diante , e valeolhe os que leuaua da sua parte / porque se isso não fora fizerão tornar pera terra , e poendo a proa naqueles mares e rom-

pendo por eles com muyto perigo de sua vida por as ondas comerem ho batel , chegou tão perto da nao que lhe lançarão delahũa beta por onde ho batel foy alado a bordo , onde não podia chebar com a grande resaca dos mares que empuxauão ho batel muyto longe . Entrado Antonio galuão na nao com os seus achou dom Pedro com os que estauão na nao em muyto grande afronta / por não poderem vencer a muyta agoa que ela fazia , nem prestou a ajuda que ele e os seus lhe derão . E vendo dom Pedro que a nao não tinha remedio se não perderse mandou a codir aa fazenda del rey que lhe lembrava mais de saluar que a sua / porque vendo hum seu criado quã pouco lhe ela lembrava a respeito da del rey , lhe disse que a mandasse oulhar porque se perdia toda . Ao que ele respondeu muyto menicozioso : A del rey queria eu saluar , que da minha não me dá nada que se perca . E assi ho fez que deixou perder muyta parte dela por saluar a del rey em que leuou assaz de trabalho . E vendo por derradeiro que a nao não podia escapar , mandou dar aa vela e varou em terra que era a maré cheia : e coeste ardil se aproueitou muyto do que ia na nao / e ela acabou ali / sem da cidade ousar ninguem dacodir cõ medo do mar se não Antonio galuão .

Capitolo. xlvj. De como ho governador mandou Saltesar pessoa por embaixador ao Xequelismael.



Stando ho governador em Dormuz foy Raix parafo certificado que algũs capitães do Xequelismael não deixauão passar as cafilas que ião com mercadorias pera Dormuz/ dizendo que ho fazião porque el rey Dormuz deuia ao Xequelismael cinco mil para fins de pareas que lhe não querião pagar. E porque desta represaria perdia el rey Dormuz muyto em suas rendas, pediu Raix parafo ao governador que mandasse rogar ao Xequelismael que fizesse alargar as cafilas pois el rey Dormuz era vassalo del Rey de Portugal com quem ho Xequelismael tinha paz e amizade: e quanto ao que lhe el rey Dormuz deuia farião conta e lho pagaria: e sobristo mandou ho governador hũa embaixada ao Xequelismael com que foy hum Saltesar pessoa caualeyro da Ordem de Santiago que foy bem acompanhado dalgũs Portugueses de cavallo e piães pera os seruirem/ e foy em sua companhia Abedala califa embaixador do Xequelismael que nunca se mais fora da India. E partido Saltesar pessoa Dormuz foy ter a hũa cidade chamada Lara em terra de Persia que era de hum senhor mouro que se chamaua rey como

disse no liuro terceyro: e era vassalo del rey Dormuz. E por ele não ser rey verdadeyro / Saltesar pessoa não fez dele tanta conta como ouuera de fazer, e mandoulhe hum presente que por ser de pouca cousa el rey não quis tomar. E com quanto Saltesar pessoa determinou em conselho de se lhe ir mostrar/ pera que el rey visse ho aparato que leuaua: e a mostra auia de ser, não que ho fosse ver a sua casa se não passar-lhe polaporta. E que Abedala califa contra disse: dizendo que não deuia de ir porq̃ sentia q̃ el rey estava escandalizado dele/ e que lhe podia acontecer algum perigo. E Saltesar pessoa por conselho dos nossos não quis senão ir, e ele e os de sua companhia forão muy bem ataulados e acompanhados despingardeyros. E sendo perto das casas del rey em hũa rua estreita sayolhe hum corpo de mouros ao encôtro, e hum mouro lhe deu com hũa porra de ferro na cabeça cõ que o deitou muyto ferido do cavallo abaixo. E nisto forão as pedradas tantas das genelas e as frechadas e zaguchadas/ que por pouco que os nossos não forão mortos e todos fugirão por õde melhor poderão/ e despois que se ajuntarão foy curado Saltesar pessoa e outros, e partiranse e forão por suas jornadas ao campo do Xequelismael, em que virão muytas e muy notauéis cidades/ assi como a de Xiraz que he de lx. mil vezinhos e foy tamanha em outro tpo q̃ era muyto mayor do q̃ agora heho Cayro/ e daqui vem dizerem

os mouros da Persia que quando Xirazera Xiraz, era ho Layro sua aldea, e tornou assi por amor das guerras com que foy destruyda, e a cidade de Tabriz da mesma grandeza, e assi outras muytas de muy nobres e sumptuosos edificios, e poadas de gente muy luzida, como Antonio tenrreyro conta em ho seu Itenerario/em que largamente escreue toda esta terra. E daqui foy por seu caminho ate chegar a hũa jornada do arrayal do Xequelmael, onde chegou hum recado a Balfesar pessoa do mordomo da casa do Xequelmael que em lingua Persiana chamão Tlaquil / que se deitasse ali estar ate lhe mandar recado que fosse. E isto era segundo se depois soube, porque naquele tempo fazia ho Xequelmael hũa festa que na sua lingua se chama Mo uoruz / que quer dizer festa da primavera, em que se auia de ajutar quantos capitães e senhores auia em seu senhorio: e por querer que Balfesar pessoa e os outros nossos os vissem, os mandaua ali esperar por ser passo por onde todos auia de passar. E por este recado do Tlaquil se detene ali Balfesar pessoa dez ou doze dias / que tanto se detenerão os que digo em passar assi de noyte como de dia: e foy cousa de spanto a gente que passou de cavallo, e os camelos carregados de fato. E passada esta gente, e alojada no arrayal / ho Tlaquil mandou dizer a Balfesar pessoa q fosse, e assi o fez. E átes de chegar ao arrayal obra de hũa legoa ho forão receber certos capitães com ate cincoenta

de cavallo todos vestidos de festa / e por fazerem bontra aos nossos conuidauãnos de quando em quando com muytas caixas de confeytos e outras fruytas verdes e com vinho que lhes trazião em garrafas de prata / e assi forão ate ho arrayal, onde alojados os nossos em suas tendas, foy visitado Balfesar pessoa da parte do Xequelmael: a que mandou dizer que sua vinda fosse boa, e que descansasse porque lhe auia de fazer quanto lhe requeresse, e alem disso muyta merce, porque queria grande bem aos frangues por apparecerem na India / e a conquistarem quando se ele levantara porrey em Persia.

Capítulo. xlvij. De como faleceo ho Xequelmael sem dar despacho a Balfesar pessoa: e de como hum filho q lhe succedeo ho despachou.



Dados algũs dias depois da chegada de Balfesar pessoa ao arrayal, veyo ho dia da festa da primavera q ho Xequelmael auia de fazer, em amanhecendo foy alcatifado hum grande espaço de chão diante das tendas do Xequelmael que tomaria dous tiros de besta, e sobre as alcatifas muytas fotas de feda em lugar de toalhas / em que forão postas muytas e muy diuersas igoarrias e grande soma de garrafas douro e de prata cheas de vinho. E isto porque ho Xequelmael daua

equele dia banquete geral a todos os mouros q̃ estauão no arrayal. E primeyro que se assentassem a comer forão dados da sua parte aos reys e capitães vestidos de borcadados / cetins / veludos / e outras sedas forradas de forros de pelo muyto finos / e espadas goarnecidas d'ouro e pedraria / no que ho Xequie ismael gastou trezentos mil cruzados / e não ostinha em estima por ser muyto liberal. E destas peças forão tambem dadas a Balthesar pessoa e aos de sua companhia. E vestidos todos destes atabios, assentaramse a comer : e Balthesar pessoa com os nossos comerão em hũa mesa hum jogo de malhão da do Xequie ismael, que tambem comeo no banquete, e estaua vestido em hũa cabaya de cetim branco bordada de tela d'ouro / e hum roupão encima de cetim laranjaado bordado do mesmo. E ho estrado que era muyto rico estaua cuberto de frols / e de todas as igoarias que lhe forão postas mandou aos nossos por lhes fazer honrra. Acabado ho banquete que durou muyto grande espaço / passouse ho Xequie ismael a hum pavelhão de borcado / junto do qual estaua aruorado hum masto que tinha na ponta hũa guindarela pera sobirem e decerem hũa lança que estaua aruorada sobre ste masto, e tinha na ponta hũa maçaã d'ouro vazada tamanha como hũa laranja que tinha trinta cruzados. E a este masto arremeterão certos capitães e fidalgos que estauão a caualo em seus postos d'ũa parte e d'outra / e isto ao som de

muytas trombetas. E chegando quasi ao pé do masto pararão e tirarão a maçaã que digo com seus arcos, e o que a derribou se deceo do caualo e a tomou / e por honrra lhe mandou ho Xequie ismael dar de beber, e despois tornou a canalgar e a tirar com os outros a outra maçaã que logo foy posta / de que se gastarão muytas, e assi acabou a festa da primavera. E despois disto por ho Xequie ismael ser muyto doente de epelensia ou por outra causa que se não soube e lenunca ou nio Balthesar pessoa antes ho andou detendo ate que morreo da mesma doença, e por sua morte se foy Balthesar pessoa aa cidade de Tabriz, porque no arrayal não estaua seguro de morto e roubado, nem em Tabriz ho não esteue se não em hũas casas muyto fortes. E sepultado ho Xequie ismael / socedeo em seu senborio hum soo filho que tinha chamado Thamaz coltão de idade de quinze annos : e este despachou despois Balthesar pessoa sem lhe conceder nada do que pedia nem fazer de lenenbũ caso / e assi se tornou descontente.

Capitolo .xlviij. De como se partio ho governador pera a Índia / e de como chegarão as naos de Portugal.



Despachado o ebaixador Balthesar pessoa, partio se ho governador pera a Índia / e ho primeyro

lugar dela a que chegou foy Goa/ onde achou Eytor da silueira filho do Condel mór que partira aquele año de Portugal por capitão mór da armada pera a India / e forão seus capitães Manuel de macedo / Simão sodré / dom Antonio dalmeida, francisco da cunha, Pedro dafonsequa / Vicente gil : e quatro destes capitães inuernarão e Eytor da silueira passou cõ os outros : e de Goa se foy ho governador com hũa grande armada a Cochim, e de caminbo foy visitando as fortalezas da costa, que toda andaua cheia de paraõs de Malabares dar armada e roubauão os Portugueses que achauão desaparecidos. E a causa disto era que como os reys e senhores da India estauão de paz, e os Portugueses nã tinham guerra em q se ocupar tratauão todos / e ho governador lhes daua pera isso licença, dizendolhes quãdo lha daua que fossem a recado / porque os nã matassem os mouros, de q nã se deniã de fiar posto que ouuesse pazes: porque quando as auia se vingauão eles do mal que recebã na guerra. E isto sabia ele por experiencia : e destas licenças se seguio muyto mal / porque os Portugueses se desauergonharão tanto que nã se contentauão com tratar / mas quando achauão naos de mouros nossos amigos pediãlhes dinheiro porque os nã roubassem / e eles lho dauão por escapar. E tanto foy isto em crecimento que os de Calicut se queixarão a seu rey que nã era Hambeadarim que auia pouco que falecera / e o que lhe su-

cedeo queria grande malaos Portugueses, e por isso e por ver quão mal selhe goardaua a paz: determinou de se vingar dos Portugueses, e mandou armar em todos seus portos, e fazer muytos paraõs que seruissem de leuar pimenta a Abeca quando nã pelesassem, e andauão os Portugueses tão dissolutos que os mouros os tomauão desaparecidos e matauãnos: o que nã se sabia ateli por os Portugueses cuydarem que os mouros auã de goardar a paz e eles nã.

Capitolo. xlix. Do q acon-teceo a dom Pedro de castro e a Antonio galuão em Calicut.



Indo ho governador visitando as fortalezas da costa foy ter a Calicut onde staua dõ João de lima por capitão da nossa fortaleza. E estando no porto forão algũs fidalgos jantar coele / e antre estes foy dom Pedro de castro, que despois de comer se foy aa cidade dos mouros com seys ou sete Portugueses. E andando laa como os mouros andauão daleuanto / e tinham dissimuladamente mortos algũs, quizerão fazer ho mesmo a dom Pedro : querendo armar brigas com os que hião coele. E ele fazendo que os nã entendia começou dabalar pera a fortaleza : o que vendo os mouros apertarão coele e fe-

riranlhetres ou quatro, que logo deitarão a fugir. E indo assi acer-
touse que Antonio galuão ia embus-
ca de dom Pedro / acompanhando de quatro homens seus criados:
e quando vio os feridos conhecendo que erão de dom Pedro / pareceo-lhe que estava em perigo pois os seus assi vinhão / e por isso abalou correndo pera ho socorrer ou morrer coele / e a poucas passadas ho achou rodeado de muytos mouros armados: e dom Pedro os detinha que não pelejassem, dizendo-lhes que porque não goardauão a paz. E com a chegada d'Antonio galuão se pode dom Pedro retirar pera a fortaleza por hũa rua estreita, levando os seus diante e ficando detras cõ ho resto pera os mouros / que os seguião batendo os escudos e brandindo as agomias, e dando grandes cuquiadas com o que os afrontauão muyto: e nisto passou a diante hũ mouro grande de corpo acompanhado d'outros muytos, e com muyta soberba se chegou a dom Pedro pera ho ferir, e detene a agomia por dom Pedro, e Antonio galuão e os outros leuarem de suas espadas: e porem assoberbauos tanto que Antonio galuão com licença de dom Pedro ho desafiou que ele e outro se matassem coele so. Mas ho mouro que vio tanta concrusam, respondeo fora de preposito / dizeo que no mar se os fossem buscar saberião pera quanto erão. E dom Pedro lhe disse q ho saberia logo se ele passasse d'onde estava: e ho mouro se calou e deixou se ficar com os outros, e

dom Pedro se foy em paz. E com quanto ho governador isto soube não fez sobrisso cousa nenhũa / e foyse a Cochim, e levou toda a armada sem deixar nenhũa na costa. E q vêdo os mouros de Calicut se embarcarão logo da armada e passarão a vista de Cochim: e posto q ho governador ho soube dissimulou / cõ o q os mouros tenerã tamanha ousadia que entrarão no rio de Cochim dando caça a algũas naos de Portugueses mercatores, sem ho governador ter o ver coisso, e dizia q queria entregar a India o paz ao governador q viesse no año seguinte: pelo q os mouros se atreuerão a matar tantos Portugueses q nunca e tempo d'outro governador matarã tãtos. E como ho governador foy e Cochim despachou Bastião d'Alouza e Marti correa a q tinha dada hũa viagem pera Bãda, pera o d'ese parti rão e foy por capitão mór de tres nauios Bastião de Alouza que foy e hũ, e Marti correa em outro e Aires coelho em outro.

Capítulo. l. De como elrey Daquem combateo a fortaleza de Pacem.



Orey Dache como atras fica dito qria tamanho mal aos Portugueses q todo seu pêsameto era em fazer-lhes ho mal que podesse / e em tomar a fortaleza de Pacem pera se fazer rey daquelle reyno, e de toda a ilha de Camatra pera dali conquistar Malaca: e des-

pois que por amor da chegada de Bartim Afonso de melo coutinho a Pacem levantou ho cerco da fortaleza/ como tambẽ disse tornou a ajuntar gente/ e foy cercar a fortaleza de Pacem onde dõ Andre anriquez estava ainda por capitão cõ a mais da gente que tinha doẽte/ e a saã, e que podia pelejar era muyto pouca/ e por não saber ho numero dela nẽ ho dos inimigos ho não digo: nem menos ho modo que el rey Dachen teue nesta guerra, porque ho não pude saber per ordẽ: saluo q̃ estando el rey sobre a fortaleza chegou Bastião de souza com os capitães dõ sua conserua, e furgio na boca do rio de Pacẽ que he bũa legoa da fortaleza, não sabendo como dõ Andre estava cercado/ e por ser tarde não desembarcou. E sendo el rey auisado de sua chegada/ cuydou q̃ era socorro que vinha á fortaleza: e antes que entrasse nela determinou de a tomar aquela noyte confiado na muyta gente que tinha, e assi ho disse aos seus capitães, encomendã dolhes que efforçassem sua gẽte pera isso, representã dolhes q̃ como os muros e baluartes da fortaleza erã de madeyra e auia dias que se fizerã auiaõ destar podres e com pouco trabalho os derribariã/ e derribado qualquer lanço logo era eẽtrada e os Portugueses mortos por serem muyto poucos. E coeste efforço forã os inimigos cometer a fortaleza despois que foy noyte/ e deles com escopros e macetes trabalhauã por cortar ho muro pelo pẽ/ outros punhã escadas e sobiã ao muro e baluartes, tirando muy

tas frechadas/ outros traziaõ alifantes: pera despois de cortado ho muro com os escopros lhe poerẽ as testas e ho derribarem. E a esta grã de reuolta acodio dom Andre, assi com os sãos como com os doentes: e pera ver o que os inimigos faziã/ mandou acẽder muytas bombas dõ fogo polos muros e baluartes/ cõ que os Portugueses enxergarã muy bem o que os inimigos faziã/ e todos muyto efforçados lhes comẽçarã de resistir, hũs lançando sobreles panelas de poluora e outros muytos arteficios de fogo/ e outros tirando muytas espingardas: mas como os inimigos erã sem conto pera os poucos Portugueses q̃ se defendiã, q̃si q̃ nã auia defensam pareles, por q̃ os não podiã caber polas escadas q̃riã entrar polas bocas das bõbardeiras a que os nossos logo acodirã e os faziã tornar as estocadas e lançadas, e assi durou a peleja hũ grã de pedaço, em que foy morto hum dos Alifantes, e tãtos dos inimigos que os outros ouuerã por bẽ de deixar ho combate, assi por verẽ ho grande numero dos mortos como por estarem muytos feridos: e dos Portugueses não morreo mais que hũa molher que foy morta por desastre com hũa frecha heruada, e forã feridos algũs, e hũ dõs foy Manuel mēdez de vascõcelos, e os outros homẽs baixos. E esta vitoria foy milagre de nosso Senhor, porque segundo os Portugueses erã poucos/ e os inimigos muytos, se ele não acodira com sua misericordia não poderã eles esca

par/porque afora os inimigos serem muytos erão muyto esforçados, e anezados a pelejar: e esforçados por seu rey/que ficou muyto espantado de os Portugueses se lhe poderem defender.

Capit. li. De como dom Andre anriquez despejou a fortaleza de Pacem.

A outro dia cuydando dom Andre q os inimigos tornassem a dar outro combate, em amanhecendo foy visitar a gente que estava nos baluartes e muro da fortaleza, a q vio encostadas muytas esquadas que os inimigos deixarão cõ pressa na noyte passada, e dõ Andre mandou a Simão toscano feytoz que cõ algũs Portugueses as fosse quebrar/ e assi ho fez. E nisto chegou Bastião de souza com os capitaes de sua cõserva/ que ião nos bateis com a mais de sua gẽte: e desẽbarcados e trarão na fortaleza/ e apartando dom Andre Bastião de souza e os outros capitaes/ lhes contou a grande mingoa que tinha de gente/ e de mantimentos/ que erã tã poucos, que lhe não abastarião dous meses/ e que não lhe podião ir outros dahĩ a seis meses, e que a fortaleza era de madeira cousta muyto fraca, e que os inimigos a podião queimar bũa noyte. E porque não pude saber particularmente a concrusão que se nisto tomou/ nem ho conselho que sobristo fizerão, nẽ as rezoẽs que derão ho não digo: se não que sendo tantos Portugue

ses que podião bem defender a fortaleza/ a maior poder que ao dõ rey Dachẽ, e tendo mantimentos narmada de Bastião de souza pera ho tempo que ho cerco podera durar, despejarão a fortaleza e a deixarão aos mouros: e tamanha foy a pssa dese irem/ que deixarão toda a artilharia/ cuydado que corriã muyto perigo em a embarcarẽ/ pola detença que nisso podião fazer: e assi deixarã a casa da poluora cheia dila, sem lhe poerẽ ho fogo primeiro por os inimigos não sintirẽ sua ida: posto qẽ se querẽdo e barcar poserã ho fogo a bũs formigueiros de poluora q ião dar na casa do almazẽ dila, q começou de arder: mas os mouros ho apagarão logo. E quando virão a pressa que os Portugueses leuauão polo rio abaixo/ como homens que fugião/ derão fogo a artilharia que lhes ficaua e tirarão lhe coela, dãdo coisso grandes apupadas: e assi ficou elrey Dachẽ pacificamente senhor daquela fortaleza, tẽdoẽ muyto pouca cõta os Portugueses: e ficou tã soberbo/ que dali a poucos dias tomou ho reyno de Pacem/ porque ho governador dele vendo ir os Portugueses não ousou de ficar sem eles na terra e leuou cõsigo el rey que era ainda moço. E despois ganhou elrey Dachẽ ho reino Dauru comarcão deste: e elrey Dauru fugio pa Abalaca/ onde ele e ho de Pacẽ viuĩão muytamente. E chegado dom Andre e Bastião de souza onde estavam os nauos/ deteuẽrãose tres dias: e despois forãose pera Abalaca onde chegarão a saluamento.

Capit. liij. De como el rey de Bintão mandou fazer guerra a Malaca: e de como foy morto Anrique: queleme e outros capitães.

O rey de Bintão que era inimigo mortal dos Portugueses / não cuidava nunca senão como lhe faria guerra para os destruir e desarraigal de Malaca, para o que de continuo se apercebia. E tendo jutas oytenta e cinco lancharas fornecidas de muyta e boa gẽte, e dardelharias entregou ao seu almirante Laquerimena, para que fosse sobre Malaca e lhe fizesse a mais guerra que podesse: e ele se partio ao fazer. E indo hũa tarde com sua armada ao lógo da costa oytto legoas de Malaca, foy visto de Duarte Coelho que ia e hũa naueta sua a fazer presas á costa do reyno de Patane. E porque sabia que em Malaca não avia sospa daquela armada porque não tomasse os Portugueses desapercebidos / como foy noyte se fez na volta de Malaca: onde chegado contou a Jorge Dalbuquerque ao que ia. O que sabido por ele fez conselho / e que todos forão daccordo que se fosse logo pelear com aquela armada: porque não a desbaratando daria muyta opressão á fortaleza andãdo no mar / e lhe tolheria os mantimentos e mercadorias que ião de fora: para bo que logo partio dom Sancho anriquez capitão mór do mar de Malaca / que foy em hũ galeão de que era capitão seu irmão dõ Antonio anriquez, e forão coele Duarte Coelho na sua naueta / e Manuel

de berredo e hũa galeota / e seis capitães outros em seis lancharas / que se chamauão Anrique leme / Francisco fogaça, Diogo lourêco, Fernão daluares cassados / João de sozia / e Alfonso luyz, e partio caminho do rio de Abuar onde estava Laquerimena com toda sua armada / e dõ Sãcho, Duarte Coelho / e Manuel de berredo, porque os seus navios erã grandes ião ao mar / e as lancharas muyto perto da terra / e indo assi armouse hũa toruoadade do noroeste que lhes servia a popa: o qvendo dom Sancho amainou e fez final de conselho. E jutos os capitães, lhes propos dom Sancho como aquelas toruoadas vinhão com muyto grande vento, e para entram no rio de Abuar que era largo e fundo, se a agoa decesse faria tamanho escarceo que os meteria no fundo / e mais q era tarde: por isso lhe parecia bẽ meterẽse no rio dõ Cação que era pequeno / e estava primeyro q ho dõ Abuar. Os q erã antigos na qila terra e sabião bẽ da guerra forã todos daqule parecer / e dizião q se fizesse assi: e os outros que avia pouco q vierão de Portugal e não sabião da guerra disserão / q aquilo era medo e quenão se avia de fazer. E por serẽ mais que os outros e terem mais vozes / se assentou em tomarem seu parecer: dizẽdo-lhe os outros que quando se vissem com os inimigos, então se saberia quẽ avia medo. E em partindo, e sendo mea legoa do rio de Abuar desfecha a toruoadade e dá na nossa frota: dom Sancho / Manuel de berredo e Duarte Coelho que bião de largo amai-

narão, e os capitães das seis lanchas derão consigo dentro no rio de Auar, e tres ião diante com a força do vento rompendo pela grande marulhada que bo rio fazia, forão dar antre a armada dos inimigos, de que logo algũs os aferrão, e como erã muytos e os Portuguezes poucos matarãnos a todos: e cõ bo prazer que os mouros receberão de ver os Portuguezes daquela maneyra e terẽ por certa sua morte, leuatarão tamanha grita q̃ reteniaportudo ao derredor: e apos ela deffecharão seus sinos, bacias, e outros instrumẽtos, que isso abastara pera alagar os Portuguezes, quanto mais bo grande escarceo da agoa que alagou a lanchara de Francisco fogaça, e Dãrrique leme, que com quãtos ião cõ ele forão afogados, e assi os d̃ Francisco fogaça saluo ele, e outros tres: e a outra foy varar e hũa vasa onde se meteo toda, e valeolhe q̃ era ja noyte e fazia escuro, e por isso os mouros os não forão acabar de matar: e quis nosso Senhor dar tamanho efforço a Francisco fogaça e aos outros tres, que se pegarão na lanchara encomendandose a nossa Senhora, e assi como a chamarão com muyta deuacão assi ella lhes valeo, que as mesmas ondas que alagarão a lanchara, a levarão a borda da vasa e que a outra fora varar, e ajuntandose Francisco fogaça e seus cõpanheiros que estavam nela, vazarão a sua da agoa q̃ tinha, e cõ trabalho imenso a posarão em nado estando ja bo rio manifesto, e fizeramse prestes pera que em

amanhecẽdo se fossem pera bo galeão de dom Sancho, porque doutro modo não tinhão saluação se gũdo a multidão dos inimigos: que sintindo como estes Portuguezes estauão no rio poserãse a lerta pera em amanhecẽdo darẽ sobzeles, e assi bo fizeram: que e saindo do rio com a luz do dia, espedense cinco lancharas dos mouros depos eles remando a boga arrancada, e alcançados no mar os abalroarão, e cometendoos com brauo impeto d̃ gritas e s̃o de instrumẽtos, e muytas frechadas, lançadas, e arremessos, aque os Portuguezes resistirão com marauilhoso efforço, e levando fadiga grandissima em se defender, e matado e ferindo muytos dos mouros, e morrẽdo deles algũs e ficando feridos muytos, se desembaraçarão dos mouros e se acolherão ao galeão de d̃ Sancho, que sabendo bo que passaua mandou recolher ao galeão os feridos, de que hũ foy Francisco fogaça. E querendo dom Sancho vingar aquele dano, sem mais cõselho mandou a Dãnnel de berredo, e ao capitão da lanchara de Francisco fogaça, que fossem surgir na boca do rio de Auar, parecendolhe que bastarião pera deterẽ os inimigos que não saíssem do rio, e que entretanto veria ṽeto (porque era calma) e ele, e Duarte coelho se iriã ajuntar coeles, e defenderiã os inimigos que não saíssem do rio, e mãdaria recado a Jorge dalbuqr, que, quelhe mandasse socorro pera pelejar coeles: e Dãnnel de berredo e bo outro capitão, com quãto

virão que dom Sancho lhes mandaua cousa muyto desarrezoadas / porque pera a grãde multidão dos inimigos, claro estaua que ho perigo era muyto certo, e porque não parecesse que ho temião forão / porrem ainda bem não chegarão a boca do rio / sem lbe os mouros dare lugar pera surgirem os aferrarão / e em muyto pouco espaço os sumirão matandoos a todos / e tomarão a galeota e a lanchara: e coestes, e com os que morrerão dentro no rio afogados e a ferro, forão por todos sesenta e cinco Portugueses / e átreles morreo afogado Anrique leme muyto esforçado caualeyro como atras disse / e dos das fustas que se alagarão se saluou anado hum Thomelobo, que se foy por terra a Malaca / e pos noue dias no caminbo por andar de noyte sómente, e ainda pouco com medo dos Reyndes / e doutras muitas e feras alimarias que ha pola terra: e pola occupação que os mouros teuerão em matar Manuel de berredo e os outros / não entendirão em dom Sancho / e em Duarte coelho / que se os cometerão ouuerão de passar mal, ou perder as vidas segundo os mouros estauão vitoriosos. E vendo dom Sancho a cousa como passaua, e que não podia fazer nada que prestasse contra os inimigos / acolheose pera Malaca com bo vêtto que lhe sobreueo. E Laqueximena como era sabedor na guerra, e conhecia que ho dano que fizera aos nossos fora mais por desastre de mau regimento, que por couardia dos Portugueses, e es-

forço de sua gente contentouse com ho feyto, e não querendo esperar a vingança que os Portugueses quererão tomar do passado, partiose pera Bintam.

Cap. liij. De como foy tomado hū nauio na cidade de Pão / onde forão mortos algũs Portugueses.



Quando dom Sancho a Malaca quise- ra tornar a buscar os mouros / e por saber que erão idos se deixou estar. E Jorge dalbuquerque deu licença a hū Antonio de pina, moço da camara del Rey de Portugal / que fosse em hū iungo seu á ilha de Jaoa / a fazer fazenda sua e de partes / e forão em sua companhia tres Portugueses, de que hū se chamaua Bernaldo drago homẽ antigo em Malaca. E tornandose da Jaoa pera Malaca, arribou com tempo á cidade de Pão situada na costa perto de Malaca / cujo rey sendo amigo dos Portugueses / el rey de Bintão tomara por genro dandolhe hūa sua filha por molher: e a causa que ho moueo a este parentesco foy porque este rey fizesse guerra aos Portugueses q̃ cōtinuauão muyto ho seu porto e a costa do seu reyno. E este casamento foy muyto secreto / porque em quãto não se sonbesse el rey de Pão fizesse muyto dano aos Portugueses secretamente. E sem eles saberem a causa como passaua foy Antonio de pina ter ao

porto desta cidade d' Pão. E cuidã do ele q' el rey era amigo dos Portugueses como dâtes, mādou a terra buscar mātīmētos. E sabēdo el rey como ho jūgo estaua no porto, mādou pregūtã a Antonio de pina/ se lhe era necessaria desua cidade mais algũa cousa/ e q' lha mādaria dar de boa vōtade, e mādoulhe muyto refresco: e aq'la noyte despachou sete lācharas cō dozētos e oytenta homēs de peleja/ afora os remeiros, que erāo ho dobro: que em amanhecendo abalrroarāo ho jūgo per todas as partes. E Antonio de pina, Bernaldo drago, e os outros dous Portugueses pelejão ate que mais nāo poderāo/ e despois de matarē algũs dos inimigos/ foy morto ho scriuāo do jūgo: e Antonio de pina/ Bernaldo drago/ e outros dous Portugueses forāo catiuos, e ho jūgo tomado com quanto tinha, e tudo foy entregue a el rey de Pão, que muyto ledo mandou logo os catiuos a el rey de Bintão: que despois lhes cometeo q' se tornassē mouros, fazendolhes grandes ameaças se ho nāo quisessem ser. E eles com muyta constancia lhe responderāo que fizesse ho que quisesse, porque nāo auīāo de deixar a sua ley q' era a verdadeira, por tomarem a sua seita que era toda falsidade. E vendo el rey q' estauāo firmes ē seu proposito/ mādou meter cada hũ por si ē hũã bōbarda e desparar coeles/ e assi forāo espedaçados por confessarem a nossa santa fé/ e morrerāo martires. E disto nāo se soube em Malaca dahi a hũ bom tempo.

Capit. lliij. De como foy morto Andre d' brito no porto d' Pão e outros Portugueses.



Antes de ser sabido mādou Jorge dalbuquerque a dom Sācho que fosse fazer presas ā costa de Patane/ e foy no galeā de que era capitāo dom Antonio seu irmão, em que leuaria bem trinta Portugueses: e ē outro nauio, foy Ambrosio do rego, que leuaria outros tantos: e ele partido, chegou da India a Malaca Andre de brito/ que ia na sua nao que ja d' isse atras. E como leuaua hũã licença do governador que tratasse por onde quisesse/ cō apazimento de Jorge dalbuquerque se partio pera Sião/ leuando consigo em sua companhia ate doze Portugueses/ e de camininho tornando de Sião surtiu em Pão pera tomar mantīmētos. E sabendoo el rey, mandou sobrele suas lancharas, de q' amanheceo hũ dia cercado: e por os Portugueses serem poucos, forā logo abalrroados/ mas sobre a entrada dos mouros na nao, foy coufa espantosa ver como os Portugueses a defendiāo, ferindo hũs/ e matādo outros, e nāo auēdo parte na nao a q' nāo acudissem com presteza maravilhosa: porē como erāo poucos/ e os mouros sem conto, que podiāo pelejar em roda viua/ por q' cansando hũs ētrauāo outros, ho que os Portugueses nāo podiāo fazer/ comecarāo de cair hũs mortos/ outros quasi/ das muyto grādes feridas que tinhāo, e assi forā

poucos e poucos; ate que não ficou mais que hũ irmão Dandre o bruto (aque não soube bo nome) q̃ pelejava com hũa espada dambas as mãos/ com que fez coufas tão maravilhosas/ q̃ os inimigos cuyda uão que era diabo/ porque duas vezes axorou a nao deles com espãtosa matança, e da segunda vêdole tão desfaecido das forças e tão cansado, que não se atreueo a defenderse mais, e por não ser catiuo, ou morrer a mãos dos mouros/ atou muyto depressa nos pés duas camaras d' falcão e deitou-se ao mar: e deitado, tomarão os mouros a nao. E isto soube despois por hum Francisco de bruto Christão da terra/ que ia na mesma nao por feytoz e lingoa Dandre de bruto, que por ser da terra ho não matarão os mouros/ e foy despois ter a Malaca.

Cap. lv. De como dō Sãcho árriquez/ e dō Antonio árriquez forão mortos no porto d' Pão, e lhes foy tomado hũ galeão.



Dom Sãcho que partio de Malaca/ pera Patane cō Ambrosio do rego chegou lá em paz/ e despois de fazer ao que

ia/ que não conto por extenso polo não saber, tornou-se com Ambrosio do rego, e levando a rota de Malaca: apartarãse com hũ temporal que lhes deu, e Ambrosio do rego que ia mais ao mar que dō Sãcho seguiu auante, e dom Sancho

que ia mais á terra arribou/ e foy tomar a barra de Pão d' surgio, cuy dâdo que el rey era ainda amigo dos Portugueses/ e se deixou estar ate ho outro dia que abonancasse ho tẽpo. E estãdo ali ho mandou el rey visitar com hũ presente pera saber quem era/ e sabendo ho ho tornou amadar visitar cō mais magestade/ mandandolhe a boa ora d' sua vinda com muytos offrecimentos de amizade/ e algũas vacas e bufaras e outros mantimentos, e tudo isto foy ceuo pera ho tomar. E foy acerto que ao dia dantes fora ali ter Laqueximena/ e de terminando de tomar algũs navios nossos que sabia que tomãdo aquele porto/ metese dentro no rio e tinha escondida sua armada, que era de trinta lancharas: e sendo auisado por el rey/ de como dō Sancho estaua na barra, sayolhe em amanhecendo levando em sua companhia dez lancharas del rey que erão corenta em que ião mil e duzentos homens de peleja/ e os Portugueses erão trinta. E quando dom Sancho vio tanta gente sobresa e que não tinha nenhũ remedio se não pelejar/ disse aos Portugueses: Cõpanheiros com a esperança em nosso Senhor que nos dara efforço, não temos outra saluação se não pelejar bem, e da sua parte vos peço que queirais átes morte cō honrra que catiueiro cō vituperio. E coisto repartio a q̃les trinta e ambos os bordos do navio, e a proa deu a seu irmão, e ele ficou na popa/ e em cada parte destas auia sete homens/ salvo na proa

z popa que auia oyto é cada hũa/
z os inimigos que os virão tão pou-
cos começarão de gritar com pra-
zer de os terem por mortos: z apar-
tandose quatro lancharas cerca-
rão ho nauio polas quatro partes
que digo, aferrâdo por todas elas,
z começase hũa medonha peleja/
os mouros por entrar, z os Por-
tugueses por lho defender: z estas
quatro lancharas estenerão hum
pedaço aferradas sem a gête delas
poder entrar no nauio/ z foy mor-
ta algũa parte dela, z dos nossos
muyto feridos z algũs mortos:
z não podendo os mouros mais
sofrer a batalha apartarão se pera
chegarem outros d' refresco. E dō
Sancho vendo que se os seus este-
nessem assi repartidos q̃ os auião
os mouros de desbaratar mais
asinha, recolheos todos á tolda/
porque ali tinbão mais com que
se fortalecer/ z se vingarião melhor
dos inimigos antes que morressẽ/
z assi foy, que matarão tantos que
estauão hũs sobre os outros: mas
como os mouros erão sem cōto / z
étranão hũs d' refresco cada vez q̃
outros cãsaũão, z eles não podião
fazer outro tãto: carregarão sobre
eles tãtas feridas q̃ muitos mortos
delas, z outros de fracos do muy-
to sãgue q̃ tinbão perdido, z cãsa-
dos do imẽso trabalho da peleja
cairão todos, z assi tenerão os mou-
ros lugar de os étrar/ z acabarão
de matar os q̃ estauão meos viuos,
que a nenhũ perdoarão polo grã
dano que tinbão feyto nos iní-
gos: é cūto poder ficou ho nauio cō
muyta z boa artelharía q̃ leuaua.

Capit. lvi. De como Jorge dal-
buquerque mandou pedir soco-
ro ao governador da Índia z
lho mandou. E de como ho go-
uernador foy iuernar a Ormuz.



Ambrosio do rego com
ho temporal que disse q̃
oera a ele z a dom San-
cho indo de Patane ar-
ribou como disse, z foy por outro
cabo ter ao estreito d' Cinca pura,
onde esperou sete ou oyto dias por
dom Sancho/ z vendo que não ia
pareceolhe que seria passado, z q̃
passaria d' noyte, z por isso se foy pe-
ra Malaca/ onde tão pouco não
achou noua dele: pelo que Jorge
dalbuquerque, z dom Garcia an-
ríquez/ que era chegado de Malu-
co presumirão que seria morto. E
nisto chegou Bastião de Sousa, z
dom Andre árriquez/ com todos
os outros que ião de Pacem: z cō
a noua da perda daquela fortaleza
foy grande tristeza em Malaca/
por as cousas dos Portugueses
irem em tãta declinação naquelas
partes, z as dos mouros em tan-
to crescimento/ z por el rey Dache
seir fazendo tão poderoso que era
quasi outro rey de Bintão, z ábos
estaua certo darem muyta opres-
são a Malaca. E por que Jorge dal-
buquerque se temeo que el rey de
Bintão mandasse sua armada cor-
rer a Malaca/ com que lhe tolhe-
ria os mantimentos, mādou a dō
Garcia anríquez que se fosse poer
sobre a barra de Bintão, z que lhe
fizesse todo ho mal que pudesse/ z
trabalhasse porque a sua armada

não fuisse / e deu-lhe quatro velas / de que fosse por capitão mór .s. dous navios ele capitão dum / e Aires coelho do outro, e dous caravelões, a cujos capitães não soube os nomes. E neste tempo por ser ho mes de Dezembro que era moução pera India, se partirão algũs navios pera Cochim / em que Jorge dalbuquerque escreveu ao governador a guerra que avia em Malacca / e a necessidade em que ficava, assi de gente, como de navios / e todo ho mais que acontecera aquele anno em Malacca: e assi lhe escreveu como Antonio d'brito não queria estar mais na capitania de Maluco, pedindolhe que lba desse pera dom Sancho seu genro, ou pera dom Garcia seu cunhado, se ele fosse morto: e tão bem lhe mandou hũ maço de cartas d'antonio de brito / em que lhe pedia q' prouesse Maluco d' capitão, por ele se achar doente, e enfadado naquela terra. E partidos os navios que leuauão este recado, chegarão a Cochim onde acharão ho governador apercebendose pera tornar a Ormuz. E sabendo a noua de Malacca, e ho que lhe Jorge dalbuquerque escreuia, deu a capitania mór do mar de Malacca a hum fidalgo chamado Martim afonso de souza, irmão de João de souza / senhor da Ericetira, e ordenoulhe hũa armada que leuasse de sete velas .s. tres navios redondos, de que forão capitães ele, Andre de vargas / Alvaro de brito / e quatro fustas / capitães Antonio d'melo, Andre diaz, Vasco lourenço / e outro a quem não sou-

bebo nome, e deu-lhe buzêtos portugueses. E despachada esta armada partio-se ho governador pera Ormuz onde avia d'ir inuernar / pera arecadar ho dinheyro que Raix parafo ficara deuenido a el rey de Portugal e às partes / e leuou os galeões que não seruião na India ho tempo que avia de estar em Ormuz por ser nela inuerno: e deixou a armada de remo que era necessaria pera goardar a costa / que não se vazasse a pimêta da costa do Malabar: e esta deixou a dom Luys de menezes seu irmão / com os poderes de governador em sua ausêcia / e regimento que inuernasse e Cochim / por estar mais perto de Calicut: de cujo rey avia algũa sospeyta q' se levantasse cõtra a fortaleza.

Capit. lvij. De como partirão oyto naos, e cozena paraós, de Calicut carregados despecialia pera Meca.



Quando os mouros d' Calicut ho grande descuydo do governador / que os não castigava por ne nhũa cousa de quantas fazião / cobrarão muyto mais efforço do q' tinhão pera fazer guerra aos portugueses / e conselhauão a el Rey que se leuâtasse cõtreles e quebrasse a paz / pera ho que fizerão acabar muytos paraós, e oyto naos muyto grandes / que auião de carregar pera Meca naquela moução: e auião d'ir em sua goarda cozena paraós tambem carregados / e isto sem pedirem licença a dom Luys,

o q̃era cōtra o cōtrato das pazes:
e a fora isso determinaua el rey de
Calicut d̃ mādār hũa grãde arma-
da a pelejar cō os Chriſtãos d̃ Crã
ganor; e da hí ſendo t̃po ir ſobre Co-
chĩ/ e ele auia dir por terra pera to-
mar a cidade a el rey d̃ Cochĩ como
ẽ outro t̃po fizera hũ ſeu atecẽſſor
como diſſe no liuro primeyro. E q̃s
noſſo ſenhor q̃ tudo iſto foy ſabido
por dō João da ſilueira capitão de
Cananor q̃ ho eſcreueo a dō João d̃
lima capitão da fortaleza d̃ Calicut
q̃ logo mādou chamar Logebequĩ
e dele ſoube q̃ era certo, e q̃ as naos
e paraõs q̃ auião dir a Meca auião
de ſayr pelo rio de Chale (q̃ faz a ter-
ra e ilha) por não ſerẽ viſtas da noſ-
ſa fortaleza. E pa mais credito foy
moſtrar eſtes nauios ao ſeytor de
Calicut: e coeſta certeza ho mādou
dō João de lima dizer a el rey de Ca-
licut eſtranhandolho grandemẽte
pois era cōtra as pazes. E el rey lho
negou juſtificandose muyto. E cō
tudo dō João mādou ſōdar ho rio
de Chale, e achando q̃ tinha fundo
e largura pera entrarẽ nele galẽs e
outros nauios / eſcreueo todo o q̃
paſſaua a dō Ruys/ conſelhãdolhe
q̃ antes de ſayr ho inuerno ſe metef-
ſe no rio d̃ Chale e tomaffe as naos
e paraõs quando ſayſem: porq̃ fazẽ
do ho aſſi atalharã aos pẽſamẽtos
q̃ el rey d̃ Calicut tinha d̃ fazer guer-
ra a fortaleza. Mas dō Ruys não
quis tomar eſte cōſelho/ poſto q̃ era
muyto bõ/ e as naos e paraõs par-
tirão pa Meca, onde forão ter car-
regadas de muyta eſpeciarĩa e dro-
ga/ e aſſi forão outras muytas na-
os de todos eſſes portos d̃ Calicut
ſem auer quem lhes contrariaffe.

Capit. lviij. De como os mou-
ros de Bintão queymarão no
porto de Malaca ho nauio d̃ Si-
mão dabreu e matarão quantos
eſtauão coele.



Como quer q̃ todos
os mouros comar-
cãos de Malaca ſoſ-
ſem muyto amigos
del rey d̃ Bintão na
hora q̃ ele fazia guer-
ra a Malaca, ſe leuantauão logo e
não leuauão mais mantimentos a
fortaleza, nem os de fora q̃ lhos le-
uauão ouſauão delhos leur cō me-
do da armada del rey de Bintão q̃
os nã tomaffe: e por iſſo como el rey
de Bintão começou a guerra, come-
çarão logo d̃ faltar os mātīmẽtos.
E porque quanto a guerra foſſe em
mayor crecimẽto eſtaua certo falta-
rem mais/ e não os poderem ir buſ-
car por amor dos inimigos que an-
dauão no mar: quis Jorge dalbu-
querque mandalos buſcar cō t̃po,
e como dō Garcia q̃ ho ouuera de
fazer era a Bintão, pediu Jorge dal-
buquerque a Garcia chãinho ſeytor q̃
ho fizeffe, aſſi por ſer caualeyro muy-
to eſforçado, como por ſer deſpois
dele a ſegũda peſſoa na fortaleza. E
q̃ ele aceitou de muyto boa vōtade
poſto q̃ a ida era perigroſa / e por
não auer nauios em Malaca mais
que ho em q̃ Simão dabreu fora de
Maluco, e hũ iũgo del rey que não
ſeruſão pera a ida / leuou quantas
manchuas e balões auia em Ma-
laca que ſam como boas almadias,
e neſtas acompanhado de algũs
Portugueſes ſe foy ao longo da

costa ate bo rio de **A**uar cinco le-
goas de **B**alaca onde auia de bus-
car os mantimentos. E andâdo os
buscâdo acertarão de chegar a **B**a-
laca quatorze lancharas del rey de
Bintão, cujo capitão mór sabendo
quão delapercebida estaua a fortale-
za, assi de gête como de todo genero
de nauios ô remo: e q̃ no porto esta-
uão algũs nauios grâdes, determi-
nou de os queymar / pa o q̃ entrou
em rôpêdo a alua sexta feyza d'edoe-
ças na baya da ilha das naos, a cu-
ja sombra bo nauio de **S**imão da-
bren estaua surto, e ele estaua dêtro
cô treze **P**ortugueses q̃ cada noyte
ya dormir ao nauio. E como era ja
no q̃rto dalua em q̃ ele e os seus esta-
uão desuelados dos outros q̃rtos
adormecerão, parecêdolhes q̃ esta-
uão seguros de rebates d' inimigos, e
por isso não sintirão os mouros / q̃
se os sintirão defenderão cõ a arte-
lharía que lhes não chegassem co-
mo chegarão, e os forão aferrar q̃-
tro grandes lâcharas. E nisto forão
sintidos por **S**imão dabren q̃ bra-
dou aos seus q̃ acodissem / e todos
cõ suas espingardas acodirão muy
prestes, e os q̃ as não tinhão reme-
terão aos berços do nauio e despa-
rãnos nos mouros que assomauão
ja aos bordos, e dão coeles nas su-
as lancharas feytos em pedaços,
e estes escarmentarão os outros
de tal maneyra que não prouarão
mais dentrar no nauio, e das suas
lancharas pelejauão com os **P**or-
tugueses muy brauamête. E foy mĩ-
lagre euidente de nosso senhor não
os entrarem logo segũdo erão muy-
tos e eles poucos: e assi durou a pe-

leja hũ pedaço em que morrerão al-
gũs **P**ortugueses e dos mouros
muytos. E q̃ vendo bo seu capitão
mooz / e q̃ se a peleja fosse auante da
quela maneyra que lhos matarião
todos buscou outro ardil pera aca-
bar mais asinha de matar os **P**or-
tugueses e queymar bo nauio / e
foy mādard poer bo fogo a bũ iugo
que estaua sem gête e sem carregas:
e bo fogo bem acceso como a marê
vajana mandoulhe cortar as amar-
ras e sostelo cõ cabos q̃ lbe tinhão
dados ate ho ajuntarem ao nauio
de **S**imão dabren, sem ele nẽ os de
sua companhia poderem resistir q̃
nã chegasse a eles. E despois de che-
gado os inimigos ho atoarão á me-
la da goarnição do nauio / e a ou-
tras partes pera que se sosteuessse: e
nũca lbe os **P**ortugueses poderã
contrariar por amor das muytas
frechadas e espingardadas q̃ lbes
os inimigos tirauão: e també por a-
mor delas os **P**ortugueses não po-
derão cortar a abalrroas com q̃ ho
nauio estaua abalrroado / posto q̃ so
briço morrerã q̃si todos: q̃ foy muy-
piedosa cousa de ver morrerem assi
hũs homes sem se poderẽ defender:
e muyto mais despois q̃ ho nauio
começou darder juntamente cõ ho
jugo que fazião hũa espantosa e
medonha labareda com soarem dê-
tro os grandes gritos que dauão
algũs **P**ortugueses que ainda esta-
uão viuos: a que **J**orge dalbuquerque
que não podia mandar socorrer
por não ter em que fosse ho socor-
ro / que tudo o que em que podia ir
era fora como disse: pelo que ele esta-
ua muyto triste e tinhase por mo-

fino delhe matarem assi a queles ho
mões diante dos olhos sem lhes po-
derem valer. E como a magoa q̃ ti-
nha era grande / pareceolhe q̃ lhes
poderia mandar socorro em hũ gi-
ropanco nauio da Goa (que serue
de leuar mantimētos) que nẽ tinha
masto nem velas / e com a pressa do
socorro sem lhe mandar meter arte-
laria / nem lhe lembrar que estaua
desaparelhado mandou embarcar
nele obra de trinta Portugueses d̃
setenta queteria / e mādoulhes que
fossem socorrer ao nauio que come-
çaua darder: e eles como erā obe-
dientes e por não parecer que por
medo ho deixauā de fazer se em-
barcarā com quanto viā ho perĩ-
gō em que yāo por não leuarem ar-
telharia e ho Giropāco ir tão desa-
parelhado como ya, e que estaua
certo matarēnos os mouros sem
poderem socorrer ao nauio: o q̃ en-
tendendo tambem hūs dous cape-
lães da fortaleza / reqrerā a Jorge
dalbuquerque da parte del rey q̃ não
mādasse os homēs q̃ mādaua no gi-
ropāco / dādolhe as rezões q̃ digo
pera os não mandar / e mais que fi-
caua tão pouca gēte na fortaleza q̃
mortos aqueles a gente da terra a
tomaria e a daria a el rey d̃ Sintão.
E ele estaua tão agastado que não
queria ouuir nem entender ninguē,
e fez embarcar os trinta cō grādes
brados. O que eles fizerā, e como
ho giropanco, nem tinha vela nem
remos acodia mal ao leme e fazia
muytos lōs, e com hũ que fez foy
dar em seco que parece que foy cou-
sa de nosso senhor porque se chega-
ra ondestauā os inimigos todos

ouuerā de ser mortos. E vêdo Jorge
dalbuquerque que ho giropanco em
seco mandou desembarcar os q̃ yāo
nele: e entre tanto os que estauā
no nauio que ardia vendo que não
podião escapar lançaranse ao mar
cuydando que se saluariā, e nele
forā mortos polos inimigos, e ho
escriuā do nauio que auia nome
Francisco fernandez cuydando de
lheir socorro, e que escaparia não
se quis deitar ao mar e sobiose na
gauea e da hí ao mastareo, donde
por derradeyro se deitou ao mar e
foy morto polos inimigos que com
ho prazer da morte dos Portugue-
ses faziā grandes alegrias, e assi
com verem arder ho nauio e ho jū-
go que arderā ate horas de vespe-
ra sem ficar nada deles do que pare-
cia sobre a agoa: do que os mouros
ficarā muyto soberbos e teuerā
os Portugueses em muyto pouca
conta por lhe não poderem acodir.
E isto ganhou Jorge dalbuquerque
de mandar fora toda a gente que ti-
nha em tempo que lhe corriā os
inimigos, e por derradeyro Gar-
cia chainho não troune mantimē-
tos que matassem a fome dez dias e
a sua ida fez tamanha perda.

Capitolo. lix. De como Laqueri-
mena tomou na barra d̃ Sintão
dous carauelões da conserua de
dom Garcia anríquez.



Ado as cousas dos Por-
tugueses decada vez pe-
or nestas partes dom
Garcia anríquez que
estaua sobre a barra de Sintão

fazialhe quãto mal podia, e nã sayanẽ entrava vela nenhũa q̃ ele nã tomasse/ e fazia algũs saltos e terra/ o que el rey de Bintão sentia muyto e se auia por muyto injuriado / e tinha por mayor feyto este d̃ dõ Garcia que quãtos os seus tinhão feytos contra os Portugueses / e aqueixauase cõ Laquerimena de não tomar aqueles quatro nauios, e elle lhes dizia quenão auia ainda tempo: porque era necessaria muyta industria pera os tomar/ porque por força não podia ser por os Portugueses terem muyta auantagem aos Malayos/ e que as suas victorias forão por desastre e nã por eles serem tão bõs homẽs de peleja como os Portugueses. E Laquerimena trazia grandes espias sobre dom Garcia pera ver se ho podia tomar em discuberto/ ate que hũ dia soube que fazia agoada em hũa ilha junto da boca do rio de Bintão/ e que os nauios grãdes erã os que tomãõ agoa, e os carauelões estauão em vigia: e como ho soube sayo do rio com algũas lancharas de sua armada/ mandando aos seus capitães que se por ventura os dous carauelões os cometessem que fizessẽ que fugião ate os leuarem perto da boca do rio onde ficaua a outra armada com que os tomaria. E assi ho fizeram, e como os capitães dos carauelões virão que as lancharas erã poucas/ e estauã costumados a leuarem ho melhor delas/ cuydãrão deser assi daquela vez. E dãdo às velas remeterão a eles, tirando-lhes com sua artelharã/ e os mouros como estauão anisados de La-

querimena fizeram volta como que fugião. E os Portugueses cuydãdo que era assi seguiãnos/ e com ho vento que era fresco chegarão mais asinha do que quizerão á boca do rio onde staua Laquerimena, que logo sayo com as outras lancharas a remo com que cercou os carauelões e os aferrou e entrou com sua gente/ de que se os Portugueses começãrão de defender com muyto efforço/ mas a pueitoulhes pouco: porque temendo Laquerimena que acodisse dõ Garcia e que lhos tirasse das vnhas se os achasse fora do rio: em se começando a peleja mandou a certas lancharas que rebocassem os carauelões e os metessem no rio, porque polos baixos q̃ tinha bem sabia que dom Garcia não auia de poder entrar nele com os nauios por serem do alto bordo, e os Portugueses com ho tento da peleja não sentirão que os leuãõ se não quãdo se acharão dentro no rio. E isto se fez tão depressa q̃ dom Garcia lhes não pode valer, posto que logo acodio, mas deteu esse algũ tanto em leuar a ancora sobre q̃ estaua surto: e isto foy causa de ele nem Aires coelho chegarem a tempo, e ele se agastou tanto de ver leuar os carauelões / que assi como ia á vela mandou meter ho nauio pola boca do rio bẽ contra vontade do piloto, q̃ dizia que se perderia, e assi ouuera deser por ho rio ser e canais muyto estreitos e em voltas e ter rastingas e arrecifes em q̃ logo ho nauio foy varar, e por grãde milagre sayo. E se Laquerimena não temera a sua artelharã / tambem

ho tomara/mas vingou-se e tomar os dous caravelões com morte de quantos estauão dentro que viderão muyto bẽsuas vidas com morte de muytos mouros:mas ho prazer dos viuos foy tamanho o tomarem assi estes caravelões e matarẽ quãtos yão dentro,que não estimarão os mortos. E el rey de Bintão mandou fazer por isso grandes festas. E vendose dom Garcia com aqueles dous caravelões perdidos, não quis ali mais andar e tornou-se a Malaca onde achou feyto ho grã de dano que disse.

Capit. lx. De como el rey de Bintão mandou cercar Malaca por mar e por terra,



Quando el rey de Bintão quã hẽlhe socedia a guerra q̃tinha cõ os Portugueses / determinou de lha fazer mais apertada por mar e por terra:parecẽdolhe q̃ poderia tomar a fortaleza/pera o q̃ mādou vitemil homes/ quatro mil q̃ auão dandar por mar cõ Laq̃rimena / e desaseys mil q̃ auão de cercar Malaca por terra/ de que deu a capitania mór a hũ Portugues arrenegado q̃ andaua coele q̃ se chamaua Auellar dalcunha. E chegados estes a Malaca desembarcou ho Auellar e Hupe,õde assentou suas estâncias: e Laquerimena ficou no mar goardando ho porto que não entrassem nenhũs mantimentos nem nenhũs nauios outros. E Jorge dalbuquerque não lhe podia resistir por nõ ter mais de dous nauios/ nem

menos tinha gẽte/porq̃ não aueria mais q̃ ate o tẽra Portugueses:poisto que auia muytos piães da terra a soldo del rey de Portugal: mas dos Portugueses se fazia conta pera a causa de feito. Eper eles repartio Jorge dalbuquerque as estancias pera as defenderẽ/ e estas erã da pouoação dos Portugueses q̃ estaua fora da fortaleza antrela e apõte por onde se seruiao pera a pouoação dos quelins. E porq̃ não soube como estas estancias forão repartidas ho não digo. E erã os Portugueses tão poucos pera goardarẽ a fortaleza e as estancias/ que em algũas não auia mais que tres Portugueses, senão que tinhão consigo muytos piães da terra. E com quanto erã tam poucos estauão muyto esforçados pera resistir aos inimigos. E na cidade dos Quelins não pos Jorge dalbuquerque estancias/ assi por não ter gẽte pera isso/ como por ser cercada de muros de pao pola parte por onde os inimigos a podião cometer: e estas a gente da terra as vigiaua de noite. E despois de ho Auellar assentar suas estancias, mandaua cada dia correr a cidade dos Quelins: e cada dia tinhão peleja com os Portugueses,em que morria muytos dos inimigos: e os Portugueses tinhão imenso trabalho com pelesarem cada dia/ e vigiarẽ cada noyte/ e morrerẽ de fome/ que não comião mais q̃ arroz cozido e agoa: e quasi todos estauão doẽtes assi do trabalho e da fome/ como o feridas. Era cousa de milagre poderem pelesar, e defenderse aos inimigos,q̃ erã tantos e tão folgados.

E porq̃ o Quelar isto sabia se quei-
raua muyto cō os seus como nã fa-
zião nada cōtra homẽs tão desbara-
rados: e hũa noyte determinou de-
trar á cidade dos Quelins, cujos
muros sabia q̃ estauã podres: e mã-
dãdo levar muytos escopros e ma-
ços foy cometer ho muro no quar-
to da modorra/ de q̃ cō os escopros
foy derribado hũ lãço dobra de ses-
seta passos: e como fazia escuro nã
forão vistos das vîgias, se nã quã-
do virão cair ho pedaço do muro q̃
cayou cō grande arroido: e e caindo
entrarão logo os inimigos, e acharã
muytos dos da terra q̃ acodirão ao
estrôdo do cair do muro/ e estes fo-
rão todos mortos, e dali semeterão
algũs a roubar. E nisto foy dado
repiq̃ na pouoação dos Portugue-
ses, e dos primeyros q̃ acodirão foy
Nicolao de sa q̃ agora he contador
dos côtos del rey nosso senhor, que
pousaua junto da ponte e leuaua cō
sigo tres espigardeyros Portugue-
ses/ e assi acodio Aires coelho / e
quãdo chegarão acharão os piães
da terra pelejando cō os inimigos,
e defendião q̃ nã êtraassem por aq̃le
portal mais dos q̃ tinham entrado/
e os Portugueses q̃ digo os ajuda-
rão cō suas espingardas, o modo q̃
os detenerão q̃ nã entrassem, e aco-
dio a gente que estaua nas estâcias.
E como os inimigos sentirão a ge-
te que acodia / foranse levando
algũs catiuos / e os que ficauão
nas casas a roubar forão despois
todos mortos. E assi liurou nosso
senhor a fortaleza de ser tomada/
que ho fora se os inimigos entra-
rão todos na pouoação dos Que-

lis. E como foy manhaã Jorge dal-
buquerque mandou refazer ho bo-
queyrão do muro. E despois disto
tornarão os inimigos a perfiar se
poderião êtrar, mas nã poderão/
porque os Portugueses lho defen-
dião, e durou este cerco ainda hum
mes: e porque dali por diante po-
dia chegar socorro da India leuan-
tarão os inimigos ho cerco da ter-
ra e foranse a Bintão/ e os do mar
ficarão ainda algũs dias ate que
tambem se forão.

Capit. lxxi. De como Martim
Alfonso de Sousa foy fazer guerra
a el rey de Bintão/ e aos reys de
Pão e de Patane.



Martim Alfonso de sou-
sa que ia pera Malaca
chegou lá na fim do Ju-
nho, onde achou que
valia hũa galinhacin-
co cruzados e hũ ouo dous vintês
e hũa gãta darroz hũ cruzado, e os
homẽs q̃ parecião desêterrados de
nã terê cor, e sua ida deu grãde ale-
gria, assi aos Portugueses como á
gête da terra: e logo Jorge dalbu-
querque lhe êtregou a capitania mór
do mar de Malaca, e a tirou a dom
Garcia anrriquez seu cunhado / a
que a vera por morte de dom San-
cho. E Marti Alfonso lhe deu hũa
prouisam do governador em q̃ lhe
dava a capitania de Maluco pa hũ
de seus cunhados. E por se Jorge
dalbuquerque desapressar da guerra
del rey de Bintão, mādou a Marti
Alfoso q̃ se fosse cō cinco velas poer
sobre a barra de Bintão dõde nã

deixaria say: a Laquerimena, e to-
lheria, q̃ não entrassem por mar má-
timêtos na cidade: e partio de Ma-
laca cõ hũa armada de cinco velas/
de cujos capitães nã pude saber os
nomes mais que a Gasco Lourêço.
E chegado á barra de Bintão este-
ue sobrela tres mezes em q̃ lhe deu
muyto grande opressam, tolhendo
q̃ não entrassẽ nenhũs mantimêtos
nem mercadorias, e que não sayse
de dentro cousa nenhũa / que nem
os pescadores ousauão de say: a pes-
car. E em todo este tempo nunca
Laquerimena ousou de say: a pele-
jar coele: e neste tempo que Mar-
tim Afonso ali andou lhe morreo al-
gũa gente por ser aquella paragem
doentia, e por essa causa não quis
ali andar mais e se foy a fazer guer-
ra a el rey de Pão pera vingar ho
mal que tinha feyto aos Portugue-
ses, e ali queymou muytos iungos
assí de Pão como da Jaoa, em que
forão mortos bem seys mil mou-
ros: e catinou tãtos q̃ nã ouue Por-
tugues que a seu quinhão não ou-
uesse dez catiuos. E despois de fa-
zer destruyção espantosa foyse aa
cidade de Patane / cujo rey era tã-
bem inimigo dos Portugueses / e
no porto achou algũs iungos que
tambem queymou e antreles hum
muyto grande que naquella hora
chegaua da Jaoa, e vinha nele ho
mesmo rey de Patane, que com bê-
duzentos mouros saltou ao mar
com medo do fogo e todos forão
mortos e lançados pelo Portugue-
ses. E vêdo os da cidade este destro-
ço no mar temerãse de ser outro em
terra, e por isso despejarão a cidade

assí da môz parte da fazêda como de
toda a gête: pelo q̃ Martim Afon-
so quando sayo em terra não achou
com quem pelejar / e queymou a ci-
dade toda ate não ficar mais que ho
campo em que esteuera, e quantas
ortas e palmares auia ao derredor.
E deitando ho nome dos Portu-
gueses com muyto credito e muyto
temido por aq̃las partes se tornou
pera Malaca / que esteue por hũ tẽ-
po muyto prospera.

Capit. lxiij. De como foy começa-
da a guerra atre Antonio de bri-
to e el rey de Lidoze: e de como
foy morto Jorge pinto da silua
e outros.



Tras fica dito como
Bastião de souza e Mar-
tim correa partirão de
Malaca pera a ilha de
Banda, ode chegarão ao lugar de
Borinté e hi acharão Marti afon-
so de melo iusarte q̃ auia quatro me-
ses q̃ estaua de guerra cõ a gête da
terra / em q̃ milagrosamête se defen-
deo por não ter mais de sete Portu-
gueses e setenta Jaos e Chis e os
inimigos serem muytos. E por não
poder saber particularmête o q̃ su-
cedeo nesta guerra a não escreuo / e
os inimigos como Bastião de souza
chegou alargarão logo ho cerco. E
ficado Marti afonso magoado da
afrõta q̃ recebera dos inimigos / pe-
dio a Bastião de souza q̃ ho ajudasse
a vigar deles: do q̃ se ele escusou, di-
zêdo q̃ ia fazer sua fazêda, e sobristo
se desauiarão âbos q̃ Bastiã de sou-
za se apartou pa a cidade Malutata
e hi se apouseton cõ Marti correa

em hũa tranqueyza que fizeram. E estando assi chegou a Banda hum Gaspar galo ê hũa carauela de Maluco, que por mandado Dantonio de brito ia pedir a Martim Afonso algũa fazenda e mantimentos de que tinha muyta necessidade por amor da guerra q̃ começaua com el rey de Tidoze, pera o quelhe pedia q̃ bo fosse ajudar cõ os mais Portugueses que estuessẽ em Bãda, e q̃farião em Maluco muyto proveito por auer aquele anno muyto crauo, e quando não teuesse mantimentos que os tomasse a quantos mercadores estuessẽ em Banda, pera o quelhe mandou a carta dos seus poderes, em que lhe daua elrey a iurdição da ilha de Banda: e da hí a poucos dias q̃ Gaspar galo chegou faleceo. E vagando a capitania da carauela, Bastião de souza a quísera tomar e dala a hũ Francisco de souza seu sobrinho, dizendo q̃ ele tinha ali iurdição por estar por mādado do governador da India: e Martim Afonso bo não consentio e tomou bo leme e as velas da carauela pera se ir nela a Maluco: como foy e leuou cõsigo outros dous ou tres jũgos de Portugueses, e foy coele Martim correa. E chegados a ilha de Ternate forão muyto bẽ recebidos Dantonio de brito, que tinha despachado hũ fidalgo mãe bo chamado Jorge pito da silua natural Deluas pera ir fazer a guerra a el rey de Tidoze em quãto se juntauão os reys e sangajes q̃ Antonio de brito tinha mādado chamar a socorro: e estava embarcado pera partir, e por Marti correa ser seu

parêtese foy coele a terra / e deixãdo ho apouentado se partio em hũ nauio, e ia coele em outro hũ Zio nel delima parête Dantonio de brito, e leuou hũ batel e hũ calaluz bẽ equipados pera fazerẽ saltos e terra: e nestas velas iriãõ bem corenta Portugueses. E partido Jorge pito foy surgir sobre ho porto da cidade de Tidoze, e em pouco tẽpo lhe fez muyta guerra / tolhẽdo lhe os mantimẽtos / e saindo muytas vezes e terra a fazer saltos delhe catiuar gente e tomar gado. E q̃ el rey sentia muyto / principalmẽte a tomada dos mantimentos de q̃ tinha grãde necessidade por a muyta gẽte q̃ estava junta pera a guerra q̃ esperaua: por q̃ a fora os seus vassallos, muytos vinhãõ por ho terẽ por ho mẽsanto. E vêdose el rey assi perseguido de Jorge pinto, inuẽtou hũ ardil pera ver se bo podia tomar, e foy meter em hũa calbeta q̃ estava hũ pouco afastada da cidade hũa boa armada de paraõs que ficaua encuberta cõ grande e basto aruore do q̃ a cobria / e de noyte despedio hũa coracora pera ho mar, q̃ em amanhecẽdo apparecesse da parte doutra ilha chamada Seilolo dõde lhe trazião mantimẽtos: pera q̃ cuydãdo Jorge pinto q̃ a coracora os leuaua se fosse a ela, e ela fugiria pera a calbeta / em cuja entrada atrauesaua hũa rastinga em q̃ bo batel de Jorge pinto por ser pesado encalharia / e sayrião os q̃ estauão dẽtro e ho matarião. E posto isto e obra amanheceo a coracora ao mar, e vêdo a Jorge pito cuydou q̃ era o mantimẽtos determinou de a tomar co-

mo tinha tomado outras, pera ho
q se foy em hū calaluz em que fazia
mūltos saltos, e leuaua consigo seis
Portugueses / e não quis dar re-
bate a Lionel d'lyma parecêdolhe
que ele só abastaua, e vendohos
da coracora ir pareles, fingirão q
virarão as velas pera fugirem e
que sembaraçaão / e nisto se dete-
nerão ate que Jorge pinto foy per-
to: e então remando a boga arran-
cada se acolherão á calbeta onde
estaua a cilada / e entrou sem tocar
na restinga por demandar pouco
fundo: e ho calaluz que demadava
mais por amor da artelbaria que
leuaua encalhou em entrando. E
em os mouros da cidade ho vendo
assi dão sobre ele cō grandes gritas,
e cercandohos por todas as partes
tirauanhelhe muytas frechadas / e
arremessos sem conto. E com quan-
to se ele vio em tamanho perigo,
não lhe faleceo ho grande efforço
que tinha, e efforçando os seus os
ajudou a defender tirando todos
muytas lançadas e cipingarda-
das / mas não lhes aproueitou na-
da: porque os mouros erão tãtos
que os ferirão tão brauamente q
do muyto sangue que lhe saia das
feridas enfraquecerão / de maney-
ra que ora hūs, ora outros, cairão
todos sem se poderem ter. E nisto
chegou Lionel de lyma em hū ba-
tel bem armado da artelbaria / e for-
necido de gēte: e vendo ho calaluz
naqle estado não se atreueo a soco-
rello / e tornou-se pera onde estauão
os nauios. E se apertára os immi-
gos com a artelbaria que leuaua /
ainda saluara algũs dos Portu-

gueses que estauão vinos. E ven-
do os mouros a pouca defensão
do calaluz entrarão dentro, e cor-
tarão as cabeças aos Portugue-
ses, e a cincoenta ou sesenta mou-
ros de Ternate que andauão com
eles / e com as cabeças de todos
enrramarão os seus paraós: e cō
grande prazer se forão ao porto da
cidade, onde forão recebidos del
rey com outro tanto, por se ver li-
ure de tamanha opressão.

Capit. lviij. Do que aconteceu
a Martim afonso de melo iusar-
te / cometendo hū lugar de mou-
ros.



Sabido este desastre
por Antonio de bri-
to, ficou tão agasta-
do que mandou lo-
go chamar Lionel d'
lyma e que leuasse os
nauios, e assi ho fez. E se neste tēpo
não esteuera junta na fortaleza a
gēte que era chamada pera a guer-
ra / Antonio d'brito desistira dela,
mas por ser junta proseguio auan-
te. E quando se Cachil daroes em-
barcaua coela / foy assentado que
Martim afonso de melo iusarte,
fosse com os nauios Portugueses
surgir sobre a barra de Tidoze / e
forão seus capitaes, Lionel de ly-
ma / e Martim correa: e partindo
hūa noyte do porto de Talangane
chegou em amanhecendo a Tido-
ze, e surgio na calbeta onde mata-
rão Jorge pynto e os outros: e cō-
mo auião ali destar sem fazer nada
ate ir Cachil daroes / determinou

Martim afonso com conselho dos capitães e fidalgos, de ir dar em hũa pouoação de mouros, que disse hũ Gaspar dalmeida que estava dali a hũa legoa ao lōgo do mar q se poderia queimar facilmente / e partio pera lá no quarto da mo-dorra por não passar de dia a vista de Tidoze, e se loubesse onde ia / e com quanto partio assi cedo por ir contra vento e maré / era ja de dia quando passou a vista da cidade. Onde sospetando os inimigos ao que ia lhe sairão em muytos para-ões, que os nossos fizeram tornar voltando a eles ás bombardadas, e desapressados dos inimigos for-ção surgir na pouoação, que não era mais de dez ou doze casas com hũa mezquita / e os mais moradores despois que Gaspar dalmeida vira aquela pouoação, se mudarão pera bo pico de hũa rocha muyto alta, cō medo da guerra dos Por-tugueses / e ali se fortalecerão: e pe-ra estrouarem a sobida aquem lá quisesse sobir contra sua vontade, atraueffarão dous para-ões em dous passos de hũa vereda / que se fazia muyto ingreme do pé da rocha ate o lugar / pera darem coeles pela rocha abaixo, e leuarem dencon-tro quantos sobissem. E cō quāto Martiafonso viu que ho lugar era de muyto perigo na sobida, deter-minou de sobir pois ali estava, por que não parecesse aos mouros que ho deixauão de fazer com medo: e porque ho tirar os para-ões donde estauão era ho mais / e quanto me-nos fossem a isso tanto era mais se-guro, acordarão que hũ só homem

os fosse tirar / e esse foy Martim correa que se ofereceo pera ho fa-zer, e foy: e por ho lugar estar muy-to alto, e os mouros terem tento no crepo da gente não ho virão so-bir, e antes de chegar ao pymeiro para-ão, foy ter coele hũ clerigo que chamaão Gomez botelho / que desforçado bulcou maneyra pera ir ter coele, e ajudalo a derribar ho pymeiro para-ão / e ho mesmo fez hũ Francisco lopez bulhão, que os ajudou a derribar ho segundo / e como este estava mais perto do lu-gar / e ho estrondo q fez indo pola rocha abaixo foy muy grande, sin-tirão os mouros e acodirão a ver ho que era / veudo os tres pola rocha acima, e Martim afonso cō os outros ao pé dela pera sobir, co-meção de sacodir muytas pedra-das, e de deitar grandes galgas / de que Martim correa, e os dous se salvarão em hũa lapa que se fazia na mesma rocha: e isto das galgas acabou logo / porque em se os mouros mostrando, começão os espín-gardeiros de Martim afonso de ti-rar suas espingardas com que os fizeram recolher detras de hũ mu-ro q tínhão da quela banda: e des-embaraçado ho caminbo / come-çou Martim afonso de sobir indo diante com seis ou sete homens e os outros apos ele. E vendo os mouros sua determinação, tornaranse a descobrir pera defenderem a sobi-da / e os espíngardeiros tornarão a tirar / e hũ que ia detras de Mar-tim afonso tirou tão certo, que lhe deu pola espadaa direita, e passan-do ho pelouro as armas etrou de-

tro no corpo, e foy a ferida tão má que caio logo desacordado. E por este desastre tamanho não forão os Portuguezes mais por diante, e se tornarão pera os navios em que se embarcarão com Martim afonso, queimando primeyro a mezquita, e as casas que estauão na praya. E dahi se forão pera Ternate, por mandado Dantonio de Brito.

Capit. lxxiij. De como foy ferido Francisco de Sousa, e outros Portuguezes.



Ue dagastado de quam mal lhe socedia a guerra a quísera o todo deixar, se não fora por amor de Cachil daroes / que vendendo alli lhe disse que ele queria fazer a guerra com a gente da terra / só mente mandasse hū capitão Portuguez, com ate vinte Portuguezes de que se fizesse cabeça: e que iria logo tomar hū lugar que se chamaua Mariaco, principal lugar da ilha do Tidore: pera ho quelhe deu hū fidalgo chamado Francisco de Sousa / e vinte Portuguezes, e partirão todos com grande frota, em que yão mil e quinhētos homens da terra, em que entraão muytos Mandarins, e os vinte Portuguezes. E chegado onde auião de desembarcar desembarcarão / e forão se caminhar de Mariaco, que he hū lugar muyto grande situado em hūa serrã quasi no meo da ilha, onde antigamente residiaõ os reys de Tidore: e depois por se pouoar a fralda do mar / fizerão assento na cidade

que agora tem. Este lugar era cercado de tranqueiras de hūa face / e a lugares tinha algũa caua / e com isto estaua algũ tanto fortificado. E chegado a este lugar / tomou-lhe Cachil daroes as seruentias e que pos algũa da sua gente, por lhe não poder yr socorro: e disse a Francisco de Sousa que ficasse de hūa banda ao pé do lugar, e ele iria pola outra que era mais alta: e tanto que fosse em todo cima / daria a sua gente hūa grita a que ele acodiria com os Portuguezes / e darião no lugar e ho tomarião. E proseguindo Cachil daroes pera ho lugar, sem ser visto nem sentido dos moradores / por a terra ser cuberta do muyto basto aruoredo / sairão algũs do lugar cuidando que ho podião fazer sem perigo / e estes forão logo sentidos dos que goardauão as seruentias, que deitarão apos eles dando algũas gritas: com que se Francisco de Sousa enganou, cuidando ser Cachil daroes que daua no lugar pela banda por onde fora, ao que acodio logo pola sua com grande pressa. E como Cachil daroes não era ainda chegado ao seu combate / nem os mouros recebessem oppressão, acodirão todos onde Francisco de Sousa cometia / e as pedradas e frechadas se defendeirão de tal maneyra que os Portuguezes forão todos muyto feridos. E ho mesmo espingardeiro q̃ ferira a Martim afonso, ferio ali a Francisco de Sousa por hūa cora e isto de desacordado, polo quelhe foy necessario afastar se pera ho lugar em q̃ ho deixou Cachil daroes:

que sabêdo o q̃ passaua lhe foy aco-
dir, e muyto agastado daquele de-
sastre/ jurou em sua ley de não se
partir dali ate não tomar ho lu-
gar/ e assi ho screueo a Antonio de
brito/ pedindolhe que não se agas-
tasse polo que succedera, porque erã
desastres de guerra/ e quelhe mã-
dasse Martim correa com vinte
Portugueses/ porq̃ ho tinha por
tão efforçado e sabedor na guerra,
que com ele acabaria muyto a sua
honrra: e com este recado mandou
Francisco de souza e os feridos.

Capit. lxxv. De como por indus-
tria de Martim correa/ foy to-
mado ho lugar de Mariaco.



Endo Antonio de
brito quantos des-
astres lhe acôtecião
naquela guerra, de-
terminou de a des-
par de todo / e não
mandar a ela nenhũ Portugues/
e eçarrarse na fortaleza com cento
e trinta Portugueses que tinha/
e esperar ate irẽ os iungos de Ma-
laca: e não quis mandar Martim
correa que fosse ajudar a Cachil
daroos, nem ho mandara se ho mes-
mo Cachil daroos lhe não fora pe-
dir que ho mandasse / e por isso lhe
deu licença que fosse cõ vinte Por-
tugueses. E screueo a Lionel deli-
ma que estava no porto de Lidore,
que ho fosse acõpanhar com a mais
gente que podesse, tirando a do seu
nauiõ que deixaria a recado: e di-
zia em hũa carta q̃ se Martim cor-
rea se quisesse meter em algũa cou-

rade perigo, q̃ ele lhe requeresse da
parte del Rey que ho não fizesse/
e não querendo se não fazelo que
lhe lêsse aquela carta/ e requeresse
da sua parte aos que ho acõpanha-
uão que ho não ajudassem. E rece-
bidos por Lionel delima estes reca-
dos logo se foy ajuntar cõ Marti-
m correa, leuãdo cõfigo quinze Por-
tugueses/ que cõ os que Martim
correa tinha erã trinta e cinco/ q̃
vendese coeles, e cõ a gente de Ca-
chil daroos apressoubo que come-
tessem ho lugar, polover estar muy-
to frio nisso: e ele lhe disse que ho fa-
ria quando lhe viesse vontade/ por
que ainda lhe não vinha. E por isso
determinou Martim correa de ho
cometer com os Portugueses, cõ
tenção que vendo Cachil daroos a
coula trauada acoderia com sua gê-
te. E dando disso conta a Lionel d-
lima/ ele lhe requereo da parte d-
tonio de brito que ho não fizesse: e
aos outros que ho não ajudassem
mostrandolhe a carta de Antonio
de brito/ em que mandaua que lhe
não obedecessem: e eles ho fizeram
assi salvo hũ Janemendes caualei-
ro muito efforçado, que selhe offre-
ceo ao ajudar com sua pessoa/ o q̃
lhe Martim correa agardeceo. E
dando a entender a gente que não
queria cometer ho lugar pois ho
não querião ajudar, falou aquela
noyte com Joane mendez, e concer-
tou coele que ao outro dia pola me-
nbaã cometessem a tranqueira per-
hũa parte/ que ele sabia que estava
fraca: e que trião ambos com dous
seus criados: e oyto mãdarins dos
de cachil daroos, que conhecia por

esforçados, e como fossem dentro que a sua gêtelhes acodiria, e desta maneira se despacharão dali. E porque Martim correa sabia q por aquela parte auia hũas caniçadas de fora da tranqueira: mādou aos mandarins q as desfezessem / e vissem se auia estrepes / porq os costumão muyto naquela terra: e sabendo que as caniçadas erāo desfeitas e que não auia estrepes, ao outro dia em amanhecendo se foy da sua estancia com a cōpanhia que digo: que erāo por todos doze pessoas: e chegados á tranqueira virāo que auia por aquela parte pouca gente por auer de fora grande mato e má seruentia pa se chegarē a ela: e esta ua da banda de dētro hũa casa terrea cōprida, e dereito do meo dela erāo os esteos da tranqueira ralos e curtos. Estando assy vendo por onde auia de cometer, appareceo hũ mandarim vestido em hũa roupa de graã, cō hũa gorra do mesmo: e nela hũa pruma: que logo foy morto cō hũa espigardada que lhe tirou Joane mendez. Enisto acodirão algũs homēs a hũa goarita q estava sobre aq̃la parte / dōde lhes tirauāo pedradas e outros arremessos: e lhes deitauāo tãta soma de terra que fazia tamanha poeira que não se enxergauāo hũs aos outros. E como os de dentro viāo q os de fora erāo tam poucos, parecialhes que era impossivel poderē entrar: e ja que entrassem q erāo tã poucos / que eles abastanāo pera os matar: e por isso fazião a cousa caladamēte, que não se sentia senāo nas estancias vezinhas: e tirauāo

suas pedras e arremessos, e deitauāo a terra cuydando de cegar os Portugueses: e no que cuydauāo que lhes fazião mayor dano os aproueytarāo mais: porque como da terra que caya se fizessem grandes e grossas nuuēs de pó, que cobriāo Martim correa e os outros / teue ele tempo, de com sua ajuda arrancar hũ pao da tranqueira que era tão grosso, que polo lugar que occupaua pode Martim correa caber dilharga e a pos ele Joane mēdez, e despois os outros: e tomarāo hũ terreiro que se fazia diante da casa / que estava ao lōgo da tranqueira. E como os mouros os virāo dentro começouse antrelles muy grande aluoroço, acodindo logo os das estancias vezinhas dando grandes gritas porque os ouuisssem polo lugar. E como Lionel delima estava perto, em ouuindo a grita acodio logo com todos os Portugueses sospetando ho q era / e entrou polo portal q achou feyto: e ajuntouse com Martim correa pelejando todos marauilhosamente / porque os mouros creciāo muyto: e ouue átreles hũa brava peleja, que durou hũ pedaço primeyro que chegasse Cachil daroes por estar muyto descansado / e cuydar que não se auia dentrar tão asinha. E como ele chegou espalhouse sua gente por todas as partes, e derāo nos mouros o que matarāo todos, saluo obra de cento que se acolherāo sobre hũas arvores, dōde os Cacil daroes mādaua matar as espigardadas, se não fora Martim correa que lhe pediu as

vidas/ e ele lhas deu muyto pesada mente, dizendo que era seu custume inuolauel, que em toda a batalha onde ya el rey ou quẽ representasse sua pessoa/ de morrerẽ todos os inimigos que não se querião dar amerce antes da batalha/ ou do combate. Em final que Cachil daroes perdooua aos que estauão sobre as armoas, bebeo agoa pola põta do seu cris/ que he final de perdão: e com isto se decerão os mouros/ que como disse crão ceto/ e os mortos foram trezentos. E dos Portugueses não morreo nenhũ, nem dos q̃os ajudauão: e Martim correa foy ferido em hũa perna de hũ arremesso: e os mortos todos foram mādaris e os mais parentes del rey de Tidoze: e outra gente não auia no lugar, porque tanto que lhe foy posto cerco ho despejarão dela e das fazēdas e por isso não se achou cousa que fosse de roubar. E despois do feito acabado estando Martim correa descãfando vio ir contra si dous homẽs hũ deles Mandarim e velho/ e ho outro de menos idade comitre de hũ paraõ/ e este leuaua dependuradas duas cabeças de mouros/ e fugia do outro q̃ lhas queria tomar/ e chegando a Martim correa lhe fez queixume daquilo: e por q̃ ho velho cõ muyta instácia pedia a Martim correa q̃ lhe desse hũa daq̃las cabeças pera a depēdurar em hũ paraõ de q̃ era capitã: e quizer alha tomar e ho outro as aferrou gritãdo q̃ lhe não tomasse sua honrra q̃ ganhara com muyto trabalho pera a dar ao mandarim, que em quanto durara a peleja do lugar esteuera dormido

e coisto se foy. E ali soube Martim correa que todo aquele que apresentar ao rey setecabeças d̃imigos despois de dar algũa batalha que ho faz caualeiro, e ho faz fidalgo, a q̃ chamão mandarim, se ho não be/ e hão por muyto grande honrra apañar muytas cabeças. E acabada a matança dos moradores do lugar foy lhe posto fogo, e ardeo todo sem ficar cousa algũa. e da fortaleza vio Antonio de Brito, e os que estauão coeles as chamas do fogo: e por isso e por recado de Martim correa foy certificado q̃ o lugar era destruido.

Capit. lxxvj. De como prosseguindo Martim correa e Cachil daroes a guerra tomarão muytos lugares que el rey de Tidoze tinha na ilha de Maquiem.



Estruido este lugar ouue Cachil daroes conselho cõ Martim correa que fossem aa ilha de Maquie/ de q̃ era a metade del rey de Tidoze e a outra del rey de Ternate e a tomassem: e assi ho fizeram. E ao primeyro lugar del rey de Tidoze que chegarão, estando no mar e tão perto de terra que se poderia ouuir: deu se hũ pregão na coracora do camarao que em sua lingua quer dizer almirante/ que soubessem os moradores do lugar q̃ naquela frota ya certo numero de Portugueses que yão vestidos de ferro (e isto polas armas) e que leuauão os paraõs cheos de cabeças dos Mādarrins de Tidoze, que bẽ podião vin-

galos: porẽ que deuão de dar obediencia ao regedor Cachil d'aroes que ali ya, porque lhes não fizessem outro tanto como aos de Tidore. E a este pregão sairão todos os do lugar á praya / e quando virão a multidão das cabeças dos mortos mostrarão-se muy espantados, e determinarão de se entregar, e assi ho fizerão logo ao outro dia pola manhaã, e cada hũ leuaua algũa peça que apresentaua ao regedor / e isto de sua vontade / e não de obrigação: e dada obediencia ao regedor, se tornauão pera suas casas, ficando vassallos del rey de Ternate: e desta maneira se entregarão todos os lugares que el rey de Tidore tinha nesta ilha. E a causa de lhe darem primeyro ho pregão q̃ disse, era por ser costume da terra, que quando auião de fazer guerra a algũa gente pera que não visse despois que os tomanão a treição, lhe auião de noteficar como lhes querião fazer guerra / e a gente que tinham, e as armas que leuauão / assi defensiuas como ofensiuas, e se se entregauão, entãõ dauão aquellas peças de sua vôtade, e não lhes fazião mal. E se respõdião que não auião medo e estauão prestes pera se defenderem / dali por diante os podião combater, e tomar por treição, e por todos os ardijs q̃ podessẽ sem terem nisso culpa. E não tendo mais que fazer na quela ilha, se tornarão a nossa fortaleza.

Capit. lxxvii. De como Martin correa, e Cachil d'aroes destruíram ho lugar Dogane, e se tornarão a Ternate.



Endo Antonio de Brito quão bem lhe succedia a guerra, não quis deixar d'a proseguir. E porque ainda ficaua hũ lugar nel rey de Tidore, que tinha na grã de ilha d' Batochina sessenta legoas de Ternate / tornou a mandar Martin correa com corenta Portugueses / e coele foy Cachil d'aroes / e ho camaraõ / que forão pola ilha de Cajoa pera se ajuntar com eles ho rey dela / como ajuntou: e dali se forão todos a ilha de Batochina sobre hũ lugar chamado Gane, q̃ seria de bẽ duzẽtos vezinhos, e as casas todas sobre esteos d' madeira cujas paredes erão de barrotes / e em lugar de tauoado tinhão por cima hũas esteiras de canas rachadas / e por de baixo das casas tuia algũs assentos pera se agente assentar de dia / e estas casas erão assi feytas / pera que no tempo da guerra se defendessem melhor dos inimigos / porque sobem às casas per hũas escadas leuadiças de canas / que como são em cima as poẽ ao longo das paredes e ficão muyto seguros: e pera offenderem aos inimigos se lhes entrão ho lugar / enrolão as esteiras pera as ilbargas das paredes, e tirão perantre os barrotes aos que andão por baixo / com paos tostados / e pedras, e frechas, e com hũs arpões d' ferro / aque chamão tãrranas / que trazem atados em muytas braças de cordel que enrolão no braço de reito pera que lhes fique sempre ho cordel na mão / e se acertão, puxão

pelo cordel ate chegarê ho bomê a si/ e cortanlhe a cabeça: e estas armas sam muy temerosas e perigosas: e de que se seruê muyto quando lhe os inimigos entrão os lugares/ porq̃ tem tâ pouco engenho q̃ lhes não sabê cortar os esteos das casas e derribarilhas/ nem oulam de se chegar junto delas cõ medo destes arpões e doutros arremessos: este lugar era cercado de hũa banda de hũa vala muyto alta per onde entrava ho mar, e ho alagana quando era necessario: e por outras partes era cercado desteiros e de vasa/ de modo que estava muyto forte, e tinha a entrada muyto perigosa. E cõ tudo Martim correa disse a Cachim d'aroes que ho cometessem: e forão pera entrar pola bãda da vala/ que não podião as corascoras nadar por outra parte/ mas logo en calbarão sem poderê passar auãte cõ estacadas q̃ os mouros ali tinham feitas, por onde as corascoras que erão grandes não podião caber: o q̃ vendo os mouros se meterão muy de pressa em paraos pequenos/ e se chegarã per antre as estacas ho mais perto que poderã dos nossos, e tirauãlhes muytas frechadas, e arremessos/ e eles dis simulauão por rogo de Cachim d'aroes pera que se chegassem mais e lhes tirassem com as espingardas: de que os inimigos não sabião nada por não terem nunca visto Portugueses. E vêdo os Martim correa bẽ chegados desparou a sua espingarda, e ho mesmo fez Cachim d'aroes, e outros que as tinham: com que derribarão mortos muytos

dos inimigos: e os outros como entenderão ho jogo fugirão/ indo e seu alcanço muytos pelouros de berço, que lhes despararão nas costas/ que matarão e ferirão esses q̃ alcançarão: e despejada a estacada foy logo cortada e arrancada. Etêdo as corascoras lugar pera êtrar se chegarão tam perto das casas que lhes chegauão com os berços, mas como não lhe podião dali fazer muyto nojo/ saltou Martim correa em terra com dez Portugueses que yão coe na coracora do çamarão/ que també desembarcou com os mouros de sua capitania, e pozem acharão tanta vasa, e alê dela hũ esteiro tão alto que não poderão chegar ao lugar: e foy forçado embarcarem outra vez, porq̃ Cachim d'aroes não estava ali/ e ya por outra banda/ e delã mandou chamar Martim Correa/ que se foy parele. E polo achar frio em cometer ho lugar ate os inimigos gastarem os arremessos que tinham/ remeteo a eles cõ esses Portugueses e mouros que leuaua, as espingardadas, metêdo se pola vasa, em que auia muytos strepes, de que hũ ho ferio em hũ pé/ mas ele não deixou de ir por diante ate chegar a hũa tranqueira que estava daquelle parte que despejou dos inimigos as espingardadas com os outros: e despejada entrarão no lugar, e apos ele Cachim d'aroes cõ os d' sua capitania. E vêdo os inimigos q̃ não tinham outro remedio, derão cõsigo encima nas casas leuãdo apos si as escadas/ cuidãdo q̃ se auião de defender como outras vezes/ mas

não lhes derão os Portugueses es-
se vagar, que logo atando bisalbos
de poluora nas pontas das lanças
lhos punhão encima dos telhados
com murrões acesos, e deles se pe-
gava ho fogo nos telhados que
erão dola seca, em que logo se acen-
deo muy brauamente e ateandose
de hũas casas em outras: acendeo
se hum espantoso fogo per toda a
cidade, e coela per toda ela se ale-
uantou hũa grande e dorida grita
que dauão as molheres e meninos
de que as casas estauão cheas. E
querendose liurar do fogo reme-
tião aas portas pera se lançarem a
baixo onde vião estar os Portu-
gueses cõ as lâças leuâtadas pera
os receber nelas, e cõtudo a se dey-
tauaõ: e assi morrerã muytos quey-
mados do fogo, e outros a ferro:
e forão catiuas bem dozentas al-
mas, e antrelas ho foy tambẽ ho
mesmo senhor do lugar, com toda
sua casa. E como teuerão destruy-
do este lugar de todo, embarcarão
se Martim Correa, e Cachil da-
roes, e tornarãose a Ternate, on-
de Antonio de Brito deu a Mar-
tim Correa a alcaidaria mor da for-
taleza, e a capitania mor do mar,
porque ficasse coele mayz tempo,
por ver quanto era pera servir el
rey por seu efforço e valentia.

Capitulo. lxxiij. De como
el rey de Tidoze mandou
pedir pazes a Antonio de
Brito: e ele lhas não quis
dar.



Com a destruyção deste
lugar Dogane ficou el
rey de Tidoze muyto q-
brado da soberba que ti-
uera contra os Portugueses, e bẽ
arrependido de ter guerra coeles, e
cobroulhes tamanho medo, q não
se tinha por seguro em nenhũa par-
te: polo que mandou hũ embaixa-
dor a Antonio de Brito, pedindolhe
pazes, offrecendose a pagar a el rey
de Portugal toda a perda e dãno
que teuesse recebido por sua causa:
e lhe daria a artelharia que toma-
ra na fusta: o que Antonio de Brito
não quis: e respõdeo que ainda não
estaua bẽ vingado dele. E dali a al-
gũs dias forão tomados no mar
pelos Portugueses duzentos ho-
mens vassallos del rey de Tidoze,
q Antonio de Brito mandou matar
de muy cruas mortez. O que não
samente punha grande temor em
el rey de Tidoze, mas em outros
reys comarcãos daquelle arcepe-
la: e todos se liauaõ por amizade
com Antonio de Brito, e antrestes
foy ho da ilha chamada Grambo-
cana, que mandou a Antonio de
Brito hũs doze homens ehũ paraõ,
a q naqila terra chamão Durão soã
que q quer dizer homẽ diabo. E isto
por q por arte diabolica se fazẽ inui-
sueis, e etrãõ por õde querẽ e fazẽ
muyto mal: e por isso hãõ aqilas gẽ-
tes grandissimo medo deles, e se
os acolhem logo os matão. E por
que estes ourões soangues se fazem
inuisueis os mādou el rey da Grã
bocana a Antonio de Brito pera q
lhe fossem fazer saltos á ilha de Ti-

dore/ e mataſſem nela muyta gẽte/ do que Antonio de brito fez eſcarnio/ e eles forão por ſeys ou ſete vezes fazer saltos em Tidoze, donde trouuerão de cada vez muytas cabeças de homens que matauão: do que a gente de Tidoze andaua muyto eſpantada e atormentada/ e eſpiarãnos hũa noyte onde deiſarãõ ho ſeu paraõ e tomarãlho e eles ficarão embrenhados pola ilha, e cada noyte fazião fogos aos de Ternate que eſtauão defrõte que foſſem por eles, e por iſſo forão e acharão onze/ e ho outro nunca mais pareceo/ pelo que Antonio de brito fez diſſo muyto mais eſcarnio que dantes, ainda que lhe Cachil Daroes afirmaua que era aſſi, e que ſe fazião inuiſueis. E por Antonio de brito dizer que ſe ele meteſſe no tronco hum das q̃les que ele nã ſe fayzia lhentregou Cachil Daroes hum que lhe leuãrão pera juſtiçar. E Antonio de brito ho mandou meter em hum tronco pola cabeça / dizendo que ſe ſe dali ſayſſe que creria fazer ſe inuiſuel / e mandou ho goardar muyto bem hũa noyte. E quando foy ao outro dia não ho acharão no tronco / do que Antonio de brito ficou muyto eſpantado. E por que el rey de Tidoze não diſſeſſe que lhe fazia a guerra com arte diabolica/ não quis que foſſem lá mais os Durões ſoangues / e mandaua lha fazer continuamente polos Portugueſes com o que el rey viuia muy atormentado.

Capitulo. lxiij. De como el rey de Calicut começou de fazer guerra aa fortaleza diſſimuladamẽte.



Diſſãdoſe eſtas couſas em Baluco/ el rey de Calicut que eſtaua determinado de fazer guerra á fortaleza dos portugueſes, apercebiaſſe pera iſſo quanto podia, e aſſi os mouros de todo ſeu reyno, que ajuntarão quaſi duzentos paraõs d'armada / de que corenta auião dir carregados de eſpeciaria a Meca em goarda das oytto naos que diſſe atras / e aſſi outros muytos ate os poerem de mar em fora da coſta do Malabar. E ho capitão moor deſta armada era hum valente mouro chamado Cutiale de Tanor. E da partida deſta armada que foy logo na entrada do verão foy auilado dom João de lima capitão da fortaleza de Calicut/ per hum portugueſ arrenegado que andaua cõ os mouros chamado Baſtião/ filho de hum ouriuez de Liſboa que fora moço da capela del rey dom Manuel, e por ſer muyto amigo de dom João (ainda que era mouro) lhe eſcreueo hũa carta da partida deſta armada/ e que auia de paſſar ao longo da fortaleza pera a tomar ſe eſteueſſe pera iſſo: o que logo dom João como iſto ſoube eſcreueo a dom Luys que eſtaua em Cochim / pedindolhe q̃ mandaffe hũa armada

a goardar a costa : o que ele não quis/nem sayo de Cochim se não em Outubro indosederreyto a Goa onde esperaua que ho governador fosse ter Dormuz. E vendo dom João delima como lhe nã acodião de Cochim/segurou a fortaleza do combate que se lhe podia dar por mar / com fazer hum baluarte de madeyra com que a porta da fortaleza ficaua tambem emparada da banda do mar : pera o que mandou pedir carpinteyros ao regedor da cidade, que como sabia a guerra q elrey determinaua de fazer aa fortaleza não queria dar os carpinteyros. E dom João pola pressa que tinha começou ho baluarte com ho condestabre da fortaleza q era muyto égenhoso e infinaua algũs Portugueses a laurar a madeyra. O q visto polo regedor/ por dom João não sospeitar algũa cousa da guerra que estaua determinada lhe deu os carpinteyros cõ que ho baluarte foy muyto asinha acabado. E não tardou nada que appareceo a frota dos mouros/ e hum paraõ dela se chegou a terra pera ver se poderião tomar a fortaleza: o que vendo dom João lhe mandou tirar com tres tiros grossos, e hum espedaçou ho paraõ : e os outros arrombarão algũs dos queyão ao mar. E vendo Cutiale quanto dano recebia sem desembarcar / conheceo o que receberia desembarcando/ e por isso passou auante. E dom João se mandou quizrar ao regedor de Calicut da vista que esta armada deu aa fortaleza: dizendo que se elrey de

Calicut queria guerra que lho declarasse, porque assi ho fazião os caualleyros. Do que ho regedor se lhe foy desculpar : e elrey de Calicut quando soube que dom João ho entendia, mandou a hum Mayze que lho fosse matar. E como eles sam muyto obedientes a seu rey, determinou de ho fazer: fingindo que leuaua hum recado del rey a dom João. E indo ho Mayze coeste proposito achou ho assentado na ramada da fortaleza com algũs fidalgos seus parentes/ e infiou se tanto que rendo chegar a ele que ho entendeo dom Vasco delima que hi estaua, e disse a dom João que ho matassem. E ele não quis / mas mandou aos alabardeyros da goarda que lho tomassem. E assi ho fizeram, e queixandose ho Mayze que leuaua hum recado del rey a dom João, quelho deixassem dar, disse lhe ele que bem sabia que não leuaua recado/ se não que y a pera ho matar, e que ho não mataua como lhe merecia por não quebrar a paz / e mandou ho pera Calicut. E ainda outra vez intetou elrey de ho mandar matar por tres Mayzes que fingirão leualhe outro recado: porẽ como ele ja andaua de sobre auiso entendeo os, e tambem os mandou prender por os seus alabardeyros/ e disse lhes que dissessem a elrey que soubesse certo que ho não auia de poder matar por mais que fizesse: e se queria guerra coe le quelha declarasse e que ele se defenderia/ e se não fora por quebrar a paz que ele lhe começara ja de fazer guerra pelo que entendia nele.

Capitulo. lxx. De como os mouros e Mayres de Calicut começarão a guerra com João delima capitão da fortaleza.



Em quanto a guerra assi andaua باز-
colejada, não deixaua dauar conuersação entre os Portugueses e os da cidade: nem os Mayres da feytoria não deixauão de servir nela: e comumente a gēte de Calicut desejaua a paz: e só os mouros a não querião pelo grãde odio que tñhã aos Portugueses, e conselhauão a elrey de Calicut que fizesse a guerra. Eles matarão neste tempo hum Gonçalo tauares que dom João mandaua com hum recado ao regedor de Calicut: e assi outros dous Portugueses que yão coele: sobre que ho regedor não fez nada: posto que se dom João mandou queixar dos mouros. E vendo esses fidalgos que estauão com dom João: e assi ho feytor e alcaydemór e os mais de essoutra gente este desauergonhamento: e que auia dous meses que em Parangale lugar delrey d Calicut matarão outros mouros doze Portugueses: conselhauão a dom João que fizesse guerra a elrey de Calicut pois lha ele fazia: por que que mais guerra podia ser que matar lhes os Portugueses poucos e poucos, e que em guerra descuberta não lhem matara tantos: que

não esperasse mais causas pera que bzar a paz, que não podião ser mais. E posto que a dom João lhe não falecia esforço pera a guerra: não ousaua de quebrar a paz ate os inimigos não cometerem a fortaleza: porque assi ho tinha por regimēto: e por isso sufria todas estas cousas. E sabendo ho regedor e ho Catual da cidade polos Mayres da feytoria o que os fidalgos conselhauão a dom João: temendo que quebrasse a paz polo terem por esforçado, forão ver por dissimular: e a vista foy na ramada da fortaleza. E quei xandose lhes dom João das cousas passadas: e eles dando suas disculpas, tirarão dantre a sua gente certas espingardadas: do que eles auendo grande vergonha bradarão com a gente: dizendo que eles saberião os que fizerão aquilo: e os castigarião muyto bem: e porque não fizessem outra tal mandarão toda a gente pera a cidade: e eles ficarão só com dom João: a que fizerão muytas mostras de lhes pesar do passado com promessa de ho enmendar com castigo, que ele creio que seria assi: mas como tudo era fingido, logo dali a dous ou tres dias tomarão hūs mouros certas molheres da terra Chriştãs que morauão na cidade, e leuauannas a Coulete. E não querendo elas ir com os mouros por serem Chriştãs bradauão polos Portugueses q lhes valessem. E foy sobristo a onião tamanha que ho soube dom João: e mandou rogar aos mouros que as não leuassem: pois

erão Chriſtãos . E não querendo eles ſe não leualas: mandou ſe quey-
 xar diſſo ao regedor, e ao Catual
 qual deles ſe achaffe, mas nenhum
 ſe achou, nem nayres da feitoria,
 pera que defendeſſem aos Mou-
 ros que não leuaſſem as molheres:
 o que vendo dom João mandou
 certos Portugueſes a defender eſ-
 tas molheres, e ouuerão peleja cõ
 os mouros e as tomarão. Sobre o
 que ſe aluoroçou a gente da cidade,
 aſſi mouros como Nayres: e como
 tinbão determinado de fazerem
 guerra aa fortaleza, na meſma hora
 ſe deixou ir correndo pera a fortale-
 za hum corpo de gente / que ſerão
 trezentos homens os mais deles
 eſpingardeyros / e por ſerem tão
 poucos mandoulhes dom João ao
 encontro hum canaleyro chamado
 Manuel de faria eſcriuão da feyto-
 ria cõ vinte cinco eſpingardeyros:
 mas ainda eſtes trezentos não che-
 gauão aa fortaleza / quando todo
 ho reſto da gente da cidade ya jun-
 ta poſta em armas / e com grandes
 aiaridos ſe forão correndo aa praya
 pera darem de ſupito na porta da
 fortaleza e tomarêna. O que receã-
 do dom João ſayo logo fora com al-
 gũa gente pera recolher Manuel
 de faria / e mandou deſparar algũs
 tiros por alto porque não fiſeſſem
 mal, porque ainda não queria que-
 brar a paz. E homêdo deſtes tiros
 fizerão deter os inimigos, pelo que
 Manuel de faria ſe recolheo ſem a-
 fronta: e dom João fazia grandes
 proteſtações perante hum tabalião
 publico que ele não mandaua tirar
 aqueles tiros ſenão por ſe defender

e não por quebrar a paz. E coíſto ſe
 recolheo aa fortaleza: e recolhido
 tornarão os inimigos a proſſeguir
 pera a fortaleza / e chegarão ate hũs
 pardieiros que eſtauão perto dela
 E vendo os dom João ali eſtar ſa-
 yo a dar neles com obra de cem ho-
 mões / dando a dianteira a hum Al-
 uaro da cunha ſeu ſobrinho, que le-
 uaua cincoenta, e dom João com
 os outros lhe bía nas coſtas: e dan-
 do hũa arremetida aos inimigos
 de que matarão algũs, ſe tornou a
 recolher na fortaleza: a que os in-
 migos tirará todo aquele dia muy-
 tas eſpingardadas e frechadas. E
 ao dia ſeguĩte eſteuerão quedos
 ſem fazer nenhũ reboliço de guer-
 ra. E por iſto Punacha hũ nayre
 cunhado del rey de Calicut / que ti-
 nha certa tença cada anno del Rey
 de Portugal / porque fauoreceſſe a
 os Portugueſes de que era gran-
 de amigo, tene tempo pera ir falar
 a dom João / que ho deixou chegar
 a porta da fortaleza onde lhe falou.
 E Punacha lhe diſſe com o roſto
 muyto triſte / que não ſe fiaſſe del
 rey de Calicut / porque ſem duuida
 lhe auia de fazer guerra, e iſto lhe
 dizia pola obrigação que tinha de
 ſeruir a el Rey de Portugal. E deſ-
 pedioſe de dom João chorando / e
 aſſi os nayres que ſeruião na feyto-
 ria que bião coeie: e deitandoeſe
 aos pés lhe pedirão perdão de ho
 não poderem ſeruir naquella guer-
 ra, que ſe começou dali por diante:
 e a dom João não lhe daua nada
 dela por ſer na entrada do verão,
 em que eſperaua que foſſe governa-
 dor d Portugal que lhe ſe occorriſſe:

e por isso não mandou recado a dō
 Nuyes de meneses que estava em
 Cochim / e como os inimigos se
 lhe metião antre hūs pardieyros
 que estauão perto da fortaleza sayo
 algũas vezes a dar neles em q̃ ma-
 tou e ferio algũs / e hũa vez pos fo-
 go aa cidade, de que queymou hũ
 grande lanço de casas: e sobristo
 tene hũa braua peleia com os ini-
 gos de que ficarão muytos mortos
 e feridos / e dos Portugueses hũ
 sooy ferido. O que parecia mila-
 gre por serẽ os Portugueses muy
 poucos e os inimigos muytos em
 demasia com quanto el rey não esta-
 ua na cidade, que se esteuera forão
 sem cõto: e dali por diãte auia muy-
 tos rebates dhũa parte e da outra,
 e sempre nosso senhor seja louuado
 os Portugueses leuauão o melhor.

Capit. lxxi. De como dō Vasco
 da gama conde da Vidigueira e
 almirante do mar indico partio
 de Portugal por visorey da In-
 dia, e de como chegou lá.



Quando ho tempo che-
 gado de dom Duarte
 de meneses que go-
 uernaua a India se-
 r pera Portugal /
 mandou ho muyto alto e muyto po-
 deroso rey dom João ho terceyro
 deste nome de Portugal que então
 reynaua quem gouernasse a India.
 Este foy dom Vasco da gama cõ-
 de da Vidigueira e almirante do
 mar indico, a quem deu a governança
 da India com titulo de visorey / e
 deu-lhe hũa armada de quatorze ve-

las. s. sete naos grossas, tres galeõ-
 es e quatro carauelas. Das naos a
 fora ele forão capitães dom Anrriq̃
 de meneses filho de dom Fernando
 de meneses a que chamarão ho ro-
 xo que ya por capitão Dormuz / e
 na primeyra subcessam da governa-
 ça da India per morte do visorey /
 Pero mazcarenbas que ya na segun-
 da e leuaua a capitania de Malaca,
 Lopo vaz de sam Payo que ya na
 terceyra, e leuaua a capitania d Co-
 chim, Francisco de lá que leuaua a
 capitania que auia dir fazer na ilha
 de çunda / Francisco de brito que a-
 uia de ser capitão das tres naos do
 trato de Baticalá pera Dormuz / e
 Antonio da silueira. Dos galeões
 forão capitães dō Jorge de mene-
 ses filho de dom Rodrigo de mene-
 ses de que faley no liuro quinto / dō
 Fernando de mōrroi, e Alfonso me-
 ria que ya por vedor da fazenda da
 India. Os capitães dos carauelas
 forão Lopo lobo / Gaspar malhoz-
 quim / Christouão rosado, e Ruy
 gonçaluez. E fornecida esta arma-
 da de muyta e boa gente, armas e
 mantimentos / partio se ho visorey
 coela a noue de abril do anno de mil
 e quinhentos e vinte quatro, e le-
 uou muyto roim viagem de tormẽ-
 tas / com que se perderão da sua cõ-
 serua Francisco de brito, Christo-
 uão rosado, e Gaspar malhozquim
 que nunca mais parecerão. E ho
 Galeão em que ya dom Fernando
 de mōrroi se perdo em Belin-
 de, e nas outras velas morreo muy-
 ta gente e forão sempre espalha-
 das, e quem chegaua primeyro a
 Moçambique partiãse logo pera

a India: e perto da costa dela hũa noite dos seys dias de Setembro a o quarto da alua tremeo ho mar muyto rijo, e por bõ espaço: e pola primeyza se cuydou na frota q̃ daua em algũs baixos de penedia ate que cayrão no que era. E dali a poucos dias appareceo hũa nao de mouros que yão Dadem pera a India: e dõ Jorge de meneses a tomou sem outra ajuda q̃si a vista da frota, e os mouros se lherenderão cõ medo, e ele a leuou ao visorey q̃ logo mādou meter nela hũ quadrilheiro e hũ escruição pera verem o que tinha e oulharem por ela: e acabar anhe se senta mil cruzados em dinheiro e duzētos mil em mercadoria. E daqui a algũs dias foy surgir na barra de Chaul, e hi se declarou por visorey que assi ho leuaua por regimento: e aqui esteue tres dias sem sayr e terra, nem consentir que pessoa algũa saysse, saluo holicenciado João de soiro do desembargo da casa da sopricação que ya coele por ouuidor geral da India: e Bastião Luys q̃ leuaua a escreuaninha da matricula de Cochim que ho visorey mādou que fossem visitar por ele a fortaleza de Chaul: e q̃ mādassem apregoar em seu nome, que tirando os frõteiros e casados todos os outros se embarcassem logo e fossem coele so pena de serem riscados do soldo e mantimento: e mais lhes mandou que dissessem a Christouão de Sousa q̃ era capitão da fortaleza: q̃ chegando ali dom Duarte de meneses que era em Ormuz quādo delá tornasse que ho não consentisse desembarcar: nem lhe desse mantimento

mais que pera quatro dias: o que foy todo feyto. E assi como ho visorey não quis que ninguem fosse a terra, não quis tampouco que pessoa algũa tirasse nenhũa fazenda da que trazia, no que deu muyta perda a muytos, porq̃ ganharão muyto em a vender e ali: nẽ menos quis deixar ficar nenhũ doente de muytos que yão na armada, a que dera muyta parte da saude verense em terra: e eles bem ho requererão: mas não lhes aproueitou. E daqui partio pera Goa, e porque a uia de desembarcar pera ver a cidade: e fazer algũas cousas que compria a seruiço del Rey, e feytas tralea Cochim, encomendou a goarda da frota a dom Jorge de meneses, que ficou nela. E desembarcado no cays de Goa foy recebido com a solemnidade costumada: e aqui em Goa lhe fizeram quey xume de Francisco pereira peitana, que estaua por capitão da fortaleza: de muytas injurias que tinha feitas a mayor parte dos cidadãos, e de muytas diuidas que deuia, que não queria pagar. Pelo que ho Visorey lhe tirou logo a capitania: e a deu a dom Henrique de meneses: dizendolhe que compria a seruiço del Rey serui-la: posto que fosse prouido da Dornuz. E a Francisco pereira mādou ho prender pera fazer justiça dele: e lhe fazia pagar o que deuia, com nomais outra proua, se não com juramento do creador. E que vendo Francisco pereira: e que muytos lhe pedião mais do que deuia: mādou levar a casa do Visorey onde ele estaua: esse dinheiro que tinha:

z pedi olhe que não desse juramêto a ninguê se lhe deuia ou não / se não que mandasse pregoar que quê quisesse dinheiro de Francisco pereyra quel ho fosse pedir, z quel ho mada-ria dar. E com tudo ho visô rey lhe fez pagar muyta parte do q̃ deuia / porque de sua condição era muyto justo: em tanto que sabêdo que forão na frota duas mulheres solteiras as mandou acontar metidas ambas em hũa câga. E isto porque forão contra sua defesa, q̃ mandou apregoar em Belem antes que partisse pera a India: que nenhũa mulher solteira fosse na armada sopena dacontes, por euitar muytos peccados que se seguem de as leuarem como eu vi. E não aproueitou rogar ao visô rey que não fizesse esta justiça, porq̃ estauão dous homens pera casar com aquelas mulheres, z quenão casarião se as acontassem, z não quis. E tambem por lhe assi parecer bem defêdeo q̃ não se recolhesse no spirital d' Goa nenhũ dos doentes que yão na frota / dizendo que el rey seu senhor nã tinha necessidade de ter na India spiritaes: por que auendoos se farião os homens sempre doentes / z por esta causa morrerão muytos a mingo / z outros que não tinhão de que se manter pedião por amor de Deos: o que ateli não se vir na India, z por isso ho estranhauão todos muyto.

Capit. lxxij. De como ho visô rey chegou a Cochim / z do que fez.

Nesta detença que ho visô rey fez em Goa selhe começou hũa doença de que despois

morreo / z antes que fosse em crecimento se partio pera Cochim / deixando por regimento a dom Henrique de meneses que todo homem que ficasse em Goa z não fosse coele tirando os casados z ordenados a fortaleza fosseriscado do soldo z do mantimento. E que de sua partida a dous meses todos os Portugueses que morauão no arrabalde fossem morar á cidade sopena d' morte, z mandou aos despenseiros dos nauos de sua armada q̃ a cada dous homens não dessem mais por dia q̃ hũ arratel de bizcoito / z mandou aos capitães dos nauos dalto bordo quenão deixassem meter a cada dous homens mais q̃ hũa arca do comprimêto de hũa espada. E logo ao mar de Goa achou dom Luys de meneses que yá pera Goa esperar seu irmão, z lenou ho consigo pera Cochim / ôde chegou na fim Dou-
tubro, z foy recebido cõ grande solenidade, z hi lhe entregou ho doutor Pero nunez ho officio de vedor da fazenda / em que auia seys ânos que seruia / z polo el rey dom Manuel achar muyto bõ, fiel z diligête seruidor não quis mandar outro vedor da fazenda despois que acabou os tres ânos, que he ho tempo costumado / antes ho deixou estar mais outros tres annos. E porque ele lhe requeria licença pera se ir por ser seu tempo acabado / ho deteu cõ muytas cartas de rogo, fauor: z fazendolhe muytas merces / z assi ho muyto alto z muyto poderoso rey dom João nosso senhor / que a ambos seruio muyto bem z lbes aproueitou sua fazenda com muyta

prudencia sem lhes encarregar as
côsciências, nê escandalizar as par-
tes, e donde dantes a pimêta que-
braua em Portugal de trinta ate co-
renta quintais por cento, por a os
mouros darem molhada, e cõ muy-
ta terra e area de mestura. Ele vêdo
isto lha não quis tomar / e mādou
chamar os Chriştãos de Cranga-
nor que vendião esta pimêta aos
mouros, e com afagos e dadivas e
muyto boas obras q̃ lhes fazia fez
coeles que não vendessem a pimêta
aos mouros / e lha trounessen po-
lo preço de mil e quinze rs como es-
taua assentado / e eles lha leuauão
limpa e seca: pelo que dali por diãte
em todo seu tempo não quebrou a
pimêta em Portugal mais que a
sete por cento / que acrecêto muy-
to no ganho da pimêta. E assi ser-
uiu elrey em lhe emprestar dinheiro
por muytas vezes, assi pera a carre-
ga / como pera outras despêças, e
assi em outras muytas cousas que
não pude saber particularmête. E
q̃ sabendo ho visorrey / lhe fez muy-
ta honrra e fauor, e entregou ho of-
ficio de vedor da fazenda a Alfonso
meria que ho leuaua de Portugal.

Capit. lxxiij. De como Gerónimo
de Sousa foy goardar a costa
do Malabar.



Embarcado ho vi-
sorrey em Cochim /
porque começou da-
uer bandos antre os
muytos Portugue-
ses que auia na cida-

de, mandou por escusar os males q̃
se deles seguem que ninguém desse
mela: do que se seguiu auer fome an-
tre os soldados, assi por lhes ser mal
pago seu soldo e mantimêto, como
por auer na terra poucos mantimê-
tos. E por esta causa he muyto ne-
cessario darem os capitães e fidal-
gos mesas / nê se podem os solda-
dos da Índia foster sem elas. E co-
mo a gente andaua indinada cõtra
ho visorrey acabou toda delhe que-
rer mal por tolher as mesas: e muy-
tos por se liurarem dele se yão pera
Chozamandel / e outras partes em
q̃ andauão fora do seruiço delrey /
e ate os mouros auião tamãho
medo dele que tremião quando ho
nomeauão. E tambe se yão de Co-
chim onde auia muyto tempo que
morauão. E esperando ho visorrey
de ir sobre Calicut e destruy-la pola
guerra que elrey tinha cõ os Por-
tugueses: e em quanto acabaua al-
gũas cousas mandou diante a goar-
dar a costa a Jerónimo de Sousa hũ
fidalgo de q̃ faley nos liuros atras
por capitão mór de hũa armada de
nauios de remo em que leuou trezê-
tos Portugueses. E chegado Jero-
nimo de Sousa sobre Calicut achou
de dêtro do arrecife corêta para os
de Malabares / de que era capitão
mór hũ mouro que auia nome Cu-
tiale de Capocate / que tolhião os
mantimentos [que yão por mar aa
fortaleza. E auendo Jerónimo de Sou-
sa vista desta armada foy pelejar coe-
la / e começou as bombardadas: cõ
que tambem os mouros acodirão
logo como homens de feyto: e erão
as bõbardadas tâtas de sua parte,

que nunca nenhũ dos navios da armada de Jeronimo de Sousa pôde aferrar nhũ dos côtrairos por mais que nisso trabalharão. E assi esteuerão duas ou tres horas ate q̃ sobreueio a noyte que os apartou: e Jeronimo de Sousa se deixou estar no mar com determinação de ao outro dia aferrar com os inimigos ou os fazer fugir / e assi ho disse aos outros capitães. E acordados nisto / ao outro dia como amanheceo assi os Portugueses como os mouros tornarão a começar a peleja como ao dia dâtes. Porém os Portugueses assi como tirauão / assi remauão pera se chegarem aos mouros : rompendo por antre aqueles pelouros. E vendo os mouros sua determinação, não ousarão despear com medo dos Portugueses e foranse retirando pera Coulete com as proas neles, mas os Portugueses os apertarão de maneyra que virarão as popas e fugirão quanto podião, e com a pressa de fugirem não poderão tomar Coulete e passarão a Cananor: e os Portugueses que os seguião os acabarão ali de desbaratar com muyto grande dâno de mortos e feridos e paraços arrombados / e os outros forão varar na praya de que a gente fugio pera a cidade / cujos mouros ficarão muyto tristes / por terem persuadido a el rey de Cananor que cercasse a fortaleza: que vendo esta victoria desistio dessa determinação. E Jeronimo de Sousa desbaratados os inimigos, adou goardâdo a costa: visitâdo ás vezes a fortaleza de Calicut / e prouendoa de mâtímêtos.

Capit. lxxiiij. De duas grandes victorias que dom Jorge telo ouue dos mouros de Calicut.

Como os mouros do reyno de Calicut andassem tão dissolutos como disse atras polo pouco medo que auião aos Portugueses, não lhes abastaua leuarem a Abeca quanta pimenta leuauão / mas ainda essa que lá não podião leuar leuauão a Cambaya / e cada dia passauão comuyto grande soberba a vista da ilha de Goa, ôde não auia quem lhes contrariasse / porque hũ Luys machado filho do doutor Lopo varcaquetinha a goarda daquela costa / leuarao ho visorey a Cochi / e por isso não auia quem côtrariasse aos mouros: do q̃ dô Anrrique de menses estaua muyto agastado e o auia por grande insuria. E estando assi foy hi ter hũ mercador e hũa fusta / quelhe dô Anrrique comprou / e armada d'artelbaria / e fornecida de gente mādou nela por capitão a dô Jorge telo seu sobrinho filho de dô João telo, que fosse esperar os paraços de Malabares que yão compimêta pera Cambaya. E como dô Jorge era hũ dos esforçados e valêtes caualeyros que naquele tempo andauão na India, assi cõ tão pouca cousa como era aquela fusta em q̃ andaua, começou de fazer sentir aos mouros que andaua ele por aquela paragem: e como ya quantidade deles com que se atreuia perseguiaos ás bombardadas / e a hũs arrombava ao lume d'agoa / e outros desapparelhava de mastos e d'excarias

matando em todos e ferindo muyta gente: e como virauão a ele facilmente se lhe escoaua da entre as mãos pela ligeireza da fusta. E sabêdo os mouros de Calicut como dom Jorge ali andaua/determinarão de ho tomar: pera o que armarão trinta e oytto paraós que carregarão de pimêta e de gête, e por capitão mór hũ mouro chamado China cutiale pera tomar dom Jorge/ que a este tempo trazia a duas fustas e tres bargantins/a cujos capitães não soube os ndmes/ e traria nestas cinco velas ate se fêta homes os mais deles espingardeyros. E andando aos ilheos queymados foy China cutiale ter coele com toda sua armada: e porque não pude saber a maneyra que dom Jorge teue em dar a batalha aos mouros ho nã digo senão em soma/que com esforço sobrenatural os cometeo, e cõ a ajuda de nosso senhor os desbaratou matando os Portuguezes muytos mouros em sete paraós q tomarão carregados de pimêta e darteilharia/ e dous que fizerão dar á costa e os outros fugirão, e dos Portuguezes não morreo nenhũ e forão algũs feridos. E recolhendo dom Jorge os sete paraós que tomou se foy coeles a Goa: e deixada ali a presa se tornou ao mar/ onde dali a algũs dias topou com hũa nao de mouros de Calicut, em cuja goarda yão noueparaós muyto bem armados darteilharia e fornidos de gente/ e dom Jorge pelejou coeles e matou com os seus tantos dos mouros que vararão cõ os paraós em terra/ de que dom Jorge tomou

tres. E tambem tomou a nao q não se pode saluar/ e coela e com os paraós se foy a Goa, onde foy muyto festejado por duas vitorias tamanhas: de que os mouros do Malabar ouuerão tamanho medo q não ousarão de tornar tão asinha ao mar: e assi começarão de temer os Portuguezes.

Capit. lxxv. De como crescendo a doença do visorey encomendou a governança a Lopo vaz desam Bayo capitão de Cochim.



Percebêdo se ho visorey pera ir a Calicut, creceolhe tanto sua doença que lhe tolheo entêder nos negocios da governança: e por isso a encomêdo a Lopo vaz desam Bayo capitão de Cochim/ porque tinha nele confiança que ho faria bem. E tambem porq com a autoridade de sua pessoa e de seu cargo, apacificasse as dicções que se começauão antre dom Luys e dõ Estenão da gama filho do visorey que era capitão mór do mar sobre a governança da India/ por que dizia dom Luys que vindo seu irmão dom Duarte ele auia de governar a India e não outrem pois era governador: e que nã se auia dir pera Portugal em quanto ho visorey esteuesse doente, porque se morresse ficaria governador como dantes. E como a gente da India era a feicoada a dom Luys tomoua por ele bando contra a que fora aquele anno de Portugal que era com dõ

Esteuão, que dizia que não auia de governar se não quem ho Viso rey quisesse / e que dom Duarte se avia dir pera Portugal como chegasse Dormuz: e sobristo auia ajuntamētos e perfiās / a que Lopo vaz de sam payo acodia corredo a cidade de dia, e de noyte: e impedia não auer brigas.

C Capit. lxxvi. De como dom Duarte de meneles / chegou a Cochim.



Atre tanto que isto passaua na India, ho governador dom Duarte de meneles que estaua em Dormuz se partio pera a India, e sem lhe acontecer cousa que seja de contar foy ter a Chaul, onde Cristouão de Sousa polo regimēto que tinha do Viso rey não consentio que say sse em terra: e assi lho mandou dizer: e em Goa lhe aconteceu ho mesmo com dō Henrique / pelo que se foy a Cochim. E sabendo ho visor rey como estaua na barra lhe mandou logo mostrar a prouisam dō Viso rey da India per Lopo vaz dō sam payo, e lhe mādou por ele húa carta messiuā q̃ lhe leuaua del rey de Portugal: e assi lhe mandou que em seu nome lhe pedisse entrega da India / porque por sua doença lha não y a tomar / nem ele dō Duarte podia ir a terra dar lha / por el rey de Portugal lhe defender que não desembarcasse por ho auer assi por seu seruico, e que do mar dondestaua se poderia prouer

do necessario: e mādou com Lopo vaz de são paio / Afonso meria / vedor da fazenda / e ho licenciado João de soiro ouuidor geral da India. E chegados a dom Duarte / Lopo vaz dō sam payo lhe deu a carta messiuā del Rey de Portugal que dizia.



Em João per graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarues / daquem / e do alem mar, em Africa, senhor de Guiné, e da Conquista, Naugação, Comercio, dō Ethiopia, Arabia, Persia / e da India, fazemos saber a vos dom Duarte de meneles capitão, e governador da nossa cidade de Tangere / e nosso capitão mór, e governador nas partes da India: que nos vos screuemos por outra carta / que auemos por bē que vos venbais em bōra pera estes reys, nos nesta armada. Porem vos mādamos que tanto que vos esta for apresentada / entregueis a dita capitania mór, e governança, a dom Vasco da gama conde da Vidigeira, e Almirante do mar Indico, q̃ enuiamos por nosso Viso rey a essas partes da India: e não vsareis mais da dita capitania mór e governança, nem das cousas da justiça / e de nossa fazenda, nem doutra algũa de qualquer qualidade e condição que seja que ao dito carregotoque e pertença, e que dātes vsaueis por virtude do poder, jurdição / e alçada que tinbeis / porque auemos por bem e nosso seruico /

como por outra carta vos escreue-
mos, que ho dito visorey seja logo
metido de posse de tudo / e vse logo
do poder, jurdição e alçada que le-
ua per nossa carta patête, sem mais
vos entenderdes em cousa algũa.
Porem declaramos que ho tempo
q'esteuerdes na Índia ate vos embar-
cardes possais estar em Cochi ou em
Cananor q'l vos mais aprouuer, e
que acerca de vossos criados e pes-
soas de vossa casa / e dos criados
do conde vosso pay que conuusco
forão / e dos criados de dom Luyz
vosso irmão, e de vossos cunhados
e pessoas suas: que ho dito conde
não entenda coeles em maneyra al-
gũa, nem tenha sobreles nem sobre
cada bũ deles mado nem jurdição
e alçada que tinheis pela carta de
vosso poder e alçada: resaluando
porem que se vos ou oetais por al-
gũas pessoas assi nossos naturaes
como dos mercadores da terra, e
quaequer outros de qualquer esta-
do e condição que seião, que lá ou-
uerem de ficar e nã ouuerem de vir
nesta armada em que vos auéis de
vir fordes requeridos / citados e
demandados, assi em casos civeis
como crimes vos possam a vos e a
eles demandar perante ho dito cõ-
de e ouuidor que coeleha de ficar /
e não perante vos pera se fazer com-
primento de justiça. E sendo caso q
quando ho dito conde chegar á In-
dia vos não ache nela por serdes fo-
ra dela a prouer algũas cousas de
nosso seruiço: neste caso auemos por
bem que ele dito conde vse logo in-
teiramente de todo poder, jurdição
e alçada que denos leua como faria

se vos achasse / e vos apresentasse
esta carta pera lhentregardes a ca-
pitania moor e gouernança / porq
assi ho auemos por nosso seruiço, e
sendo caso que por impedimento de
doença vos dito dom Duarte vos
não possais embarcar e vir nesta ar-
mada e ficasseis na Índia: neste ca-
so auemos por bẽ que vos fiqueis,
e vos recolbaís com todos vossos
criados e pessoas de vossa casa e
criados dos sobreditos vosso ir-
mão e cunhados que ficarem con-
uusco em a nossa fortaleza da cida-
de de Cananor: e que esteis nela ate
a vossa partida da Índia e vseis de
todo ho poder, jurdição e alçada q
tendes de capitão moor e gouerna-
dor da Índia sobreles, e sobre ho ca-
pitão, alcayde moor, feytor e escri-
uães da feytoria da dita fortaleza.
E de todos seus casos civeis e cri-
mes conhecereis os julgareis co-
mo vos parecer justiça, sem sobre
os ditos nem sobre cousa sua que
lhetoque que seja dantre partes ho
dito conde poder vsar do dito offi-
cio de visorey / nem poder, jurdiçã
e alçada que lhetemos dada / porq
queremos que tudo fique a vos do
Duarte ate a vossa partida da In-
dia / e mandamos ao capitão / e ao
alcayde moor, feytor e escriuães da
feytoria e a todas as pessoas que
temos ordenadas na dita fortaleza
de Cananor que vos obedeção, e
cumprão vossos requerimentos e
mandados como a nosso capitão
moor e gouernador sobre as penas
que lhe poderdes / assi nos corpos
como nas fazendas: as quaes auemos
por bem que deis a execução

naqueles que nelas emcorrerem segundo forma do poder / jurdição e alçada q̃ vos temos dada, e he cōtenda na carta do poder dila. E assi auemos por bẽ q̃ se entenda e bo faça is no caso q̃ vos fosseis fora da India por nosso seruiço / e viesseis a ela depois da partida das naos pera estes reynos / desta armada q̃ leua ho dito visorrey pera trazerẽ as especiarias, na qual vos auẽis de vir. Resaluando porẽ que ho dito poder e alçada que vos damos sobre todos os acima declarados se não entenderã em cousa que toq̃ a nossa fazenda e tratos da India: porque no que a estas cousas tocar não auẽis de entẽder / nem vsar da dita alçada / e poder que vos deixamos nos casos sobreditos / porq̃ isto ha dẽ ficar ao dito visorrey pera neles fazer como vir que he justiça e nosso seruiço / e vsar de todo seu poder e alçada. E da entrega que ao dito visorrey fizerdes da dita capitania mór e governança, como por esta vos mandamos cobrarẽis estormento publico, em que se declare as naos e nauios que lhe entregastes / e a artelharía e armas que andã neles, e assi as fortalezas e armas e artelharía e mantimentos que nelas auia / e gente que andaua nessas partes, e declarando a sorte e qualidade dela, e todas as outras cousas que ao carrego de capitão mór e governador tocarẽ pera todo podermos ver. E como assi lhe entregardes a dita capitania mór e governança / e cobrarde ho dito estormento da dita entrega no modo que dieo he / vos auemos

por desobrigado de toda a obrigação em que nos sejays pola dita capitania mór e governança: e vos damos por quite e liure da goza pera em todos os tempos. Esta carta per nos assinada e asselada do selo redondo de nossas armas cõ ho dito estormento tereis pera vossa goarda. Dada em nossa cidade de Euora a .xxv. dias de fevereiro. Bertolameu fernandez a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesu Chro de mil e quinhẽtos e .xxiiij.

Capit. lxxvij. De como dõ Duarte arte de meneses entregou a India a Lopo vaz de sam payo em nome do visorrey: e de como ho visorrey faleceo.

Esta por dom Duarte esta carta / e assi a outra q̃ lhe el rey escreuia, Lopo vaz de sam payo lhe deu ho recado do Alforey que não de sembarcasse, do que se dom Duarte agastou muyto: e disse a Lopo vaz que não deuera de ser ho messageiro daqueler recado, poyz ho conde prior seu pay fora o que ho armara caualeiro: pelo que não podia ser contrele / nem contra cousas suas. E lope vaz se desculpou cõ aquilo não ser cõtrele pois era seruiço del rey de Portugal / cujo vassallo ele era. E sobre a entrega da India teue dõ Duarte muitas duuidas, pa recendolhe q̃ por ho visorrey estar tão doẽte poderia morrer / e ele ficar ia ainda governador da India: E acodindo ho ouuidor geral a estas duuidas per via de seu officio

dō Duarte lhe chamou bacharel. Eho ouuidor respondeo que Bacharel e doutor e caualeyro o auia ele dachar pera o que comprisse ao seruiço del rey. Ao que Lopo vaz de sam Payo acodio com bo vedor da fazenda, estranhâdo a dō Duarte o que fazia. E despois de todas as duuidas que pos, entregou a India a Lopo vaz de sam Payo e ao vedor da fazenda, em nome do visorrey / e ho vedor da fazenda lhe deu hū pubrico estormento de conhecimento assinado polo visorrey e por testemunhas que dizia.

Saybão quantos este estormento de conhecimento, virem: que no anno do naciemento de nosso senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e vinte quatro ânos / aos quatro dias do mes de Dezembro do dito anno / em a cidade de santa Cruz de Cochim e a fortaleza del Rey nosso senhor: estando hí dom Vasco da gama conde da Vidigueira / almirante do mar indico, e visorrey das Indias: disse que ele recebia de dom Duarte de meneses governador que foy nelas antes dele visorrey a governança das ditas Indias do tempo que a elas chegou e as começou de governar, segūdo por suas prouisoēs e patentes lhe era mandado por el Rey nosso senhor que as recebesse e governasse. As quaes Indias ele recebeo, e disse ter recebidas / assi e da maneyra que as achou e elas agora estão: e se ouue por obrigado de dar conta delas a sua alteza / e ouue por desobrigado ao dito dom

Duarte da obrigação que tinha de dar conta delas. E em testemunho de verda delhe mandou delo ser feyto este estormento do recebimento delas. Testemunhas q̃estauão presentes Lopo vaz de sam Payo capitão desta fortaleza, Fernão martinz de souza / dom Pedro de Castello branco, Afonso mexia vedor da fazenda da India, Pero mazcarembas: e ho licenciado João de soiro ouuidor geral da India. E eu João nunez escriuão pubrico na dita cidade por especial mandado do dito senhor visorrey que esto escreui, e aqui meu final pubrico fiz. **E**ntregue dō Duarte deste conhecimento / tornou se Lopo vaz de sam Payo com os outros pera Cochim / onde se tamẽm tornou dom Luys de meneses irmão de dom Duarte, e disse rão que pera estar lá com cor de se fazer prestes pera a viagẽ de Portugal / mas que a verdade era pera que se ho visorrey morresse apossar-se da governança da India pera dō Duarte pois ele não podia lá estar. E sendo Lopo vaz de sam Payo certificado disto, polo deseruiço de Deos e del Rey que disto se podia seguir se foy a casa de dom Luys cō ho vedor da fazenda e ho ouuidor geral, e lhe pediu muyto cortesmente que se embarcasse logo, porque assi compria a seruiço del Rey. E por que dom Luys não queria, lhe mandou da parte del Rey de Portugal que se embarcasse, se não que ho faria embarcar: então se embarcou, e coisso cessarão muytos aluoroços que se ordenauão. E porque ho visorrey sabia isto: e vêdo que crecia seu

mal/ e que desesperaão de sua saude e vida/ não quis q̃ per sua morte ouuesse algũa reuolta ate o abzir das sucessões: e por isso pedio a todos os fidalgos e capitães que obedecessem por gouernador a Lopo vaz de sam payo ate q̃ fossem abertas: e eles lho prometerão. E despois disto faleceo ho Viso rey em vespere de natal do anno de mil e quinhentos e vinte quatro: fazêdo todos os autos de verdadeiro e fiel Christão/ e foy enterrado na See de Cochim.

Capi. lxxviiij. De como foy aberta a primeira subcessam: em q̃ se achou dom Anrique de menezes por gouernador.



Logo ao dia seguinte despois de missa ajuntarãse na see de Cochim com Lopo vaz de sam payo, ho vedor da fazenda, ho ouuidor geral: e assi todos os fidalgos, capitães / e outra gente honrrada pera se abzir a primeira subcessam: e logo a mostrou ho vedor da fazenda çarrada cõ cinco sinetes: e dezia. Esta prouisam mandamos que se abra falecendo ho cõde almirante dõ Vasco da gama visorey da India/ que nosso senhor não mande. E isto era assinado por el rey. E aberta esta prouisam leose em voz alta polo secretario: e dezia. Nos el Rey fazemos saber a todos os nossos capitães das naos e fortalezas da India/ capitães das naos e nauios q̃ vão pera vir

com a carregapera estes reynos, fidalgos/ caualeiros, gẽte darmas, que trazemos nas ditas partes da India: e a todas e a quaesquer outras pessoas e officiaes a q̃ este nosso aluara for mostrado: que nos pola muyta cõfiança q̃ temos de dõ Anrique de menezes fidalgo de nossa casa/ que nas cousas que ho encarregarmos nos sabera muy bem servir/ e nos dara de si toda boa cõta e recado. Queremos e nos praz que falecendo dom Vasco da gama conde da vidigueira e almirãte do mar Indico nosso visorey da India, que nosso senhor não mãde: ho dito dõ Anrique suceda e entre na capitania mór e governança da India pera nos nela servir cõ aquele poder/ jurdição e alçada q̃ tinhamos dado ao dito visorey. Porẽ volo notificamos assi/ e vos mãdamos a todos em geral, e a cada bũ em espicial/ que vindo ho dito caso ho recebaes por vosso capitão mór e gouernador nessas partes / e lhe obedeçaeis, e cumpraes seus requerimentos e mandados / assi como ho fazeis ao dito Viso rey, e como sois obrigados dõ fazer ao nosso capitão mór e gouernador, e em todo ho deixeis viar do poder / jurdição, e alçada, que ao dito Viso rey tinhamos dada por nossa carta: sem duuida nem embargo a elo poerdes/ porque assi he nossa mercede: e de ho fazer des assi bem como de vos esperamos, fareis ho que de ueis e sois obrigados / e volo tereis muyto em seruiço. Feyto em Euora a dez de Feuereyro/ ho secretario ho fez, de mil e quinhẽtos

e vinte quatro. Este aluara era assinado por el Rey dom João de Portugal. E com quanto dō Anrique foy auido por governador de quantos ali estauão/pola promessa q̃ fizerão ao visorey, não deixarão dobedecer por governador a Lopo vaz de sam Payo ate que dom Anrique viesse de Goa, que logo mandarão chamar, e mandoulhe Lopo vaz de sam Payo hũa gale sotil com duas fustas e dous bargantis em que viesse. E assi foy dom Jorge de meneses capitão do galeão sam Jeronimo. E Lopo vaz de sam Payo ficou fazendo prestes as naos q̃ auiaõ dir pera Portugal que erão cinco/ e teuebẽ que fazer em foster Cochim em paz/ porque aũa nela passante d̃ quatro mil homens Portugueses em q̃ auia parcialidades pola amizade que auia antre dom Duarte e seu irmão com os filhos do visorey que bi estauão. E por esta amizade auia tambem outras antre algũs fidalgos e caualeyros q̃ erão de cada hũ destes bãdos: e por que de noyte não fizessem algũ mao recado de pelejas/ Lopo vaz de sam Payo nã dozinia nenhũa: corredõ a cidade com ho ouuido: geral, e acompanhado de muytos homens armados. E de dia tambem atalhaua a brígas com palauras corteses, de maneyra que nunca em tamanho ajuntamento as ouue: e em quanto forão chamar dom Anrique de meneses/ mandou por capitão mór de hũa armada às ilhas de Maldina a hũ fidalgo chamado Simão sodrẽ, assi a fazer presas/ como pera dar goarda ao Cayro que dela vinha: e

assi mandou a Ormuz quatro naos carregadas de fazenda del Rey de Portugal pera a feytoria/ e fez capitão mór Antonio de miranda da zeuedo de hũa armada que mandou ao cabo de Boardafum pera fazer presas, que assi ho tinha ho visorey ordenado/ e leuou tres galeões e hũa carauela: e dos galeões forão capitães ele/ Ruy pereyra/ Fernão gomez de lemos. E mandou em hũ nauio doytenta toneis a Fernão martinẽ de souza q̃ fosse buscar breu a Belinde. E despachado tudo isto ate vinte de Janeyro, partio se tambem dom Duarte pera Portugal com cinco naos: e a nao em que ya dom Luys de meneses desapareceo no caminbo, que nunca se mais soube dela, e dom Duarte chegou a Portugal com as quatro e foy se perder em Cezimbra onde a sua deu á costa.

Cap. lxxix. De como dō Anrriq̃ sabendo que era governador, se partio pera Cochim: e do que fez primeyro.



S capitães q̃ leuauão ho recado a dō Anrri. que de como era gouernador chegados a Goa lhoderão/ com que ele deu muytas graças a nosso senhor pedindolhe q̃ fosse pera seu seruiço: por em aqueixouse de Lopo vaz de sam Payo, e do vedor da fazenda quãdo soube das velas que tinhão despachadas pa fora auẽdo na India tãta necessidade delas, e da gente que leuauão por amor da guerra

de Calicut e doutros reynos. e ta-
 be se queixou delhe não mādare to-
 daa armada que estaua em Cochim
 pera se defender de quātos paraōs
 de mouros andauão pela costa: quā-
 to mais q̃ de caminbo quiserā dar-
 lhe busca / e q̃ lhe pagarão bo mal q̃
 tñhāo feyto aos Portugueses: e a
 pos estes capitães q̃ yão por dom
 Anrriq̃ chegou a Goa bñbaixador
 de Beliquaz pera ho visorrey. E este
 era hū mouro q̃ auia nome Cidiale,
 e cō a gente q̃ ho acompanhaua ya
 em seys atalayas das d̃ Beliquaz: e
 este embaixador mādaua Beliquaz
 pera descobrir se era ho visorrey assi
 como soaua a fama, porque assi co-
 mo visse assi faria: mandandose to-
 daua offerecer por seruidor del
 Rey de Portugal, e deseioso de sua
 amizade / e em final disso lhe mada-
 ua hū presente de peças d'armas, cu-
 bertas de caualos e outras cousas
 ricas. E sabendo Cidiale q̃ ho visor-
 rey era falecido e dō Anrrique lhe
 succedia, deu-lhe a embaixada que le-
 uaua, e quiser albe dar ho presente,
 q̃ dom Anrrique não quis tomar /
 escusandose q̃ não ya parele. E quā-
 to á embaixada disse q̃ despois res-
 ponderia: e isto porq̃ bem entendeu
 a tenção de Beliquaz q̃ era desco-
 brir terra, e tambẽ porq̃ não queria
 ter paz coele por ele mesmo a q̃brar
 em tẽpo de Diogo lopez de siquey-
 ra e desejava d̃ ho castigar por isso:
 e mais porque soube de dous Por-
 tugueses q̃ yão com Cidiale q̃ á sua
 partida de Diu ficauão h̃i duas na-
 os carregadas de madeira que Be-
 liquaz mādaua a Judá pera refor-
 mação das galés dos rumes q̃ h̃i es-

tauaõ. Enã querẽdo dō Anrrique
 declarar-se cō Beliquaz / senão v-
 sar d̃ manhas como ele vsaua: deter-
 minou de nã respõder ao seu ebaixa-
 dor e detelo tãto ate q̃ se enfadasse
 e se fosse sem reposta, e leualo a Co-
 chim. E isto assentou com conse-
 lho de Frãscisco de Sá, Eytor da sil-
 ueira, Antonio da silueira e outros
 fidalgos. E porque as naos da ma-
 deira q̃ estauão em Diu pera Judá
 lá não fossem / mādou logo a dous
 capitães de dous nauios q̃ estauão
 no porto d̃ Goa q̃ se fossem a Chaul
 e dissessem a Manuel de macedo q̃
 h̃i estaua q̃ se fosse coeles em ho ga-
 leão em q̃ andaua / e tambem a hū
 capitão de hūa carauela / e q̃ todos
 q̃tro fossem esperar as duas naos d̃
 madeira que yão de Diu pera Judá
 e as tomassem / porquenão se desse
 aos rumes tamanha ajuda como a-
 quella era. E logo estes capitães par-
 tirão / e dom Anrrique deu logo a
 capitania de Goa a Francisco de Sá
 por ser hū fidalgo antigo na India /
 e de muyto seruiço e homẽ de grã-
 de confiãça. E tẽdo prestes sua par-
 tida pera Cochim / separtio e duas
 galés e hūa galeota / e se não fora
 Jeronimo de Sousa que se foy a Goa
 pera o acõpanhar cō algũs paraōs
 q̃ trazia d'armada na costa do Ma-
 labar ele fora bẽ fingelo: porẽ nessas
 velas q̃ leuaua ya bẽ acõpanhado d̃
 fidalgos e de caualeyros / e assi ya
 coele Cidiale nas seys atalayas /
 mas este o acõpanhou pouco: porq̃
 logo ates de chegarẽ a Baticalá se
 foy pa Diu se licẽça de dō Anrriq̃ /
 e foy dizer a Beliquaz tais cousas q̃
 ele não quis mais falar em paz.

Capit. lxxx. De como dō Anrriq̃ de meneses pelejou com hũa armada de Calicut e tomou dezoy toparaos e de como mādou enforçar Damele em Cananoz.

Azêdodo Anrriq̃ suavia se hũa manbaã q̃ se Cideale achou menos forã louuidos na frota muytos tiros de bōbardadas e estes tirauão trita paros de mouros Dabalares q̃ tinbão cercado dō Jorge de meneses em hũ galeão em q̃ estana na barra de Baticala e trabalhauão polo meter no fundo e ele se defedia muyto bẽ e como dō Anrriq̃ ya perto chegou logo os mouros q̃ ouuerão vista dele como tinbão perdido ho medo aos Portugueses deixarão ho galeão e fizerã-lhe rosto desparado sua artelharia e os Portugueses fizerão ho mesmo. E porq̃ particular mête não pude saber como foy esta peleja / não direy mais se não q̃ os mouros forão desbaratados e perderão dezoyto paraos q̃ os Portugueses tomarão cō muyta artelharia e catiuos, a fora outros q̃ forão metidos no fũdo e forão mortos muytos mouros e dos nossos algũs feridos. E prosseguindo daqui dom Anrriq̃ pera Cananoz achou Antontonio de mirãda q̃ ya pera ho cabo de Boardafum, e por lhe parecer as si seruiço del Rey de Portugal lhe tirou os capitães q̃ leuaua e mādou q̃ ficassem na India saluo ho da carauela, com q̃ mādou q̃ prosseguisse pera ho cabo de Boardafum e lá se recolhesse a sua bandeira os q̃tro

navios q̃ tinha mādados a espera as duas naos de madeira q̃ auiaõ dir o Diu pa Juda, e cō as outras velas se foy a Cananoz: onde desembarcado soube do capião da fortaleza como tinha preso Damele ho mouro q̃ disse no liuro quinto q̃ el rey de Cananoz por dissimular entregara preso na fortaleza: e q̃ sabia certo q̃ el rey ho auia logo dir verpera lho pedir por muyto dinheiro q̃ lhe os outros mouros de Cananoz dauão por isso. E sabendo dom Anrique a tenção com q̃ ho el rey prendera e entregar preso na fortaleza, uão quis q̃ viesse a efeyto contra tão fea: e que soubessem os mouros q̃ ja aquele tẽpo passara e que fizesse o que não denia q̃ auia de ser muyto bẽ castigado. E pera saber se Damele merecia de ho ser / pos as culpas q̃ tinha em conselho logo naquele dia q̃ chegou e achando q̃ erão muyto grandes na propria hora ho mandou enforçar na mesma fortaleza / porque lho el rey de Cananoz não pedisse e se pusesse em duuida se erraua nãolho dãdo ou dãdolho. E por não ser atentado com peitas como sabia que auia de ser e fez conta que despois apazigoaria el rey com boas palauras.

Capit. lxxxi. De como a requerimẽto del rey o Cananoz mādou o governador queymar hũa pouação de mouros de Calicut por Eytos da silueira.

Sua q̃ não era ho mouro acabado de forçar quando chegou hũ mellegeiro del rey de Cananoz per q̃

mandaua visitar ho governador e fazerlhesaber que ao outro dia ho visitaria por sua pessoa. E que ele não fez sabendo que Amale era enforcado: e ho governador por dissimular coele, lhe mandou hū recado em modo de querer saber como tardaua. Ao que respõdeo que ho não auia de ir ver pois lhe matara aquele mouro, porque não parecesse aos outros que ho consentira. Ao que ho governador respondeo / estranhandolhe muyto pesarlhe da morte de hū mouro tão culpado em de seruiços del Rey de Portugal seu senhor, cujo amigo e seruidor ele dizia q̃ era: átes deuia d̃ folgar de o ele mandar matar por lhe os outros mouros não rogarem que lho pedisse, e que outras cousas aueria e que ho seruisse se lhe fizera pesar na quella: e assi lhe mādou fazer outros muytos comprimentos, com que el rey ficou satisfeito: porẽ teue dali por diãte ho governador em muyto grande conta / porque tendo preso hum mouro tão principal como Amale, e que lhe podera render muyto se ho posera em preço / quis mais atentar ao que deuia ao seruiço del Rey de Portugal seu senhor que a seu proprio proueito. E bem conbecceo que não era ho tempo que soya, e assi ho conbecerão os mouros que ficarão muy cortados e abatidos com a morte de Amale: e virão q̃ lhes era necessario mudarem os costumes que tinhão dantes / porque ho governador não auia de soffrer nenhũa cousa mal feyta, e que auia de castigar quem ho merecesse / e mandarão logo esta no

ua aos mouros de Calicut / que cõ os de Cochī ficarão assombrados com a morte de Amale / e teuerão por muy grande feyto ser sua morte daquela maneyra / e não querer ho governador quãto podera auer por ele. E entendendo por esta mostra que não era cobiçoso, logo ho teuerão por bõ homem, e que auia d̃ fazer muyta guerra: e ho mesmo teue el rey de Calicut a quem foy esta noua. E el rey de Cananor quando vio que não podia restaurar a morte de Amale, quis aproueitar-se dos offrecimẽtos quelhe ho governador fizera, e mandoulhe rogar que lhe mandasse queymar hūa pouoação d̃ mouros chamada Barauia, que estaua alem de hū rio que apartaua ho seu reyno do de Calicut. E isto porque estes mouros não querião morar no reyno de Cananor morãdo nele dantes. E ho governador por com prazer a el rey e fazer mal aos mouros que erão amigos del rey de Calicut / mādou a Eytor da silueira a esta empresa com trinta homens que foy em dous bargantins com regimento que queymasse a pouoação sem sayr em terra. E Eytor da silueira foy lá / e lançou em terra certos marinheiros pera queymarem ho lugar / a que tendo posto ho fogo sayrão tantos mouros q̃ os embarcarão / e punhão os em aperto: em tanto que foy necessario a Eytor da silueira desembarcar com quantos leuaua / posto que contra ho regimẽto do governador. E os mouros como erão muytos quizeran-se defender e pelearão com os Portugueses hū pe-

daço / e por derradeyro fugirão ficando algũs mortos / e a pouoação foy toda queymada / e assi vinte do uaparaos e zambucos q os mouros tinhão varados. E isto feyto recolheose Eytoz da silueira / e tornouse a Cananor / cujo rey ficou muyto ledo por lhe ho governador mandar fazer o que pedira.

Capit. lxxxij. De como vendo el rey de Calicut quão mal lhe sucedia a guerra cometeo paz a dom João delima.



Quando a guerra que el rey d Calicut fazia a dõ João delima capitão da fortaleza tinhã ele e os q estauão coele muyto grande trabalho / porque a fora os inimigos serem muytos em demasia corrião cada dia duas vezes a fortaleza pera queymarem a feytoria e alimazem que estauão fora dela e assi a casa da poluora / e de cada vez que vinhão sayar dom João a pelejar coeles / e sempre os nossos matauão muytos / noq leuauão muyto grande trabalho / porque sempre estauão armados / que nã de noyte os deixauão os inimigos e lhe dãnão rebates porque nã dormissem. E quando dom João sayar a pelejar sempre yna diateira e ao recolher na traseira / porque estes dous lugares nã os fiaua doutrem senão de si / posto que tinha consigo muytos parentes / de que por seu esforço os podia fiar assi como dom Gasco delima / Antonio de sã e Ruy de melo

seu irmão e todos d Santarẽ: Jorge delima / Lionel de melo / Fernão delima / Diogo de sã e dõ Abiguel delima que todos erã muy esforçados / e nesta guerra fizerão feytos de muytissima valẽcia e matarã muytos mouros. E continuandose a guerra sem el rey de Calicut estar na cidade / mandou a ela ho senhor da serra e hũ seu sobrinho / e ho capitão do campo del rey de Calicut que auia nome Tenincbiriledo todos tres valentes capitães / e em q el rey tinha grande confiança / e leuãrã muyta e muytissima gente de peleja todos Mayzes de que muytos erã espingardeyros: e coestes creo el rey de Calicut que os nossos auião de ser muyto apertados / e eles assi lho prometerã / e como forã em Calicut derã na noyte seguinte vista aa fortaleza dando mostra de sua espingardaria que fizerã tirar / e dom João em eles acabando mandou tanier as trombetas / e despois deu mostra da sua / e a posisso mandou tirar a artelbaria / e ouue muytas gritas dũa parte e da outra. E logo estes tres capitães com a soberba que trazião por amor do numero da gente que os acompanhaua / determinarã de queymar a feytoria / casa da poluora e alimazem. E coesta determinação remeterã hũ dia aa fortaleza com toda sua gente que fazia mostra de quinze mil homens / e dom João lhe sayo com obra de cincoenta / ele cõ vinte cinco por hũa parte e dom Gasco delima por outra com outros tantos / e derã na dianteira dos inimigos / e começouse a peleja muytissima

de assi desplingar dadas como de lâ-
çada s e cutiladas. E andâdo a cou-
ta bem trauada e ferida, hũ dos ca-
pitães dos inimigos que era ho sobri-
nho do senhor da serra, remeteo a
Antonio de sã, e ele lhe arremessou
hũa lança com que ho passou e deu
coele morto. E Jorge de lima estã-
do cercado de muytos inimigos / e
muy maltratado de hũa pedrada q̃
lhe derão, acodiolhe dom Vasco de
lima e liurou ho com morte de muy-
tos. E tudo isto foy em hũa conjun-
ção: e com a morte deste capitão so-
brinho do senhor da serra q̃ era muy
esforçado / desmayarão os inimigos
de modo que fugirão. E dõ João se
recolheo cõ os nossos deixâdo muy-
tos mortos dos inimigos / e dos nos-
sos forão algũs feridos / principal-
mente Jorge de lima q̃ ho foy muy-
to: porque també ele ferio e matou
muytos. E vendo el rey de Calicut
quão mal lhe esta guerra sucedia, e
tendo por certo q̃ dõ Henrique era
governador e os paraos que desba-
ratarã indo de Goa pera Cochim,
pesoulhe de a ter começada: e dese-
ja do a paz que tinha dantes mandou
pedir tregoas a dom João ate q̃ ele
mãdasse recado ao governador co-
mo queria paz. E estas tregoas mã-
dou pedir por Punacha seu cunha-
do / e por Carnã ho regedor de Ca-
licut, e polo seu Catual: q̃ falarão to-
dos tres com dõ João, q̃ lhe respõ-
deo que era contête das tregoas: e
aceitaria a paz em nome do gover-
nador ate a ele cõfirmar, e q̃ auia de
ser cõ condição q̃ lhe fosse entregue
patemarcãr hũ mouro principal
de Cochim: q̃ despois desta guerra se

leuâtara cõtra os nossos sendo vas-
salo del rey de Cochim / e lhe fazia
guerra por amor del rey de Calicut
cõ certas fustas q̃ trazia por mar: e
assi lhe êtregaria toda a artelbaria
q̃ fora nossa, e assi a sua, e todos os
paraos q̃ auia no reyno d Calicut,
e assi pagaria todos os dânos e per-
das que el rey de Portugal e seus
vassallos tinbão recebidos por cau-
sa daq̃la guerra. E os tres disserão
q̃ el rey faria tudo aquilo q̃ o gover-
nador mãdasse: e em seu nome pas-
sarão hũ assinado e ficou a tregoa as-
setada ate ir recado ao governador
e ele mãdar o q̃ queria / e assi cessou
a guerra.

Capit. lxxxiij. De como o gover-
nador foy ter a Calicut / e soube
a paz que el rey queria: e do que
respondeo.

Stando ho governador
em Cananor soube como
norio de Malagor, auã-
te de Cananor indo pera
Goa estauão cento e tãtos paraos
de Malabares d guerra q̃ tornauã
de Cábaya onde forão carregados
de pimẽta / e trazia arroz e outros
mãtimetos, e q̃ esperauão q̃ ho go-
vernador partisse pera irẽ apos ele.
E por ho governador não poder en-
tão ir pelear coeles, por q̃ se lhenão
fossem mandou q̃ lhes fosse çarrar a
boca do rio a Fernão gomez de le-
mos q̃ foy em hũ galeão e leuou de-
baixo de sua capitania duas galeo-
tas / e foy capitão de hũa Antonio
da silua e leuaria cincoẽta Portu-
guezes. Isto feyto partiose ho go-

uernador/deixando por capitão da fortaleza Eytor da silueira z leuou consigo dō Simão de meneses cuja a capitania era. E isto por lho o mesmo dō Simão requerer / parecêdo lhe que andando cō ho governador seria capitão mōr do mar, ou ao menos leuaria ho seu ordenado. Do q̃ ho governador ho desenganou logo, dizêdo que lho não auia dedar: z cō tudo não quis senão ir. E partido o governador de Cananor foy ter hũa noyte a Calicut, onde dom João de lima ho foy ver ao mar z lhe disse as pazes q̃ el rey queria fazer z com q̃ condições. E q̃ se estuesse ali ao outro dia ho regedor lhe leuaria ho mesmo recado del rey. E como ho governador sabia as mēti ras del rey z dos mouros: z q̃ tudo oq̃ cometião era pera estorua rem q̃ naquele pedaço de verão lhes não fizesse guerra, z que no inuerno seguinte se fortaleceriaõ mais / disse a dom João q̃ dissesse ao regedor que ele ya de pressa pera tornar logo pela costa a fazer guerra a fogo z a sangue, que se el rey de Calicut queria paz auia deser com enmēda do mal q̃ tinha feyto z obra do q̃ prometia, que teuesse prestes todo o que auia dedar z tendo ho falarião na paz / porq̃ senão ouuesse de compzir como fizera muytas vezes q̃ elle não auia de perder ho tempo de fazer a guerra. E porq̃ ho regedor ho não achasse ali ao outro dia z ho deteuesse com palauras / partio se logo acabando de falar com dom João, que ao outro dia deu esta reposta ao regedor, que a mandou a el rey que se agastou coela por ver quanto ho

governador era de conculsam, z ele não esperaua de tomar nenhũa por amor dos mouros que ho estorua uão, nem queria mais que antretelo que lhe não fizesse guerra aq̃le pedaço de verão: porque no inuerno seguinte esperaua de tomar a fortaleza com quantos estauão dentro. E pera mais dissimular cō ho governador lhe escreueo como foy em Cochim, dizendo que tudo tinha prestes pera compzir coele, pedindolhe que se fosse logo a Calicut q̃ hi acharia tudo o que lhe auia de dar entregue a dom João de lima, z assi ho fizera el rey, mas os mouros como digo ho estorua uão por lhes pesar muito da paz: porque sabião que se a fizesse que não auião mais de morar em Calicut.

Capit. lxxxiiij. De como ho governador deu em Panane / z da destruyção que fez.

Partido ho governador de Calicut foy ter a Cochim, onde foy recebido com toda a solēnidade z cerimonia, z etregue da governança da India. E como leuaua muito cuydado de tornar logo pola costa de Calicut a fazer lhe a mais braua guerra que podesse / não se quis deter em Cochim mais de dezaseys dias. E deixando outras muytas cousas que auia que fazer acodio a esta da guerra q̃ ele auia por mais principal z importante que todas pera restaurar ho credito q̃ os Portuguezes tinhão perdido na India. E fazendose prestes lhe foy dada a carta del rey de Calicut sobre as pazes, offerecêdo se muy lar gamete

a cumprir logo as condições com q
as pedia. Em tão q logo dali a tres
ou quatro dias ho regedor da vila
de Pananelhe mādou dizer ao go-
uernador que podia mādar receber
certos paraós q estauão na qle rio q
el rey de Calicut lhe mādaua entre-
gar. E porq ainda ho governador
tinha nisto duuida por saber quão
incōstātes eles erão nã quis mādar
receber os paraós senā por sua pes-
soa/ pera q se fosse mētira começar
logo a guerra. E partio de Cochim
apercebido cō hūa frota de. lvi. ve-
las. s. duas galēs, quatro nauios de
gauea, cinco barcasas, dez anoue-
catures do Arrel de Porquā / e vin-
te seys paraós/ fustas e bargantis
da armada da ordenāça da Índia.
E os capitães desta armada forão
João d' melo da silua q fora capitão
de Loulão, e por ter acabado seu tē-
po se quisera ir pera Portugal/ e
por o governador sentir e conhecer
dele q por seu efforço, bōdade e des-
crição era pessoa de muyta cōfiāça,
e pera se lhe encomēdar ho seruiço
del rey senhor e ter necessidade dos
homēs da qle qualidade pera isso:
lherogou q ficasse na Índia, e deu-
lhe hūas das galēs q digo em que
andasse e ya na sua galē. Os outros
capitães forão Pero mazcarenbas,
dō Simão de meneses, Ruy vaz pe-
reyra/ dō Jorge de noronha/ Gero-
nimo de souza, Antoni pessoa, dom
Alfonso de meneses, Rodrigo ara-
nha/ Alyres da cunha, dō Jorge te-
lo, Jorge cabral/ Antonio da siluei-
ra/ Gomez de soute mayor, Frācis-
co de vascōcelos/ Pero velho, dom
Jorge de meneses, Antonio da zene

do/ Alyres cabral/ Diogo da siluei-
ra/ Runo fernādez freyre e outros
a q nã soube os nomes. E ao outro
dia q forão vinte e cinco de feuereyro
de mil e quinhētos e. xxv. surgio na
boca de Panane q he da largura e
altura q disse atras no liuro segun-
do. E surto ho governador mādou
recado ao regedor de Panane pera
lhe entregar os paraós q lhe escre-
ra, E ho regedor lhe respōdeo com
delōgas: o q vëdo ho governador/
porq lhe começaua d' falecer a agoa,
mādou fazer agoada dētro no rio,
porq nã auia outra parte d'onde se fi-
zesse. E como a gēte do lugar princi-
palmēte os mouros/ sabião q el rey
nã queria paz cō ho governador/
quādo virão os Portugueses en-
trar no rio a fazer agoada, começa-
rão delhe tirar as bōbardadas de
būa estācia q tñbão feyta ja cō pro-
posito de terē guerra cō o governa-
dor/ e desfēderlhe a desembarcação
se quisesse desembarcar. Quādo ho
governador vio ho grāde desauergo-
nhamēto dos mouros/ d'terminou
delhe tomar as bōbardas q tñbão
na estācia e destruylos. E chama-
dos os capitães e pessoas pricipaes
da frota lho disse/ e todos disserão
q era muyto bē/ e porq a gēte nã
recebesse dāno desembarcādo diāte
da estācia, assētouse q fosse a desem-
barcação em būa pōta q se fazia an-
re ho mar e ho rio/ q ficaua a esta
pōta da bāda do norte, e ho mar da
bāda do sul: e isto porq estaua abaix-
o da estancia/ e q ho governador e
Pero mazcarenbas cō cada hū seu
escoadrão d' duzētos homēs sayssē
de dētro desta pōta no rio/ e dom

Simão cō outro escoadrão de trezẽtos em q̃ entrãuão muytos espigardeyros desembarcasse na costa z costas da estácia despois q̃ o governador desembarcasse. E isto como digo por lhe a artelbaria dos imigos nã fazer dãno. Isto assêtado no mesmo dia q̃ forão vinte leys dias de feuereyro se ebarcou o governador z os outros capitães nos bateys z nauios sotis em q̃ auiaõ de desēbarcar. E o governador z Pero mazcarenhas desēbarcarão primeyro cō sua gēte õde lhes era assinado acõpanhados de muytos fidalgos. E dado final a dō Simão como ho governador era desēbarcado / desembarcou logo na costa cō sua gēte dū golpe, a q̃ logo acodirã algūs mouros z Mayres, z nã digo q̃ntos por nã poder saber ho numero dos q̃ auiaõ no lugar: mas bẽ certo he q̃ se rãõ mais q̃tro vezes q̃ os Portugueses. E estes q̃ sayrãõ a receber dō Simão fizerãõ mostra de defender sua stácia / pelejãdo valētemēte cō suas lâças z frechas z espingardas / mas afroxarãõ logo como lhe os nossos espigardeyros matarãõ algūs / z acolherãse á sua estância õde fizerãõ rosto a dō Simão q̃ cō os seus cometeo a estácia cō tamanho impeto q̃ os imigos ho nã poderãõ soffrer, z mais por lhe matarẽ z ferirẽ muytos / z desbaratãdo se fugirãõ pa ho sertão / z a estácia foy entrada por dō Simão. E nisto chegou o governador cō Pero mazcarenhas, z reformãdo ho escoadrã de dō Simão cō gēte d̃ refresco / ho mādou passar da banda do rio / z a Pero mazcarenhas da bāda da co

sta õde dō Simão desēbarcara, por q̃ a ābas estas prayas chegaua o lugar z se estēdia dalí pera ho sertão z ho governador ficou no meyo pera assi ētrar ho lugar z ho queymar, z nã quis q̃ os Portugueses ho roubassẽ por se nã deter / z mādou ho roubar por esses Mayres q̃ yãõ diãte, z ele cō sua gēte queymãdo casas z cortãdo palmeiras. E forão feridos algūs Portugueses q̃ se desmãdarã, z hū destes foy Jorge de lima q̃ pelejou aq̃le dia cō muito efforço. E destruydo ho lugar z recolhida a artelbaria á estácia, recolheose ho governador á frota.

Capit. lxxxv. De como o governador mandou queymar Calicut por dom João de lima / z do que lhe aconteceu.



Aqui se foy ho governador a Calicut / õde soube de dō João de lima q̃ os regedores nã cõpirãõ o q̃ lhes el rey mādara prometer a Cochi, de lhe ter os paraõs z artelbaria prestes. E vêdo q̃ tudo erãõ palauras / determinou de lhe mostrar as obras cō lhe q̃ymar algũa parte da cidade / porq̃ soubesse q̃ nã estimaua a sua guerra. E dãdo cõta disso aos capitães / assentouse q̃ ele cõ a bādeira real z corpo da gēte ficasse na praya, z dō João de lima cõ a gēte q̃ tinha posse ho fogo á cidade daq̃la bāda z nã entrasse dētro / z ho fogo bẽ ateado se recolhesse. E assi se fez ao outro dia: z algūs fidalgos de dō João q̃ yãõ cō ho governador forão coele / z e começãdo a d̃poer ho fogo lhe sayo ho regedor cō muytos Mayres / de q̃ algūs erã

espingardeyros. E dom João como era esforçado remeteo a eles e não podendo eles sofrer ho grande impeto dos nossos se retirarão pa dêtro da cidad fazendo voltas a eles. E como nelas os Portugueses matassem algũs, gostou dõ João disso tanto que não lhe lembrando ho regimêto do governador que não entrassena cidade, se meteo por ela tão to que quando se quis recolher foy cõ grãde afronta e perigo: porq̃ os inimigos como forão dentro na cidade se espalharão metêdose por traueſſas e paredes quebradas, por onde os Portugueses auião de tornar/ e tornãdose os frechauão dali e lhes tirauão muytas espingardas. E nisto chegarã a hũa mezquita/ onde os esperauão bẽ mil Mayres os mais deles espingardeyros: e dõ Vasco delima q̃ ya na diãteira chegou primeyro a ela, e em sua cõpanhia Antonio de sa de Santa rem/ Antonio dazeuedo e Manuel de macedo. E em chegãdo começaram os inimigos de tirar de dentro cõ as espingardas/ e hũ acertou a dõ Vasco delima e hũa cora, e ferirao senão fora hũa fralda de malha dobrada que leuaua: mas atormentou ho, e assi atormentado era tão esforçado q̃ remeteo ao Mayre e matou ho atraueſſando ho cõ a lâça, e logo estoutros q̃ digo remeterão também aos inimigos. E nisto chegou dõ João/ e disse q̃ não se deteuessẽ mais/ e foy por diãte: e os inimigos yão apos eles tirãdolhes ho mais que podião/ e os de dõ João também lhes tirauão de quando em quando/ e assi forão ate a praya onde estava ho

governador, que ouue grãde menecoria de dõ João passar seu regimêto e entrar na cidade: cõ quanto lhe ele e outros muytos jurarão q̃ não podera fazer menos/ e que lhe não matarão nenhũ dos q̃ leuaua, âtes matara muytos inimigos e fizera grande dãno em queimar muytas casas: e assi foy. Este foy hũ feyto honrrado/ e de q̃ el rey de Calicut ficou muyto corrido por não se poder vingar. E cõ tudo ho governador não perdeo a menecoria q̃ tinha/ dizêdo que assi como dõ João escapara assi se podera perder cõ quantos leuaua/ e que não quísiera fazer o q̃ lhe mādara: e sem mais esperar se foy logo embarcar.

Capit. lxxxvi. De como o governador chegou a Coulete.



Embarcado ho governador cõ determinaçã de prosseguir a guerra contra el rey de Calicut/ determinou de ir a hum lugar muyto grãde de seu reyno chamado Coulete, e ho principal porto dele, e onde auia... ais gente, mais paraós e mais naos q̃ em outro nenhũ. E pera ser melhor enformado do sitio do lugar e dos nauios q̃ hi estauão mandou a João de melo da silua que ho fosse saber e forão coledoze Catures do arel de Porquã/ e cinco ou seys outros dos Portugueses. E coesta companhia se foy João de melo a Coulete/ e cujo porto se faz hũa bayade prayas darea, e das pôtas da baya ao lugar q̃ esta metido por hũ rio ha hũ pedaço: e

hũa parte da baya da banda do sul
estauão tres tráqueyras, hũa na pô
ta da baya outra mais acima / ôde
delembarcauão z outra no meyo
fornecidas de muyta artelbaria / z
no porto estauão corêta grandes pa
raos muyto bẽ armados z esquipa
dos / z neles z em terra aueria bem
vinte mil mouros z Mayres de pele
ja, z antreles muytos espingardey
ros / z estauão assi fortes pera resis
tirem ao gouernador se quisesse pe
lejar coeas. E sabêdo ho gouerna
dor desta força q̃ aqui estaua / deter
minou de a destruyr, z mādou diã
te João de melo pera ver o sitio do
lugar z partio apos ele ja noyte, z
João de melo chegou á baya de Cou
lete pola manhaã, dõde logo sayrão
os corenta paraós q̃ digo / z como
ele os vio tâtos, z tambe armados
z cõ tanta gente / z leuaua muyto
poucos Portugueses: não os quis
cometer por lhe parecer doudice / z
põdo neles as proas dos seus Ca
tures, z tirãdolhe muytas bõbar
dadas se foy fazêdo pera ho mar cõ
ceavoga, cõ tentão de os afastar da
terra. E como visse algũs nauios
da armada do gouernador comete
los de verdade / z a armada do go
uernador não parecia ainda porq̃ se
fizera de noyte na volta do mar cõ
ho terreno. E os inimigos q̃ a não
vião / nẽ cuydauão q̃ erão mais q̃
os Catures os seguião, tirãdolhes
tãbẽ cõ sua artelbaria / senão q̃ndo
aparece a galé em q̃ ho gouernador
ya, z coela outros nauios que yão
de mādãr a terra. E q̃ vêdo os ini
gos nã quiserã mais seguir os catu
res z voltarão pera terra. E chegu

dos á baya poserãse em ala antre as
estancias, cõ as popas e terra z as
proas no mar z apellarão logo a
terra / z toda a gẽte de peleja q̃ era a
q̃ disse acodio ás estancias / z assi os
de terra como os do mar se poserão
em som de pelejar, fazêdo grande es
trôdo cõ seus atabales z outros ins
trumẽtos de guerra z cõ suas grĩ
tas / q̃ tudo ho gouernador ouuia.

Capit. lxxxvij. De como o gouer
nador assêrou cõ os capitães da
frota de pelejar em Coulete.



Quando ele sua deter
minação surgio de
rõte deles pera espe
rar a outra frota / q̃
quando chegou era
tãotarde q̃ mandou q̃ surgisse por
nãoser tẽpo pera fazer nada. E sur
tos os capitães, os mādou chamar
cõ todos os fidalgos z pessoas prin
cipais da frota: z iũtos lhes pregũ
tou a cada hũ a maneyra de q̃ deuia
de cometer os inimigos, z hũs disse
rão q̃ deuia de cometer somẽte os q̃
estauão no mar com q̃ podia pelejar
sem desembarcar: porq̃ pera sair em
terra tinha pouca gẽte, z a dos ini
gos era muyta endemasia / z posto q̃
mataffẽ algũa ho recolhimẽto auia
deser cõ muyto perigo / z no mar pe
lejarão mais a seu saluo / porq̃ não
auia de pelejar mais que com os do
mar / porq̃os da terra não tinhão
lugar pera quelhes ajudassem por
nãocaberm coeles nos paraós: ou
tros disserão que deuia de pelejar
em terra / porque pelejando no mar
somentetodos os da terra auiaõ

da ajudar aos dos paraós, e os dos paraós não auão da ajudar os da terra posto que desembarcasse / por que auão decuydar que deixaua gente na frota / de q se auão de temer q lhes queymasse os paraós / e por isso os não auão de desamparar / não auão da ajudar aos da terra: pelo q deuia de pelejar nela. E vécidos os da terra aueria pouco q fazer no do mar / outros disserão que se deuia de deixar aquela empresa para quando ho governador tornasse dos rios de Bracelor e de Mangalora que ya tomar os paraós quella esta uão, e despois de tomados ajuntaria a sua armada dous galeões e hũ nauio e tres galeotas e hũ bargatim: com que estauão em sua goarda Fernão gomez de lemos e Gomez martinz de lemos seu irmão / em q andauão mais de cento e cincoenta homens, que fazião muyta mingoa para os ajudarem naquela peleja, e Pero mazarinhas foy hũ destes: dizendo mais que não se auão de cometer cousas em que parecia que se atetaua nosso senhor. E como ho governador não fosse de nenhũ destes pareceres, disselhes. Bem vejo senhores q vossos pareceres neste feyto sam de tão esforçados caualleyros e tão esperemẽtados na guerra como todos sois, e se neles foreis conformes que não tinba eu mais q dizer se não leguiruos, mas como soys diuersos e cada hũ dizo q entẽde / fica me lugar pera tambẽ dizer o que entendo / q he não fazermos de todo em todo fundamẽto de pelejar no mar com os inimigos / por q tenho sabido por algũas pessoas

que bo lugar õde estão seus paraos he a parcelado / e os podem ter encalhados na vasa / e não poderemos bẽ chegar a eles com os nossos batays e catures por amor do parcel: pelo que os não poderemos aferrar / e farnos hão muyto nojo cõ a artelharía e nosso cometimẽto por mar sera de balde, e por isso os não deuemos de cometer no mar somente / não menos de todo em todo em terra desembarcando naquela praya da rea que vedes, q parece ser lugar de boa desembarcação, porq se os paraós dos inimigos estenerem em nado e não for parcel como me dizẽ / irse hão como nos virẽ desembarcados: o que eu muyto receo pelo medo que adiũinho que nos tẽ: ou sey certo que he assi / que se ho não ouuerão, eles acabarão de seguir a João de melo quando lhes sayrão vindo ver a disposição desta baya, e em me vendo se corarão a recolher, o que não fizerão senão ouuerão medo, porque a tantos mouros e tão cheos de soberba como estes andão e que nos tinhão dâtes em tão pouca conta / pouca gente era a com q lhes podia resistir quando me virão, e se recolherão se não fora ho medo, e por isso receo eu q vẽdonos em terra se vão se estenerẽ em nado, e indo se farão algũ dâno na frota / em que pola pouca gente que tenho não posso deixar se não muy pouco. E por esta causa me parece que os não deuenos de cometer somente por terra, se não por terra e por mar juntamente. E isto logo e não quando tornarmos dos rios e esperar que se ajunte conosco a gente que lá está, que he

tão pouca que muyto mais nos po-
de danar esperar por sua ajuda que
pelejar agora sem ela: porque agora
temos aqui os inimigos / que como
digo he certo que nos hão medo / e
sem ousarem de pelejar nos hão de
fugir, e vendo nos ir sem os come-
ter crerão que he por lhe auermos
medo, e sem nos vencerem ficarão
com a vitória que dirão de palaura
q ouuerão de nos. E como aqles a
que ho hão de dizer sam nossos ini-
gos hão lhed de dar credito, porque
he em nosso perjuizo: e sem ser vici-
dos por obra ho seremos por fama.
E vede que tais ficaremos dizendo
estes mouros q ho governador da
India não ousou de pelejar coeles,
que dara ousadia a todos os de Ca-
licut pera nos trê buscar a Cochí, e
se levantarem contra nos todos os
que tem paz conosco: e por isso ey
por escusado deixar a peleja pa qua
do tornar, se não como digo logo é
amanhecendo com ajuda de nosso
senhor / em que todos deuemos de
ter confiança que por sua sacratissi-
ma paixão nos ajudara como sem-
pre ajudou / e dom Simão com tre-
zentos homens cometera a praya q
digo, em que desembarcara: e Pe-
ro mazcarenbas e eu cõ ho resto da
gente cometeremos os paraós dos
inimigos. E deste parecer foy João
de melo da silua, e disse ao governa-
dor que por nenhũa cousa ho deuia
de deixar de seguir: e que assi lho re-
queria da parte del Rey seu senhor,
porq a mór parte dos outros erão
contra ele. E como ho governador
tinha muyta confiança na prudência
e efforço de João de melo / insistio

em seu parecer tẽdo ho de sua parte.
E todos assentarão que assi se fizese,
posto que lhes não pareceo bem.

Capit. lxxxviii. De como ho go-
vernador desbaratou os mou-
ros que estauão em Coulete.



Isto assi determina-
do mādou ho gover-
nador chegar as ga-
lãs a terra ho mais q
pode, ser pera tambe
ajudarem com sua artelbaria. E ate
a madrugada gastarão os Portu-
gueses em se confessar e encomẽdar
a nosso senhor, e aparelhar suas ar-
mas: e despois comẽçarão de foliar
e cantar e fazer grandes alegrias /
porq quebrassem os corações aos
inimigos, que toda a noyte derão
muytas gritas e tangerão seus ins-
trumentos, parecendolhes q coisso
fazião medo aos Portugueses, e
desparãdo tambe suas bõbardas.
E em amanhecendo aparecerão os
seus paraós toldados e embandei-
rados, e da outra parte os Portu-
gueses embarcados e seus bateys,
paraós, catures e bargantis arma-
dos de suas armas. Dom Simão e
Pero mazcarenbas defronte dõ-
de auião de cometer, e ho governa-
dor no meyo cõ a bandeira real: e e-
comẽdando os a Deos arrancarão
hũs e outros pera os lugares que
lhes erão assinnados que cometes-
sem: ho governador e Pero mazca-
renbas contra os paraós dos in-
migos que estauão da ponta da ba-
ya pera dentro, e dom Simão pe-
ra a praya / onde auia de desem.

barcar/remado todos cō a mayor preſſa que podião, por eſcaparem das bombardadas dos inimigos, que erão tantas que parecia que chovião, aſſi dos paraos como das eſtancias, porem a mayor furia dos pelouros era sobre os que acompanhauão ho governador, porquelhes tirauão duas das eſtancias e os paraos jūtamēte. E ſēdo os pelouros tātōs como digo, muytos dos capitães do eſcoadrão do governador e do de Pero Alvarreſ ſe auião medo e ſe paſſauão ao de dō Simão por lá não ſer ho perigo tamanho. Ao que ho governador atalhou ho melhor q̃ poder remetēdo aos paraos dos mouros, bradando aos Portugueſes q̃ não ſe deſmandassem. E niſto algũs dos q̃ yão ajudados pera chegar aos paraos chegarão a eles, e o primeyro que aferrou logo hũ dos paraos foy hũ Rodrigo aranha capitão de hũ bem pequeno catur em que irião ate oyto Portugueſes, e os mouros que ſerião bẽ ſeſſenta acodirão logo a bordo pera lhes defenderem a entrada: e com quāto erão tātōs, e pelejauão valentemēte não poderão defender a Rodrigo aranha, q̃ os não entrasse primeyro que nenhũ de ſeus companheiros que entrarão apos ele, e meteranſe com os mouros as cutiladas e eſpingardadas: e niſto aferrarão com outros paraos, dom Jorge de noronha, Geronimo de ſouza / Antonio peſſoa / dom Afonso de menezes / filho do conde dom Pedro, dom Triſtão de noronha / e todos em aferrando entrarão dentro

cō ſua gente pelejando todos com muyto eſforço como muyto eſpeſciais caualeyros que erão. Neſte tempo com a grande reuolta q̃ ya, e cō os capitães q̃ ſe paſſarão do eſcoadrão do governador pera ho de dō Simão ficarão tão longe hũ do outro que lhenão podia ho governador dizer que deſembarcaſſe, porq̃ lhetinha mandado que ho não fizesſe ate lho não dizer, e deſpois q̃ deſembarcaſſe foſſe ao lôgo da praya ate os paraos pera ho ajudar por terra aos deſbaratar, e dō Simão não deſembarcaua por eſta cauia e eſtaua eſperado. E q̃ vendo ho governador, determinou de lho mandar dizer por terra, porq̃ por mar não podia ſer pola grãde reuolta q̃ ya, pera o que mādou ſaltar em terra dous ou tres homẽs, que derão recado a dō Simão que deſembarcaſſe. E ele deſembarcou logo, e em deſembarcādo forão tātōs os mouros dos da terra q̃ acodirão sobre ele que por mais eſforçadamente q̃ pelejou com os q̃ ho acompanhauão nunca pode paſſar aos paraos como lhe ho governador tinha mādado. E pelejando aſſi algũs dos capitães do eſcoadrão do governador q̃ eſtauão junto coele quando virão ſair em terra os tres homẽs porque mādou ho recado a dō Simão não ſe poderão ſofrer q̃ ho não fizesſem poſto que ho governador lhes tinha deſeſo que não deſembarcaſſe, porque auião de pelejar no mar cō os paraos, e eſtes q̃ ſaltarão em terra forão Diogo pereyra de ſampayo, Manuel da gama, Ruy da coſta de Goes / Fernão de moura /

filho bastardo de dom Pedro de moura, Gomez d'outo maior, João d'betâcor/da ilha da madeira e outros ate vinte ou trinta aque não soube os nomes. E como os mouros erão sem conto, e em cada cabo auia deles assaz, acodirão ali logo muytos: e como os Portuguezes erão poucos posto que pelejarão sem medo, e lhes fizeram muyto dano cõ ferirem e matarẽ muytos, tãbẽ ho receberão/ porq̃ Diogo pereyra foy morto, e forão feridos mortalmente q̃ morrerão despois, Rui da costa, Fernão d'moura, João de betancor/ e outros cinco homens baixos, e tambem foy ferido Manuel da gama, e outros não podendo sofrer ho grãde impeto dos mouros/ se desbaratarão se não lhes acodira João d'melo/ e Jorge cabral/ e outros dous fidalgos a que não soube os nomes que estauão cõ ho mesmo João de melo no seu barganti: e vêdo João de melo ho desbarato dos que pelejaão em terra/ saltou nela coestes que digo e com outros, e sostenerã os que yão desbaratados, e tornãdose a peleja a refrescar, erão tantos os mouros que recrecião, que foy necessario ao governador acodirlhe, saltando em terra cõ algũs fidalgos e caualeiros que estauão cõ ele/ e ja a este tempo tudo era baralhado/ e todos pelejaão, assi na terra como no mar, e auia muytos feridos de hũa parte e doutra. E sabendo ho governador como dõ Simão ho não podia ajudar, por grande resistencia que achaua nos mouros/ viu que era necessario mu-

dar ho conselho que tenera no modo de como auia de pelejar com os mouros: e pois ja era em terra, que lhe compria de tomar a outra estância que os mouros tinhão no cabo dos paraós pera ho lugar, pera ho que tinha necessidade de mais gente: e foy necessario mandar a Pero mascarenhas cõ algũs dos seus capitães ho que logo fez: e foy com ho governador cometer a estância que digo, de que se os mouros defenderão bũ pouco e despois fugirão/ e com tudo os do mar se defendião valentemente/ como homens que esperauã a vitoria/ por que podendose salvar em terra não ho querião fazer: e parece que era por achar algũ vagar nos Portuguezes/ porque como dos que estauão limitados pera pelejar no mar desembarcarão muytos, não auia quem auinasse a peleja de nouo: e pelejaão somente os que primeiro disse que aferrarão. E assi hũ João segurado criado de dom Fernão do irmão do conde de Sarrão/ que ya por capitão dum dos catures de Porquã/ que aferrou com hum dos paraós que estaua bem cheo de mouros/ e em aferrando saltou dentro só/ e parece que os Mouros que yão tambem no catur/ de rois fizeram afastar ho catur antes que os outros Portuguezes entrassem, e João segurado como digo ficou só antre tantos mouros de que não se podia valer se não lançandosse ao mar/ ho que ele não quis fazer como verdadeiro Portuguez, antes se arremesou antre os mouros q̃ estauã na popa do parao

por onde êtroy ferindo por ôde sua espada podia alcançar, e como erão tantos em demasia quasi q̃ ho afo- garão e lhe leuarão a espada das mãos / mas não ho seu brauo cora- ção com que andou tanto coeles a- braços que selhe sayo dātrey as mã- os bem ferido e recolheose á proa do paraó seguindo ho os mouros e ferindo ho: e tão apertado se vio que viron a eles e remeteo a hũ que ho mais perseguia / e chegouse tão- to a ele que ho leuou nos braços. E ne- ste tamanho aperto foy socorrido por outro muyto valente caualeyro chamado Pero Jorge capitão dou- tro Latur: e ho governador q̃ vio de terra o que lhe acontecera ho mã- dou tambem socorrer por outros, a que Pero Jorge tirou desse traba- lho com despejar os mouros do pa- raó, hũs mortos e outros feridos. E vendo ho governador como os que pelejavão no mar tinhão neces- sidade de socorro, mandou a algũs dos capitães que estauão coele em terra que ho fizessem: e forão, e com sua ajuda tardarão os mouros pou- co em se desbaratar de que saluarão muy poucos, porq̃ quasi todos qui- serão morrer: e dos Portugueses q̃ pelejarão no mar não morrerão quasi nenhũs e os mais forão feri- dos. E ho mesmo aconteceu a dom Simão / que despois de se lhe os mouros defenderem valentissima- mente quanto lhes foy possivel não podendo resistir á furia dos Portu- gueses ficando muytos feridos e algũs mortos se recolherão pera ho sertão / e ele se foy pera ho governa- dor / que deu muytas graças a nos.

so senhor por aquela vitoria, e abra- çou a João de melo por quão bẽ ho fizera aquele dia / e por quão bõ cõ- selho lhe dera. E assi ficou de posse das estancias e dos paraós / em q̃ forão tomadas duzentas e cincoẽ- ta bombardas grossas e miudas, e delas que forão tomadas aos Por- tugueses, e muytas camaras e in- findos pelouros de ferro coado e muyta poluora / e grande soma dar- teficios de fogo. E tudo isto foy re- colhido na nossa frota e assi os corê- ta paraós / e entre tanto ho gover- nador fez algũs caualeyros estando muyto de vagar sem os mouros ou- sarem de tornar sobre ele como costu- mão. E despois d̃ queymadas hũas dez naos de carga que estauão vara- das se recolheo o governador muy- to a seu prazer. E coeste feyto q̃ os mouros ouuerão por muyto gran- de cobrarão os Portugueses ho credito que tinhão perdido na In- dia: e el rey de Calicut começou de perder o quetinha aquirido / e co- meçou de se estender pola Índia a fama do governador / e os mouros lhe começaram dauere medo.

Capit. lxxxix. De como forão da- das cartas ao governador del rey D. D. Bermuz e d̃ Rair parafo: de queixumes de Diogo de melo.



E sbarcado ho governa- dor foyse a Cananoz, on- de chegou a ôze de Mar- ço, cujos mouros achou muyto quebrados polo desbarato dos paraós de Coulete e dos ou- tros q̃ eles tinhão por inuenciueis,